III SEQTS 2021

III Simpósio Nacional e
I Simpósio Ibero-Americano de
Epistemologia Qualitativa e
Teoria da Subjetividade

PROGRAMAÇÃO

Grupos de Discussão Temática

Formato online (Google Meet)

22, 23 e 29 de outubro de 2021

14:00 - 17:00 (horário de Brasília)

Eixo temático: 1. Teoria da Subjetividade: discussões conceituais e relações com outros referenciais teóricos (11 trabalhos)

Coordenador: Pilar de Almeida – Rede Nacional de Ensino e Pesquisa

Temas centrais para o debate:

- Especificidade ontológica da Teoria da Subjetividade. Sus conceitos centrais e suas inter-relações;
- Atualizações em relação aos conceitos de sentidos subjetivos como fluxo, conceito de configuração subjetiva da ação e diferenciação entre agente e sujeito;
- Teoria da Subjetividade, pontos de contato e possíveis articulações com outras teorias e conceitos.

Sessão 1 – 22 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **A evolução do conceito de Subjetividade em Fernando González Rey**

Christopher Nascimento Santos, Universidade Tecnológica do Paraná, christopher.ns@outlook.com
Maria Sara de Lima Dias, Universidade Tecnológica do Paraná, mariadias@utfpr.edu.br

Resumo

O conceito de Subjetividade a partir de uma perspectiva histórico cultural é um marco fundamental para Fernando González Rey, de tal forma que ao construir a Teoria da Subjetividade centrada nos processos complexos da construção do conhecimento, esta ampla fundamentação está relacionada com o campo de estudo da Epistemologia Qualitativa. Além disso, a compreensão da subjetividade possui uma perspectiva ontológica do ser humano histórico, capaz de refletir sobre as suas práticas sociais e orientado pelas suas emoções e pelos seus processos simbólicos e que são culturalmente expressados através das suas ricas experiências e diversos modos de vida. Este estudo é dividido em duas partes: a) Uma breve revisão sobre a evolução do conceito de subjetividade; b) Um breve levantamento das obras de Fernando González Rey onde nas quais ela aborda o conceito de subjetividade e os seus desdobramentos. O Trabalho tem como objetivo compreender a evolução do conceito de Subjetividade para o autor em seus textos, fruto da construção de conhecimento da sua prática de pesquisa que nos apresenta uma visão processual da expressão dos sentidos subjetivos e das novas formas de subjetivação. Além da apresentação dos resultados desse estudo, apresentamos as seguintes questões para o debate no Grupo de Discussão Temática: **Qual a extensão do conceito de subjetividade na obra de González Rey? Qual a sua abrangência e limites em relação a outros aportes também qualitativos da pesquisa?**

Palavras Chave: Subjetividade, Epistemologia Qualitativa, Fernando González Rey

Referências

REY, Fernando González. Sujeito e subjetividade. São Paulo: Pioneira, 2003.

REY, Fernando González. O social na Psicologia e a Psicologia Social: a emergência do sujeito. Petrópolis: Pioneira Thomson, 2004.
REY, Fernando González. Personalidade, Saúde e Modo de Vida: Editora Thomson Learning, São Paulo-SP , 2004.
REY, Fernando González. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: GONZALEZ REY, F. L. (Org). Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia. São Paulo: Thompson Learning, 2005.
REY, Fernando González. Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira, 2005.
REY, Fernando González. Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson, 2007.
REY, Fernando González. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. Psicologia da Educação. (pp. 155-179). PUC- SP, 24, 1o sem, 2007.
REY, Fernando González. El pensamiento de Vigotsky: contradicciones, desdoblamientos y desarrollo. México:Trillas, 2011.

Trabalho 2: **As emoções como elemento gerador da psique humana: pontos de aproximação e distanciamento entre a Teoria da subjetividade de González Rey e a Fenomenologia de Edith Stein**

Manuele Porto Cruz, Centro Universitário de Brasília, manupcruz@sempreceub.com

Resumo

A Teoria da Subjetividade de González Rey se dá como uma teoria, fundamentada originalmente em Vygotsky, que considera o sujeito a partir de um "novo domínio ontológico das realidades humanas, e se caracteriza pela emergência de unidades simbólico-emocionais tanto a um nível individual como social" (Rey e Martínez, p.3). Para Rey "a integração do simbólico e emocional dá sentido às vivências (*perezhivanie*) que a pessoa experimenta em suas interrelações com os indivíduos, os espaços sociais, os artefatos culturais e as ações que mobilizam neles" (Subero, p.2). Assim, a emoção "não só é revitalizada, mas compreendida por além da visão naturalista das respostas apresentadas perante o ambiente" (Souza e Torres, p.36). Embora Rey insira-se teoricamente dentro do espectro da psicologia histórico-cultural vygostkyana, parece ser possível apontar alguns pontos de contato entre essa teoria e a fenomenologia de Edith Stein (como teoria filosófica) acerca da pessoa humana. Stein, embora ainda esteja atrelada a uma metafísica, parte do entendimento da pessoa como fenômeno, ou seja, a partir de um contexto relacional. Nesse sentido, torna-se impossível compreender o sujeito de maneira totalmente individual e exclusivamente racional. "O ser humano vive singularmente, mas vive também na comunidade, pois a consciência é apenas individual. Porém a consciência individual pode viver as vivências comunitárias" (Bello, p.89). Tais vivências (*Erlebnis*) se apresentam como fluxos e quando se tratam de vivências específicas, elas "permitem captar o sentido da subjetividade, tanto a própria quanto a subjetividade alheia" (Resende e Massimi, p.196). Para a autora, para entender as vivências é preciso observar o sujeito não apenas a partir de sua corporeidade, mas também considerando sua psique e espírito, como uma unidade integrada. Assim, os estados

emocionais humanos se tornam imprescindíveis para entender a qualidade e a intensidade das ações humanas. Portanto, este trabalho pretende traçar alguns pontos de aproximação e de distanciamento entre a psicologia de González Rey e a filosofia de Stein, no que tange a compreensão do sujeito, considerando especialmente os seguintes elementos: emoções, vivências, indivíduo e sociedade/comunidade.
Palavras chave: Subjetividade; Fenomenologia; Emoções.

Referências
BELLO, A. *Pessoa e Comunidade – Comentários: Psicologia e Ciências do Espírito de Edith Stein.* Artesã. Belo Horizonte, 2015.
RESENDE, C. e MASSIMI, M. Contribuições de Edith Stein para a Fundamentação Filosófica da Psicologia Científica. *Psicologia em Pesquisa.* 7(2). UFJF. 188-199, 2013.
REY, F. e MARTINEZ, A. El desarrollo de la subjetividade: uma alternativa frente a las teorias del desarollo psíquico. *Ptcedh*. 12(2). Universitat de Girona, 3-19, 2017.
SOUZA, E. e TORRES, J. A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais. *Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica*. 3(1). EDUFU. Uberlândia, 34-57, 2019.
SUBERO, D. Presentación del artículo "El desarrollo de la subjetividade: uma alternativa frente a las teorias del desarrollo psíquico". *Ptcedh*. 12(2). Universitat de Girona, 1-2, 2017.

Trabalho 3: **Pontos de intersecção: construindo um diálogo entre a Teoria da Subjetividade e a Psicologia Analítica**
Camila Ribeiro Castro Soares, Universidade Federal do Tocantins, camilaribeiro_castro@yahoo.com.br
José Fernando Patiño Torres, Universidade Federal do Tocantins, jfpatinotorres@gmail.com

Resumo
A proposta deste trabalho trata-se de um exercício de reflexão que traz como referência a possibilidade de que pontos de partidas divergentes conduzam e desenvolvam percursos teóricos e práticas processuais que se aproximam ao voltar-se para a compreensão do mundo e da vida humana. A Teoria da Subjetividade criada pelo psicólogo cubano González Rey tem por base a Psicologia histórico-cultural e soviética de início do século XX, por meio da qual elaborou categorias como subjetividade individual e social, sujeito, configuração e sentido subjetivos (GONZÁLEZ REY, 2013, 2016; SOUZA; PATIÑO TORRES, 2019). Por sua vez, em nossa intenção de diálogo, a Psicologia Analítica desenvolvida pelo psiquiatra suíço C. G. Jung se influiu do romantismo alemão, principalmente em Goethe e Kant, da filosofia presente nos estudos das religiões e alquímicos e das contribuições da física quântica, para trabalhar conceitos tais quais, individuação, função transcendente, arquétipo e complexo (JUNG, 2011, 2014, 2015). O que destacamos como pontos de convergência é o direcionamento, que esses dois estudiosos da psique deram as suas teorias e práticas, que perpassa a dialética entre indivíduo e sociedade, consciente e (não) [in]consciente, propondo bases epistemológicas que criam e seguem métodos construtivos, interpretativos e prospectivos. Assim como a atribuição de caráter gerador e autônomo aos processos psicológicos e subjetivos (GONZÁLEZ REY, 2010; PENNA, 2013; GONZÁLEZ REY; PATIÑO TORRES, 2020). Nesse sentido, não pretendemos

insinuar, de modo algum, equivalências entre as categorias teóricas, mas, isto sim, provocar um diálogo que tem como ponto de partida a seguinte questão: apesar das divergências marcadas pelas origens das teorias e pelos espíritos das épocas que esses pensadores viveram, podemos falar de um encontro epistemológico no qual se sobressai a uma lógica causalista e caminha-se para uma proposição do devir?

Palavras chave: Teoria da Subjetividade; Psicologia Analítica; diálogo.

Referências

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GONZÁLEZ REY, F. La subjetividad en una perspectiva histórico-cultural: avanzando un legado inconcluso. **CS**, v. 11, 2013, pp. 642-676.

GONZÁLEZ REY, F. Advancing the topics of social reality, culture, and subjectivity from a cultural–historical standpoint: Moments, paths, and contradictions. **Journal of Theoretical and Philosophical Psychology**, Vol 36(3), Aug 2016, pp.175-189.

GONZÁLEZ REY, F.; PATIÑO TORRES, J. F. Epistemologia Qualitativa e estudo da subjetividade em uma aproximação cultural-histórica: conversação com Fernando González Rey. In: PATIÑO TORRES, J. F. (Org.). **Estudos da subjetividade: uma aproximação interdisciplinar**. Palmas, TO: EDUFT, 2020.

JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. Trad. Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, C. G. A interpretação psicológica dos processos patológicos. In: JUNG, C. G. **Psicogênese das doenças mentais**. Trad. Márcia Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 2015.

PENNA, E. M. D. **Epistemologia e método na obra de C. G. Jung**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2013.

SOUZA, E. C.; PATIÑO TORRES, J. F. P. A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais. **Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, v. 3, n. 1, jan./abr. 2019, pp. 34-57.

Trabalho 4: **A questão do subjetivo na atividade de estudo de Matemática**

Jaqueline Ferreira dos Reis, Universidade Federal de Uberlândia, jaqueisagi@gmail.com
Juliana de Assis Lima, Universidade Federal de Uberlândia, julianaassis2015@outlook.com
Hilma Aparecida Brandão, Universidade Federal de Uberlândia, hilma.brandao@ifgoiano.edu.br
Roberto Valdéz Puentes, Universidade Federal de Uberlândia, robertopuentes@faced.ufu.br

Resumo

O presente trabalho refere-se a uma parte da pesquisa intitulada, **APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA NA PERSPECTIVA DE ELKONIN-DAVIDOV-REPKIN: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DA ATIVIDADE DE ESTUDO**, do curso de Doutorado em Educação pela UFU iniciado no ano de 2020, e constituinte dos estudos teóricos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática Desenvolvimental e Profissionalização Docente (GEPEDI). Estrutura-se como uma reflexão de caráter epistemológico, teórico e metodológico acerca das aproximações e distanciamentos da Atividade de Estudo, desenvolvida pelo Sistema Elkonin-Davydov-Repkin como parte da Teoria Histórico-Cultural e da Didática Desenvolvimental, com

os estudos desenvolvidos pela Teoria da Subjetividade. A aprendizagem de Matemática, nesta perspectiva, traz para a discussão a compreensão dos sentidos subjetivos de aprender Matemática e as nuances epistemológicas no estudo da constituição do sujeito matemático, sobrepondo-se a pura assimilação do pensamento teórico matemático, para o desenvolvimento de recursos subjetivos que permitam ao sujeito em suas singularidades, na atividade de estudo, produzir potencialidades para o seu autodesenvolvimento simbólico-emocional. Portanto, admitir que todos os alunos aprendem e operam a matemática do mesmo modo, significa desconsiderar o caráter histórico-cultural e subjetivo da constituição da psique humana. A aprendizagem envolve um "processo de produção subjetiva que se configura no curso do processo de aprender por sentidos subjetivos que expressam em um nível simbólico-emocional múltiplas experiências socioculturais do aprendiz junto com aquelas oriundas do próprio espaço escolar" (MITJÁNS MARTINEZ; GONZÁLEZ REY, 2017, p. 16). Esse processo de produção subjetiva da aprendizagem em Repkin (2019) estaria no momento em que o aluno redefine a tarefa de estudo para si, movimento que se caracteriza como uma configuração subjetiva realizada pelo sujeito em atividade, que desenvolve sua atividade de estudo permeada por suas subjetividades individual e social. Como elemento para discussão apresentamos a questão: É possível que a aprendizagem de Matemática pelo viés da Teoria da Atividade de Estudo e da Teoria da Subjetividade, se sobreponha a pura apropriação de conceitos matemáticos, e revele o desenvolvimento de modos subjetivos de ação que são gerados pelo sujeito na atividade de estudo, que seja capaz de promover, portanto, a autotransformação do sujeito e a transformação da realidade socialmente experienciada por ele?

Palavras chave: Teoria da Subjetividade, Aprendizagem Matemática, Atividade de Estudo

Referências

GONZÁLEZ REY, F. **O social como produção subjetiva**: superando a dicotomia indivíduo-sociedade numa perspectiva cultural-histórica. Estudos contemporâneos da subjetividade, Niterói, v. 2, n. 2, p. 167-185, 2012.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando L. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2017.

PUENTES, Roberto Valdés. **Didática desenvolvimental na perspectiva da subjetividade**: da aprendizagem reflexo-associativo à aprendizagem como produção criativa. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; TACCA, Maria C. V. R; PUENTES, Roberto Valdés Puentes (Orgs.). Teoria da subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional. Campinas: Alínea, 2020, p. 231-250.

REPKIN, V. V. **Aprendizagem desenvolvimental e atividade de estudo** (1997). In: PUENTES, Roberto; CARDOSO, Cecília Garcia Coelho; AMORIM, Paula Alves Prudente (Orgs.). Teoria da atividade de estudo: contribuições de D. B. Elkonin, V. V. Davidov e V. V. Repkin. Curitiba: CRV; Uberlândia: Edudu, 2019, p. 365-406.

Trabalho 5: **A questão do sujeito na atividade de estudo: uma abordagem com base na Teoria da Subjetividade**

Hilma Aparecida Brandão, Universidade Federal de Uberlândia, hilma.brandao@ifgoiano.edu.br

Hélida Cristina Brandão Nunes, Universidade Federal de Uberlândia, helida.cristina1@hotmail.com
Juliana de Assis Lima, Universidade Federal de Uberlândia, julianaassis2015@outlook.com
Roberto Valdéz Puentes, Universidade Federal de Uberlândia, robertopuentes@faced.ufu.br

Resumo
A Disciplina de História apresenta-se na contemporaneidade como mero aditivo na formação dos estudantes. Algumas pesquisas relacionadas com a forma como a História é trabalhada nos anos iniciais, apontam para uma prática pedagógica cuja metodologia une senso comum a "chavões pedagógicos", demonstram que há, entre os professores, domínio de discursos sobre os objetivos e métodos, mas não sobre o conhecimento dos conteúdos históricos, como produto científico, predominando apenas as narrativas sobre História. Ademais, quando se pergunta sobre a finalidade de ensinar História há uma reprodução dos objetivos expressos na BNCC, com destaque para a finalidade de construção do sujeito, a partir do reconhecimento de "si próprio", "do outro" e "do nós" (GUIMARÃES, 2009). A problemática apresentada é que não há entre os professores compreensão da complexidade presente no conceito de sujeito, o que instiga o desenvolvimento do tema "A questão do sujeito na atividade de estudo". Este trabalho resulta de reflexões produzidas no interior do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática Desenvolvimental e Profissionalização Docente (GEPEDI) e de uma pesquisa de doutorado, tendo como objetivo compreender a concepção de sujeito presente na organização desses processos pedagógicos, de modo particular para a aprendizagem de História nas séries iniciais do Ensino Fundamental, assim como na Teoria da Atividade de Estudo. Como sustentação teórica utiliza-se a Didática Desenvolvimental, vinculada à Teoria Histórico-Cultural da Atividade, no âmbito do sistema didático Elkonin-Davidov-Repkin, bem como a Teoria da subjetividade, proposta por González Rey (1997; GONZÁIEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). Utilizando a metodologia construtivo-interpretativa e a epistemologia qualitativa de González Rey conclui-se, ao final do trabalho que: primeiro, o conceito de sujeito não ocupou lugar de destaque nas concepções Didáticas predominantes; o sujeito , na maior parte das vezes, é visto de maneira "fragmentada, cognitiva e determinista"; por fim, de acordo com a concepção de Gonzalez Rey o sujeito é definido "como o indivíduo concreto que tem como atributos gerais ser ativo, consciente, interativo e atual (GONZÁLEZ REY, 1997, p. 103), abrindo novas vias de subjetivação, ultrapassando os limites que são colocados pela sociedade na qual a criança vive. Logo, a questão que se coloca é: Em contraposição às concepções pedagógicas predominantes, seria a concepção de sujeito de Gonzáles Rey uma alternativa possível à História para a formação dos estudantes da primeira fase do Ensino Fundamental?
Palavras-chave: Teoria da Aprendizagem Desenvolvimental; Teoria da Atividade de Estudo; Teoria da Subjetividade; Sujeito.

Referências:
GUIMARÃES, Selva (org.). Ensinar e Aprender História: formação, saberes e práticas educativas. Campinas: Alínea, 2009,
GONZÀLEZ REY, F. *Epistemologia cualitativa y subjetividade*. São Paulo: EDUC, 1997.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTINEZ, Albertina;. Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.
MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; TACCA, Maria C. V. R; PUENTES, Roberto Valdés Puentes (Orgs.). Teoria da subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional. Campinas: Alínea, 2020.
PUENTES, R. V.; CARDOSO, C. G. C.; AMORIM, P. A. P. (Orgs.). *Teoria da atividade de estudo*: contribuições de D. B. Elkonin, V. V. Davidov e V. V. Repkin. Curitiba: CRV; Uberlândia: Edufu, 2019.

Sessão 2 – 23 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **Por uma definição das Representações Sociais como configurações subjetivas**

Pilar de Almeida, Rede Nacional de Ensino e Pesquisa, pilar.almeida@rnp.br
Albertina Mitjáns Martínez, Universidade de Brasília, amitjans49@gmail.com
Luciana Campolina, Centro Universitário de Brasília, campolina.luciana@gmail.com
Mariana Oliveira, Universidade de Brasília, mari.oliveirasantos@gmail.com

Resumo
Definições e conceitos associados à Teoria das Representações Sociais (RSs) ganharam diferentes e, por vezes, contraditórias nuances no decorrer de seu desenvolvimento. González Rey, a partir da sua Teoria da Subjetividade (TS), propõe as RSs como "complexas configurações subjetivas organizadas como sistemas simbólico-emocionais que caracterizam a vida social, como sistemas subjetivamente organizados" (GONZÁLEZ REY, 2015). O autor busca superar a tradicional dicotomia entre indivíduo e sociedade e reestabelecer o papel dos sujeitos individuais como um momento intrínseco da subjetividade social, integrando dimensões da emoção e da imaginação. A partir desta compreensão, o presente trabalho apresenta o resultado de um exercício teórico que buscou uma definição das RSs de forma a evidenciar seu valor heurístico, sob a ótica da Teoria da Subjetividade. Para tal, enfrentou-se dois desafios: (1) estudar os diferentes vieses teórico-epistemológicos que fundamentam ambas as correntes de pensamento, (2) buscar a diferenciação das RSs de outras configurações subjetivas da subjetividade social. Como resultado deste exercício, alcançou-se a seguinte formulação inicial: "Representações sociais como configurações subjetivas da subjetividade social articulam sentidos subjetivos que se expressam em **conhecimentos e saberes, de caráter ao mesmo tempo icônico e simbólico, sobre diferentes aspectos da realidade vivida**. Estas configurações funcionam como fonte de atribuição de significados e de outras produções subjetivas das pessoas e grupos humanos, instituindo, de forma complexa, processos sociais e de coesão social que orientam práticas sociais." Para a formulação acima, considerou-se: a) ressaltar a contribuição teórica de Moscovici na assumpção de que as RSs são um tipo de organização simbólica do conhecimento que, como tal, estabelece uma nova base para a compreensão dos fenômenos de produção de conhecimento social; b) a referência ao caráter duplamente "icônico e simbólico" visa ressaltar o pensamento de Moscovici de que as RSs evocam a ideia de imagens e padrões icônicos que introduzem ao conceito simbólico

"ordem e percepções que reproduzem o mundo de forma significativa"(MOSCOVICI, 2015); c) com a referência a configurações subjetivas que se expressam "em conhecimentos e saberes" busca-se ressaltar a contribuição de Moscovici na assumpção de que as RSs são um tipo de organização simbólica do conhecimento e da linguagem (MOSCOVICI, S.; MARKOVÁ, 1998); d) a ênfase das RSs como "fonte de atribuição de significados", decorre do papel conferido aos processos de comunicação e de linguagem, na geração e preservação das RSs. Importante ressaltar que no caso da perspectiva teórica da subjetividade, esses processos de comunicação e linguagem não se reduzem ao discurso e à prática do discurso, mas são tomados como produções subjetivas; e, e) a referência de que as RSs instituem "de forma complexa, processos sociais e de coesão social que orientam práticas sociais" ressalta aspectos da funcionalidade das representações sociais, retomando o interesse original de Moscovici de responder a questões relacionadas aos laços sociais e ao amálgama societário (MOSCOVICI, S.; MARKOVÁ, 1998). *Questão provocadora: como reformular definições de conceitos teóricos das ciências humanas e sociais, ao mesmo tempo, conservando seu valor heurístico e ganhando amplitude compreensiva a partir da necessária revisão teórico-epistemológica exigida pela TS?*

Palavras chave: representações sociais, subjetividade, configurações subjetivas

Referências

GONZÁLEZ REY, F., A New path for the discussion of SRs: Advancing the topic of subjectivity from a cultural historical standpoint, 2015
MOSCOVICI, S., MARKOVÁ, I., Presenting Social Representations: A conversation, 1998
MOSCOVICI, S. *Reprentações Sociais Investigações em Psicologia Social*, Ed. Vozes, 2015

Trabalho 2: **Teoria da Subjetividade e Epistemologia Qualitativa: contribuições para pesquisas de representações sociais**

Andreia dos Santos Gomes Vieira, Secretaria de Educação do Distrito Federal, andreia.pacp@gmail.com
Cristina Massot Madeira Coelho, UNB, cristina.madeira.coelho@gmail.com

Resumo

O presente texto tem como objetivo refletir sobre questões pertinentes para os estudos das representações sociais. Para isso se levantaram três questões que argumentam em favor da compreensão do fenômeno das RS como uma produção subjetiva (González Rey, 2015): a) em sua obra, Moscovici (2012) parece não ter sido claro o suficiente sobre o que significa o caráter simbólico das RS, questão que pode ter contribuído para contradições entre os diferentes desdobramentos teóricos que abordam os estudos das RS; b) o não-evidenciamento dos indivíduos que produzem as RS; e c) o fato de Moscovici (2012) não ter desenvolvido uma metodologia própria para os estudos das RS. Buscamos refletir sobre aspectos já sinalizados por González Rey (2003) e endossados por Jodelet (2009) e Banchs (2002) quando se referem ao resgate à noção de sujeito e às possibilidades de evidenciar processos emocionais na produção de RS, questões pouco exploradas por estudos anteriores. A TS na perspectiva cultural histórica de González Rey (2015) representa alternativa profícua para o estudo do

fenômeno das RS por expor a subjetividade em nova definição ontológica, simultaneamente sociais e individuais, trazendo luz o caráter simbólico-emocional dos fenômenos humanos. Destarte, a compreensão das RS como uma produção subjetiva, em seu cerne o sujeito e sua subjetividade, inspirou pesquisa realizada em uma escola pública do DF, cuja RS foram compreendidas como configurações subjetivas, expressões da Subjetividade Social escolar, que se manifestavam no trabalho pedagógico compartilhado e traziam as marcas singulares de seus produtores por meio de sentidos subjetivos. No desafio de se construir um modelo teórico que pudesse contribuir para o avanço do tema da subjetividade em estudos acerca das RS, a EQ representou uma opção epistemológico-metodológica para: a) integrar fatos individuais e sociais no estudo das RS como um sistema complexo no qual as duas dimensõesse constituem reciprocamente enquanto configurações subjetivas; b) integrar processos emocionais e simbólicos em unidade na produção de RS; c) transcender a associação entre RS e objetos, com descrições simples de atributos compartilhados; e d) evidenciar o protagonismo do indivíduo na constituição de RS.

Palavras chave: Representações Sociais. Teoria da Subjetividade. Epistemologia Qualitativa

Referências

BANCHS, María Auxiliadora. Representaciones Sociales y subjetividad. In**: Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio histórica e a Teoria das Representações Sociais**. Odair Furtado, Fernando L. González Rey (Orgs.). ___ São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira, Thomson Learning, 2003.

_____. **A new path for the discussion of Social Representations: advancing the topic of subjectivity from a cultural-historical standpoint**. 2015. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/#search/gonz%C3%A1lez+rey/14d81b0e528a476b?p>Acesso em: 20 fev. 2018. Acesso em: 20 fev. 2018.

JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n03, p,679-712, set./dez. 2009. Disponível em: Acesso em: 18 jan. 2018.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**./Serge Moscovici;editado em inglês por Gerad Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 9 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Trabalho 3: **A desigualdade social e dimensão subjetiva da realidade: um fenômeno e uma categoria importantes para o Compromisso Social da Psicologia**

Luane Neves Santos, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, luaneneves@ufrb.edu.br
Ana Mercês Bahia Bock, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, anabbock@gmail.com
Rita de Cássia Mitleg Kulnig, ritakulnig@gmail.com

Resumo

A partir do entendimento da desigualdade social como um fenômeno estrutural e estruturante em nossa sociedade - estrutural por sustentar relações de dominação na sociedade brasileira, e estruturante das subjetividades dos brasileiros e brasileiras, e da proposição da *dimensão*

subjetiva da realidade como uma categoria analítica que aproxima subjetividade e objetividade em uma relação de constituição mútua, pretendemos afirmar que nenhuma análise no campo da Psicologia poderá deixar de considerar esse fenômeno. A ênfase dessa apresentação recairá sobre a relação entre o fenômeno da desigualdade social e a categoria dimensão subjetiva da realidade na construção de um saber e um fazer em Psicologia que nos permitam contribuir para a transformação das condições de vida em nosso país, o que nos reporta ao Compromisso Social como um projeto ético-político-crítico para a Psicologia que, ao pretender contribuir para a transformação da sociedade, em seu desenvolvimento, transforma substancialmente a Psicologia. Considerando que os projetos profissionais expressam princípios de projetos societários e podem ser construídos por qualquer categoria a partir de uma imagem ideal sobre si mesma e do efeito que deseja produzir no mundo, em que medida a Desigualdade Social e a Dimensão Subjetiva da Realidade são temas importantes na questão do Compromisso Social, enquanto um projeto profissional para a Psicologia?

Palavras chave: Dimensão Subjetiva da Realidade. Desigualdade Social. Compromisso Social da Psicologia

Referências

BOCK, A. M. B. et al. Significações sobre o futuro em uma sociedade desigual. In: AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B. (Org.). **A dimensão subjetiva do processo educacional:** uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2016b. Cap. 11. p. XX

KULNIG, R, C. M.. **A dimensão subjetiva da desigualdade social no processo de escolarização das elites**: um estudo sobre práticas escolares no Ensino Médio. 2019. 236 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

RECHTMAN, R. et al. A dimensão subjetiva da desigualdade social: um estudo sobre as significações da escola entre estudantes pobres e ricos. In: RONCA, A.C.C.; ALMEIDA, L.R.. (Org.). **50 anos de produção em psicologia da educação- relatos de pesquisa**. Campinas: Pontes Editores, 2019, v. 1, p. 183-201.

SANTOS, L. N. **O compromisso social da psicologia**: um estudo sobre o desenvolvimento de um projeto crítico. 2017. 268f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

Trabalho 4: **Sentidos subjetivos políticos, un aporte para investigar la subjetividad política**

Alvaro Díaz Gómez, Universidad Tecnológica de Pereira (Colombia), adiaz@utp.edu.co
Ana María Calderón Jaramillo, Universidad San Sebastian (Chile), anamaria.calderon@uss.cl

Resumen

En un proceso de casi dos décadas de trabajo sobre la categoría de sentido subjetivo político y de subjetividad política, hemos logrado, en primer lugar, incidir en la formación de nuevas generaciones de estudiantes quienes se acercan al pensamiento de González Rey. En segundo lugar, hemos avanzado en el desdoblamiento – a partir del sentido subjetivo- de la categoría sentido subjetivo político para posicionar un desarrollo del pensamiento que nos legó Fernando,

pero sin quedarnos en el culto a la personalidad, la repetición acrítica de un discurso, sino que avanzamos en la generación de nuevo conocimiento, él lo dijo así "Acuérdate que los términos son unidades semánticas que ganan una relativa independencia del significado puntual y, sobre todo, emergen en un momento del pensamiento del autor" (Díaz, González Rey y Arias, 2017: 131). Como una expresión del aporte en la construcción del concepto de sentido subjetivo político, propusimos relacionar los sentidos subjetivos con lo político, para hacer un diálogo interdisciplinar entre la psicología -con la psicología social, en particular mediante la categoría de subjetividad- y la ciencia política que ha sido una ciencia más instrumental y positivista, para tratar de reconocer cómo allí, desde la ciencia política, se puede llegar a trabajar no solo elementos operativos de la política como el voto, sino, cómo incluso en esas acciones de elección el sujeto debe constituirse como sujeto político y hacer acciones de reflexividad, que le implican tomar posturas respecto de lo público (Díaz, 2012 a:335). Un tercer aspecto de nuestra propuesta es que se desarrolla en contextos específicos para ayudar a solucionar y comprender fenómenos políticos que afectan a las mayorías. Lo anterior -en voz de Fernando- dado que "he sostenido durante largo tiempo una preocupación por no separar los problemas de la práctica y de los desdoblamientos de la psicología, de la construcción teórica de la misma. Creo que no nos podemos apartar de eso" (Díaz, 2012 a: 330). El cuarto elemento que se puede resaltar de este trayecto investigativo para dotar de significado al sentido subjetivo político es la contrastación que se ha realizado de esta categoría con diferentes actores sociales. Pobladores (jóvenes de una subcultura, jóvenes universitarios, jóvenes del movimiento estudiantil), desplazados, víctimas (campesinos, sobrevivientes del partido político Unión patriótica) victimarios (paramilitar, guerrilleros, militar) internos en centros penitenciarios, y sujeto migrante.

Pregunta vinculada al trabajo, cuyo objetivo será contribuir con el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Cómo hacer una veeduría epistemológica y conceptual para no caer en el culto a la personalidad (de Fernando) y avanzar en el desarrollo de su legado?

Palabras-clave: subjetividad, subjetividad política, sentido subjetivo, sentido subjetivo político

Referencias

Díaz, A. (2012). Subjetividad política y psicologías sociales críticas en Latinoamérica: ideas a dos voces [Entrevista con el psicólogo cubano Dr. Fernando González Rey]. Revista Universitas Psychologica, Núm. 11 Vol. 1. enero 2012, 2012.

Díaz, A, González-Rey, F., & Arias-Cardona, A.M. (2017). Pensar el método en los procesos de investigación en subjetividad. Revista. CES Psicología. Núm.10 Vol. 1. Julio. 2017

González Rey, F. (2013). La subjetividad en una perspectiva cultural-histórica: avanzando sobre un legado inconcluso. Revista Ciencias sociales (CS) No. 11, Junio de2013.

Piedrahita, C. y col. (2019). Subjetividades políticas: desafíos y debates latinoamericanos. Bogotá, Clacso. Universidad Distrital Francisco José de Caldas.

Trabalho 5: **Motivación por el aprendizaje de la Lengua Inglesa**

Camilo Armando Suárez Alvarez, Universidad de Matanzas, camilo.suarez@umcc.cu
Walfredo González Hernández, Universidad de Matanzas, walfredogh@gmail.com

Resumen
Motivar el aprendizaje del inglés es una necesidad de carácter profesional debido a las condiciones actuales de desarrollo científico-técnico (Chávez-Zambano et al, 2017). Se estudia principalmente para: aumentar las oportunidades laborales, desarrollar la sensibilidad intercultural y la comprensión global, lograr oportunidades de estudio en el extranjero, entre otros. (Daif-Allah & Aljumah, 2020). En Cuba la enseñanza del inglés presenta dificultades no logrando la motivación de los estudiantes por su estudio. Esta investigación ofrece un análisis del marco teórico de la motivación por el aprendizaje del inglés sustentado en la teoría de la subjetividad (TS). Se comienza analizando la TS de Gonzáles Rey, desde el Enfoque Histórico Cultural (EHC) de Vygotsky. A partir del estudio de la obra de Vygotsky, Gonzáles Rey creó los conceptos teóricos que proponían una nueva cualidad a los procesos humanos al plantear que los procesos simbólico y emocional se vuelven uno, dando origen a la subjetividad (Campolina y Mitjáns Martínez; 2016). La subjetividad nace a partir de los contextos históricos y sociales. Esto sucede porque los procesos simbólicos y emocionales tienen un carácter autorregulador dentro del cual las capacidades, habilidades y funciones psicológicas se configuran subjetivamente convirtiéndose en dispositivos motivacionales. (González Rey et al; 2017). A partir de los estudios anteriores, se propone el concepto de motivación como configuración subjetiva: "la motivación se configura a partir de los sentidos subjetivos favorables que emergen de la actuación individual en los diferentes contextos sociales determinando la implicación del individuo en el cumplimiento de determinados objetos. " Por lo tanto, ¿las funciones humanas que motivan el comportamiento están configuradas subjetivamente?
Palabras claves: subjetividad, motivación, inglés

Referencias
CAMPOLINA, L. V.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. The configuration of social subjectivity in an innovative educational institution in Brazil. **International Research in Early Childhood Education,** v. 7, n. 1,. ISSN 1838-0689 online. Monash University. www.education.monash.edu.au/irecejournal/,2016.
CHÁVEZ-ZAMBANO, M. X.; SALTOS-VIVAS, M. A.; SALTOS-DUEÑAS, C. M. La importancia del aprendizaje y conocimiento del idioma inglés en la enseñanza superior. /**Dom. Cien,** v. 3,p. 759-771, 2017.
DAIF-ALLAH, A. S.; ALJUMAH, F. H. Differences in Motivation to Learning English among Saudi University Students. **English Language Teaching,** v. 13, n. 2, Published by Canadian Center of Science and Education. ISSN 1916-4742 E-ISSN 1916-4750, 2020.
GONZÁLEZ REY, F.; MAGALHÃES GOULART, D. The Relevance of the Concept of Subjective Configuration in Discussing Human Development. University Center of Brasília, Universityof Brasília, Brasília, Brazil A. Mitjáns Martinez _ M. Rossato. University of Brasília, Brasília, Brazil © Springer Nature Singapore Pte Ltd. M. Fleer et al. (eds.), **Perezhivanie, Emotions and Subjectivity, Perspectives in Cultural-Historical Research 1,** DOI 10.1007/978-981-10-4534-9_11, 2017.

GONZÁLEZ REY, F. L. Human Motivation in Question: Discussing Emotions, Motives, and Subjectivity from a Cultural-Historical Standpoint. **Journal for the Theory of Social Behaviour,** DOI: 10.1111/jtsb.12073, p. 1-17, 2014.

Trabalho 6: **Reflexões acerca da subjetividade social**

Daniela Viecili Costa Masini, Centro Universitário de Brasilia, danivieciliicm@gmail.com

Resumo

Esta apresentação visa trazer para o debate três reflexões acerca do estudo da subjetividade social, baseando-se em experiências prévias de pesquisa e na leitura de outros trabalhos. Primeiramente, observa-se que certas pesquisas priorizam a compreensão de processos subjetivos que rompem com o institucionalizado, enquanto outras têm como foco de compreensão sentidos subjetivos predominantes num dado espaço. Neste último caso, pode-se dizer que, mesmo visando o estudo de processos subjetivos hegemônicos, é importante visibilizar as contradições que atravessam tal subjetividade social, pois isso pode ter implicações éticas relevantes, dado que alguns processos de dominação se baseiam em "narrativas únicas" que aprisionam o outro num certo lugar social (ADICHIE, 2009). Além disso, percebe-se que certas análises do social acabam por se restringir a uma listagem de características, deixando de captar sua lógica configuracional. A categoria da subjetividade social permite superar essa forma de análise, mas não o garante. Ainda existe o risco de cair numa lógica quantitativa, na qual a construção da informação se restringe à enumeração de sentidos subjetivos mais frequentemente expressos. Apesar de que processos subjetivos sociais tendem a se expressar em vários indivíduos num mesmo contexto, guiar-se por esse parâmetro numérico para compreender a subjetividade social é questionável e possivelmente vai na contramão da Epistemologia Qualitativa (GONZÁLEZ REY, 2005). Percebe-se então a necessidade de refletir sobre outros critérios que possam ser usados para amparar o estudo da subjetividade social. Dito isso, a capacidade articuladora de diferentes processos subjetivos poderia ser um critério interessante para tanto. Por exemplo, num serviço de saúde processos subjetivos relativos ao modelo biomédico permitem "amarrar" entre si produções subjetivas acerca do cuidado, do ensino e das relações interpessoais que se dão nesse espaço, ao mesmo tempo que as integram. E tais processos subjetivos sociais podem ser expressos por uma ou mais pessoas nesse contexto. O foco não deveria ser a quantidade de pessoas que expressam determinados sentidos subjetivos sociais, mas a potência articuladora de tais processos em dado espaço, permeando e organizando diferentes vias de subjetivação. Por fim, pode-se questionar o que define processos subjetivos sociais hegemônicos. Para responder a essa questão corre-se novamente o risco de cair numa lógica quantitativa que reduz a subjetividade social a uma soma de subjetividades individuais (MITJÁNS MARTÍNEZ, 2020). Pode-se refletir que processos subjetivos sociais hegemônicos, não seriam exatamente aqueles que predominam numericamente, mas sim aqueles que possuem uma capacidade importante de gerar novos processos subjetivos, discursos e representações. Dessa forma, tal capacidade articuladora seria um segundo possível parâmetro para facilitar o estudo da subjetividade social.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: O termo subjetividade social hegemônica é redundante?

Palavras chave: subjetividade social, método construtivo-interpretativo, Epistemologia Qualitativa.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Subjetividade Social: Desafios de um Conceito. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; VALDÉS-PUENTES; M. C. R. V. TACCA. **Teoria da Subjetividade: discussões teóricas e metodológicas**. Campinas: Alínea, 2020.

Sessão 3 – 29 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00. Discussão final

Eixo temático: 2. A Epistemologia Qualitativa e a metodologia construtivo-interpretativa na pesquisa e na prática profissional (11 Trabalhos)

Coordenadora: Luciana Soares Muniz Escola de Educação Básica - Universidade Federal de Uberlândia

Temas centrais para o debate:

- Diferenças e relações entre Epistemologia Qualitativa e metodologia construtivo-interpretativa;
- O processo de pesquisa com base na metodologia construtivo interpretativa: suas características e sua especificidade em relação a outras formas de pesquisa qualitativa. A centralidade do processo de construção de informação;
- A superação da dicotomia pesquisa-prática profissional e o lugar da metodologia construtivo-interpretativa na prática profissional.

Sessão 1 – 22 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **Mapeamento e Entrevista: limites e possibilidades dos trechos de informação na metodologia construtivo-interpreta**tiva

Letícia Gonzales Martins, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, leticiagonzalesmartins@gmail.com
Ana Júlia Pereira Campos, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, anajupcampos@gmail.com
Raquel Souza Lobo Guzzo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, rslguzzo@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre os limites e possibilidades dos trechos de informação obtidos por meio de um mapeamento e uma entrevista, em duas pesquisas realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisa Avaliação e Intervenção Psicossocial: Prevenção, Comunidade e Libertação, no Programa de Pós-Graduação da PUC-Campinas. O mapeamento é um instrumento utilizado na prática profissional das psicólogas do Projeto ECOAR (Espaço de Convivência Ação e Reflexão) nas escolas municipais da cidade, com objetivo de conhecer de forma mais aprofundada os estudantes da escola em que nos inserimos, possibilitando, assim, construir a atuação profissional a partir de informações concretas sobre sua vida cotidiana e da perspectiva dos indivíduos de sua própria realidade. No geral o instrumento é dividido em seis dimensões a serem investigadas, sendo elas: identitária, sociodemográfica, familiar, escolar, protetiva e subjetiva. (GUZZO *et. al.*, 2019; GUZZO *et. al.*, 2021). O Projeto ECOAR tem como objetivos centrais o acompanhamento do desenvolvimento dos estudantes e a

construção de ações preventivas. A partir da realidade do trabalho nas escolas, são desenvolvidas pesquisas no grupo de pesquisa ao qual está vinculado, tendo como uma de suas bases a Epistemologia Qualitativa, ou seja, o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, a legitimação do singular como instância de produção do conhecimento científico e a pesquisa como processo de comunicação (GONZÁLEZ-REY, 2015). Como forma de avaliar a dimensão subjetiva do mapeamento, bem como a capacidade de acesso a ela, está sendo desenvolvida uma pesquisa de iniciação científica a partir dos mapeamentos referentes aos anos de 2019 e 2021 de uma das escolas inseridas no projeto. Tem-se como limitação que a pesquisadora não está inserida no campo em que as informações foram construídas. Em uma outra escola, as entrevistas semiestruturadas estão sendo utilizadas em uma pesquisa de mestrado, cujo objetivo é compreender a relação entre escola e Unidade Básica de Saúde a partir da percepção de profissionais da educação e da saúde, com enfoque nas demandas de dificuldade de aprendizagem. A psicóloga pesquisadora construiu os roteiros das entrevistas de forma conjunta com dois profissionais da área que atuam no cenário de pesquisa e as realizou de forma remota, por videochamada. Tendo em vista essas pesquisas em andamento de forma virtual e a proposta da análise construtivo-interpretativa, como acessar os sentidos subjetivos, os quais constituem as configurações subjetivas (GONZÁLEZ REY; MARTÍNEZ, 2017), uma vez que existe a dificuldade de acesso ao espaço social (no caso do mapeamento) e as limitações da videochamada (em relação às entrevistas)?

Palavras chave: mapeamento, entrevista, análise construtivo-interpretativa.

Referências

GONZÁLEZ-REY, F. O Compromisso Ontológico na Pesquisa Qualitativa. *In* Gonzalez Rey, F. (Org.). *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação* (pp. 1-28) (M. A. F. Silva, Trad.). São Paulo: Cengage Learning, 2015.

GONZÁLEZ-REY, F; MARTÍNEZ, A.M. *Subjetividade, Teoria, Epistemologia e Método*. Campinas/SP: Editora Alínea, 2017.

GUZZO, R. S. L.; RIBEIRO, Flávia de Mendonça; MEIRELES, J.; FELDMANN, M.; SILVA, S. S. G. T. da; SANTOS, L. C. L. dos; DIAS, C. N. Práticas Promotoras de Mudanças no Cotidiano da Escola Pública: Projeto ECOAR. *Revista de Psicologia da IMED*, Passo Fundo, v. 11, n. 1, p. 153-167, abr. 2019. ISSN 2175-5027. Disponível em: https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/2967/2167. Acesso em: 06 jul. 2021. doi:https://doi.org/10.18256/2175-5027.2019.v11i1.2967.

GUZZO, R. S. L.; SILVA, S. S. G. T. da; MARTINS, L. G. M.; CASTRO, L. de; LORENZETTI, L. Psicologia na Escola e a Pandemia: Buscando um Caminho. In NEGREIROS, F.; FERREIRA, B. O. (Org.). Onde está a Psicologia Escolar no meio da Pandemia? São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 654-682. doi: 10.31560/PIMENTACULTURAL/2021.441.654-682

Trabalho 2: **O processo de construção do cenário social de pesquisa em tempos de pandemia: tensionamentos, desafios e possibilidades**

Paula da Silva Moreira, Universidade de Brasília, paulamoreira.educ@gmail.com
Cristina Madeira-Coelho, Universidade de Brasília, cristina.madeira.coelho@gmail.com

Resumo
Este trabalho apresenta os desafios e as possibilidades do processo inicial da construção do cenário social da pesquisa de mestrado em andamento: "Expressões da subjetividade social da Escolinha de Criatividade" fundamentada na Teoria da Subjetividade e na Epistemologia Qualitativa propostas por González Rey (1949-2019). Com a suspensão das aulas presenciais devido à pandemia de Covid-19 o meu processo de imersão no campo de pesquisa foi prejudicado e suscitou em mim várias indagações e a necessidade de me reinventar como pesquisadora. Tendo em vista que a construção do cenário social é um recurso metodológico fundamental para os estudos da subjetividade confesso que me senti limitada para dar início à construção de um espaço de relacional favorável à investigação no contexto da virtualidade, uma vez que o *lócus* de pesquisa não era o meu local de atuação profissional e eu não tinha conhecimento prévio de nenhuma das pessoas que atuavam profissionalmente na Biblioteca Infantil e Escolinha de Criatividade. Para superar as dificuldades apresentadas e o meu receio de iniciar a pesquisa num momento tão adverso considerei importante estabelecer vínculo primeiramente com a diretora da biblioteca por meio de momentos formais e informais no ambiente virtual com o uso das ferramentas do WhatsApp e do Google meet para somente depois iniciar as observações participantes. O processo de construção do cenário ocorreu em três vertentes diferentes: a) reuniões coletivas com as professoras, b) nos momentos de mediação de leituras com três turmas distintas e c) nos Saraus mensais com todas as turmas e professoras. Participar das reuniões coletivas virtual com o grupo de profissionais da Biblioteca Infantil e Escolinha de Criatividade foi uma forma que encontrei para conhecer a Proposta Pedagógica-PP, as práticas educativas e as estratégias que o grupo encontrou para atender as crianças da Escolinha de Criatividade diante da impossibilidade de realizar o trabalho pedagógico presencialmente. A minha participação nos Saraus e nos momentos de mediação de leitura com as crianças via Google meet possibilitou conhecer um pouco das dinâmicas relacionais e a configuração das práticas educativas na virtualidade. Que outras estratégias poderiam possibilitar a superação dos desafios impostos pela pandemia desde o processo de construção do cenário social de pesquisa?
Palavras chave: Cenário social de pesquisa; Subjetividade; Pandemia

Referências
GONZÀLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação.** Tradução: Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Cengage Learning. 2005.
GONZALEZ REY, L. F; MITJÁNS MARTINEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** Campinas, SP: Alinea, 2017.
MITJÀNS MARTINEZ, A. NEUBERN, M. MORI, V.D. (Orgs.) **Subjetividade contemporânea: discussões epistemológicas e metodológicas.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2014.

Trabalho 3: **Alcances y limitaciones de la aplicación de la teoría de la subjetividad en investigaciones cualitativas de tres universidades peruanas**
Svieta Valia Fernández González, Centro de Investigación Psicológica Histórico cultural, svietafernandez@hotmail.com
Nicole Oré Kovacs, Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas, pcpsnore@upc.edu.pe

Eli Malvaceda-Espinoza, Universidad San Ignacio de Loyola, emalvaceda@usil.edu.pe
Svieta Valia Fernández González, Centro de Investigación Psicológica Histórico cultural, svietafernandez@hotmail.com
Nicole Oré Kovacs, Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas, pcpsnore@upc.edu.pe
Eli Malvaceda-Espinoza, Universidad San Ignacio de Loyola, emalvaceda@usil.edu.pe

Resumen
En los últimos años, el enfoque cualitativo de investigación ha logrado integrarse en la escena académica en el campo de la psicología. En este horizonte, es vital la labor de González Rey para articular una epistemología constructivo-interpretativa y sistematizar su abordaje metodológico. Esta circunstancia pone en relieve la necesidad de evaluar críticamente la producción científica cualitativa desde la disciplina psicológica en términos de la coherencia y consistencia que mantiene con los criterios metodológicos planteados por Gonzalez Rey (2006). El propósito de la presente es analizar los alcances y límites de la producción científica cualitativa en investigaciones de pregrado que reportan una metodología constructivo-interpretativa. Se realizó una indagación en tres universidades peruanas, ubicadas entre las doce primeras del ranking Scimago (Scimago Institutions Ranking, 2021), que hayan producido tesis bajo la metodología señalada. Las bases de datos utilizadas fueron los repositorios institucionales digitales de las universidades seleccionadas. Encontrándose 22 documentos. Se encontró temas tales como la violencia psicosocial, la subjetividad en grupos de trabajadores informales, la hegemonía e identidad masculina, el descubrimiento y la construcción de la paternidad, la identidad profesional, y el proyecto de vida en mujeres víctimas de violencia sexual. Estas investigaciones abordan la perspectiva de la subjetividad y se proponen la exploración configuracional de estos fenómenos. Sin embargo, una revisión de su metodología permitió identificar que el análisis de la información es una descripción de hechos que no es coherente con el carácter constructivo-interpretativo del conocimiento. Otro elemento destacable es la profundización teórica que se realiza de la subjetividad, sin ser referente rígido para el planteamiento de los problemas, construyendo el diálogo con otros referentes teóricos. Sin embargo, en la formulación de núcleos y zonas de sentido, se evidencia una exploración dividida en dimensiones, partiendo de una propuesta teórica a priori del investigador que enmarca los hallazgos, restringiendo la flexibilidad propia de la propuesta metodológica. Esta forma de construcción dificulta la comprensión de la dimensión simbólico emocional de los sujetos que no se explica a partir de la teoría establecida a priori (González Rey, 2008). De lo anterior puede colegirse que resulta necesaria una revisión crítica de la producción científica a la luz de la propuesta metodológica de González Rey para ilustrar los vacíos que pueden desacreditar la calidad de los resultados y trascendencia de los hallazgos. Asimismo, permite sentar las bases para una práctica investigativa más rigurosa siguiendo los lineamientos de una epistemología cualitativa crítica en psicología. Es por ello que nos preguntamos, ¿Cómo subsanar las limitaciones planteadas en el desarrollo de tesis de grado desde el método constructivo-interpretativo?
Palabras-clave: Producción científica, teoría de la subjetividad, epistemología cualitativa, investigación cualitativa

Referencias

GONZÁLEZ REY, Fernando. Título: Investigación cualitativa y subjetividad. Guatemala: Oficina de Derechos Humanos del Arzobispado de Gautemala, 2006.
GONZÁLEZ REY, Fernando; Subjetividad social, sujeto y representaciones sociales. Revista DIVERSITAS – Perspectivas en Psicología, 4(2), 225-243, junio. 2008.
SCIMAGO INSTITUTIONS RANKING. c2021. Disponible en: <https://www.scimagoir.com/rankings.php?country=PER&sector=Higher%20educ.>. Acceso en: 22 jul. 2021

Trabalho 4: **Epistemologia Qualitativa, metodologia construtivo-interpretativa e a psicologia sócio-histórica na orientação profissional**

Raquel Antonio Alfredo, sem filiação, raquel.antonio@hotmail.com
Wanda Maria Junqueira Aguiar, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, iajunqueira@uol.com.br

Resumo
Apresenta-se este resumo com a finalidade de promover o debate teórico-metodológico sobre alguns elementos que aproximam a Epistemologia Qualitativa e a metodologia construtivo-interpretativa, produzida por Fernando Luis González Rey, do arcabouço defendido pela Psicologia Histórico Cultural, também designada Psicologia Sócio-histórica, proposta por Lev Semyonovich Vigotski. A proposição sobre possíveis aproximações se dá no que diz respeito à pesquisa e à prática profissional no campo da Orientação Profissional. Nesta ocasião, destaca-se o materialismo histórico dialético e a produção de Vigotski como fundamentos coincidentes nas proposições em tela. E, tanto por ser assim, defende-se como também coincidentes e nucleares, as concepções de sociedade, de subjetividade e de sujeito. Considera-se o processo de Orientação Profissional como espaço de ampliação e transformação do domínio consciente dos múltiplos fatores que, num processo recíproco e histórico, constituem a sociedade e os seres humanos. Outrossim, como resultante da prática profissional, ressalta-se que a contribuição da produção de González Rey no desenvolvimento da Orientação Profissional, mediante a dinâmica conversacional, tem-se constituído como espaço para explicitação de significações sobre a subjetividade individual, como também sobre elementos subjetivos que constituem a realidade social. González Rey, defende a subjetividade como macroconceito, cuja mediação possibilita o entendimento e a explicação da psique "como sistema complexo", que se apresenta, simultaneamente, como processo e como organização. A subjetividade entendida como macroconceito, referente ao social e ao individual, possibilita a compreensão dos nexos dinâmicos e inquebrantáveis que constituem o histórico movimento da unidade singular-particular-universal. É nesse processo histórico e multideterminado que se dá a gênese social do sujeito, que é passível de se investigar e, sobre a qual a psicologia e a educação se lançam na produção de conhecimento. A Epistemologia Qualitativa se constitui, então, como mediação que favorece a proposição da Orientação Profissional como momento construtivo-interpretativo do conhecimento e, o seu efetivo exercício, como espaço de desenvolvimento histórico-social, que se estende para além da questão da escolha profissional. Defende-se que, no referido processo de orientação, o sujeito possa compreender-se, bem como entender o modo como as múltiplas determinações histórico-sociais incidem no seu modo de sentir,

pensar e agir historicamente na sociedade em que vive. Assim, o sujeito poderá compreender que todos os fenômenos de sua vida se constituem como sínteses de suas relações. Por fim, considerando a linha histórica do desenvolvimento da Orientação Profissional, como podemos ampliar o debate sobre esse campo de pesquisa e exercício profissional para além da proposição de um evento característico do final da Educação Básica?

Palavras chave: Epistemologia Qualitativa. Psicologia Sócio-histórica. Orientação Profissional.

Referências

AGUIAR, Wanda M. J.; BOCK, Ana M. e OZELLA, Sérgio. " A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, Ana M. B.; GONÇALVES, M. G.; FURTADO, Odair. (Orgs.). *Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.* São Paulo: Cortez, 2001.

GONZÁLEZ REY, Fernando. *Epistemología cualitativa y subjetividad.* São Paulo: EDUC, 2003.

_____. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade:os processos de construção da informação.* São Paulo : Pioneira Thomson Learning, 2005.

Trabalho 5: **Pesquisa Ação-Participação e Epistemologia Qualitativa: convergências ontológicas**

Raquel Souza Lobo Guzzo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, rslguzzo@gmail.com
Mariana Feldmann, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, marianafeldmann2@gmail.com
Soraya Sousa Gomes Teles Silva, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sorayateless@gmail.com

Resumo

O presente trabalho refere-se a um exercício oriundo das investigações e encontros do Grupo de Estudos e Pesquisa: Avaliação e Intervenção Psicossocial: Prevenção, Comunidade e Libertação - Gepinpsi - que tem por meio a pesquisa de campo, e a inserção em escolas públicas, comunidades e populações indígenas. A proposta tem como fundamento a práxis e, nosso objetivo é fortalecer os sujeitos para o enfrentamento e a superação em situações de opressão. Na busca por convergir os fundamentos adotados nas pesquisas, o processo de historicizar as perspectivas da Pesquisa Ação-Participação e da Epistemologia Qualitativa em seu contexto e determinações metodológicas, buscamos apresentar e refletir suas aproximações. Entende-se que esses dois importantes fundamentos ontológicos são convergentes, devido ao contexto latino-americano em que se originaram, um cenário político-econômico-social que deflagra uma relação de dominação e exploração e desigualdade social. Essas duas perspectivas surgem em momentos diferentes, mas com o mesmo desafio de fortalecimento do sujeito e comunidade para o enfrentamento da dominação, a partir da participação. A Pesquisa Ação-Participação, cunhada por Orlando Fals Borda na década de 1960, buscou responder às discussões que envolva os sujeitos em seus contextos, a justiça social e a mudança da realidade, trabalhando de modo colaborativo com comunidades e socializando a produção do conhecimento (Guzzo & Kawamura, 2021/no prelo). Essa forma de pesquisa adentrou o mundo acadêmico daquela

época por meio dos resultados dos trabalhos com comunidades e pela construção de suas próprias ferramentas para a ação social. Sua concepção parte do processo dialético contínuo em que se analisam os fatos concretos, compreendendo o sujeito como um ser histórico-social e participativo, sendo a tomada de consciência o meio fundamental para a mudança das condições opressoras de vida (Fals Borda & Brandão, 1987). A Epistemologia qualitativa, à luz de fundamentos específicos e contrária aos modelos da ciência positivista, rompe com uma importação e produção de ciência hegemônica. Nesta direção, há o resgate do sujeito, em sua singularidade e coletividade, no processo de construção do conhecimento, como também na ênfase do caráter construtivo-interpretativo do conhecimento (González-Rey e Mitjáns Martinez, 2017). Esses caminhos são essenciais para os princípios defendidos nas pesquisas do GEPINPSI na construção de uma sociedade menos desigual, de uma ciência para a libertação e uma prática psicológica nas comunidades em serviço da maioria da população, construindo espaços para indagações e reflexões por meio da ação. Portanto, com compromisso ético-político, cabe a pesquisa e a prática profissional proporcionar condições para o avanço da consciência dos grupos oprimidos, para a transformação da realidade latino-americana.
Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Quais convergências se pode apontar entre a Pesquisa Ação-Participação e a Epistemologia Qualitativa?
Palavras chave: Pesquisa Ação-Participação; Epistemologia Qualitativa; Pesquisa de campo-Psicologia.

Referências:
GONZÁLEZ-REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Campinas-SP: Alínea.2017. 191p.
GUZZO, R. S. L & KAWAMURA, E. A. (2021/no prelo) Participatory-Action-Research: path to Latin American emancipation. In: Luca Tateo (editor). Qualitative Research and Social Intervention: Transformative Methodologies for Collective Contexts. 1. ed. Charlotte: Information Age Publishing, 2021. v. 1. 248p.
FALS BORDA, O & BRANDAO, C. R. Investigación Participativa. Montevideo: La Banda Oriental. 1987.

Trabalho 6: **A atuação do pedagogo na Secretaria de Educação do Distrito Federal: um relato de experiência sobre um trabalho inspirado na Epistemologia Qualitativa**
Weber, Claudia Cavalcante de Carvalho, Secretaria de Educação do Distrito Federal, claudia.weber@edu.se.df.gov.br

Resumo:
A Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) conta com Equipes Especializadas de Apoio à Aprendizagem (EEAA), constituídas por pedagogos e psicólogos, visando o aperfeiçoamento da qualidade dos processos de ensino e de aprendizagem, por meio de ações preventivas e institucionais. Como pedagoga desse serviço, inspirada pela Teoria da Subjetividade de González Rey, tenho tido a oportunidade de construir com os atores que constituem os espaços escolares diferentes eixos de trabalho. Neste relato, pretendo apresentar algumas ações desenvolvidas com professores, gestores, estudantes e famílias de

um Centro de Ensino Médio do DF, tendo como foco a reflexão da Epistemologia Qualitativa (EQ) e a Metodologia construtivo-interpretativa para organização e construção tanto do processo investigativo como do plano de trabalho. Sendo a escola um *lócus* privilegiado dos principais processos educativos intencionais, nos quais intervém, além de fatores pedagógicos, aspectos de ordem subjetiva, relacional e organizacional, compete ao pedagogo não apenas respostas técnicas, mas sobretudo um cuidadoso processo de escuta da instituição. Nesse sentido, compõe este relato, o trabalho de mapeamento das queixas e demandas da escola, o que foi realizado por uma imersão etnográfica, acompanhada de observações, entrevistas, formulários e conversas informais. Todos esses procedimentos estiveram a serviço da compreensão da subjetividade social da escola, sem perder de vista os indivíduos que a constituem. Portanto, integraram essa escuta os elementos emotivos que participam da constituição da subjetividade individual dos envolvidos no processo. Além desses aspectos concernentes aos procedimentos adotados para construção de informações a respeito da escola, enfatizo a dimensão dialógica do trabalho. De fato, em conformidade com a EQ, as ações a serem relatadas foram construídas a partir de situações dialógicas estabelecidas com os atores da escola. Nessas ocasiões, buscamos conhecer nossas subjetividades a partir do diálogo aberto e provocativo de modo a perceber o que pode estar subjetivamente configurado e qual relação com o que estamos buscando compreender em relação à prática de atuação desse indivíduo e como isso pode colaborar com o (re)planejamento de ações que propiciem saltos qualitativos aos processos de ensino e aprendizagem e de desenvolvimento humano. A partir dessas considerações, uma questão: Como possibilitar que a Epistemologia Qualitativa e a metodologia construtivo-interpretativa sejam práticas possibilitadoras do trabalho pedagógico em favor de práxis promotoras de aprendizagem e desenvolvimento?
Palavras-chave: pedagogo do SEAA, subjetividade, Epistemologia Qualitativa.

Referências
GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade:** uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
GONZÁLEZ REY, F. A Epistemologia Qualitativa vinte anos depois. In MITJÁNS MARTÍNEZ, A., GONZÁLEZ REY, F. e PUENTES, R. V. (orgs.). **Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade** [recurso eletrônico]: discussões sobre educação e saúde. EDUFU, 2019. Disponível em: http://www.edufu.ufu.br/sites/edufu.ufu.br/files/ebook_epistemologia_qualitativa_2019.pdf
GONZÁLEZ REY, F; MITJÁNS MARTINEZ, A. **Subjetividade**. Teoria, epistemologia e método. Campinas, Alínea, 2017.

Sessão 2 – 23 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **A construção da subjetividade na adolescência: uma reflexão sobre a constituição de singularidades em uma lógica escolarizada**
Tássia Kristina Silva Coelho, Centro Universitário de Brasília, tassia.coelho@sempreceub.com.br

Luciana de Oliveira Campolina, Centro Universitário de Brasília, luciana.campolina@ceub.edu.br

Resumo
Este estudo investiga os aspectos da subjetividade na adolescência tendo como ponto central a relação dialética entre a constituição de singularidades e a vivência em contexto escolar. A partir de um enfoque histórico-cultural, aborda a articulação entre processos subjetivos, desenvolvimento humano e modelo escolarizado tradicional, considerando a interação dinâmica, contínua e epistemológica entre processos subjetivos e educativos. Apoia-se na Teoria da Subjetividade, analisando o fenômeno da adolescência essencialmente integrado a seus contextos, não isolado e determinado de forma apriorística por mudanças fragmentadas, mas sim, um todo dinâmico, cultural e histórico. Foi realizado um estudo qualitativo adaptado ao ambiente online, implicando em novas possibilidades aos sujeitos da pesquisa no percurso dialógico. Sob uma perspectiva metodológica construtivo-interpretativa, buscou-se o rompimento com a Epistemologia da Resposta, instrumentalizando o estudo a partir da Dinâmica Conversacional e do Conflito de Diálogos. Os processos dialógicos construídos com uma adolescente de 14 anos revelaram que a Escola ainda se fundamenta em bases hegemônicas, com relações verticalizadas e função mercantilista, sendo um ambiente muitas vezes desgastante, não favorecedor ao processo de aprendizagem significativo e portador de mecanismos limitadores de singularidades e protagonismo do aluno, assim como, destaca a importância da relação aluno-professor e revela uma relação que permeia-se continuamente entre questões culturais, históricas e biopsicológicas, tecendo complexas conexões entre sujeito, sociedade e instituições. Os resultados do projeto de pesquisa também provocaram novos olhares para a atuação sujeito-pesquisador diante de um novo contexto digital. Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: A partir do pressuposto que "o conhecimento é uma construção", quais são as novas possibilidades e alertas quanto à inovação instrumental no campo de pesquisa sob o metodologia construtivo-interpretativa diante de uma nova realidade digital?
Palavras-chave: subjetividade; adolescência; pesquisa digital.

Referências
BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), v. 11, n. 1, p. 63-76, jan/jun. 2007.
CAMPOLINA, Luciana de Oliveira; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos de. Aspectos semióticos da transição infância-adolescência: o contexto da escola. Psicologia Argumento, Curitiba, v.30, n.70, p. 537-546, jul/set. 2012.
CASTRO, Lucia Rabello; NASCIMENTO, Emilia Matos do. Politizar as relações entre jovens e adultos? A construção da experiência escolar pelos estudantes. Estudos de Psicologia, v.18, n. 2, 359-367. 2013.
GONZÁLEZ REY, Fernando. Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage, 2010.
GONZÁLEZ REY, Fernando; GOULART, Daniel Magalhães. Teoria da Subjetividade e educação: entrevista com Fernando González Rey. Obutchénie: R. de Didat. e Psic.Pedag v.3, n.1, p. 13-33, jan/abr.2019.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar - avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez Editora, 2017.
MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando; PUENTES, Roberto Valdéz. Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre Saúde e Educação. EDUFU, 2019.
PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. Desenvolvimento Humano. 12.ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria. Adolescência através dos séculos. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.26, n.2, p 227-234, abr/jun.2010.

Trabalho 2: **Subjetividade e políticas de inclusão na Educação Superior: sistemas de ação profissional orientados aos processos de implementação e avaliação**

Rafael Mauricio Castanho, Instituto Federal de Santa Catarina, rafael.castanho@ifsc.edu.br
Norma da Luz Ferrarini, Universidade Federal do Paraná, normadaluz@ufpr.br

Resumo
Nas últimas décadas, o Brasil tem observado um expressivo movimento de expansão e interiorização de Universidades e Institutos Federais, acompanhado da implementação de políticas públicas e programas institucionais voltados à inclusão de segmentos marginalizados e grupos minoritários da sociedade nos seus cursos superiores, o que têm produzido transformações nesses espaços - historicamente elitizados e excludentes - no sentido da busca pela democratização do acesso, da produção e da socialização do conhecimento produzido nessas instituições. Os/os Psicólogos/as, que de forma crescente têm sido chamados a contribuir com seus saberes e práticas nas Instituições de Educação Superior (IES), têm o dever de levar em consideração esse movimento e contribuir para a efetivação dessas políticas, trabalhando para sua implementação e contribuindo com a sua avaliação. Acreditamos que a construção de sistemas de ação profissional pode ser uma alternativa viável na superação de práticas instrumentais em Psicologia, pois apresenta uma concepção dialógica, orientada ao desenvolvimento da subjetividade, nos níveis individual e social, além de priorizar a participação e o engajamento dos indivíduos e grupos sociais a quem essas políticas se destinam, os estudantes, na imprescindível tarefa de potencializar suas vozes e posicionamentos de forma ativa, enquanto sujeitos dessas políticas. Para isso é necessário que esses trabalhadores abdiquem de um lugar de pretensa neutralidade e que assumam um compromisso ético-político com os interesses das classes populares e setores marginalizados da sociedade, superando uma visão meritocrática, adaptacionista e individualizante dos processos formativos no âmbito da Educação Superior. Diante do exposto, inserimos a seguinte questão para debate no Grupo de Discussão temática: de que forma a Epistemologia Qualitativa e o Método Construtivo-interpretativo podem contribuir com a construção dessas práticas, orientadas à implementação e avaliação dessas políticas?
Palavras chave: Políticas de inclusão - Educação Superior - Subjetividade

Referências

CASTANHO, R. M. **Educação Superior nos Institutos Federais: políticas inclusivas e produções subjetivas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 2019.
FERRARINI, N. L.; CAMARGO, D. Contribuições da Psicologia Social e da Psicologia Educacional voltada para o ensino superior na perspectiva histórico-cultural. IN: FERRARINI, N. L.; CAMARGO, D. (org.). **Desconstrução da trajetória de formação de psicólogos**: o Enade sob o olhar de duas universidades. Curitiba: UFPR, 2017.
GONZÁLEZ REY, F. L.; GOULART, D. M.; BEZERRA, M. DOS S. Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. **Educação**. v. 39, n. 4, p. s54-s65, 31 dez. 2016. DOI: http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2016.s.24379
RISTOFF, D. Democratização do campus: impacto dos programas de inclusão sobre o perfil da graduação. **Cadernos do GEA**. n. 9. Rio de Janeiro: FLACSO/GEA/UERJ, 2016.

Trabalho 3: **La epistemología y formación del conocimiento ético ambiental en entornos rurales de la Educación Primaria**

Irina Lozada Sotelo, Institución Seminternado de Primaria Pedro Marrero Aizpurúa.
ilozadas@ce26.sc.sc.rimed.cu
Eumelia Victoria Romero Pacheco, Institución Facultad de Ciencias Naturales y Exactas eumelia@uo.edu.cu
Alexis Céspedes Quiala, Institución Centro de Estudios Pedagógicos Manuel F. Gran. alexiscq@uo.edu.cu

Resumen
La aplicación de los fundamentos epistemológicos orientados a la formación del conocimiento ético ambiental, guarda relación con la investigación y la práctica pedagógica, al constituir elementos esenciales del proceso educativo. En el lenguaje de las ciencias contemporáneas, el término epistemología adquiere relevancia al referirse a la estructura, lógica y resultados de la investigación y las teorías científicas que exponen los resultados de la gestión cognoscitiva escolar. Sobre el tema, se percibe una marcada influencia epistemológica sobre los procesos educativos por ser un poderoso recurso de la ciencia. Desde el estudio de las ciencias sociales, con el estudio que se propone, se enfatiza en el carácter cultural y socioeducativo ambiental de las ciencias ambientales y, la condicionante hacia nuevos estilos de vida que propician una actitud responsable hacia el cuidado ambiental. A partir de estas consideraciones, se propone la necesidad de una Epistemología educativa ambiental, que coloque en el centro de atención el desarrollo del conocimiento; para lo cual la aplicación de un modelo pedagógico de formación ambiental apuesta por la construcción del conocimiento ético ambiental en los alumnos de la Educación Primaria que asisten a escuelas rurales y multigrado en Santiago de Cuba. Esta propuesta es coherente con la Epistemología Cualitativa; debido a su carácter constructivo-interpretativo del conocimiento ambiental; que logra mediante la puesta en práctica del modelo, el diálogo, dominio e interpretación de los contenidos ambientales y, se materializa en la dimensión axiológica-participativa potenciando la formación de actitudes ambientales en los alumnos de la Educación Primaria en escuelas del contexto rural. La teoría de la subjetividad que apoya este artículo constituye un referente desde las ciencias sociales. Para la

interpretación de los resultados obtenidos, se asumen criterios de investigaciones realizadas por González-Rey, al considerar la importancia de sus investigaciones, acerca del estudio de la personalidad en una perspectiva cultural-histórica. Dada la importancia de la propuesta para la sistematización de conductas sociales responsables, se significa que la experiencia pedagógica, da lugar a una epistemología dialógica orientada a la transformación de las acciones de los actores implicados en su contexto. Para concluir e iniciar debate: Analice la siguiente expresión: "No hay hechos puros, los hechos se configuran según las teorías, las creencias y los valores que sustentan quienes las defienden"
Inicio debate: ¿De qué forma concibes los conceptos sentido subjetivo y configuración subjetiva?
El cuidado ambiental, constituye una cuestión de primer orden en nuestra sociedad actual: ¿Cómo contribuirías desde su posición académica en la formación epistemológica del pensamiento subjetivo hacia el cuidado ambiental?
Palabras clave: Subjetividad. Modelo pedagógico. Epistemología

Referencias
González, Fernando, Mitjáns, Albertina. Una epistemología para el estudio de la subjetividad: Sus implicaciones metodológicas. Psicoperspectivas, vol. 15, no. 1, Valparaiso, Brasil, ene. 2016.
González, Fernando, Patiño, José Fernando. La Epistemología Cualitativa y el estudio de la subjetividad en una perspectiva cultural-histórica. Conversación con Fernando González Rey. Revista de Estudios Sociales, no. 60. Bogotá, abril/junio, 2017
Riverón, Francisco Felino. Notas para comprender la Epistemología de las Ciencias Sociales. Revista Didáctica y Educación, vol, no. 4, no. 6, monográfico especial, septiembre, 2013.

Trabalho 4: **"Tras las huellas de la subjetividad": el papel de la subjetividad y de la metodologia cualitativa en ciencias de la salud.**
Héctor Camilo Sánchez Beltrán; Universidad de Guadalajara; camilo.sanchez@academicos.udg.mx
Eva Esther Avelar Gutiérrez; Universidad Guadalajara LAMAR; eva.avelar@gmail.com

Resumen
Ante el avance acelerado de la Metodología Cualitativa, considero primordial hacer un alto en el camino para reflexionar sobre el proceso epistemológico que le da sustento, esto es la subjetividad.
La emergencia de la subjetividad significó un cambio de paradigma para mostrar la otra cara de la realidad y desarrollar una perspectiva radical. Recién en las últimas décadas, el giro epistemológico hacia la complejidad ha permitido que comenzáramos a dar cuenta de la multidimensionalidad que se abre cuando pasamos de las metáforas mecánicas al pensamiento complejo, que toma en cuenta las interacciones dinámicas y las transformaciones. El proceso de subjetivación trajo consigo el desarrollo metodológico llamado cualitativo y que permite abordar los problemas, en particular la Salud, con un enfoque

humanista y de “objetivación”. Desde esta perspectiva conceptual el sujeto no es lo dado biológicamente, ni un “psique” pura, sino que el sujeto adviene y deviene en el intercambio en un medio social humano en un mundo complejo. Su aplicación a las ciencias de la Salud, la subjetividad determina una serie de conceptos, alejados de la visión clínica positivista, un desarrollo teórico y metodológico y establece una perspectiva desde el sujeto y su experiencia con la Salud. La investigación de los problemas de Salud, permite obtener características generales y particulares de los perfiles de Salud-Enfermedad de la población. La Investigación Cualitativa en Salud es una herramienta de comprensión, análisis e interpretación de las experiencias subjetivas del padecimiento y permite tanto al clínico como al investigador profundizar en la forma en que cada persona vive un malestar físico y mental.
Palabras-clave: Subjetividad, Metodología Cualitativa, Salud

Referencias
Cruz, Manuel (1996) TIEMPOS DE SUBJETIVIDAD; Editorial Paidos Básica; España.
Deslauries, Jean-Pierre (2004) INVESTIGACIÓN CUALITATIVA; Editorial Papiro, Colombia.
González Rey, F. y Mitjans Martínez, M. (2017). El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación y Desarrollo Humano, 13(2), 3-20.
http://psicologia.udg.edu/PTCEDH/menu_articulos.asp

Trabalho 5: **La Educación familiar con base en la Teoría de la Subjetividad**
María del Toro Sánchez, Universidad de Oriente, mtorosanchez@gmail.com
Clara Ofelia Suárez Rodríguez, Universidad de Oriente, clara.ofelia.suarez@gmail.com
Yolanda Mercerón Figarola, Universidad de Oriente, yolanda.merceron@gmail.com
Adonis Lucas Verdecia Ortiz, Universidad de Oriente, verdeciado46@nauta.cu

Resumen
La urgencia de la educación familiar ha revelado la necesidad de movilizar las influencias educativas en busca de la formación integral de los estudiantes, de manera que se exprese la significación que tiene para ellos insertarse, armónicamente, en un área tan importante de la vida como es la familia. Se valoraron los resultados en la aplicación de los test de prácticas parentales y sintomatología depresiva en grupos de adolescentes de Secundarias Básicas de la ciudad de Santiago de Cuba (Suárez, Mercerón, Del Toro, Verdecia y Rojas, 2019). En las prácticas parentales que madres y padres establecen con sus hijos e hijas predominaron relaciones que no siempre aprovecharon, en toda su potencialidad la comunicación afectiva, no favorecieron la autonomía, y se constata la existencia de sintomatología depresiva en muchos de estos adolescentes. A partir de la necesidad de crear dinámicas de intervención psicosocial potenciadoras del sentido subjetivo (González, 2016) que guardan las relaciones parentales para los hijos e hijas adolescentes y sus padres, se propone encauzar la educación familiar de manera que sea generadora de recursos subjetivos y contribuya a potenciar el desarrollo en sus participantes. La propuesta de intervención se sustenta en la Teoría de la Subjetividad (González, 2010), desde su referente Histórico Cultural, que reconoce el carácter social, cultural

e histórico del proceso de constitución de la subjetividad y aporta argumentos para comprender que en el desarrollo de los estudiantes no participan de manera directa las influencias externas de las figuras educativas de padres, madres y maestros, en tanto no adquieran, el sentido que los guie a insertarse en múltiples espacios, para promover la resignificación de sus experiencias vividas en sus familias y de manera autónoma participar en la configuración subjetiva de sus procesos de salud (González, 2010).
Pregunta para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Por qué resulta esencial, desde esta Teoría; incluir el diálogo en la comunicación como soporte metodológico para movilizar la constitución de los sentidos subjetivos?
Palabras-clave Familia, subjetividad, intervención

Referencias
GONZÁLEZ REY, Fernando. Las categorías de sentido, sentido personal, y sentido subjetivo en una perspectiva histórico: un camino hacia una nueva definición de subjetividad. Universitas Psychologica, Bogotá, Colombia, Vol. 9, núm.1, pp. 241-253, enero /abril, 2010.
GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS Albertina; BEZERRA Marilia. Psicología en la educación: Implicaciones de la subjetividad en una perspectiva cultural – histórica. Revista puertorriqueña de psicología, Puerto Rico, Vol. 27, núm. 2, pp. 260 – 274, julio – dic. 2016.
SUÁREZ, Clara; MERCERÓN, Yolanda; DEL TORO, María; VERDECIA, Adonis; ROJAS, Rosa María. Prácticas parentales y sintomatología depresiva en adolescentes Cubanos. Revista Iberoamericana de Psicología, Colombia, Vol.12, núm.1, pp. 19-30, 2019.

Sessão 3 – 29 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00. Discussão final.

Eixo temático: 3. Processos de desenvolvimento subjetivo em diferentes contextos (17 trabalhos)

Coordenadora: Maristela Rossato – Universidade de Brasília

Temas centrais para o debate:

- Diferenças e relações entre desenvolvimento psíquico e desenvolvimento subjetivo;
- O conceito de configuração subjetiva do desenvolvimento e o lugar do sujeito;
- Desafios da utilização da metodologia construtivo- interpretativa na pesquisa do desenvolvimento subjetivo.

Sessão 1 – 22 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **A Internacionalização na educação superior como processo de desenvolvimento subjetivo**

Tavares-Santos, Valdiceia, Secretaria de Educação do Distrito Federal/Universidade de Brasília, tavaresvaldiceia40@gmail.com
Da Silva, Kleber Aparecido, kleberunicamp@yahoo.com.br

Resumo

Atualmente, valoriza-se a experiência internacional na educação como possibilidade para o desenvolvimento tecnológico, científico e de relações mais tolerantes e solidárias. Assim sendo, a internacionalização na educação busca contribuir com o desenvolvimento individual e social, construindo relações de aceitação da diversidade cultural, pois oportuniza vivências interculturais. O processo de Internacionalização pode desenvolver competências interculturais nos participantes e torná-los mais humanos, mais solidários, compreensivos e tolerantes à diversidade humana (LUNA, 2018). Essas oportunidades ocorrem na mobilidade ou no espaço da sala de aula, que é plural e multicultural e constituída de múltiplas identidades. Internacionalizar é provocar a tensão sobre a heterogeneidade humana e romper com o modelo de hierarquização de saberes, quando há reconhecimento do Outro, inicia o processo de compreensão da singularidade humana (SOUZA, ABBA e STRECK, 2020). Na internacionalização é necessário valorizar o desenvolvimento da tolerância e preparação para uma sociedade plural, ou seja, a formação do cidadão global. Diante dessas reflexões depreende-se que o processo de internacionalização na educação é um fenômeno complexo e singular, que se expressa na subjetividade social da universidade e na subjetividade individual de seus participantes em múltiplas dimensões. O processo de internacionalização é um processo de desenvolvimento subjetivo. Considerando subjetividade como: "...um sistema simbólico-emocional orientado á criação de uma realidade peculiarmente humana, a cultura, da

qual a própria subjetividade é condição de seu desenvolvimento e dentro da qual tem a sua própria gênese, socialmente institucionalizada e historicamente situada (GONZÁLEZ REY, 2017, p. 27)". Pois a mobilidade física ou virtual no campus pode provocar a tensão nos participantes desse processo, essa tensão possibilita a emergência de sentidos subjetivos que se relacionam a produções que também, emergem nas experiências de vida dos outros espaços de vida dos participantes em outros espaços de vida e expressam-se na forma como relacionam-se com o processo de internacionalização ou nos espaços de tensão criados nesse processo. A complexidade da constituição dessas produções podem adquirir certa estabilidade na constituição desses indivíduos, constituindo uma configuração subjetiva favorecedora de desenvolvimento humano. A internacionalização da educação pode gerar uma desierarquização de poder ao colocar a diversidade cultural em contato. Porém, a relação entre culturas não garante a condição de desenvolvimento do estudante, dos docentes ou demais envolvidos. O diálogo com outra cultura e com outro contexto pode ser gerador. Partimos do princípio que esses diálogos poderão implicar "contradições, rupturas, abertura de caminhos, onde novos processos do relacionamento aparecem associados a novas produções subjetivas dos indivíduos em diálogo" (GONZÁLEZ REY, 2017, p. 29). Há que se concluir que, o desenvolvimento subjetivo é singular e não está assegurado por nenhum tipo de experiência, mas pela constituição de cada indivíduo e grupo social, em seus espaços de tensão e de mobilização de recursos pessoais.
Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: A internacionalização na educação tem sido considerada como processo subjetivo em sua proposição, planejamento e avaliação?
Palavras chave: Internacionalização, Interculturalidade e Desenvolvimento subjetivo

Referências
GOZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTINEZ, A. **Subjetividade:** Teoria, epistemologia e método. Campinas- SP: Alínea, 2017.
LUNA, J. M. F. D. Internacionalização do currículo e educação intercultural: aproximações á luz da sociologia das ausências e da sociologia das emergências. In: LUNA, J. M. F. D. **Internacionalização do Currículo:** Educação, interculturalidade, cidadania global. Campinas- SP: Pontes Editora, 2018.
SOUZA, C. S. S. D. S.; ABBA, M. J.; STRECK, D. R. A Internacionalização como processo de mudança: uma entrevista com Jane Knight. **Educação Temática Digital**, Campinas- SP, 2020.

Trabalho 2: **Educação profissional e desenvolvimento subjetivo: uma análise das contribuições do processo de retomada da formação profissional para a constituição subjetiva de uma estudante**

Dagma Ferreira Alves, Secretaria de Educação do Distrito Federal, dagmafalves@gmail.com
Elisângela Duarte Almeida Mundim, Secretaria de Educação do Distrito Federal, elisdamundim@gmail.com

Resumo
Este estudo tem como objetivo explicar o desenvolvimento da subjetividade, a partir do movimento de recursos subjetivos de uma estudante em relação ao seu processo de

constituição de sua formação profissional, bem como identificar os recursos subjetivos relativos ao processo de formação profissional dessa estudante no contexto do CEP-ETP. Para tanto, é apresentado um estudo de caso de uma aluna vinculada a uma escola técnica situada no Distrito Federal. Este artigo chama a atenção para uma mulher que em seu contexto e atividades tornou-se aluna da Educação Profissional, enfrentou desafios e criou estratégias para conseguir alcançar a profissionalização. A base teórica utilizada é a da Teoria da Subjetividade de González Rey, em uma perspectiva cultural-histórica, juntamente com pressupostos epistemológicos e metodológicos que integram a Epistemologia Qualitativa, (GONZÁLEZ REY, 2005) que por sua vez adota o método construtivo-interpretativo como norteador das análises referente ao objeto estudado. Foram utilizados, como principais instrumentos, conversas informais, completamento de frases, visão pessoal de filmes, da biografia, análise de fotos, literatura, objetivando favorecer a expressão da participante sobre a temática estudada. González Rey propõe que o sentido subjetivo define-se pela constituição histórica no nível subjetivo, das diferentes atividades e relações significativas na constituição do sujeito (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 174). A história dessa mulher é uma forma de retratar a importância da instituição educacional e da constituição subjetiva dessa aluna. Observar quais as necessidades trazem consigo, como foi sua trajetória para chegar no contexto da educação profissional, em que espaços transitou, como foi sua formação e quais vínculos estabeleceu com a educação, assim entenderemos de que forma a profissionalização trouxe contribuições para a sua constituição subjetiva. Participaram da pesquisa uma docente da Educação profissionalizante vinculada a Coordenação Regional de Planaltina como pesquisadora e uma estudante egressa do Curso Técnico em Nutrição cursado na Instituição de atuação da pesquisadora em Planaltina-DF. A Subjetividade representa um processo singular no qual o indivíduo assume uma configuração que se sustenta em produção e manifestação que não é definida apenas por uma expressão racional, mas por uma expressão simbólico-emocional, que caracteriza diferentes espaços e áreas da vida humana (GONZÁLEZ REY, 2007, p. 129). No decorrer do estudo foi possível através da dialogicidade e das reflexões obtidas através dos instrumentos metodológicos utilizados pela pesquisadora construir informações que se configuraram como experiências que constituíram a trajetória da estudante e acionaram o desenvolvimento desta não apenas profissional, mas também pessoal. O estudante deverá ser capaz de compreender tais saberes, viver situações vivenciais concretas e realizar a “leitura do mundo” em condições de compreendê-lo e promover mudanças qualitativas em seu espaço de convivência (DISTRITO FEDERAL, 2018). Este estudo não traz formulações conclusivas, porém auxilia a reflexões importantes para a análise do desenvolvimento de estudantes e como a educação profissional pode possibilitar com o desenvolvimento de estratégias que possibilitem o diálogo, a crítica, a reflexão dos sujeitos que dela participam potencializando uma construção que possibilite o acesso, a permanência e o desenvolvimento não apenas no campo profissional, mas como pessoa que em sua singularidade tenha condições de avançar no conhecimento de sua condição e constituir novos espaços e desafios capazes de fluir e construir novos desafios para alcançar novas tensões e sentidos subjetivos capazes de ampliar e gerar novos saberes.

Palavras chave: desenvolvimento da subjetividade, aprendizagem, formação profissional.

Referências

DISTRITO FEDERAL. Currículo em Movimento da Educação Básica, cadernos: Pressupostos Teóricos e Caderno 6. Educação Profissional e a Distância. 2ªed. SEEDF, 2018.
GONZÁLEZ REY, Fernando Luís Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2003
GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo, SP: Thomson, 2005
GONZÁLEZ REY, F. Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

Trabalho 3: **Tríade "tempo, contexto e processo": constituições da vida adulta no contexto da educação superior**

Claudia Gomes, Universidade Federal de Alfenas, claudia.gomes@unifal-mg.edu.br
Vera Lúcia Trevisan de Souza, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, vera.trevisan@uol.com.br

Resumo
Subsidiada pelo aporte teórico-metodológico da Psicologia Histórico-cultural, e mais precisamente, pelas discussões lançadas por Fernando Gonzalez Rey, este relato de experiência tem o objetivo de analisar as contribuições da Psicologia Escolar na criação de espaços e ações promotoras de ressignificação e desenvolvimento acadêmico/profissional na universidade. Para tanto, este estudo apresenta como proposição de análise do processo de desenvolvimento na vida adulta, a configuração de uma tríade, composta pelos elementos *"tempo, contexto e processo".* A definição do elemento *tempo* objetiva impulsionar a Psicologia Escolar às interfaces políticas, sociais, econômicas, a partir da análise de um desenvolvimento fundante as dimensões materiais da vida, portanto temporalmente datadas e definidas. Por *contexto,* compreende-se as vinculações sociais estabelecidas em um meio social em constante transformação marcado pelas transformações interacionais, comunicacionais, culturais, relacionais e profissionais presentes na vida contemporânea. E por *processo*, define-se como elemento de análise o campo individual e singular de significação das relações e condições vivenciadas pelos sujeitos durante o longo processo de constituição da vida adulta. Ou seja, os desafios vivenciados no tempo, somados as demandas do contexto, deflagram a necessidade urgente de intervenções no *processo* de desenvolvimento em suas formas e interações subjetivadas, com base em ações que propiciem espaços de significação desta realidade, por meio de outras/novas situações sociais do desenvolvimento. Trata-se de elementos de análise já indicados pela Psicologia ao longo da sua constituição enquanto ciência, no entanto, fundamentadas a partir de referenciais teóricos distantes e muitas vezes descompassados. O que se propõe com o estabelecimento de uma *tríade tempo, contexto e processo*, é favorecer uma compreensão do desenvolvimento humano na vida adulta, considerando os elementos, históricos e políticos; sociais e econômicos; culturais e individuais; racionais e afetivos; materiais e subjetivos, a um só tempo. E para tanto, a compreensão do processo de *subjetivação* estabelece a ponte entre a individualidade impossível de ser resgatada e considerada em sua gênese e os processos de socialização, que dependem, de modo central, de um sistema de intercâmbio cultural, mas que por outro lado preserva uma

singularidade do indivíduo (Gonzalez Rey, 2004). Defendemos que a possibilidade de se analisar a intersecção dos elementos da subjetivação, tomados neste texto, como a tríade tempo, contexto e processo, vem a direcionar uma nova via de vinculação ao processo de desenvolvimento na vida adulta. Pois serão esses processos de subjetivação que direcionarão a apropriação de significados e configuração de sentidos acerca das vivências, que poderão trilhar novas correspondências do sujeito ao contexto ao qual está inserido.
Palavras chave: Educação Superior; Vida Adulta; Subjetivação.

Referências
GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 24, p. 155-179, 2007.
_____. **O social na psicologia e a psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2004b.
_____. **Pesquisa qualitativa em psicologia:** caminhos e desafios. São Paulo: Thomson Learning, 2002.
_____. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2003.
_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade:** os processos de construção da informação. São Paulo: Thomson Learning, 2005.

Trabalho 4: **Subjetividad y Sujeto en el espacio Político. El caso de estudiantes secundarios en Chile**
Cristofer Cárdenas, Universidad Autónoma de Chile, cristofer.cardenas@cloud.uautonoma.cl
Jerson Castillo, Universidad Autónoma de Chile, jerson.castillo@cloud.uautonoma.cl
Pool Rubilar, Universidad Autónoma de Chile, pool.rubilar@cloud.uautonoma.cl
Catherine Muñoz, Universidad Autónoma de Chile, catherine.munoz@uautonoma.cl

Resumen
La generación de estudiantes secundarios chilenos según Ravelo (2017) ha protagonizado diversos movimientos estudiantiles siendo participes en el espacio público con otros diversos grupos y actores sociales. La importancia de la construcción política de los secundarios es vital para el entendimiento y funcionamiento del ámbito político de un país que busca la cohesión entre sus partes. Dentro de este marco existe un amplio distanciamiento de las instituciones del estado chileno con los grupos estudiantiles, ya que la política actual no ha sido capaz de atender o subsanar las demandas de la pluralidad estudiantil, como con la de la sociedad en general. Por medio de las diversas movilizaciones estudiantiles, como según Torres, las del año 2006, 2011 o 2018 y grupos sociales conformados por adolescentes han podido llevar al pedestal temas controversiales (sexismo, machismo, adultocentrimo y trabajos no remunerados) que son de carácter privado al ámbito publico para ser cuestionados y deconstruidos culturalmente para reformularlos en construcciones morales y valóricas nuevas. Estos hechos sociales han impactado la subjetividad colectiva, pudiéndonos preguntar ¿Son los jóvenes los portadores y sujetos creadores de nuevas subjetividades? ¿Aparece en el imaginario juvenil nuevas formas de relación y de convivir igualitaria e inclusivamente? ¿Existen motivos

dentro de la subjetividad adolescente que impulsen la participación política y como estos se comparten o difieren dentro de los entrevistados? Se realizaron 8 entrevistas biográficas a jóvenes secundarios para abordar estas cuestiones. Hasta el momento, los hallazgos, dan cuenta de una concepción de política de la vida cotidiana: la comprensión de que lo político se vive en las relaciones familiares, comunitarias y sociales. También se observan límites entre la concepción de poder con incidencia política en lo familiar y barrial, en lo territorial, no así en la administración del Estado, donde ubican a "los políticos y los partidos", fuertemente desprestigiados en el país. Sentimientos de confianza, cohesión y alegría se ubican cercanos a la acción territorial, la rabia, injusticia y desconfianza en torno a los políticos y partidos. Todo lo anterior da cuenta de una concepcion de participación radical al concebir los asuntos sociales como asuntos políticos.
Los resultados se discuten en torno a la concepción de sujeto político de González Rey, que plantea la subjetividad política como un aspecto de la subjetividad del sujeto, en lugar de una subjetividad diferenciada. Se observa entonces la emergencia de un sujeto en lo político, en tanto procura el cambio de las circunstancias de la vida familiar y comunitaria, de los suyos cercanos y de quienes siente cercanos solidariamente.
Palabras-clave: Sujeto político, Subjetividad, Estudiante secundario.

Referencias
AGUILERA, Oscar. Generaciones: movimientos juveniles, políticas de la identidad y disputas por la visibilidad en el Chile neoliberal. CLACSO. 2014.
GONZÁLEZ REY, Fernando**.** Sentidos subjetivos, lenguaje y sujeto: Avanzando en una perspectiva postracionalista en psicoterapia. Rivista Di Psichiatria. Vol 46, No (5–6), p. 310–314. 2011.
RAVELO, Marcia. y RADOVIC, Yubitza. Representaciones de lo político en estudiantes secundarios en Santiago de Chile: resignificando el sentido de la formación ciudadana. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud. Vol 16, No 1, p 389–402. 2018. https://doi.org/10.11600/1692715x.16124
TORRES, Alfonso. Organizaciones populares, construcción de identidad y acción política. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud. Vol 4, No 2, p. 167-199. 2006. https://redib.org/Record/oai_articulo544345-organizaciones-populares-construcci%C3%B3n-de-identidad-y-acci%C3%B3n-pol%C3%ADtica

Trabalho 5: **Estudio cualitativo acerca de los significados sobre la sensibilidad parental en estudiantes de educación superior**
Nelson Valdés, Universidad Santo Tomás. nvaldez7@santotomas.cl
Diana Gómez, Universidad Santo Tomás. dgomezga@santotomas.cl
Francisca Riveros, Universidad Santo Tomás. f.riverosr@alumnos.santotomas.cl
Francisca Soto, Universidad Santo Tomás. f.sotoc3@alumnos.santotomas.cl

Resumen
La salud mental de los estudiantes universitarios es un campo que va tomando mayor relevancia dado que la evidencia científica sugiere que es una población vulnerable para sufrir

problemas de salud mental (Antúnez, et al., 2013; Baader, et al., 2014; Rossi et al., 2019). Dentro de este grupo situamos a los estudiantes que son padres/madres y que deben compatibilizar su rol de crianza con el de estudiantes, suponiendo para muchos de ellos desafíos de mayor o menor medida. Se ha visto que el estrés afecta especialmente a este grupo y a su vez, altos niveles de estrés inciden en la capacidad de responder adecuada y sensiblemente a las demandas del niño, afectando negativamente el vínculo madre-niño/a o padre-niño/a (Abidin et al., 1992) su percepción de eficacia parental (Farkas & Valdés, 2010), y su capacidad de mentalización. En este trabajo se busca comprender cómo los padres y madres universitarios le otorgan significados a su sensibilidad parental, los procesos de mentalización y la autoeficacia parental enfocándose en la subjetividad de los participantes, entendida ésta como una producción simbólica-emocional (Diaz-Gómez, González, 2005; González, 2008) donde se entiende a un sujeto en acción y en relación con otros, siendo permanentemente confrontado con un contexto que le permite organizar su propia subjetividad respecto de lo que significa ser madre o padre en este momento vital. **Método:** se utilizó una metodología cualitativa con el fin de acceder a las experiencias subjetivas de los padres/madres respecto a la relación de estas variables. Se realizaron entrevistas individuales en profundidad, semiestructuradas, a 11 participantes durante el contexto de confinamiento. Se realizó un análisis de codificación abierta, de acuerdo con la teoría fundamentada. **Resultados**: Se describen algunos estresores y demandas asociadas al rol parental que indicaron sentir una mayor frustración por las actividades propias del doble rol y las dificultades para cumplir con éstas. Los participantes relacionaron la sensibilidad parental con la habilidad de regular y contener emocionalmente a los hijos e hijas, explorando las razones de sus conductas y emociones (mentalización) y estableciendo límites adecuados y congruentes con su rol. Los participantes manifiestan un desconocimiento al concepto de autoeficacia, pero a partir de las prácticas cotidianas y su subjetividad la asociaron al concepto de sensibilidad como un proceso de aprendizaje individual permanente, que les permitía valorar su rol en función de la adecuación o inadecuación en su desempeño.

Palabras clave: Sensibilidad, Mentalización, percepción de eficacia parental, estudiantes universitarios

Referencias

Abidin, R.R., Jenkins, C.L., & McGaughey, M.C. (1992). The relationship of early family variables to children's subsequent behavioral adjustment. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 21, 60-69.

Antúnez, Z., & Vinet, E.V. (2013). Problemas de salud mental en estudiantes de una universidad regional chilena. *Revista médica de Chile, 141*, 209-216.

Baader, T., Rojas, C., Molina, J.L., Gotelli, M., Alamo, C., Fierro, C., ... & Dittus, P. (2014). Diagnóstico de la prevalencia de trastornos de la salud mental en estudiantes universitarios y los factores de riesgo emocionales asociados. *Revista chilena de neuro-psiquiatría, 52*(3), 167-176.

Belsky, J., & Fearon, R. (2002). Early attachment security, subsequent maternal sensitivity, and later child development: Does continuity in development depend upon continuity of caregiving? *Attachment & Human Development, 4*, 361-387. https://doi.org/10.1080/14616730210167267

Diaz-Gómez, A., Gonzalez, F. (2005). Subjetividad: una perspectiva histórico cultural. Conversación con el psicólogo cubano Fernando González Rey. *Universitas Psychologica, vol. 4(3).* 373-383
Farkas, C., & Valdés, N. (2010). Maternal stress and perceptions of self-efficacy in socioeconomically disadvantaged mothers: An explicative model. *Infant Behavior and Development, 33*, 654-662.
Gonzalez, F. (2008). Subjetividad social, sujeto y representaciones sociales. *Diversitas v.4 n.2*
Rossi, J.L., Jimenez, J.P., Barros, P., Assar, R., Jaramillo, K., Herrera, L., ... & Martínez, F. (2019). Sintomatología depresiva y bienestar psicológico en estudiantes universitarios chilenos. *Revista Médica de Chile, 147,* 579-588.

Trabalho 6: **A constituição da subjetividade de estudantes em práticas de promoção de saúde no contexto da educação superior**

Crislaine Luisa Araújo, Universidade Federal de Alfenas, crislaine.araujo@unifal-mg.edu.br
Cláudia Gomes, Universidade Federal de Alfenas, claudia.gomes@unifal-mg.edu.br

Resumo
Com base nos postulados da Psicologia Histórico Cultural, mais precisamente, os estudos de González Rey, este estudo, parte da premissa de que a Educação Superior, não contempla efetivamente o desenvolvimento afetivo e relacional dos acadêmicos, ao desconsiderar que os contextos universitários, são atravessados por demandas não só objetivas, mas fundamentalmente subjetivas para a constituição do desenvolvimento humano na vida adulta. Para tanto, a pesquisa lança como objetivo analisar os elementos que compõem a subjetividade social e subjetividade individual de estudantes em práticas de promoção de saúde no contexto da Educação Superior. O estudo se baseia no desenvolvimento de uma pesquisa-intervenção, desenvolvida a partir dos postulados da Epistemologia Qualitativa e desenvolvida no interior de uma Universidade Federal Sul Mineira. Para tanto, foram convidados para participação da pesquisa, doze discentes de graduação dos cursos de Licenciatura em Física, Licenciatura em Letras, Biomedicina, Medicina, Odontologia, Bacharelado em História, Licenciatura em Ciências Biológicas, cursando entre o 1º e 8º períodos. A realização da pesquisa se deu por meio de grupos de discussão, onde foram realizados sete encontros semanais de discussões, ao longo do segundo semestre de 2018, com o objetivo de desvelamento das condições e constituições da vivência universitária. O recurso metodológico utilizado para a realização das intervenções foi o uso de diferentes materialidades mediadoras, dentre as quais se destacam, os poemas, fotos, figuras e pinturas que foram observadas, analisadas e debatidas de forma grupal e coletiva entre os acadêmicos. As intervenções objetivaram problematizar elementos de vivências acadêmicas que permeiam o desenvolvimento humano na vida adulta. Por meio da constituição de núcleos de significação foi possível a constituição de dois núcleos: 1) DO SOCIAL AO INDIVIDUAL: desafios da constituição da formação acadêmica, com os indicadores de mérito acadêmico científico baseado na ótica conteudista, competitividade e vinculação à vivência acadêmica, e novas demandas curriculares e formatos didáticos e metodológicos; 2) DO INDIVIDUAL AO SOCIAL: percalços vividos no processo de desenvolvimento humano, com indicadores como o sentimento de culpa, fracasso e busca por resistência; individualidade e

sentimento de solidão; e interesses pessoais e projeto de vida. A presente pesquisa indica um campo importante de atuação da Psicologia Escolar no contexto da Educação Superior, na busca de construir esforços e estratégias adequadas para promoção de saúde e desenvolvimento discente, a partir de propostas as relações dentro da Universidade e as vivências acadêmicas, que possibilitem campos de subjetivação promotoras de desenvolvimento humano na idade adulta.
Palavras-chave: Educação Superior, Promoção de Saúde, Subjetividade.

Referências
GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 24, p. 155-179, 2007.
_____. **O social na psicologia e a psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2004b.
_____. **Personalidade, saúde e modo de vida.** São Paulo: Thomson Learning, 2004a.
_____. **Pesquisa qualitativa em psicologia:** caminhos e desafios. São Paulo: Thomson Learning, 2002.
_____. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2003.
_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade:** os processos de construção da informação. São Paulo: Thomson Learning, 2005.

Sessão 2 – 23 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **O desenvolvimento subjetivo na perspectiva da aprendizagem desenvolvimental: uma análise a partir da teoria da subjetividade**
Juliana De Assis Lima, Universidade Federal de Uberlândia, julianaassis2015@outlook.com
Hélida Cristina Brandão Nunes, Universidade Federal de Uberlândia, helida.cristina@hotmail.com
Jaqueline Ferreira dos Reis, Universidade Federal de Uberlândia, jaqueisagi@gmail.com
Roberto Valdéz Puentes, Universidade Federal de Uberlândia, robertopuentes@faced.ufu.br

Resumo
O presente trabalho está vinculado com a pesquisa de mestrado que se realiza no interior do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos estudos realizados pelo Gepedi a respeito da análise das contribuições didáticas das teorias da Aprendizagem Desenvolvimental e da Atividade de Estudo. Buscou-se abordar, com base na interpretação dos trabalhos de D. B. Elkonin, V. V. Davidov, V. V. Repkin e A. K. Márkova, em primeiro lugar, como essas teorias definem o desenvolvimento humano; em segundo, as dimensões que integram o desenvolvimento psíquico; em terceiro, os aspectos principais que caracterizam o desenvolvimento subjetivo. A análise crítica do desenvolvimento subjetivo foi realizada à luz dos pressupostos da Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey, que entende que a subjetividade emerge quando a

emoção passa a ser sensível aos registros simbólicos, permitindo ao homem uma produção sobre o mundo em que vive, e não simplesmente a adaptação a ele. Foi possível constatar, entre outras questões, que: (1) tanto a Teoria da Aprendizagem Desenvolvimental quanto a Teoria da Atividade de Estudo se destinaram ao desenvolvimento psíquico e da personalidade das crianças; (2) a definição do que se entende no interior dessas duas teorias por "dimensão subjetiva" é confusa, pois umas vezes faz menção a aquilo que sendo externo passou a ser interiorizado e em outras neoformações, tais como, necessidades, motivos, objetivos, técnicas mentais usadas para separar de maneira adequada o "conhecido" do "desconhecido"; (3) o desenvolvimento subjetivo é entendido como um processo similar ao que leva a formação das operações cognitivas; (4) com isso, o subjetivo é compreendido como reflexo da realidade objetiva ou como assimilação, a partir do pressuposto de que tudo o que é humano emana da atividade e de que tudo o que emana da atividade é objetal, inclusive as necessidades, objetivos, interesses cognitivos e emoções. Assim, a subjetividade é vista como algo externo à criança. Em contrapartida, a Teoria da Subjetividade (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017) defende que o desenvolvimento subjetivo não tem como ser periodizado, que ele acontece em cada indivíduo de maneira muito particular. Enquanto que o desenvolvimento psíquico parte de operações cognitivas mais simples como o desenvolvimento psicomotor, organização perceptual do mundo, entre outros; o desenvolvimento subjetivo emerge da integração da dimensão subjetiva com a dimensão intelectual e simbólica. Aqui o desenvolvimento psíquico e o subjetivo ocorrem de maneira simultânea. Partindo das reflexões acima, o desenvolvimento subjetivo é levado em consideração no tipo de aprendizagem que ocorre nas escolas brasileiras?

Palavras chave: Aprendizagem Desenvolvimental; Atividade de Estudo; Teoria da Subjetividade.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. *Subjetividade*: teoría, epistemología e método. Campinas: Alínea, 2017.

PUENTES, R, V.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Teoria da aprendizagem desenvolvimental: uma análise de sua concepção de desenvolvimento a luz da teoria da subjetividade.

PUENTES, R. V.; CARDOSO, C. G. C.; AMORIM, P. A. P. (Orgs.). *Teoria da atividade de estudo*: contribuições de D. B. Elkonin, V. V. Davidov e V. V. Repkin. Curitiba: CRV; Uberlândia: Edufu, 2019.

Trabalho 2: **Implicações do brincar livre no desenvolvimento da subjetividade do bebê**

Laura Matos de Oliveira, Universidade de Brasília, lauradeoliveir@gmail.com
Cristina M. Madeira Coelho, Universidade de Brasília, madeiracoelho@unb.br

Resumo

Este estudo compõe nossa pesquisa em andamento e tem por objetivo relacionar o brincar livre com o desenvolvimento inicial da subjetividade do bebê. Assumindo a abordagem teórica da Subjetividade numa perspectiva Cultural-Histórica de González Rey, articulamos os principais conceitos desta teoria para a compreensão da qualidade de processos humanos desenvolvidos na cultura que configuram a subjetividade. Nesses processos iniciais, o bebê se mostra como

um agente ativo em que a atenção requerida por ele vai além do atendimento de suas necessidades básicas, e nestas inter-relações, marcadas pela emocionalidade-expressiva, é parceiro cotidiano de comunicações não verbais, em contextos dialógico-afetivos nos quais o brincar pode ser capaz de abrir novos caminhos no processo de subjetivação. A experiência do brincar impulsiona o bebê para novos desafios e para novas descobertas, trazendo vivências de confiança e autonomia, onde o brincar configura-se num sistema complexo que pode favorecer o seu desenvolvimento subjetivo. Nessa reflexão busca-se articular aspectos da abordagem educacional Pikler, no que se refere à prática pedagógica com bebês, prática que busca ouvir quem ainda "não fala", mas que "fala" com uma comunicação própria (FALK,2016), com a emergência de aspectos subjetivos "num processo em que a subjetividade está integrada, pois o bebê aprende como sistema e não só como intelecto, onde os sentidos subjetivos representam um sistema simbólico-emocional em constante desenvolvimento (GONZÁLEZ REY, 2008). Busca-se essa articulação em contextos de brincar livre do bebê, que além de se constituírem como necessidade do bebê, geram emocionalidades, e se configuram como um aspecto importante para o desenvolvimento subjetivo do bebê. O brincar livre pode ser compreendido como uma expressão da singularidade criativa desse bebê, podendo ter impacto fundamental na qualidade da compreensão sobre processos pedagógicos na primeira infância. A "brincadeira exerce um papel fundamental na constituição do sujeito ao possibilitar à criança a criação da sua personalidade seja pela busca de satisfazer seus desejos, por exercitar sua capacidade imaginativa, comunicativa, criativa ou emocional." (PEDROZA, p. 67). Procuramos perceber, então, como no brincar são produzidos sentidos subjetivos, onde a relação comunicação expressa e mediada nesta experiência pode fornecer possibilidades para que o adulto interaja de forma significativa na prática pedagógica com bebês, contribuindo para o seu desenvolvimento subjetivo e consequentemente para o seu desenvolvimento integral. A questão que paira sob nossas reflexões é como o brincar livre pode favorecer o desenvolvimento subjetivo dos bebês e, a partir disso, indicar princípios e possibilidades para um melhor atendimento a eles em ambientes coletivos.

Palavras chave: brincar livre, desenvolvimento subjetivo, bebê.

Referências

FALK, J. Org. *Abordagem Pikler*. Educação Infantil. São Paulo: Omnisciência, 2016.

GONZÁLEZ REY, F.L. O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. *In*: TACCA, M.C.V.R. 9 (Org.). *Aprendizagem e trabalho pedagógico*.2 ed.Campinas:Alínea, 2008.

PEDROZA, R.L.S. *Aprendizagem e subjetividade*: uma construção a partir do brincar. Rev. Dep. Psicol.,UFF. 2005,vol.17,n.2, pp.61-76 Disponível em https://doi.org/10.1590/S0104-80232005000200006. Acesso em 09/05/2021

Trabalho 3: **Implementação da Metodologia do Diário de Ideias na Educação Infantil**

Pâmela Faria Oliveira, Colégio de Aplicação -Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, pamela.faria@ufu.br

Resumo

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento, vinculada ao Grupo de Pesquisa Criatividade, Aprendizagem e Subjetividade, e tem como objetivo relatar sobre a implementação da metodologia do Diário de Ideias na Educação Infantil (OLIVEIRA; MUNIZ, prelo). Esta ação foi inspirada na metodologia desenvolvida por MUNIZ (2020), intitulado Diário de ideias, que tem como princípios impulsionar os estudantes a serem autores e protagonistas no universo da aprendizagem da leitura e da escrita, mediante a leitura de mundo, as diferentes linguagens infantis e as narrativas das experiências vividas. Tem seus pilares na Teoria da Subjetividade de González Rey e nas elaborações de Mitjáns Martínez (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017) no campo da expressão da criatividade na aprendizagem. Como professora da educação infantil inspirada pela metodologia, e diante das minhas percepções em relação aos estudantes, observo que eles sentem necessidades de registrar, por meio de desenhos, colagens, fotos, imagens, tentativas de escritas, ou mesmo guardando objetos tridimensionais, o que pra elas são significativos, e nos mostra o quanto é importante desenvolver com elas espaços legítimos onde possam se expressar, e valorizar os seus registros como forma de construção de aprendizagem potente. Este trabalho tem como objetivo compartilhar os caminhos trilhados, para incentivar em outros espaços escolares a escuta atenta e generosa do universo infantil através das suas próprias vozes, possibilitando a eles a utilização de diversas linguagens expressivas, desenvolvendo aprendizagens potentes, autoria e o protagonismo dos estudantes para o planejamento das ações a serem empreendidas no contexto escolar, potencializando o seu desenvolvimento integral a partir de um olhar e uma escuta atenta por parte do professor para as falas, registros, produções, o olhar sobre o mundo que o cerca, a cultura infantil, e interesses por determinados elementos tridimensionais, possibilitando assim a organização de experiências pedagógicas de acordo com os interesses deles, ou mesmo ações que auxiliem no processo de desenvolvimento afetivo emocional os quais se apresentam para além das relações entre pares, mas também através desses registros citados, possibilitando a eles produzir, transformar e se apropriar de saberes conhecidos da natureza e da cultura. Destacamos os seguintes questionamentos: As produções subjetivas apresentadas pelos estudantes, têm sido consideradas efetivamente no planejamento do contexto escolar? É possível resguardar o trabalho com os conteúdos escolares envolvendo mais os estudantes, familiares e a comunidade escolar no processo de ensino e aprendizagem, contribuindo assim para um planejamento colaborativo?

Palavras chave: Diário de ideias; Criatividade; Subjetividade.

Referências

FARIA, Paula Amaral. **Com as linguagens, as crianças**: brincadeiras na educação infantil. Uberlândia, 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar**: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

MUNIZ, Luciana Soares. **Diário de ideias**: linhas de experiências. Uberlândia: EDUFU, 2020.

OLIVEIRA, Pâmela Faria; MUNIZ, Luciana Soares. **Sacolinhas das importâncias: uma experiência com o Diário de ideias na Educação Infantil.** In: MUNIZ, L. S.; FERREIRA, J. M.; LIMA,

L. R. de; MITJÁNS MARTÍNE, A.. Aprendizagem e trabalho pedagógico: criatividade e inovação. EDUFU: Uberlândia, prelo.

Trabalho 4: **Questionamentos de uma arte educadora num diálogo singelo entre experiência, subjetividades e neuroeducação**

Gresta, Luciana M. R., Centro Universitário Unieuro e Secretaria de Educação do Distrito Federal, gresta.luciana@gmail.com
Matos, Cíntia de A. Centro Universitário Unieuro e Secretaria de Educação do Distrito Federal, cintiamatos.psi@gmail.com

Resumo

Dois mil e vinte e um. Diante da humanidade aflita, condicionada a se relacionar virtualmente para não se infectar, nem infectar o outro, pensamos sobre o futuro da educação básica e questionamos, afinal, o que faremos diante da impossibilidade do contato, olho no olho, pretenso propulsor do afetar e ser afetado? Como lidar com as subjetividades individuais e sociais, relacionadas à condição integral do ser, que o referenciam diretamente? Como considerar todos os aspectos das experiências nas infâncias nesse longo tempo da não presença no ambiente escolar? Como identificar e mediar os diversos impactos causados pelo distanciamento da sala de aula? Os estudantes são afetados pelas experiências vivenciadas na pandemia, e, nesse sentido, precisam de efetivo suporte psicopedagógico para direcionar o processo de ensino-aprendizagem para seu pleno desenvolvimento. Em diálogo com a Neuroeducação e a Teoria da Subjetividade, observamos que as artes da cena, do corpo em cena e em estado alterado para o outro são muito potentes para uma prática educativa que promove a escuta sensível desses estudantes. Analisamos uma experiência com tal linguagem artística, ocorrida, presencialmente, em uma escola pública de Ensino Fundamental em Sobradinho/DF, que propôs teatralizar as relações a partir da escuta. A proposta de contar "causos" da vida cotidiana, performatizar narrativas em aproximação e distanciamento de si e observar-se ao brincar consigo e com as próprias histórias, traz como fundamento o teatro enquanto linguagem estética que possibilita o autoconhecimento, a vizibilização e a problematização de questões sociais, culturais e interpessoais. Esta experiência utilizou como ferramentas os jogos teatrais de Spolin (2012), o Jogo dos Sentimentos de Gresta (2016) e as rodas de conversa, cuja disposição física e o contato visual estabeleceu no grupo a conexão necessária para a atenção, o desejo da fala, da escuta e a manutenção do vínculo. A prática teatral sustentada nos fragmentos de histórias, através da dinâmica do "Eu conto, você conta", suscitou narrativas, orais ou escritas, que foram encenadas e performatizadas no exercício de uma escuta sensível e avaliativa sobre a experiência que vivenciaram como fruidores, atores e espectadores de si mesmos. Como resultados, a importância que se dá à narrativa do estudante possibilita seu protagonismo, sua capacidade de criação, invenção e expressão genuína. A escola torna-se lugar de acolhimento, prazer, escolha e permanência. A criança implicada e ativa, transforma seu contexto social e transforma-se ao mesmo tempo. Experiências educacionais como esta, compreendem o ser em toda sua capacidade neurológica, que aprende com base “na capacidade do cérebro para criar por meio da experiência vivida e da autorreflexão”, um dos princípios básicos da Neuroeducação. Diante de contextos de crises, é

primordial que o educador consiga flexibilizar sua prática, afim de perceber que os indivíduos são e tem reações distintas diante da não-normalidade. Na escola, em interação, as experiências artísticas possibilitam mobilizar nos estudantes os sentidos subjetivos configurados na prática educacional, a partir das suas próprias vivências. Seria, portanto, essa prática artística um bom caminho de acolhimento para o retorno às aulas, quando estivermos todos vacinados e livre da Covid-19?

Palavras chave: Subjetividade – Neuroeducação – Experiência

Referências

CAMPOLINA, Luciana de Oliveira. Aprendizagem, subjetividade e interações sociais na escola. Capítulo 7. Universidade de Brasília. Centro Universitário de Brasília.

FONSECA, Vítor da. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. Revista. Psicopedagogia. 2016; 33(102): 365-84.

GRESTA, Luciana Maria Rodrigues. Narrativas Infantis em Cena: uma experiência teatral no Ensino Fundamental. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Repositório. 2016.

MARTINEZ, Albertina Mitjáns. A Teoria da Subjetividade de Gonzáles Rey: uma expressão do paradigma da complexidade na psicologia. In.: REY, Fernando González. Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia. São Paulo: Pioneira Thomson Learnig, 2005.

NEUBERN, Maurício da Silva. A Subjetividade como noção fundamental do novo. In.: REY, Fernando González. Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia. São Paulo: Pioneira Thomson Learnig, 2005.

NÓVOA, Antônio. Diálogos com Antônio Nóvoa. Universidade Federal de Santa Catarina. Aula Magna em 06 de Novembro de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lW2fqBCqL7I&t=1009s.

REY, Fernando González. O Valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In.: REY, Fernando González. Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia. São Paulo: Pioneira Thomson Learnig, 2005.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 2010. Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin. São Paulo: Perspectiva, 2012.

TOKUMA-ESPINOSA, T. N. in ZARO, Milton Antônio; ROSAT, Renata Menezes; MEIRELES, Luís Otoni Ribeiro; SPÍNDOLA, Marilda; AZEVEDO, Ana Maria Ponzio de; BONINI-ROCHA, Ana Clara; TIMM, Maria Isabel. Emergência da Neuroeducação: a hora e a vez da neurociência para agregar valor à pesquisa educacional. Ciência & Cognição 2010; Vol 15 (1): 199-210. Publicado on line em 20 de abril de 2010. Disponível em: http://www.cienciascognicao.org.

ZARO, Milton Antônio; ROSAT, Renata Menezes; MEIRELES, Luís Otoni Ribeiro; SPÍNDOLA, Marilda; AZEVEDO, Ana Maria Ponzio de; BONINI-ROCHA, Ana Clara; TIMM, Maria Isabel. Emergência da Neuroeducação: a hora e a vez da neurociência para agregar valor à pesquisa educacional. Ciência & Cognição 2010; Vol 15 (1): 199-210. Publicado on line em 20 de abril de 2010. Disponível em: http://www.cienciascognicao.org.

WARSCHAUER, Cecília. A Roda e o Registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

WINNICOTT, Donald W. O brincar e a realidade. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

Trabalho 5: **Mudanças na subjetividade social da escola mobilizadas pelo ensino remoto**
Telma Silva Santana Lopes, Universidade de Brasília, telsilsanlopes@gmail.com
Maristela Rossato, Universidade de Brasília, maristelarossato@gmail.com

Resumo
Compartilhamos neste Simpósio reflexões referentes a uma pesquisa em andamento desenvolvida em uma escola pública do DF. Seu início corresponde a retomada do ano letivo de 2020, suspenso em razão da pandemia de Covid-19. O isolamento social foi imperativo para a preservação da vida, acarretando o fechamento de escolas, comércios e instituições. Em face disso, o ensino mediado por tecnologias foi a alternativa encontrada para dar continuidade às atividades escolares, porém trouxe aos profissionais da educação desafios que transcenderam seus espaços e formas de atuação. Na escola, não só as pessoas foram afetadas, mas também as ações e as relações, que de um modelo secular padronizado passou a um modelo em construção, inédito e com muitos desafios, pois nem todos tinham acesso à internet e aos recursos. Surgiram inúmeras tensões e questionamentos relativos à como trabalhar em meio a sofrimentos e com tantas desigualdades? Como reorganizar o trabalho? Como ensinar sem ter o contato presencial com crianças ainda tão pequenas? Haveria aprendizagens? A proposta de acompanhar os processos de mudanças ocasionadas pela pandemia e ensino remoto no próprio curso dos acontecimentos, constitui um recurso promissor para compreender a reorganização e a emergência de novos recursos subjetivos basilares para ratificar mudanças indicativas de desenvolvimento. Nesse contexto inédito, assumimos como objetivo, analisar como a subjetividade social da escola está sendo tensionada pelos desafios e complexidades do ensino remoto no contexto da pandemia. Com essa investigação esperamos produzir novas inteligibilidades sobre as mudanças nas configurações subjetivas que constituem a subjetividade social da escola. Sabemos que produções subjetivas não são passíveis de controle, mas como já estudado, reflexões intencionalmente planejadas podem colaborar para produções qualitativamente diferentes, considerando o lugar da pessoa nesse processo?
Palavras chave: pandemia, ensino remoto, subjetividade social

Referências
MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica**. 1ed. São Paulo: Cortez. 2017
GONZÁLEZ REY, F. **A Epistemologia Qualitativa vinte anos depois**. In: Mitjáns Martínez, A.; González Rey, F.; Puentes, R. (Org.). **Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre educação e saúde.** Uberlândia, EDUFU, 2019.
GONZÁLEZ REY, F. & MITJÁNS MARTÍNEZ, A.**Subjetividade, Teoria, Epistemologia e Método**. 1ª edição. Campinas: Alínea, 2017.
ROSSATO, M. **Contribuições da Epistemologia Qualitativa na mobilização dos Processos de desenvolvimento subjetivo**. In: Mitjáns Martínez, A.; González Rey, F.; Puentes, R. (Org.). **Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre educação e saúde**. Uberlândia, EDUFU, 2019.
ROSSATO, M. **A complexidade da subjetividade como um sistema configuracional em desenvolvimento**. In:MITJÁNS MARTÍNEZ A.; TACCA, M.C.V. & PUENTES, R. V.. (Org.). **Teoria**

da Subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional. 1ed.: Editora Átomo & Alínea, v. , p. 1-30, 2020.
ROSSATO, M.; RAMOS, W. M. **Subjectivity in the development processes of the person: complexities and challenges in the work of Fernando González Rey.** Revista de Psicologia, v. 1, p. 1, 2020.

Trabalho 6: **O desenvolvimento subjetivo percebido nos atores familiares diante da suspeita de TDAH na criança**

Telma Oliveira Cerutti Schmidt, Universidade de Brasília, telmaocs@gmail.com
Maristela Rossato, Universidade de Brasília, maristelarossato@gmail.com

Resumo
O presente trabalho apresenta as informações produzidas com a pesquisa realizada no ano de 2017, com familiares de crianças com suspeita de TDAH encaminhadas para avaliação diagnóstica, por apresentarem comportamentos que escapam do padrão de aluno ideal ou bom aluno. O objetivo da pesquisa foi analisar como a suspeita do TDAH permeia as produções subjetivas emergentes nos atores familiares que as vivenciam com seus filhos. Como justificativas, elencamos: as dificuldades de encontrar estudos que abordem as questões familiares a partir da observação das expressões e sentimentos destes atores; as vivências pessoais como mãe; as vivências profissionais atuando em ambientes escolares, como psicóloga escolar; e, por fim, a preocupação com a forma que estava sendo abordado o assunto TDAH nas escolas e junto aos familiares envolvidos com os processos de aprendizagem das crianças. A pesquisa foi fundamentada pelos aportes da Teoria da Subjetividade numa perspectiva histórico-cultural, proposta por Gonzáles Rey, em que o sujeito é reconhecido como um ser único e em constante desenvolvimento, na processualidade e recursividade de seus processos e formações subjetivas. Como viés metodológico, nos ancoramos nos pressupostos da Epistemologia Qualitativa, propondo-nos a uma produção construtivo-interpretativa que reconhece a construção do conhecimento como um processo constante e não linear, onde o pesquisador é parte essencial da pesquisa, interpretando, a partir de um suporte teórico-metodológico, as informações produzidas, legitimando a singularidade de todo este processo científico. Para a produção das informações, foram utilizados como instrumentos: as entrevistas, complementos de frases, recordatórios e construção compartilhada. Ao ouvir os relatos dos participantes desta pesquisa, percebemos a emergência de processos e formações subjetivas únicos em cada um dos participantes a partir do momento em que foram abordados pela escola sobre a suspeita de TDAH. Inseridos em campos de vivências distintos, cada um passou a movimentar-se em consonância às suas configurações subjetivas já existentes. A partir da informação do transtorno, novos sentidos subjetivos foram sendo produzidos e fazendo com que as configurações subjetivas anteriores fossem se modificando. Como resultado, foi possível perceber que a suspeita do TDAH foi propulsora de desenvolvimento subjetivo nos participantes, promovendo movimentos subjetivos permeados por esta realidade de maneira singular, pois os novos processos e formações subjetivos que emergiram na processualidade, inconstância e recursividade das ações e relações presentes nas dinâmicas

relacionais que se constituem em função dos processos de aprendizagem das crianças, foram modificando as configurações subjetivas já existentes, promovendo desenvolvimento subjetivo
Palavras chave: TDAH – Atores Familiares – Desenvolvimento Subjetivo

Referências
González Rey. F. L. (2011) Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia. São Paulo: Cortez Editora
González Rey. F. L.; Mitjáns Martínez, A. (2017a). Subjetividade: teoria, epistemologia e método. São Paulo: Editora Alínea.
Rossato, M. (2009) O movimento da subjetividade no processo de superação das dificuldades de aprendizagem. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade de Brasília.

Trabalho 7: **As Experiências Sociorrelacionais como Mobilizadoras do Desenvolvimento Subjetivo de Estudantes com Deficiência Intelectual**
Marlene Chaves, Universidade de Brasília, marlene494@gmail.com
Maristela Rossato, Universidade de Brasília, maristelarossato@gmail.com

Resumo
O propósito deste estudo foi compreender de que forma as experiências sociorrelacionais podem mobilizar o processo de desenvolvimento subjetivo dos estudantes com deficiência intelectual em relação à aprendizagem escolar. A pesquisa foi embasada teoricamente na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano a partir das contribuições de Vigotski, em relação à defectologia, e na Teoria da Subjetividade na perspectiva cultural-histórica desenvolvida por González Rey. A metodologia adotada foi a construtivo-interpretativa, orientada pela Epistemologia Qualitativa, na qual os pressupostos estão pautados nas relações dialógicas entre o pesquisador e os participantes, enfatizando a importância da singularidade dos processos de investigação e concebendo a produção do conhecimento no processo construtivo-interpretativo. Realizou-se a pesquisa com duas participantes do terceiro ano do Ensino Fundamental em classe inclusiva de uma escola pública do Distrito Federal. A produção das informações ocorreu por meio de instrumentos favorecedores da expressão das participantes: dinâmicas conversacionais, recursos imagéticos, construção de um projeto de ação, caderno de memórias e observação participante ativa. Por meio da análise e da construção das informações, valorizou-se a interpretação do pesquisador diante dos indicadores e das hipóteses, considerando-se que as experiências sociorrelacionais no contexto escolar podem promover a emergência do sujeito e favorecer o movimento da subjetividade por meio do espaço dialógico, possibilitando, assim, aos estudantes com deficiência intelectual, a mobilização de sua aprendizagem escolar. Por conseguinte, busca-se refletir e compreender por meio da Teoria da subjetividade, de que forma as experiências sociorrelacionais possibilitam o desenvolvimento subjetivo dos estudantes com deficiência intelectual e favorecem a mobilização dos processos da aprendizagem escolar.
Palavras-chave: Desenvolvimento subjetivo, deficiência intelectual, experiências sociorrelacionais

Referências
CHAVES, M. P. **Desenvolvimento Subjetivo de Estudantes com Deficiencia Intelectual como Processo Mobilizador da Aprendizagem Escolar**. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, DF, p.208. 2019.
GONZÁLEZ REY, F. L., e MITJÁNS MARTINEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** Campinas-SP: Alínea, 2017.
MITJÁNS MARTINEZ, A., e GONZÁLEZ REY, F. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural histórica**. São Paulo, SP: Cortez, 2017.
ROSSATO, M. **O movimento da subjetividade no processo de superação das dificuldades de aprendizagem escolar.** (Tese de doutorado). Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2009.
VIGOTSKI, L. S. **Problemas fundamentales de la defectologia contemporânea**. In L. S. Vygotsky. Obras completas. (p. 2-26). Habana: Pueblo y Educación, 1989.

Sessão 3 – 29 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00 Apresentação e discussão final

Trabalho 1: **Matriciamento e Subjetividade: Processos de Educação Permanente em Saúde Mental na Atenção Primária**
Isabela de Oliveira da Cunha, Escola Superior de Ciências da Saúde, isabelaocunha@gmail.com
Daniel Magalhães Goulart, Universidade de Brasília, danielgoulartbr@gmail.com

Resumo
Este trabalho fundamenta-se em uma pesquisa de Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia, que buscou discutir a configuração subjetiva social do processo de educação em saúde de uma equipe de atenção primária, apresentando o matriciamento como um espaço dialógico privilegiado para compreensão desses processos e como possibilidade para o desenvolvimento subjetivo. O matriciamento corresponde a uma estratégia de cogestão do cuidado em saúde, que busca ativar os espaços de comunicação e decisões conjuntas entre diferentes equipes de saúde, por meio da ótica da interdisciplinaridade e da corresponsabilização na construção de intervenções pedagógico-terapêuticas (OLIVEIRA & CAMPOS, 2015). Fundamentado na Teoria da Subjetividade em uma perspectiva histórico-cultural, este trabalho aborda o matriciamento como um espaço sociorrelacional e educativo, pois esse arranjo abre vias para o encontro e a discussão de experiências cotidianas de saúde entre diferentes equipes, contribuindo para a criação de novas reflexões, emoções e ações (MITJÁNS MARTÍNEZ & GONZÁLEZ REY, 2017; GOULART, 2019). Ainda, esse espaço pode contribuir para processos de desenvolvimento subjetivo, por possibilitar a construção de novos recursos subjetivos capazes de transformar diferentes áreas da vida de um indivíduo ou grupo social, além de ser uma dimensão fundamental para compreender as possíveis transformações das práticas profissionais e institucionais no cuidado em saúde mental (GONZÁLEZ REY & MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). Diante de um contexto marcado pela tensão entre o trabalho

alinhado à desinstitucionalização e o trabalho protocolar em saúde, as construções interpretativas dessa pesquisa, desenvolvida por meio da metodologia construtivo-interpretativa, apontaram para uma configuração subjetiva social dominante vinculada ao modelo biomédico, que dificulta a construção de um cuidado interdisciplinar, corresponsabilizado e integral. Contudo, foi possível analisar também os recursos subjetivos desenvolvidos pelos profissionais orientados para os processos de desenvolvimento subjetivo da própria equipe de saúde e dos usuários. Assim, esse trabalho busca fomentar a discussão com as seguintes questões: qual o valor da Teoria da Subjetividade na compreensão dos processos de educação em saúde mental dentro de espaços dialógicos como o matriciamento? Como podemos pensar na importância desses espaços para avançar também nos processos de cuidado em saúde, compreendendo que esses diferentes processos caminham juntos no favorecimento do desenvolvimento subjetivo?
Palavras chave: Matriciamento, Educação, Desenvolvimento subjetivo.

Referências
GONZÁLEZ REY, Fernando & MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación y Desarrollo Humano, 13(2), 3-20, 2017.
GOULART, Daniel Magalhães. Saúde mental, desenvolvimento e subjetividade: da patologização da vida à ética do sujeito. São Paulo: Cortez, 2019.
MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina & GONZÁLEZ REY, Fernando. Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.
OLIVEIRA, Mônica Martins & CAMPOS, Gastão Wagner Sousa. Apoios matricial e institucional: analisando suas construções. Ciência & Saúde Coletiva, v. 20, n. 1, p. 229-238, 2015.

Trabalho 2: **Uma revisão bibliográfica acerca do fenômeno da auto-mutilação na adolescência, sob a perspectiva da Teoria da Subjetividade**
Teresa Salim de Araújo, Centro Universitário de Brasília, teresa.salim@sempreceub.com
Dr. Valéria Deusdará Mori, Centro Universitário de Brasília, valeria.mori@ceub.edu.br

Resumo
Esta apresentação fundamenta-se em análises acerca dos conhecimentos produzidos pela comunidade cientifica sobre automutilação em adolescentes e seus desdobramentos dentro do contexto familiar. A experiência da automutilação não é um processo simples, linear, uma receita de bolo encontrada na internet e sim, um processo doloroso, obscuro, ambíguo, delicado, cuidadoso, paciente e duradouro que só foi possível superar e ressignificar tal experiência pessoal, pelo constante trabalho de todos os profissionais presentes na minha vida. Para avançar na compreensão deste fenômeno, é necessário, primeiramente, retomar a conceitualização e compreensão da auto-mutilação e quais seus desdobramentos/impactos no desenvolvimento subjetivo do adolescente. Em um segundo momento, será discutido a conceitualização do ser adolescente, seus desafios, mudanças físicas e emocionais. No terceiro tópico, conceitualizo as mudanças na dinâmica familiar e seus atuais desafios, como

principal contexto social no desenvolvimento subjetivo do adolescente. No que diz respeito à metodologia, o estudo fundamentou-se na revisão bibliográfica com referencial teórico a metodologia qualitativa, ancorada em 3 princípios: (a) o conhecimento como produção construtivo-interpretativo, (b) a interatividade da produção de conhecimento e a (c) legitimação do singular como forma de produção de conhecimento. Com base nas análises a serem feitas posteriormente, será possível compreender a auto mutilação e seu impacto no jovem e na dinâmica familiar assim como as complexas emoções produzidas pelo indivíduo que definem a qualidade de suas relações com as pessoas que o cercam. Diante dessa temática, a psicologia pode trazer importantes contribuições da direção da compreensão e despatologização dessa prática cada vez mais comum em nossa sociedade. Para projetos futuros, penso no desenvolvimento de processos dialógicos como adolescentes e compreender o impacto da automutilação na dinâmica familiar, e com isto, promover reflexões e questionamentos sobre desafios futuros e atuais dos jovens e também da atuação do psicólogo, neste contexto. Como compreender o fenômeno da auto-mutilação sem patologizar, sem diagnosticar e sim, como tal prática se configura subjetivamente no adolescente e na dinâmica familiar?

Palavras-chave: Automutilação, Adolescência, Sofrimento psíquico, Teoria da Subjetividade.

Referências

CHAVES, Gislaine. **Adolescência e autolesão: Psicodiagnóstico como proposta de compreensão e intervenção a partir de um caso clínico**. 2018. 223f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em ´Psicologia Clínica, São Paulo, 2018.

GONZÁLEZ REY, Fernando & GOULART, Daniel Magalhães.Teoria da Subjetividade e educação: entrevista com Fernando González Rey. **Obutchénie- Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, Uberlândia, v.3, n.1, p. 13-33, jan-abril 2019

GONZÁLEZ REY, F.L. & MITJÁNS-MARTÍNEZ, A. (2017). *Subjetividade: teoria, epistemologia e método.* Campinas: Alínea.

MACCRIMMON, Kenneth., WEHRUNG, Donald & STANBURY, William. **Taking risks: the management of uncertainty**. New York: Free Press, 1986.

PERES, Vannúzia Leal Andrade. O Desenvolvimento da afetividade no cenário social familiar. **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**,v. 2, n. 2, p 186-199, nov 2012

REIS, Maurício de Novais. Automutilação: o encontro entre o real do sofrimento e o sofrimento real. **Polêm!ca**,v. 18, n.1, p 50-67, jan-fev-mar 2018.

Trabalho 3: **La práctica de la pintura psico-educativa como herramienta promotora del desarrollo subjetivo infantil**

Emma M. Oropeza De Anda, Universidad de Guadalajara, emma.oropeza@academicos.udg.mx

Resumo

En México la educación artística ha sido históricamente relegada; confundida con la elaboración estructurada y nada creativa de manualidades y en el mejor de los casos limitada a la exposición teórica de obras de arte. Esta omisión es más que lamentable, pues la práctica de las artes en

general, promueve el desarrollo integral de la niñez; favorece el despliegue de habilidades sensoriales, motoras, cognitivas, comunicativas, emocionales y sociales; posibilita integrar las experiencias de vida con lo que sucede tanto en el entorno educativo como en los otros espacios en los que transcurre su vida. En un clima de violencia exacerbada, en que cada día son asesinados 7 niñas, niños y adolescentes la necesidad y el deseo de espacios seguros han promovido en la ciudad de Guadalajara, Jalisco, México diversos proyectos en busca de desarrollo social, entre ellos el Laboratorio de Arte Makaua, propuesto por la autora de este documento desde su formación como psicóloga y artista plástica. Makaua es un espacio para ser quien se es y quien se quiera ser, pero también es un proyecto que concibe a la niñez como seres completos e independientes de sus padres, dignos de amor y respeto, capaces de construir conocimientos e incidir sobre su propia realidad. Desde esta noción de la niñez surge la propuesta llamada pintura psico-educativa. La pintura psico-educativa es una herramienta psicopedagógica, en tanto su práctica intencionalmente dirigida al seguimiento de un proceso recursivo y no necesariamente ordenado de construcción de conocimientos, da lugar a la promoción del desarrollo de habilidades sensoriales, motoras, cognitivas, comunicativas, emocionales y sociales. Este proceso de aprendizaje creativo es simple e inherente a los intereses y necesidades de la niñez; promueve un proceso de interacción entre iguales guiado por la exploración, experimentación, reflexión y creación de obras expresivas. El presente trabajo pretende dar cuenta del acompañamiento del proceso de configuración de la subjetividad en niños y niñas habitantes de la Colonia Jalisco II Sección de Tonalá, una de las comunidades más marginadas, violentas y prejuiciadas de la Zona Metropolitana de Guadalajara. Poniendo como pretexto reuniones lúdicas para pintar en el parque, se empleó la pintura psico-educativa y favoreció la generación de espacios relacionales de desarrollo, (Días y Mitjáns, 2013), donde niñas y niños cuestionaron los prejuicios que caen sobre su comunidad y sobre quienes la habitan, el cómo estos prejuicios les hieren y limitan sus oportunidades de desarrollo al exterior. El acompañamiento puso énfasis en el reconocimiento lo que ellas, ellos y su comunidad son más allá de los prejuicios sociales; en sus habilidades y capacidades para gestar la transformación social, sorprendiendo a la facilitadora con expresiones de la configuración subjetiva tan valiosas como el abandono de aspiraciones delictivas y el deseo de continuar sus estudios. Esta forma de acompañar el aprendizaje, ya sea académico o de la vida cotidiana, es propuesto y nombrado por la psicóloga cubana-brasileña Albertina Mitjáns Martínez como aprendizaje creativo, (Mitjáns, 2012) y es en torno a su empleo en el trabajo comunitario que se pretende dialogar, así como de su gran potencial para hacer del mundo un mejor lugar para vivir.

Palavras chave: pintura psico-educativa, aprendizaje creativo, desarrollo infantil.

Referências

Andrés, L. et al. (2016). Funciones ejecutivas y regulación de la emoción: evidencia de su relación en niños. Argentina: Psicología desde el Caribe. Recupero el 19 de octubre de 2020 de http://www.scielo.org.co/pdf/psdc/v33n2/2011-7485-psdc-33-02-00169.pdf

Bisquerra, Rafael (2009). Psicopedagogía de las emociones. España: Síntesis. Recuperado el 19 de octubre de 2020 de http://www.codajic.org/sites/www.codajic.org/files/Psicopedagogia%20de%20las%20emociones%20-%20Rafael%20Bisquerra%20Alzina-1.pdf

Capistrán, R. W. (2016a). La educación musical a nivel preescolar: El caso del Instituto de Educación del Estado de Aguascalientes, México. Revista Internacional de Educación Musical, 4, 3-12. Recuperado el 22 de marzo de 2020 de http://www.revistaeducacionmusical.org/index.php/rem1/article/view/47/33

Céspedes, C. y Robles C. (2016). Niñas y Mujeres en América Latina y el Caribe. Desudas de Igualdad. Chile: Naciones Unidas.

Consejo Nacional de Evaluación de la Política de Desarrollo Social. (2020). 19.5 millones de niñas, niños y adolescentes se encontraban en situación de pobreza en 2018. Nota informativa. Recuperado el 19 de octubre de 2020 de https://www.coneval.org.mx/SalaPrensa/Comunicadosprensa/Documents/2020/NOTA_INFORMATIVA_DIA_LA_NINEZ.pdf

Comisión Nacional de los Derechos Humanos. (2020). Convención sobre los Derechos del Niño. Enmienda 1 de junio de 1998. Recuperado el 19 de octubre de 2020 de https://www.cndh.org.mx/sites/default/files/documentos/2018-11/convencion_derechos_nino.pdf

Díaz, Á, y Mitjáns, A. (2013). Creatividad y subjetividad: su expresión en el contexto escolar. Diversitas: Perspectivas en Psicología, 9(2),427-434. ISSN: 1794-9998. Recuperado el 19 de octubre de 2020 de https://www.redalyc.org/pdf/679/67932397014.pdf

Diefenthäler, D. (2017). Arte, imaginação e crianças. Brasil: Aprris

Fregoso, A. (2009). Infancia y maternidad después de la Revolución: sus imágenes y representaciones a través de un diario tapatío (1917-1943). Comunicación y Sociedad, núm. 11, enero-junio, 2009, pp. 163-192. Zapopan, México: Universidad de Guadalajara. Recuperado el 20 de octubre del 2020 de https://www.redalyc.org/pdf/346/34611503007.pdf

Gago, J. (2014). Teoría del apego. El vínculo. Agintzari S. Coop. de Iniciativa Social. Escuela Vasco Navarra de Terapia Familiar. España. Recuperado el 23 de marzo de 2021 de http://www.avntf-evntf.com/wp-content/uploads/2016/06/Teor%C3%ADa-del-apego.-El-v%C3%ADnculo.-J.-Gago-2014.pdf

Ivcevic, Z. et al. (2014). Artes, emociones y creatividad. Fundación Botín. Santander, España. Recuperado el 22 de marzo de 2021 de https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/61391142/Cap._Yale_-FB._2014_Informe_Creatividad_ES-1-ARTES_EMOCIONES_Y_CREATIVIDAD20191201-128056-x5uk1k.pdf?1575228379=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DARTES_EMOCIONES_Y_CREATIVIDAD.pdf&Expires=1616407779&Signature=GaGptIL379UToh6IhteuBmsJu324PCGMBCVK3-6w~lIZ9Q6XyxNvqP3bbD862R-wr21HxcbNVB4RkZqdsSTCZjD6kG3Mdnb1HkHT1mhnIr2tjG7dntV2-8P8qazfRNPLmaOPofjLjPD-eRy9vXJsnrJqch3EfURPXXIaoaBPJCMnSKusO86NX1UBOrpV0G0JnzJY7ann35EA3o~xDDFUFT~04pQ5f6LtneXlSq14b9P-Qp0aj1La3DD01tVZZwZC9owFNRRuZE3jeV0B-9dlGNsaTaAZ2uLfacaUqcedcvovC9QLZe9jpOcSJsBPAS2lPhtmjLOZPHu7fXkJLDjAjA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA

Leite, I. y Gobbin, M. (2002). O desenho da criança pequena: distintas abordagens na produção acadêmica em diálogo com a educação. Ata e desata: partilhando uma experiência de formação continuada. Rio de Janeiro: Ravil.

López-Cassá, E. (2005). La educación emocional en la educación infantil. Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado, vol. 19, núm. 3, diciembre, 2005, pp. 153-167 Universidad de Zaragoza, España. Recuperado el 22 de marzo de 2021 de https://www.redalyc.org/pdf/274/27411927009.pdf

London, S. y Formichella, M. (2006). El concepto de desarrollo de Sen y su vinculación con la Educación. Economía y Sociedad, vol. XI, núm. 17, enero-junio, 2006, pp. 17-32 Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo Morelia, México. Recuperado el 23 de marzo de 2021 de https://www.redalyc.org/pdf/510/51001702.pdf

Ministerio de Educación Nacional. (2014). El arte en la educación inicial. Documento No. 21 Serie de orientaciones pedagógicas para la educación inicial en el marco de la atención integral. Colombia. Recuperado el 22 de marzo de 2020 de http://www.omep.org.uy/wp-content/uploads/2015/09/el-arte-en-la-ed-inicial.pdf

Mitjáns, A. (2008). Subjetividad, complejidad y educación. Psicología para América Latina. Recuperado el 20 de octubre de 2020 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000200007

Mitjáns, A. (2012). Aprendizaje creativo: desafíos para la práctica pedagógica. Colombia: Revista Cs. n.º 11, 311-341.

Moneta, M. (2014). Apego y pérdida: redescubriendo a John Bowlby. Rev Chil Pediatr 2014; 85 (3): 265-268. Recuperado el 23 de marzo de 2021 de https://scielo.conicyt.cl/pdf/rcp/v85n3/art01.pdf

Pacífico, M. T. y Pacífico M. L. (2015). La concepción del arte según Vigotski y su influencia en la educación/educación física en Brasil. Actas del XVIII Coloquio de Historia de la Educación: Arte, literatura y educación, Vol. 1, 2015, ISBN 978-84-943286-5-7, págs. 247-260. Recuperado el 23 de marzo de 2021 de https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5204860

Red de Redes de Economía Alternativa y Solidaria. (2011). Carta de Principios de la Economía Solidaria. Recuperado el 22 de marzo de 2021 de https://www.economiasolidaria.org/sites/default/files/pages_attachments/CARTA_ECONOMIA_SOLIDARIA_REAS.pdf

Rojas, A. (26 de abril de 2019). Las víctimas invisibles de la guerra contra el narco y el crimen organizado. BBC Mundo. Recuperado el 19 de octubre de 2020 de https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-48060807

Sistema Nacional de Protección de Niñas, Niños y Adolescentes. (2018). Nacer #Niña en #México: ¿desventaja automática?. Revisado el 22 de marzo de 2021 de https://www.gob.mx/sipinna/es/articulos/nacer-nina-en-mexico-desventaja-automatica-177743?idiom=es

Sistema Nacional de Protección de Niñas, Niños y Adolescentes. (2020). Aniversario de la Ratificación de México de la Convención de los Derechos del Niño. Revisado el 19 de octubre de 2020 de https://www.gob.mx/sipinna/agenda/aniversario-de-la-ratificacion-de-mexico-de-la-convencion-de-los-derechos-del-nino#:~:text=En%201990%20M%C3%A9xico%20ratific%C3%B3%20su,convenios%20internacionaleas%20sobre%20derechos%20humanos.

Vázquez-Martínez, C. (2000). Retrospectiva del arte de la pintura sobre la arquitectura paisajista. Editorial Papiro. Pereira, Colombia. Recuperado el 22 de marzo de 2021 de https://riudg.udg.mx/bitstream/20.500.12104/172/1/958-9249-54-X.pdf

Vivas, M. (2003). La educación emocional, conceptos fundamentales. Venezuela: Sapiens. Revista Universitaria de Investigación, vol. 4, núm. 2. Recuperado el 15 de octubre de https://www.redalyc.org/pdf/410/41040202.pdf

Trabalho 4: **A participação do social no processo de desenvolvimento subjetivo**

Luciana da S. Oliveira Lemes, IP/Universidade de Brasília, luciana.lemes@gmail.com
Maristela Rossato, IP/Universidade de Brasília, maristelarossato@gmail.com

Resumo

A compreensão do social na história da Psicologia avança a medida em que um novo referencial permite entender como se configura uma ordem social identificando-se, além dos aspectos estruturais, as diferentes nuances e tramas, em um sistema de relações e comunicações, constitutivas da subjetividade social. A partir da Teoria da Subjetividade, numa perspectiva cultural-histórica, reconhece-se uma aproximação com a Psicologia Social no que se refere a possibilidade de considerar a pessoa em seu cotidiano, conhecê-la nas condições sociais que atua a fim de tentar compreender como processos de subjetivação se associam a esses espaços sociais (González Rey, 2012). Este trabalho tem por objetivo compreender como o social participa do processo de desenvolvimento subjetivo. Ressalta-se que essa abordagem teórica, ao compreender a subjetividade como origem social do psicológico, para além de conceber a inseparável integração entre o individual e o contexto social, enfatiza-se a compreensão de como o social constitui o humano. A partir dessa perspectiva, rompe-se com a ideia de que as condições e contextos sociais podem ser favorecedores e/ou definidoras para a vida de pessoas ou grupos. Em uma relação não determinista entre social-individual, essa pesquisa pretende investir na compreensão de produções subjetivas (González Rey, 2005). Possibilitando uma investigação integrada de processos de desenvolvimento individual e social. Com base nos princípios da Epistemologia Qualitativa e suas expressões na metodologia construtivo-interpretativa, discutem-se os principais desafios epistemológicos e metodológicos em investigações sobre o desenvolvimento subjetivo (Rossato; Ramos, 2020). A partir dessas considerações, como evidenciar, a partir do estudo de caso(s) no curso da investigação, aspectos de mudanças subjetivas relacionadas a mudanças sociais ou diante das mesmas dinâmicas sociais?

Palavras-chave: Teoria da Subjetividade. Desenvolvimento Subjetivo. Epistemologia Qualitativa.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. 1ª reimpressão da 1ª edição de 2003. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ROSSATO, M.; RAMOS, W. Subjectivity in the development processes of the person: complexities and challenges in the work of Fernando González Rey (La subjetividad en los procesos de desarrollo de la persona: complejidades y desafíos en la obra de Fernando González Rey), **Studies in Psychology**, v. 41, n.1, p.31-52, mar., 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1080/02109395.2019.1710988. Acesso em: 24 de jun.2021.

Eixo temático: 4. Aprendizagem e dificuldades de aprendizagem na perspectiva da subjetividade (18 trabalhos)

Coordenação: Geandra Santos – Universidade Estadual do Ceará, Valdívia Egler Pires – Universidade de Brasília

Temas centrais para o debate:

- A dimensão subjetiva do processo de aprendizagem e sua expressão no ensino virtual;
- Processos subjetivos que dificultam a aprendizagem escolar;
- Subjetividade social, sistemas relacionais e aprendizagem escolar.

Sessão 1 – 22 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **A dimensão subjetiva da aprendizagem pautado na construção do portfólio acadêmico**

Lara Nassar Scalise, Instituto Avançado de Ensino Superior e Desenvolvimento Humano, laranassarscalise@gmail.com

Resumo

Discutiremos a dimensão subjetiva da aprendizagem por meio de um instrumento de registro conhecido como portfólio acadêmico de aprendizagem, uma estratégia potencialmente desafiadora, vinculada à trajetória do processo de aprendizagem direcionada à produção subjetiva de sentidos e não meramente à reprodução de conteúdos programáticos. Trazemos para a ótica da aprendizagem, o aluno como protagonista por meio de uma ferramenta que apresenta vias alternativas de possibilidades para um processo autoavaliativo e formativo, e não nos princípios para fins somente de registro e avaliação. Uma aprendizagem que promove elaboração criativa, reflexiva e singular, essencial e inerente à educação, que rompe com a ideia do algo de "fora" ou "separado", da pessoa que aprende, a fim de avançar na perspectiva do sujeito que apreende por meio do caráter ativo e desafiador do seu aprendizado. Isso significa envolvê-lo na apropriação de recursos subjetivos próprios no processo de aprender. Na execução do portfólio, o que importa não é seu registro escrito, mas sim como o sujeito subjetiva o que vivenciou, sendo essencial permitir a livre expressão por meio da sua construção. Um convite à criação e produção simbólica do vivido e da possibilidade de produzir novos sentidos subjetivos. Segundo Rossato, Martins e Mitjàns Martinez, "[...] não é a vivência de um fato em si que importa, mas como o sujeito, imbricado na experiência vivida, subjetiva essa experiência." (2014, p. 39). Scalise e Anache (2019) em estudos na pós-graduação *lato sensu* observam como as diferentes formas de manifestação da criatividade estão relacionadas às histórias de vida de cada um, o encontro do novo se apresenta no confronto com os conhecimentos formais e informais, os quais são tensionados pela subjetividade social. O portfólio se configura como indutor de novas emoções e processos simbólicos e que pode promover o desenvolvimento subjetivo. Importante salientar que outras novas vias de aprendizagem além das tradicionais, nas quais a ênfase está no conteúdo e não no aprendiz,

também provocam resistências consideráveis por parte daquele que aprende, é um desafio compreender a intencionalidade de uma nova postura ativa no aprender. Implica por parte dos professores muito empenho pois historicamente não foram desenvolvidos recursos subjetivos no investir energia e esforços numa aprendizagem diferente e complexa como nos pontua Mitjàns Martinez (2017). Questão para o debate do grupo de discussão temática: Como e porque ainda novas proposições para formas de aprendizagem que rompem com o modelo tradicional provocam resistências e dificuldades no contexto escolar?
Palavras-chaves: aprendizagem, subjetividade, portfólio

Mitjáns Martinez, A. M.; González Rey, F. (2017**). Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** Campinas, SP: Editora Alínea.
Rossato. M.; Martins, L. R. R.; Mitjáns Martinez, A. (2014). A Construção do Cenário Social da Pesquisa no Contexto da Epistemologia Qualitativa. In: A. M. Mitjáns; M. Neubern; V. D. Mori (Orgs). **Subjetividade Contemporânea: discussões epistemológicas e metodológicas.** Campinas, SP: Editora Alínea.
Scalise, Lara Nassar; Anache, Alexandra Ayach. A ação docente na pós-graduação sob a perspectiva cultural histórica: a criatividade em foco. Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica. 2019; 3(1):135-157.

Trabalho 2: **El aprendizaje ambiental desde la perspectiva de la subjetividad**
Irina Lozada Sotelo, Institución Seminternado de Primaria Pedro Marrero Aizpurúa. ilozadas@ce26.sc.sc.rimed.cu
Eumelia Victoria Romero Pacheco, Institución Facultad de Ciencias Naturales y Exactas eumelia@uo.edu.cu
Alexis Céspedes Quiala, Institución Centro de Estudios Pedagógicos Manuel F. Gran. Facultad de Ciencias de la Educación, alexiscq@uo.edu.cu

Resumen
En el trabajo se presenta un análisis de los procesos pedagógicos y de gestión del conocimiento ambiental desde la perspectiva de la subjetividad, que forma parte de una investigación en curso. La autora destaca la necesidad de perfeccionar el aprendizaje ambiental a partir de un conjunto de cambios importantes en diferentes órdenes de la vida social. El proceso de gestión educativa, como componente de un reordenamiento institucional cubano, exige de mayor preparación y consagración de los profesionales del sector, de adaptar la enseñanza a las nuevas exigencias para elevar la calidad en la gestión educativa y asumir nuevas concepciones de aprendizaje; esta concepción, incluye lo científico-tecnológico, los valores y el apoyo al desarrollo del sistema educativo; que ofrezca educación a lo largo de toda la vida, donde el rol protagónico esté presente; convirtiéndose en tarea de primer orden, la capacidad de dirección para la conducción exitosa del proceso docente-educativo en las instituciones escolares, dado que este conocimiento propicia las condiciones adecuadas para una eficaz gestión educacional orientada a la labor del maestro rural. La complejidad de los problemas asociados con el medio ambiente, demanda de la construcción de diálogos grupales y acciones concertadas, no basta con la comprensión e identificación de los problemas ambientales; se necesita de la psicología

social preocupada en el lenguaje e interpretaciones en medio del contexto social; donde la acción-participación cobra importancia en los procesos de aparendizaje y pensamiento subjetivo. Al valorar los principales resultados, se comprueba la efectiva respuesta a las necesidades y problemas de aprendizaje ambiental en alumnos de la Educación Primaria; materializándose en la prepraración metodológica de los maestros para asumir la labor docente, y en la significativa calidad del aprendizaje escolar; para el estudio se toma en consideración algunos conceptos y referentes que sustentan la formación ambiental, vistos desde la teoría de la subjetividad abordado en la literatura brasileña especializada. Inicio debate: La integración de lo social e individual, es posible solo en términos de la constitución de la subjetividad en diferentes niveles de configuración subjetiva. ¿Consideras que los procesos subjetivos y la epistemología Cualitativa guardan alguna relación para el desarrollo del aprendizaje ambiental por el sujeto?
Palabras clave: Proceso subjetivo. Aprendizaje significativo. Formación ambiental.

Referencias
Casassus, Juan. Problemas de la gestión educativa en América Latina (tensión entre paradigmas de tipo A y el tipo B), 2000. Disponible en: www.google.com.
Farfán, María Teresa. Gestión educativa y gestión estratégica del proceso de enseñanza-aprendizaje: una aproximación conceptual. Universidad Autónoma Metropolitana de México, vol. 28, no. 73, pp. 45-61, 2017. Disponible en: http://www.redalyc.org.
García, Fernando Javier, Crispín, Saúl, Salgado, Lorenzo. Gestión escolar y calidad educativa, Revista Cubana de Educación Superior, vol. 37, no.2, mayo-agosto, 2018, versión online, La Habana, Cuba. Disponible en: www.google.com
González, Fernando. La Epistemología Cualitativa y el estudio de la subjetividad en una perspectiva cultural-histórica. Conversación con Fernando González Rey, Revista de Estudios Sociales, no. 60, Bogotá, Colombia, 2017. Disponible en: www.scielo.co.
Monge, Christian Heriberto, Expósito, Elpidio. La gestión educacional: acercamientos conceptuales. Santiago 143, pp.228-298, Sinaloa, México, marzo, 2017. Disponible en: http://www.researchgate.net.

Trabalho 3: **Cenário escolar em foco: relatos do projeto produtor leitor – plantando histórias, colhendo os frutos**
Maria de Lourdes Severino Cosmo, Secretaria Estadual de Educação, Distrito Federal, cosmolourdes@.com.br
Elisângela Duarte Almeida Mundim, Secretaria Estadual de Educação, Distrito Federal, elisdamundim@gmail.com

Resumo
Este estudo foi elaborado a partir de uma ação pedagógica desenvolvida no contexto das aulas de Língua Portuguesa para uma turma do quinto ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Distrito Federal. O objetivo foi analisar o processo de aprendizagem e desenvolvimento humano de três estudantes que participaram de um projeto de leitura, em que se priorizou a produção e (re)leitura de textos literários. Para tanto, a partir dos princípios da

Epistemologia Qualitativa de González Rey (GONZÁLEZ REY, 2005) foram utilizados diversos indutores favorecedores da expressão dos participantes como: dinâmicas conversacionais, análise de imagens e fotos, complemento de frases, entrevista, leitura de poema e relato de memórias afetivas e produção textual, envolvendo os alunos e seus familiares. O processo construtivo-interpretativo indicou a compreensão das diversas leituras como processo subjetivo, a movimentação dessas interpretações nas leituras levou os alunos ao enfrentamento das experiências vividas e a vivência pedagógica nos momentos de leitura evidenciou-se como potencializadora para o desenvolvimento subjetivo (Muniz. 2019). Assim, propôs-se uma leitura produtora de imaginação, a fim de que as produções textuais revelem elementos de sentido e significado. O valor heurístico da Teoria da subjetividade (GONZÁLEZ REY, 2003), abre caminho e possibilidades das crianças para além dos conteúdos, busca descobrir como a criança aprende de forma criativa e como essa aprendizagem criativa impacta no seu desenvolvimento, levando em conta os processos simbólicos que vão caracterizar a leitura e a escrita para apresentar a aprendizagem da leitura e escrita como um processo de múltiplas produções subjetivas considerando o sujeito que aprende em diferentes situações de interação social. Nesse processo interativo, os alunos produzem emoções, histórias, aprendizados e novos repertórios linguísticos que se organizam em suas expressões e que tem implicações para a constituição de um sujeito que vai deixando marcas autorais ao escrever, ao falar e ao se posicionar nas diversas oportunidades enfrentadas. Dessa maneira o sujeito produtor se posiciona de formas diversas e singulares, gerando uma aprendizagem criativa. A confrontação com o dado e a produção característica da criatividade defendida por Mitjáns Martínez (MITJÁNS MARTÍNEZ, 2012) movimentou a configuração subjetiva se respaldando na forma de aprender de forma criativa. Provocando a geração de ideias próprias. Gerando um desenvolvimento singular a cada estudante pesquisado. O estudo propõe reflexões na percepção de que processo de leitura e escrita potencializa a relação com os outros, em um cenário social de aprendizagem que favorece a produção subjetiva. Na aprendizagem para formação de leitores e escritores a criatividade emerge de forma sistêmica e constitui-se no processo do desenvolvimento da subjetividade dos educandos.

Palavras-chave: Leitura. Aprendizagem Criativa. Subjetividade.

Referencias

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo, SP: Thomson, 2005

MUNIZ, Luciana Soares; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e desenvolvimento: princípios, metodologias e estratégias do trabalho pedagógico.** 2019

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Aprendizagem criativa: desafios para a prática pedagógica. In: NUNES, Cláudio Pinto (Org.). Didática e formação de professores. Ijuí: Unijuí, 2012. p. 93-124.

Trabalho 4: **Pesquisadores e cidadãos: reflexões sobre a produção de modelos na aprendizagem de ciências**

Andrela Garibaldi Loureiro Parente, Universidade Federal do Pará, andrela@ufpa.br
José Moysés Alves, Universidade Federal do Pará, jmalves@ufpa.br

Resumo
Na área de educação em ciências, a ciência influenciou modelos de ensino enfatizando ora aspectos metodológicos ora a visão construtivista de conhecimento, mas não argumentou, como fez González Rey (2009), sobre a ciência ser um modelo de aprendizagem. Inspirados na compreensão de aprendizagem que se origina da Teoria da Subjetividade e na Epistemologia Qualitativa, refletimos sobre a produção de modelos por estudantes. Objetivando formar cientistas e orientada por uma ideia positivista de produção de conhecimento, algumas abordagens de ensino apostaram na investigação com os estudantes e valorizaram a metodologia científica ou aspectos da prática científica como forma de garantir a assimilação do conhecimento científico. O ensino por descoberta, o ensino por descobrimento dirigido, a investigação dirigida foram alguns exemplos. No âmbito de uma educação para todos, de uma educação não só em Ciência mas também através da Ciência e sobre a Ciência e de uma formação para a cidadania, Pozo e Gomez Crespo (2009) propuseram o ensino por explicação e contraste de modelos. Esse ensino defendeu a aprendizagem como processo construtivo e as teorias científicas não como verdades descobertas, mas modelos provisórios que produzem inteligibilidade sobre alguns fenômenos (POZO; GOMES CRESPO, 2009). Aprender ciências significou (re)construir modelos, integrando hierarquicamente as teorias implícitas dos estudantes às teorias científicas, por um processo de explicitação e integração, a partir da resolução de problemas do cotidiano. No entanto, tais problemas valorizaram uma concepção internalista de ciência. Também no âmbito de uma formação para a cidadania, enfatizando as relações Ciência, Sociedade, Tecnologia e Ambiente, o ensino por pesquisa argumentou sobre o exercício da investigação partilhada. Os estudantes e professores enfrentariam problemas reais, de interesse mútuo, no qual o exercício do pensar fosse fundamental para a promoção de culturas mais humanizadas. A aprendizagem estaria orientada “para o desenvolvimento pessoal e social dos jovens, num contexto de sociedades tecnologicamente desenvolvidas que se querem abertas e democráticas” (CACHAPUZ, 2000, p.48). Isto implicaria abordar problemas a partir de uma concepção externalista de ciência, na qual estes não são concebidos somente do ponto de vista do domínio do conhecimento científico como produto acabado ou de seu aspecto instrumental. No ensino por pesquisa não se valorizou explicitamente a produção de modelos pelos estudantes, mas isso importaria na aprendizagem de cidadãos criativos. O cidadão assemelha-se ao pesquisador não porque utiliza um método científico infalível, mas porque com sua imaginação e criatividade são capazes de criar modelos teóricos e envolver-se emocionalmente com essa criação (GONZÁLEZ REY, 2009), respondendo perguntas colocadas pela sociedade e o ambiente. Estudar a configuração subjetiva da ação de aprender ciências em contexto de investigação suscitariam novas reflexões sobre a produção de modelos pelos estudantes. Nesse sentido, questionamos: Que implicações pedagógicas emergem da reflexão sobre os conceitos de aprendizagem compreensiva e criativa e sobre os princípios da epistemologia qualitativa tendo em vista pensar a investigação como produção de modelos pelos cidadãos?
Palavras chave: Aprendizagem de ciências; Investigação com os estudantes; Produção de modelos

Referências

CACHAPUZ, Antônio. Francisco. Perspectivas de ensino de ciências. Porto: Centro de Estudos em Ciência (CEEC), 2000.
GONZÁLEZ REY, Fernando. O sujeito que aprende. Desafios do desenvolvimento da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In: TACCA, M. C. V. R. (org.) Aprendizagem e Trabalho Pedagógico. Campinas, SP: Alínea, 2008, p. 29-44.
POZO, J. I.; GÓMEZ CRESPO, M. A. **A aprendizagem e o ensino de ciências**: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico, 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 200

Trabalho 5: **A criança como sujeito na realização de tarefas matemáticas**
Amanda Marina Andrade Medeiros, Universidade de Brasília, amandamedeiros@unb.br

Resumo
O presente trabalho é parte da pesquisa de doutorado da autora (MEDEIROS, 2018), que teve como objetivo analisar processos subjetivos da aprendizagem escolar de crianças consideradas em situação de dificuldade de aprendizagem matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A base epistemológica de investigação foi a Teoria da Subjetividade, tendo a Epistemologia Qualitativa como norteadora metodológica (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). A metodologia construtivo-interpretativa orientou o trabalho de campo, que ocorreu em uma escola pública do Distrito Federal. O estudo de caso foi a estratégia utilizada para a construção da informação. O sistema conversacional foi o principal procedimento metodológico, por meio de instrumentos que permitiram a expressão de pensamentos e sentimentos. Para Mitjáns Martínez e González Rey (2017, p. 69) "a categoria sujeito refere-se ao indivíduo no seu caráter ativo, consciente e intencional". Para que uma criança seja sujeito que aprende é necessário o caráter ativo em relação à aprendizagem, de forma que haja uma aprendizagem compreensiva ou criativa. Por mais que as crianças participantes da pesquisa não fossem sujeitos que aprendem durante as tarefas matemáticas, por não terem contato com o conhecimento curricular a ser aprendido (recusa a realizar a tarefa), de acordo com os objetivos escolares, ou por não terem um caráter ativo e intencional em relação à aprendizagem, as crianças da pesquisa criaram alternativas subjetivas para transpor uma situação escolar, no caso a realização das tarefas escolares, que aparece como obstáculo no processo de escolarização, tornando-se, assim, sujeito na situação, mas não necessariamente sujeito de suas aprendizagens. No caso de Lia (nome fictício) a cópia (Lia copiava as respostas das tarefas das colegas, por não ter confiança no próprio conhecimento) foi uma alternativa criada para enfrentar as situações em que apareciam as tarefas matemáticas a serem resolvidas, já para Murilo (nome fictício) a fuga das atividades por meio de desculpas como ir ao banheiro foi a alternativa criada para não enfrentar situações em que teria que usar conhecimento matemático. O contexto escolar e a subjetividade social da sala de aula contribuem para a produção de sentidos subjetivos que limitam a aprendizagem, se configurando, muitas vezes, de forma a levar a criança a se afastar do conhecimento matemático, obstruindo as possibilidades de aprendizagem, que se dão exatamente no contato da criança com as tarefas. Nesse contexto, devemos refletir sobre o papel das tarefas como atividades obrigatórias, enfadonhas, com objetivos apenas propedêuticos no processo de aprendizagem escolar. Essas

tarefas promovem a produção de sentidos subjetivos que facilitam ou dificultam a aprendizagem?
Palavras chave: Educação Matemática, subjetividade, tarefas.

Referências
GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade:** Teoria, Epistemologia e Método. Campinas: Alínea, 2017.
MEDEIROS, Amanda Marina Andrade. **Análise dos processos subjetivos de aprendizagem matemática escolar de crianças consideradas em situação de dificuldade.** Brasília: Universidade de Brasília, 2018. (tese de doutorado)
MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar:** avançando na contribuição da leitura cultural histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

Trabalho 6: **Como pesquisar a imaginação no contexto de uma atividade experimental investigativa?**
Maridalva Costa Nascimento, Universidade Federal do Pará, maridalva.nascimento@iemci.ufpa.br
Andrela Garibaldi Loureiro Parente, Universidade Federal do Pará, andrela@ufpa.br

Resumo
No contexto da pesquisa de doutorado nos propusemos a investigar “os processos imaginativos de um estudante na realização de atividades investigativas”, concebendo a imaginação como uma produção subjetiva (GONZÁLEZ REY, 2014). Significou pesquisar a subjetividade do estudante na ação de aprender ciências. Utilizamos a Teoria da Subjetividade de González Rey, sustentada na Epistemologia Qualitativa e na metodologia construtivo-interpretativa (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). O cenário social da pesquisa iniciou-se na escola, quando o participante da pesquisa era meu aluno do sexto ano e frequentava o Clube de Ciências, onde atuo como professora-monitora. Inicialmente, utilizamos o desenho como recurso para aguçar a expressão do estudante e como meio de conhece-lo. Posteriormente, usamos gravação e observação da participação dele em algumas atividades no Clube de Ciências, completamento de frases e conversas informais, na escola, no Clube e na sua residência. Os instrumentos enquanto recursos da pesquisa que se originam do processo interpretativo construtivo do pesquisador, auxiliam na expressão dos participantes, com informações que podem ser confrontadas pelo uso de outros instrumentos, com novas informações (GONZÁLEZ REY, 2017). Estudamos a imaginação no curso da ação do estudante, momento no qual emergiram sentidos subjetivos de sua história de vida e do contexto atual. Na perspectiva teórica assumida temos a liberdade, enquanto pesquisadoras, para criar novos instrumentos, conforme a necessidade de aprofundar o debate em questão, atribuindo coerência ao modelo teórico em construção, no processo contínuo de elaboração de indicadores e hipóteses no curso da pesquisa. Assim, projetamos uma atividade com o intuito de colocar o estudante diante de uma situação em que ele fosse provocado a planejar um experimento e elaborar uma resposta, para a questão: “como investigar a respiração dos

fungos? ". Desejávamos avançar sobre a discussão do papel da imaginação na aprendizagem do estudante. No espaço relacional dialógico da pesquisa, que constitui o terceiro princípio da Epistemologia Qualitativa – *a pesquisa como processo de comunicação*, o estudante manifestou possibilidades de resolver o problema a partir de sentidos subjetivos relacionado a sua postura desinibida, participativa, curiosa e responsável, no qual a imaginação foi interpretada como uma produção subjetiva. Foi possível investigar a imaginação do estudante. Primeiro, porque o espaço relacional dialógico se constituiu em uma estratégia pedagógica, para alcançar o pensamento dele e envolve-lo afetivamente. Segundo, porque a atividade demandou uma produção de ideias, resultando na construção de sistemas pelo estudante, e suas reflexões sobre se os resultados teriam capacidade para responder ao problema. Nesse contexto, que princípios teóricos poderiam, de forma intencional, nortear atividades para favorecer a imaginação dos estudantes?

Palavras-chave: Aprendizagem. Imaginação. Investigação.

Referências

GONZÁLEZ REY, F. A imaginação como produção subjetiva: as ideias e os modelos da produção intelectual. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; ÁLVAREZ, P. (Orgs). **O sujeito que aprende:** diálogo entre a psicanálise e o enfoque histórico-cultural. Brasília: LiberLivro, 2014.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade:** teoria, epistemologia e método. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade:** os processos de construção da informação. Marcel Aristides Ferrada Silva (trad.). São Paulo: Cengage Learning, 2017.

Trabalho 7: **Criatividade e subjetividade nos registros feitos pelas crianças no diário de ideias**.

Maria Eduarda Matos da Cunha Lima, Universidade Federal de Uberlândia, mariaeduardamatoscl@ufu.br
Analúcia de Morais Vieira, Escola de Educação Básica da Universidade de Uberlândia, tutor3analucia@yahoo.com.br
Juliene Madureira Ferreira, Universidade de Tampere, juliene.madureiraferreira@tuni.fi
Luciana Soares Muniz, Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, luciana.muniz@ufu.br

Resumo

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa em andamento, vinculada ao Grupo de Estudo e Pesquisa Criatividade, Aprendizagem e Subjetividade, vinculado ao programa Diário de ideias. O objetivo da pesquisa é investigar os registros nos Diários de Ideias produzidos pelas crianças, que cursaram o primeiro ano do ensino fundamental em 2018, em uma escola pública na cidade de Uberlândia, MG. Como metodologia recorremos à análise de conteúdo dos registros das crianças visando acessar o processo de construção da subjetividade das mesmas. Por guardarem singularidade e riqueza em si mesmo, os Diários de Ideias nos convida a investigar e pesquisar o universo infantil, no processo inicial de aprendizagem da leitura e da escrita. O Diário de Ideias (MUNIZ, 2020) é uma metodologia, embasada na Teoria da Subjetividade de

González Rey (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017; MUNIZ; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2019) que busca contribuir com a expressão da criatividade na aprendizagem da leitura e da escrita e promover a atuação autoral e protagonista dos estudantes, conferindo suporte para uma aprendizagem criativa, principalmente na leitura e na escrita. A aprendizagem criativa da leitura e da escrita se caracteriza pela condição de sujeito na experiência de aprender, a criatividade emerge possibilitando um aprendiz protagonista da sua aprendizagem, de modo que ultrapasse o contexto escolar, abarcando a vida como um todo. As crianças criam seus próprios registros em um "diarinho" e, de forma espontânea, registram suas experiências e ideias, se expressando com liberdade e autonomia. Observamos que nesta metodologia as crianças se utilizam de diferentes linguagens para se expressarem em seus registros. São elas: desenhos, escritas, colagens, criação de histórias, dobraduras, fotografias, dentre outras possibilidades. Os registros não tem um fim em si mesmos, eles são uma via pela qual as crianças expressam sua vida cotidiana, em diferentes contextos e subjetividades. Este processo é perpassado pelos aspectos culturais, sociais, afetivos e cognitivos de cada criança. O que possibilita um trabalho pedagógico de modo mais integrado, para que os conteúdos curriculares sejam associados com os interesses e experiências dos estudantes e amplie a relação professor-estudante ao entrar em contato com estas subjetividades. A pesquisa contará com um capítulo de exercício reflexivo sobre os registros nos diários de ideias, discorrendo sobre as seguintes categorias: diversidade dos contextos sociais, das experiências e dos contextos vivenciados; diferentes tipos de registros e seu desenvolvimento; autoria, originalidade, subjetividade, criatividade. Com o objetivo de oferecer novas perspectivas sobre as possibilidades que os registros trazem em si, marcando que cada contexto social é singular, não sendo possível exaustar suas possibilidades.
Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como os registros e as narrativas das crianças podem favorecer aos professores a construção de informações sobre a subjetividade dos aprendizes?
Palavras chave: Diário de ideias, subjetividade, criatividade.

Referências
MUNIZ, Luciana Soares. **Diário de ideias**: linhas de experiências. EDUFU: Uberlândia, 2020.
MUNIZ, Luciana Soares; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e desenvolvimento: princípios e estratégias do trabalho pedagógico.** Curitiba: Appris, 2019.
GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade**: Teoria, Epistemologia e Método. Campinas: Alínea, 2017.

Sessão 2 – 23 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **A teoria da subjetividade e a superação das dificuldades de aprendizagem em física**
Sérgio Henrique de Oliveira Bezerra, Instituto De Educacao Matematica E Cientifica. Universidade Federal Do Para, sergio.bezerra@icen.ufpa.br

Andrela Garibaldi Loureiro Parente, Instituto De Educacao Matematica E Cientifica. Universidade Federal Do Para, andrela@ufpa.br

Resumo

O objetivo deste ensaio teórico é estabelecer um diálogo entre a Teoria da Subjetividade de González Rey (GONZÁLEZ REY; MITJANS MARTÍNEZ, 2017) e a Teoria Construtivista de Pozo e Gómez Crespo (POZO; GÓMEZ CRESPO, 2009), que possa contribuir com a proposição de um modelo teórico que traga inteligibilidade aos processos de superação das dificuldades de aprendizagem em ciências, em particular a física, considerando as dimensões subjetivas e operacionais da aprendizagem. Considerando a aprendizagem enquanto um fenômeno diverso, a Teoria da Subjetividade propõe um modelo no qual a aprendizagem é tida como um processo da subjetividade humana, na relação complexa e recursiva de subjetividade social e subjetividade individual. O importante para a aprendizagem não seria os aspectos diretamente observáveis, mas a forma como o estudante subjetiva o que acontece no espaço sociorrelacional, ou seja, os sentidos subjetivos por ele produzidos no momento do ato de aprender e a correlação complexa e singular que ele estabelece com sua história de vida (MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017). As dificuldades de aprendizagem teriam então uma explicação multifatorial, associada com a não produção de sentidos subjetivos novos e valiosos para o estudante. Pozo e Gómez Crespo elaboraram uma compreensão de aprendizagem enquanto processo construtivo. No ensino de ciências a substituição dos conhecimentos prévios que os estudantes apresentam por outros cientificamente aceitos dá lugar ao processo de integração hierárquica dos vários modelos, científicos ou não, que o estudante tem em seu repertório. Ao discutir de forma específica a aprendizagem em ciências, e dentro deste domínio a diferenciação e especificidades dos conteúdos à serem tratados (conceituais, atitudinais e procedimentais), os autores suscitam o debate da diversidade de formas de aprendizagem. As dificuldades de aprendizagem em ciências são descritas como a dificuldade em integrar de forma hierarquicamente estruturada os conhecimentos prévios dos estudantes (menos abrangentes) e os conhecimentos científicos (mais abrangentes). A Teoria da Subjetividades considera a dimensão operacional da aprendizagem, assim como outras teorias o fazem, dentre elas a proposta por Pozo e Gómez Crespo. Esta dimensão relaciona-se com estratégias de aprendizagem, operações do pensamento e processos fisiológicos dos indivíduos. Além da dimensão operacional, a Teoria da Subjetividade considera também, e sobretudo, a dimensão subjetiva no processo de aprender. Esta dimensão trata das complexas integrações simbólico-emocionais que se organizam de forma simultânea na experiência vivida pelo sujeito dessa. A aprendizagem estaria diretamente relacionada com a produção de sentidos subjetivos novos. Os avanços trazidos à Educação em Ciências pela teoria de Pozo e Gómez Crespo, sobretudo os aspectos específicos à aprendizagem da física, indicam uma compreensão que não extrapolaria a dimensão operacional da aprendizagem. Evitando estabelecer relações puramente especulativa entre duas teorias que têm bases estruturantes diferentes, e buscando construir um modelo explicativo que tenha a Teoria da Subjetividade como referência, *que tipos de indícios interpretados pelo pesquisador podem se constituir como base de indicadores que indiquem a presença da dimensão subjetiva nas dificuldades de aprendizagem em física? Quais condições favoreceriam a construção do cenário social da pesquisa pra investigar o subjetivo e o operacional na aprendizagem em física?*

Palavras chave: dificuldade de aprendizagem; superação; física.

Referências

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade:** teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.
MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar:** avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.
POZO, J. I.; CRESPO, M. A. G. **A Aprendizagem e o ensino de ciências**: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Trabalho 2: **Estudantes com dislexia na educação superior: a subjetividade como motivação para a aprendizagem**

Clariane do Nascimento de Freitas, Universidade Federal de Santa Maria, clarianenf26@gmail.com
Fabiane Adela Tonetto Costas, Universidade Federal de Santa Maria, fabiane.costas@ufsm.br
Iara Salete Caierão, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, iarac@terra.com.br

Resumo

Quando falamos em Educação Superior, temos em mente a ideia de estudantes envolvidos em grupos de pesquisa, imersos em muitas leituras e livros. E, de fato, cursos de graduação exigem muita leitura, além do desenvolvimento de outras habilidades, dependendo da área do curso. Contudo, é crescente o número de estudantes no ensino superior que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem. Neste texto, especificamente, trazemos o relato de uma pesquisa de doutorado na área da educação, realizada com estudantes na Educação Superior que possuem o diagnóstico de dislexia, um transtorno específico de aprendizagem que compromete a fluência leitora e, consequentemente, também a escrita (SHAYWITZ, 2006). Este texto apresenta aspectos referentes à subjetividade como motivadora da aprendizagem, que fizeram parte de uma pesquisa fundamentada na Teoria Histórico-Cultural, em especial nos conceitos vigotskianos de compensação, tomada de consciência (VYGOTSKI, 1997) e o conceito de subjetividade desenvolvido por González-Rey (2005; 2009). Seu objetivo foi compreender como os processos compensatórios e a subjetividade podem influenciar a forma como as pessoas com dislexia se constituem em seu processo de aprendizagem na educação superior. as vivências e os sentidos que damos a elas podem tornar-se barreiras para o processo de aprender (GONZÁLEZ REY, 2009) revelando o quanto a subjetividade de cada indivíduo influencia diretamente a motivação para aprender. Ilustrando o exposto, durante a pesquisa percebeu-se que um dos sujeitos participantes da pesquisa vivenciou de forma negativa o diagnóstico de dislexia, teve uma reação igualmente negativa em relação a si mesmo e ao processo de aprender. Somente depois de compreender melhor o que realmente significava ser uma pessoa com dislexia é que passou a dar outro sentido às suas vivências e buscou compensar suas dificuldades. De igual modo, percebeu-se que cada participante reagiu

de forma distinta em relação ao seu processo de aprender. Aquele que apresentava maior dificuldade em relação à leitura e à escrita, sendo praticamente analfabeto, foi o que se mostrou mais dedicado, motivado e envolvido com sua aprendizagem. Ao final da pesquisa constatou-se, dentre outros aspectos, que o processo de subjetivação de cada indivíduo impacta diretamente em sua motivação para a busca por compensar suas dificuldades e consequentemente, sua motivação para aprender. A questão que propomos para o debate do grupo: Como a escola pode contribuir para a construção da subjetividade dos estudantes?
Palavras chave: subjetividade; aprendizagem; dislexia.

Referências
GONZÁLEZ REY, F.L. La significación de Vygotski para la consideración de lo afectivo en la educación: las bases para la cuestión de la subjetividad. **Revista Electrónica "Actualidades Investigativas en Educación"**, v. 9, nov. 2009, p. 1-24. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=44713052003. Acesso em: 25 jun. 2017.
_____. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
SHAYWITZ, S. **Entendendo a dislexia**: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre: Artmed; 2006.
VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas V:** Fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 1997.

Trabalho 3: **Superação das dificuldades de aprendizagem em ciências: reflexões sobre o subjetivo e o operacional**
Andrela Garibaldi Loureiro Parente, Instituto De Educacao Matematica E Cientifica. Universidade Federal Do Para, andrela@ufpa.br
José Moysés Alves, Instituto De Educacao Matematica E Cientifica. Universidade Federal Do Para, jmalves@ufpa.br
Hanna Patrícia Bezerra, Instituto De Educacao Matematica E Cientifica. Universidade Federal Do Para, IFAP, hannapatricia.06@gmail.com
Sérgio Henrique de Oliveira Bezerra, Instituto De Educacao Matematica E Cientifica. Universidade Federal Do Para, sergio.bezerra@icen.ufpa.br

Resumo
Pesquisas sobre a superação das dificuldades de aprendizagem escolar tem sido feitas, usando como referencial da Teoria da Subjetividade (GONZÁLEZ REY; MITJANS MARTÍNEZ, 2017), com crianças na fase inicial da escolarização (ROSSATO; MARTINEZ, 2011). Não temos notícias de pesquisas sob este referencial feitas com adolescentes e envolvendo conteúdos de ciências. Construtivistas espanhóis (POZO; GÓMEZ CRESPO, 2009) explicam a superação das dificuldades de aprendizagem em ciências sem levar em conta a dimensão subjetiva da aprendizagem. Consideramos necessário construir, por meio de pesquisas, uma extensão do modelo da Teoria da Subjetividade, que valorize as dimensões subjetiva e operacional (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2012) na superação das dificuldades de aprendizagem em ciências. Nesse estudo teórico, apresentamos e comparamos os dois modelos mencionados. Ambos concordam que a meta da educação não é selecionar os estudantes, mas

incluir todos eles e formá-los para o exercício da cidadania. Entretanto, notamos diferenças entre os dois modelos, que nos impedem de integrá-los em um modelo único. Essas diferenças se manifestam no nível epistemológico, ao como devemos produzir conhecimento sobre as dificuldades de aprendizagem. Também se expressam no nível ontológico, que se refere às categorias teóricas que dispomos para conceber a natureza dessas dificuldades. Expressam-se ainda no nível da estrutura conceitual, a como usamos as categorias teóricas para explicar as dificuldades de aprendizagem e sua superação. Pensamos que é promissora a hipótese de integração hierárquica de Pozo e Gómez Crespo (2009) para explicar a mudança conceitual radical. Entretanto, pensamos a mudança conceitual e, junto com ela, as mudanças procedimentais e atitudinais, como fazendo parte do desenvolvimento subjetivo. A explicação e contraste de modelos como procedimento de ensino (POZO; GÓMEZ CRESPO, 2009) e a ideia de estratégia pedagógica (TACCA, 2006) são construtos teóricos valiosos para a reflexão e ação do pesquisador na superação das dificuldades de aprendizagem. Questionamos: Que contribuições poderiam originar-se das pesquisas sobre as dificuldades de aprendizagem, com diferentes conteúdos escolares, para o aprofundamento do debate sobre o subjetivo e operacional no âmbito da TS?

Palavras chave: Subjetivo e operacional; Superação das dificuldades de aprendizagem; Aprendizagem de ciências.

Referências

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade:** teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. L. O subjetivo e o operacional na aprendizagem escolar: pesquisas e reflexões. *In*: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; SCOZ, B. J. L.; CASTANHO, M. I. S. (Orgs.) **Ensino e aprendizagem:** a subjetividade em foco. Brasília: Liber Livros, 2012, p. 59-83.

POZO, J. I.; GÓMEZ CRESPO, M. A. **A aprendizagem e o ensino de ciências**: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico, 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ROSSATO, M.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. A superação das dificuldades de aprendizagem e as mudanças na subjetividade. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M. C. V. R. **Possibilidades de Aprendizagem**: Ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência. Campinas: Alínea, 2011, p. 71-107.

TACCA, M. C. V. R.; Estratégias Pedagógicas: conceituação e desdobramentos com o foco nas relações professor-aluno. *In*: TACCA, M. C. V. R. (Org). **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas: Alínea, 2006, p. 45-68.

Trabalho 4: **Refletindo sobre dificuldades de aprendizagem de biologia à luz da teoria da subjetividade**

Hanna Patrícia da Silva Bezerra, Instituto Federal do Amapá, hannapatricia.06@gmail.com
José Moysés Alves, Universidade Federal do Pará, jmalves@ufpa.br

Resumo

Objetivamos discutir, a partir da Teoria da Subjetividade (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017), os resultados de uma revisão da literatura sobre a superação das dificuldades de

aprendizagem de Biologia (BEZERRA; ALVES, 2021, no prelo). Revisamos 56 pesquisas desenvolvidas na área de ensino e aprendizagem da disciplina. Identificamos três estudos que tiveram as dificuldades de aprendizagem como problema de pesquisa, os demais abordaram o tema para justificar as intervenções pedagógicas propostas. Constatamos que não há uma linha de pesquisa específica sobre dificuldades de aprendizagem da disciplina, além disso, não encontramos investigações que utilizaram a Teoria da Subjetividade (TS) como referencial. As dificuldades de aprendizagem foram atribuídas a quatro fatores: conteúdos, estudantes, professores e escola. Em 48% dos trabalhos, esses fatores foram apontados, isoladamente, como causas de dificuldades. A compreensão das dificuldades, a partir da combinação desses fatores, compareceu em 52% das pesquisas. Entre as causas atribuídas às dificuldades de aprendizagem, os aspectos objetivos são enfatizados e pensados como exercendo uma influência direta sobre as dificuldades de aprendizagem dos estudantes, que seriam, basicamente, de natureza cognitivo-operacional ou motivacional. Os aspectos do ambiente, do currículo, dos recursos didáticos e da insuficiência de repertório dos estudantes, mencionados nas pesquisas, na perspectiva da TS, precisariam ser subjetivados pelos estudantes para ter impacto sobre suas ações (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017). Por outro lado, os aspectos que caracterizamos como subjetivos, comparecem com menor frequência. Entre eles, destacamos: a falta de espaço na escola para os estudantes protagonizarem a aprendizagem, o conflito entre crenças dos estudantes e conhecimentos científicos, a desmotivação e a falta de identificação de professores com alguns conteúdos. Esses aspectos são tomados de forma separada e não em configurações de sentidos subjetivos. De acordo com Mitjáns Martínez (2020), eles fazem parte de configurações subjetivas sociais (da escola e da sociedade) e individuais (de estudantes e professores), as quais possuem relação com outras configurações subjetivas da personalidade dos agentes individuais ou do coletivo da escola. Ao oferecer uma visão complexa das dificuldades de aprendizagem, a TS pode contribuir para a área de ensino de Biologia, sendo um novo referencial para compreender e investigar as dificuldades de aprendizagem da disciplina, com implicações importantes para as propostas de superação dessas dificuldades. Dessa forma, apresentamos a seguinte questão: Que contribuições as pesquisas sobre superação das dificuldades de aprendizagem na TS podem trazer para o debate sobre a relação entre o subjetivo e operacional na aprendizagem?

Palavras chave: Superação das dificuldades de aprendizagem de biologia; Dimensão subjetiva; Revisão da literatura.

Referências

BEZERRA, H.P.S.; ALVES, J.M.S. Revisão sistemática sobre superação de dificuldades de aprendizagem em biologia no ensino médio. In: **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, 2021. No prelo.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Subjetividade Social: desafios de um conceito. In: **Teoria da Subjetividade:** discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional. 1ª ed. Campinas: Editora Alínea, 2020.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, L.F. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar:** avançando na contribuição da leitura cultural histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

Trabalho 5: **Aprendizaje escolar y desarrollo subjetivo de los adolescentes en las prácticas parentales**

Clara Ofelia Suárez Rodríguez, Universidad de Oriente, Cuba, clara.ofelia.suarez@gmail.com
María del Toro Sánchez, Universidad de Oriente, Cuba, mtorosanchez@gmail.com
Yolanda Mercerón Figarola, Universidad de Oriente, Cuba, yolanda.merceron@gmail.com
Adonis Lucas Verdecia Ortiz, Universidad de Oriente, Cuba, verdeciado46@nauta.cu

Resumen

El presente resultado investigativo se dirige a potenciar el desarrollo subjetivo de adolescentes en Secundaria Básica, mediante prácticas parentales propiciadoras de su aprendizaje escolar, al realizar padres y madres con sus hijos, tareas independientes orientadas desde la escuela (MARTÍNEZ, SUÁREZ, DEL TORO, 2018). Se desarrolla una experiencia con estudiantes que manifiestan dificultades en la comunicación materna y paterna, situación que incide de manera negativa en su desarrollo. Las exigencias de padres y madres a su comportamiento, expresadas en reglas o límites, son impuestas con desvalorizaciones hacia ellos que limitan sus posibilidades de comprensión y asunción consciente de esas exigencias. Las familias de estos estudiantes muestran débil manejo de recursos subjetivos para enfrentar los efectos de eventos adversos, sobre todo los vinculados al aprendizaje escolar y el crecer de sus hijos (GONZÁLEZ REY; MITJANS; BEZERRA, 2016). Las dificultades en el aprendizaje de los estudiantes que refieren sus maestros y la propia familia, están muy vinculadas a los problemas que acontecen en las prácticas parentales, estas generan estados subjetivos que son expresión de configuraciones que les impiden la motivación en función del aprendizaje. (SUBERO; BRITO-RIVERA, 2020). En la investigación se realizó la adaptación de un sistema de tareas independientes de educación en valores y aprendizajes de vida (PRADO, 2018), para ser desarrolladas en conjunto por los padres y/o las madres y sus hijos. Estas tareas invitan a una comunicación dialógica para promover en los estudiantes la personalización del conocimiento y motivación del aprendizaje. (MITJANS, 2013). La convocatoria a padres y madres para que compartan con sus hijos las construcciones de experiencias de vida mediante las tareas independientes escolares, los implican subjetivamente en la constitución de sentidos subjetivos diversos que se expresan en un nivel simbólico-emocional a través de las distintas experiencias educativas propuestas, académicas y de la vida en general, favoreciendo el desarrollo subjetivo del estudiante, potenciando su imaginación y fantasía en la interacción, el diálogo y la reflexión conjunta (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS, 2015).

Pregunta: Valorar la importancia del método constructivo- interpretativo en el aprendizaje escolar.

Palabras-clave: Aprendizaje escolar, desarrollo subjetivo, prácticas parentales.

Referencias

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS Albertina. Una epistemología para el estudio de la subjetividad: Sus implicaciones metodológicas. Psicoperspectivas, Valparaíso v.15, n1, p.5-16. Ene. 2016

_____; BEZERRA Marilia. Psicología en la Educación. Implicaciones de la subjetividad en una perspectiva cultural – histórica. Revista puertorriqueña de psicología, San Juan, v. 27, n.2, p. 260 – 274 jul/ dic. 2016.

MARTÍNEZ, Lilian; SUÁREZ, Clara; DEL TORO, María. El aprendizaje desarrollador desde la relación escuela-familia. Ejercicio de culminación de estudios de la carrera de Licenciatura en Psicología. Universidad de Oriente. Santiago de Cuba, Cuba 2018
MITJANS Albertina. Aprendizaje creativo: desafíos para la práctica pedagógica, Revista CS, Cali, n. 11, p.311–341, ene/jun. 2013.
PRADO, Mirtha. Clima Motivacional de la Familia: Evaluación e Intervención. Tesis doctoral. Madrid, 2018.
SUBERO David, BRITO-RIVERA Luis. Subjetividad en la psicología educativa: de la teoría educativa vygotskyana hacia una concepción compleja del aprendizaje escolar En: Alternativas cubanas en Psicología, Ciudad México, v 8, n 23, p. 66-79, may-ago, 2020.

Trabalho 6: **A atuação do pedagogo da equipe de apoio à aprendizagem: contribuições da Teoria da Subjetividade**

Sandra Regina de Souza Santos, Universidade de Brasília, sandra.regina@edu.se.df.gov.br
Cristina M. Madeira Coelho, Universidade de Brasília, madeiracoelho@unb.br

Resumo
Esse resumo faz parte dos estudos teóricos que embasam minha pesquisa de mestrado que busca compreender aspectos subjetivos da atuação do pedagogo das Equipes de Apoio à Aprendizagem, SEAA, contexto em que esse profissional precisa estabelecer relações diversas com psicólogos escolares, orientadores educacionais, gestores. alunos, docentes e demais integrantes da comunidade escolar e ainda com a família desses estudantes encaminhados com queixas escolares. Pensamos, assim, que a perspectiva teórica da subjetividade pode proporcionar novas abordagens para o diagnóstico dos estudantes com processos de aprendizagens diferenciados na medida em que haja um confronto com as formas de diagnósticos dominantes a partir do entendimento da aprendizagem escolar como processo subjetivo, rompendo com a naturalização do diagnóstico médico e psicológico/ clínico que em muitos casos é utilizado como justificativa para explicar a não aprendizagem dos estudantes e se torna limitador da ação pedagógica. O pedagogo pode assumir um papel diferencial no interior da instituição escolar ao, no curso da sua atuação profissional, considerar aspectos subjetivos presentes no processo de aprender e compreender as tramas que se estabelecem no ambiente escolar. Dessa forma, sua atuação possibilitaria a reorganização do trabalho educativo superando paradigmas conservadores de formação e trazendo para o centro do processo a questão central da função social da escola que é a garantia da aprendizagem. Essa alternativa de atuação contribuiria para a diminuição da quantidade de queixas escolares demandadas aos serviços de apoio presentes nas escolas. Nesse contexto, os conceitos desenvolvidos por González Rey seriam a base para a elaboração desse sistema interpretativo que em função das suas inter-relações assumem uma característica configuracional. As categorias elaboradas no desenvolvimento da Teoria da Subjetividade possibilitaram a realização de uma construção teórica capaz de demonstrar que as queixas escolares podem ser diferentemente abordadas a partir da subjetividade que constituem pedagogos e professores. Nesse caminho, os conceitos de sentidos subjetivos, configurações subjetivas, sujeito, subjetividade individual e social ganham especial importância.

Considerando a afirmação de Mitjáns Martínez e González Rey que "a versatilidade e a dinâmica dos sentidos subjetivos permitem caracterizar cada ação concreta do indivíduo como expressão de uma configuração subjetiva parcial de experiências vividas na sua história individual" (2017, p.64), em que medida a atuação do pedagogo pode ser geradora de sentidos subjetivos diversos nas relações estabelecidas no contexto escolar?
Palavras chave: Queixas escolares, Subjetividade, Pedagogos.

Referências
DISTRITO FEDERAL, **Orientação Pedagógica - Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem**, 2010.
González Rey, Fernando Luis; Mitjáns Martinez, Albertina. **Subjetividade. Teoria, Epistemologia e Método**. Campinas: Alínea, 2017
Mitjáns Martinez, Albertina; González Rey, Fernando Luis. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica**. São Paulo: Cortez, 2017.

Trabalho 7: **La formación docente y la atención diferenciada en el aprendizaje escolar desde la subjetividad**
Vivian Rojas Benamor, Escuela Pedagógica Pepito Tey, vivita79@nauta.cu
Irela Margarita Paz Domínguez, Universidad de Oriente, irelapaz@uo.edu.cu

Resumo
Desde la investigación que se realiza en escuelas pedagógicas cubanas, en la formación de maestros para la Educación Primaria se identifican insuficiencias para atender las diferencias individuales en el proceso de aprendizaje, lo que limita su formación profesional. Es necesario emplear diversas alternativas metodológicas, para que desarrollen conocimientos y recursos personológicos que resultan importantes para la atención a la diversidad y desde la subjetividad; esta enseñanza implica, además, el ejercicio de una práctica social (WÖHNING, s/f). La formación de los maestros primarios exige que se favorezca la adquisición de mecanismos para atender a todos los escolares dentro de su clase (GONZÁLEZ, 2014). El reconocimiento del aprendizaje y las dificultades en los alumnos, adquiere un interés legítimo y posee un carácter subjetivo, que ayuda a comprender las diferentes formas de conocer, conceptuar, sentir y actuar, se individualiza el aprendizaje, incidiendo en sus logros académicos (PEDRANZANI, 2013). El proceso de enseñanza aprendizaje es el escenario donde el maestro, con una formación encaminada a la atención diferenciada, puede organizar, planificar, dirigir y evaluar el aprendizaje de sus alumnos de una manera más eficiente (PAZ, 2011), aprovecha la subjetividad del estudiante en la construcción de sus propios conocimientos y habilidades, a partir de lo que conocen, y lo integra con lo nuevo para potenciar al máximo sus capacidades de desarrollo integral y propiciar un mejor aprendizaje (FAJARDO, 2016). Es propósito de las autoras la implementación de una estrategia didáctica que prepare al futuro maestro para realizar la atención a las diferencias individuales, partiendo de las potencialidades de los escolares, en particular aquellos con dificultades. La investigación se plantea la siguiente interrogante: ¿Cuáles pueden ser los núcleos esenciales que incluya una estrategia didáctica para preparar a

los maestros en formación, de manera que garanticen la atención diferenciada a los alumnos con dificultades en el aprendizaje en su práctica profesional?
Palabras claves: Formación, dificultades en el aprendizaje, diferencias individuales

Referencias
FAJARDO, R. **Subjetividades relacionadas con las dificultades en el aprendizaje desde la mirada de situaciones pedagógicas en el colegio Cafam grado 3D**. (Versión electrónica) Revista Tecné, Episteme y Didaxis: TED, 2323-0126. 2016
GONZÁLEZ, M. ***Relación práctica laboral-orientación profesional en la carrera de maestros primarios de las escuelas pedagógica**s*. Tesis doctoral. 2014
PAZ, I.; VENET, R.; RAMOS, G.; MÁRQUEZ, A.; OROZCO, O. **Formando al educador del siglo XXI. Reflexiones, experiencias y propuestas pedagógicas**. Cuba. Sello Editor Educación Cubana: ISBN 978-959-18-0667-3. 2011
PEDRANZANI, B, E. MARTIN, L, M. DÍAZ, C, R. **Pensando las subjetividades hoy: el papel de la escuela y el currículum.** (Versión electrónica) Revista Contextos de Educación Año 13 - Nº 15 fue descargado desde www.hum.unrc.edu.ar/publicaciones/contextos.
WÖHNING, E, C. **Práctica, Formación Y Subjetividad Pedagógica. Una reflexión filosófica**. s/f.

Sessão 3 – 29 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00 – Apresentação e discussão final

Trabalho 1: **O valor heurístico da teoria da subjetividade para a compreensão das dificuldades de aprendizagem e da indisciplina em sala de aula**
Maria do Socorro Martins Lima, Faculdade de Tecnologia de Palmas/ Centro Universitário Euroamericano, smartinsl@hotmail.com
Maria Carmen Villela Rosa Tacca, Universidade de Brasília, mctacca@yahoo.com.br

Resumo
O presente trabalho tem como objetivo demarcar a contribuição da Teoria da Subjetividade para a compreensão dos aspectos relativos às dificuldades de aprendizagem de estudantes, reveladas no processo ensino-aprendizagem e que tiveram relação com comportamentos indisciplinados em sala de aula. Discutimos como são analisadas as manifestações dos alunos, em suas diferentes dimensões, no contexto escolar. Apresentamos então, informações construídas na pesquisa desenvolvida acerca do tema, que teve o objetivo de investigar a configuração subjetiva de alunos que se envolveram em situações de indisciplina no contexto da sala de aula. O estudo foi realizado com base na Epistemologia Qualitativa e no método construtivo-interpretativo, com crianças de 10 e 11 anos, matriculadas em turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Ensino Fundamental do Distrito Federal. Discutimos o valor heurístico da Teoria da Subjetividade para o estudo do tema. Os resultados revelaram que a falta de organização na rotina dos estudantes contribuiu para que eles fossem vistos na escola, como enfrentando dificuldades de diferentes naturezas, consolidando o fator

indisciplina e o não envolvimento nas rotinas escolares. Essas dificuldades tinham origens diversas, se manifestavam de formas complexas e faziam parte de situações, que se propagavam para além dos estudantes, das situações escolares e apareceram relacionadas à família e à escola, que se mostraram distanciadas dos estudantes. Tais circunstâncias estavam situadas nas dificuldades da própria família em estabelecer-se como apoio a seus próprios membros ou da escola em relação aos seus alunos. A escola também se mostrou distanciada do estudante e da compreensão das manifestações subjetivas que sustentavam suas ações e comportamentos. Os alunos pareciam estar mais comprometidos em estabelecer-se como parte do contexto, participando por meio das ações que dominavam ou que lhes faziam sobrepor, de forma exitosa, aos seus opositores. Também foi demarcada a necessidade de avanços como: a importância de deslocar a responsabilidade dos conflitos do estudante para uma complexa rede de situações que podem produzir estes comportamentos, evitando olhares estereotipados; a necessidade de investigar com maior profundidade as circunstâncias em que aparecem as dificuldades das crianças em relação ao conteúdo ou em seguir regras; a relevância em buscar conhecer aspectos subjetivos que envolvem os alunos e a sala de aula, a fim de construir propostas pedagógicas que levem em conta singularidades, necessidades, interesses e possibilidades dos estudantes, especialmente daqueles que se encontram em situações adversas; o significado de compreender que as adversidades também estão imbricadas na subjetividade social da família e na forma como os estudantes emocionalmente elaboram sua situação de vida. Assim, a subjetividade se expressa ao longo da trajetória de escolarização e de vida dos alunos como uma dimensão valorosa. Questão para discussão: Que aspectos da constituição subjetiva dos estudantes a Teoria da Subjetividade permite compreender, de forma diferenciada, de outras abordagens teóricas e em relação à ação/participação dos estudantes na sala de aula?

Palavras chave: Aprendizagem; Indisciplina, Teoria da Subjetividade.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando Luiz & MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. *Subjetividade: Teoria, epistemologia e método*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

MÍTJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; TACCA, Maria Carmen V. R.; PUENTES, Roberto Valdés. *Teoria da Subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional*. 1ª ed. Campinas, SP: Alínea, 2020.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. & GONZÁLEZ REY, Fernando Luiz. *Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural histórica*. São Paulo: Cortez, 2017.

TACCA, Maria Carmen Villela Rosa; GONZÀLEZ REY, Fernando Luiz. *Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender*. Psicologia, ciência e profissão, v. 8, n. 1, p. 138-61, 2008.

Trabalho 2: **Dificuldades escolares como produções subjetivas**

Bárbara da Silva Ferreira Gonçalves, Secretaria de Educação do Distrito Federal, goncalvesbarbarasf@gmail.com

Cristina M. Madeira Coelho, Universidade de Brasília, madeiracoelho@unb.br

Resumo
O presente trabalho tem como finalidade construir interpretações que problematizam a experiência vivida pelo estudante Fernando durante atendimentos virtuais com uma pedagoga. Partindo da concepção de Mitjáns Martínez e González Rey (2017, p.66) de que "na aprendizagem escolar se geram sentidos subjetivos por meio das quais a história de vida de cada aprendiz integra-se ao contexto diferenciado vividos por eles na sala de aula e na escola" é que esse resumo busca articular as observações realizadas na experiência vivida à forma como o estudante subjetiva aspectos relacionados à sua aprendizagem. Fernando está no 2° ano do Ensino Fundamental, em processo de alfabetização, tem o diagnóstico de Transtorno Opositor Desafiador e é acompanhando pela pedagoga da escola devido episódios de agressividade e por se mostrar resistente às atividades escolares, em especial as relacionadas à cópia. Participou um período das aulas virtuais, mas diante de suas dificuldades, relacionadas à leitura e escrita, sua mãe abriu mão do modelo virtual de ensino alegando que a professora trabalhava sem considerar as especificidades do desenvolvimento do estudante. Durante os atendimentos foram reservados momentos para que a criança falasse sobre seus sentimentos, relatasse experiências e refletisse sobre seu comportamento. Ao longo dessas atividades o estudante afirmou por diversas vezes que não dava conta de realizar as tarefas relacionadas à leitura, que não conseguia controlar sua agressividade e que também não via qualidades em si. Por mais que a pedagoga buscasse realizar intervenções que favorecessem mudança de concepção e comportamento, o estudante se mostrou firme em suas convicções. Conforme Mori, Cordeiro e Campolina (2019), o fracasso escolar é algo multideterminado e complexo e, nesse caso foi possível perceber que o conjunto de conflitos vividos pelo estudante, como o fato de ainda não ler, as constantes brigas com a mãe durante a realização das tarefas e o abandono das aulas on-line, participam da forma como o estudante subjetiva aspectos de sua aprendizagem, pois se articulam à dimensão emocional-simbólica, gerando produções relacionadas a sentimento de incapacidade que, por sua vez, se desdobram em comportamentos de resistência, baixa-autoestima e consequente fracasso escolar. Porém, considerando que o sujeito ao longo de sua história desenvolve processos de subjetivação que se integram e constituem subjetivamente outros em um processo permanente de organização e mudança (GONZÁLEZ REY, 2012), este trabalho propõe a seguinte questão: Como mobilizar contextos em que Fernando possa produzir sentidos subjetivos capazes de favorecer transformações dos sentimentos de incapacidade que contribuem para seu fracasso escolar?
Palavras chave: Aprendizagem. Fracasso escolar. Subjetividade.

Referências
GONZÁLEZ REY, F. **O social na Psicologia e a Psicologia Social**: a emergência do sujeito.; tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar**: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. – São Paulo: Cortez, 2017.
MORI, V. D; CORDEIRO, V.P. M; CAMPOLINA, L. de. O. **A Psicologia na Escola e a Trama Subjetiva do fracasso Escolar.** Atas - Investigação Qualitativa em Educação/Investigación Cualitativa en Educación, v. 1, p. 631- 640. 2019.

Trabalho 3: **Análise dos impactos do ensino tradicional na subjetividade dos alunos: a partir da teoria da subjetividade**

Larissa Emanuele de Souza Padilha, Centro Universitário de Viçosa, larissapadilha612@gmail.com
Viviane Aparecida Sudre Teixeira, Centro Universitário de Viçosa, vi.sudre.teixeira@gmail.com
Leandro Bicalho Lopes, Centro Universitário de Viçosa, leandrobicalho@univicosa.com.br

Resumo

O objetivo desta revisão integrativa foi analisar trabalhos acadêmicos para entender como as instituições de ensino tradicional impactam na subjetividade do aluno. Para tanto se fez uma revisão da literatura no SciELO *(Scientífic Eletronic Library Online),* considerando os descritores "gonzalez rey AND educação AND subjetividade", encontrando-se 07 artigos, e 01 foi eleito e, "aprendizagem AND educação", no qual encontrou-se 13 artigos, e 01 foi selecionado. Assim como, pelo portal PePsic *(Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia)*, utilizou-se os descritores "subjetividade AND educação", no qual encontrou-se 98 artigos, sendo que entre estes 2 foram elegidos e "teoria da subjetividade AND educação", no qual encontrou-se 02 artigos, dos quais foi escolhido 01. Por último, na plataforma do Google Acadêmico utilizou-se a pesquisa teoria da subjetividade, ensino tradicional, "González rey" , epistemologia qualitativa, com os filtros 2008-2021 e idioma português, encontrando-se 1860 artigos, destes foram eleitos 12 artigos. Tais estudos permitiram uma análise dos achados da Teoria da Subjetividade atrelada à educação, tendo como foco a subjetividade dos alunos. Os principais conceitos utilizados pela Teoria da Subjetividade são: subjetividade individual e social, sentidos subjetivos, configurações subjetivas, agente e sujeito. Referente a utilização dos conceitos citados é importante lembrar que não se definem por pressuposição, mas se constituem e são construídos no decorrer da pesquisa pelo pesquisador (ALCÂNTARA, OLIVEIRA, 2020). A Teoria da Subjetividade de González Rey, é muito utilizada para explicar os complexos processos que acontecem no contexto escolar. No decorrer das leituras foi possível constatar que a mesma é vastamente utilizada nesse tipo de pesquisa, uma vez que, considera a subjetividade como sendo constituída de história e cultura, e estando extremamente relacionada a esses dois fatores, o que possibilita entender os alunos em suas singularidades (MARTINEZ; ROSSATO, 2013). Conforme entendido durante a revisão dos trabalhos, a instituição escolar tradicional, ao uniformizar as práticas educativas e as formas de aprender, acaba produzindo uma patologização das dificuldades de aprendizagem, e concomitantemente, a exclusão, uma vez que essa visão define aqueles que estão aptos ou não a aprender (SÁ, BEZERRA, 2017). Desse modo, como resultado do presente estudo, pôde-se constatar três aspectos que foram identificados como impactos do ensino tradicional na subjetividade dos alunos, sendo eles: a dificuldade de aprendizagem, a violência nas escolas e os desafios da inclusão de alunos com deficiência. Questão problematizadora: Como o estudo da subjetividade pode contribuir para reflexões sobre a escola tradicional.

Palavras chave: Ensino tradicional; Teoria da Subjetividade e Educação.

Referências:

TACCA, Maria Carmen Villela Rosa; REY, Fernando Luis González. Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. Psicologia: ciência e profissão, v. 28, p. 138-161, 2008.
DE ALCÂNTARA, Raquel; DO CARMO DE OLIVEIRA, Andressa Martins. Aportes da epistemologia qualitativa e da metodologia construtivo-interpretativa de González Rey à pesquisa educacional: um estudo de caso. Actualidades Investigativas en Educación, v. 20, n. 2, p. 1-20, 2020.
DE FRANÇA SÁ, Ana Luiza; DOS SANTOS BEZERRA, Marília. Os desafios da metodologia qualitativa nas pesquisas em psicologia e educação. Revista Eixo, v. 6, n. 3, p. 3-11, 2017.

Trabalho 4: **A compreensão da aprendizagem em concepções de "aprendizagem da docência": discussão e contribuições à luz da teoria da subjetividade**

Valdívia de Lima Pires Egler, Universidade de Brasília, eglerval@gmail.com
Albertina Mitjáns Martinez, Universidade de Brasília, amitjans49@gmail.com

Resumo

O presente trabalho teve por objetivos centrais: 1) Analisar, à luz da Teoria da Subjetividade na perspectiva cultural-histórica, a forma em que a aprendizagem é compreendida nas concepções de "aprendizagem da docência" identificadas no campo da formação de professores. 2) Apresentar contribuições da Teoria da Subjetividade (GONZÁLEZ REY, 1997; GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017) para se avançar na compreensão da aprendizagem do professor. Partimos de revisão da produção científica sobre a temática da "aprendizagem da docência" no campo da formação de professores onde identificamos sete concepções deste processo, cinco delas fundamentadas em referenciais teóricos específicos para a compreensão do processo de aprendizagem. Estas cinco concepções de "aprendizagem da docência" foram agrupadas em três categorias de acordo com sua fundamentação teórica central para a compreensão da aprendizagem: 1) fundamentadas na Teoria da Atividade; 2) fundamentadas na Teoria da Aprendizagem Social; 3) fundamentadas nas categorias personalidade, situação social do desenvolvimento e vivência, como desenvolvidas na Psicologia Histórico-Cultural. Analisamos e discutimos a forma em que a aprendizagem é compreendida em cada uma dessas categorias, a partir da Teoria da Subjetividade. Para esta discussão, consideramos dois aspectos principais da concepção de subjetividade para a compreensão dos processos humanos, conforme Mitjáns Martínez e González Rey (2017): a compreensão do psicológico humano como configurações de sentidos subjetivos, o que aponta a seu caráter complexo e portanto multidimensional, recursivo, contraditório e imprevisível; e a articulação simultânea entre o individual e o social na subjetividade, considerando-os processos que se configuram de modo recíproco. Fundamentadas nesta perspectiva teórica, identificamos pontos de contato com as concepções de aprendizagem apresentadas: a compreensão da "aprendizagem da docência" como processo relacionado à ação pedagógica e a consideração do contexto socio relacional da escola e da sala de aula na constituição deste processo. Na perspectiva de colaborar para compreensões mais complexas da aprendizagem do professor, apresentamos contribuições da consideração da aprendizagem como processo subjetivamente configurado à produção científica sobre "aprendizagem da docência" e, especialmente, a significação da Teoria da

Subjetividade para se avançar na compreensão da aprendizagem do professor em sua ação pedagógica. Nesta orientação, enfocamos o caráter produtivo da aprendizagem e o papel, neste processo, de sentidos subjetivos diversos, procedentes de diversas experiências sociais e individuais do professor; as possibilidades da ação pedagógica integrar-se por experiências de aprendizagem do professor (na própria ação ou em aprendizagens anteriores); os contextos socio-relacionais como subjetivados pelo professor, configurados na sua ação pedagógica, e sua expressão em sua aprendizagem.
Pergunta: A aprendizagem na ação tem especificidades em relação à aprendizagem em outros contextos?
Palavras-chave: Aprendizagem da docência; aprendizagem; ação pedagógica.

Referências
GONZÁLEZ REY, F. **Epistemologia cualitativa y subjetividad**. Ciudad de La Habana, Cuba: Editorial Pueblo y Educacion, 1997.
GONZÁLEZ REY, F.L.; MITJÁNS MARTINEZ, A. **Subjetividade:** teoria, epistemologia e método. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.
MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar**: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

Eixo temático: 5.1. A subjetividade na formação de professores e de outros profissionais (17 trabalhos)

Coordenadora: Luciana da S. Oliveira Lemes – Universidade de Brasília

Temas centrais para o debate:

- A dimensão subjetiva da aprendizagem dos profissionais;
- O lugar da subjetividade nos processos intencionais de formação profissional;
- A significação da subjetividade social das instituições e dos grupos no processo de formação professional.

Sessão 1 – 22 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **A percepção dos professores sobre a influência da subjetividade na superação das dificuldades de aprendizagem dos alunos**

Ana Caroline Freitas de Almeida, Faculdade de Educação/Universidade de Brasília, carolfreitas_fe@yahoo.com.br
Cristina Massot Madeira Coelho, Faculdade de Educação/Universidade de Brasília, cristina.madeira.coelho@gmail.com

Resumo

Este trabalho visa compreender, por meio da Teoria da Subjetividade e da Epistemologia Qualitativa, como em suas práticas ou em suas falas, o professor está considerando a subjetividade das crianças como fator substancial para suas aprendizagens, inclusive para as crianças que não aprendem. Os professores aprendem na faculdade diferentes formas que podem contribuir com a aprendizagem dos alunos. Contudo, até poucos anos não havia um estudo sistemático do impacto, para a aprendizagem, de uma prática docente que estimulasse o papel ativo do sujeito que aprende. Partimos do pressuposto que tal prática docente seja relevante no processo de aprender em crianças com dificuldades de aprendizagem. Dessa forma este trabalho busca compreender como os professores representam a subjetividade no processo de superação das dificuldades de aprendizagem dos estudantes. Assim, para além da representação da subjetividade no processo de aprendizagem este trabalho ambiciona ainda levantar questões específicas sobre a prática dos professores e possíveis transformações, de modo a propiciar um ensino voltado à reflexão e à aprendizagem ao invés de atividades reprodutivo-memorísticas. Entendemos que as relações subjetivas estabelecidas pelo aprendiz em sua casa, na escola, com seus professores, colegas e demais participantes participam de suas produções subjetivas e estas, de sua própria aprendizagem. Dessa forma, oportunizar momentos para que as relações sociais efetivas ocorram na escola pode favorecer a aprendizagem de cada um dos estudantes e assim, compreender a percepção dos professores sobre essa dinâmica processual complexa pode nos ajudar a refletir sobre se, como e onde esta temática pode ser trabalhada com os professores. Como forma de proporcionar os espaços

conversacionais abertos necessários em uma pesquisa orientada pela Teoria da Subjetividade inicialmente serão utilizados os seguintes instrumentos:

- Investigação da constituição histórica dos professores por meio de grupos focais, textos dissertativos, produções livres próprias.
- Complemento de frases que busque mostrar indicadores de suas práticas.

Questão: Como um professor que já tem em seu perfil ser comprometido, amigável e respeitoso com seus alunos transforma suas representações sobre o aprender e passa a considerar em suas estratégias pedagógicas a dimensão subjetiva da aprendizagem?
Lançamos a importância da intencionalidade nas ações do professor como um ponto a ser discutido sobre esta questão.
Palavras chave: Subjetividade, Aprendizagem, Professor

Referências
MITJÁNS MARTINEZ, A.; TACCA, M. C. V. R. (Orgs.) **Possibilidades de Aprendizagem:** ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.
GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTINEZ, A. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar:** avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017a.
GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTINEZ, A. **Subjetividade:** Teoria, epistemologia e método. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017b.
MITJÁNS MARTINEZ, A., MUNIZ, L. S. M. **Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e desenvolvimento:** Princípios e estratégias do trabalho pedagógico. Curitiba: Appris, 2019.

Trabalho 2: **Campos de experiência da BNCC: impactos na atuação docente da Educação Infantil**
Moara V. A. Marroquim, Universidade de Brasília, moaramarroquim@gmail.com
Cristina Massot Madeira-Coelho, Universidade de Brasília, madeiracoelho@unb.br

Resumo
A proposta de implementação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017) ampliou a discussão sobre a Educação Infantil - EI, constituindo-se como oportunidade singular para construção de pesquisa que vise compreender os impactos de uma política inovadora nos processos educacionais, a atuação e desenvolvimento profissional de professores, aprendizagem e desenvolvimento infantil, e demais fatores que compõem o sistema de EI em um município do Goiás, que participa da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal - RIDE. O questionamento principal da pesquisa “De que maneira a BNCC impactou na atuação docente e na necessidade de formações continuadas?” incluiu também a reflexão dos impactos do ensino remoto emergencial. Assim, os objetivos de pesquisa passaram a ser: Compreender como os profissionais de EI do município da Cidade Ocidental estão se articulando ao processo de implementação da BNCC e Observar a necessidade de desenvolvimento profissional nesse grupo. A metodologia da pesquisa orientou-se pela Epistemologia Qualitativa tal como proposta por González Rey (2005, 2017), e suas três características principais: (1) método construtivo-interpretativo ao invés do método indutivo-dedutivo de construção de conhecimento; (2) pesquisa como um continuado processo

dialógico, que confere papel central ao pesquisador que passa a ser o elemento que articula ideias integrando-as tanto ao processo empírico quanto ao conjunto teórico; (3) reconhecimento da singularidade como valor para compreensão de processos humanos e sociais, constantemente negado em metodologias tradicionais que buscam processos de generalização. Três eixos foram organizadores do texto, a saber a formação docente**,** o trabalho pedagógico e BNCC e os processos de docência na pandemia. Neste trabalho aborda-se o segundo eixo que indica para formas como professoras desse município produzem sentidos subjetivos ambíguos em relação à BNCC, pois apesar de suas concepções se alinharemao documento e seus discursos reprovarem práticas de caráter conteudistas, suas práticas ainda estão marcadas por essa ótica. Na representação sobre o brincar infantil, por exemplo, prevalecem considerações sobre as brincadeiras só pelo ato de brincar, dissociando-as do desenvolvimento e expressão da infância, sem intencionalidades pedagógicas, mas como momento de entreter, preencher o dia escolar e, até como indisciplina. Na realidade dessas professoras, ainda há um olhar raso sobre as propostas dos campos de experiência, em que prevalece a percepção da orientação de implementação reduzida à diminuição de atividades xerocopiadas, do uso do papel e lápis. Evidenciando a visão de que a aprendizagem e desenvolvimento ocorrem, principalmente pelo estímulo da leitura e escrita, sendo essa aprendizagem um produto final a ser adquirido já nesta etapa da escolarização. Que estratégias podem favorecer a articulação entre um discurso crítico a práticas pedagógicas tidas como tradicionais, conteudistas e tecnicistas, a uma atuação docente que rompa com essa perspectiva, caracterizando-se por aspectos diversos daqueles que estão sendo objeto de críticas?

Palavras chaves: BNCC; Educação Infantil; Epistemologia Qualitativa.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/.

González Rey, F. Epistemología Cualitativa y subjetividad [La Habana, Cuba: Editorial Pueblo y Educación. 2017.

González Rey, F. Pesquisa Qualitativa e Subjetividade. Os processos de construção da informação. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson Learning, 2005

Trabalho 3: **Compreensões de licenciandos sobre a superação das dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental**

José Moysés Alves, Universidade Federal do Pará, jmalves@ufpa.br
Hanna Patrícia Bezerra, Universidade Federal do Pará, IFAP, hannapatricia.06@gmail.com
Rosineide Almeida Ribeiro, Universidade Federal do Pará, rosebio.2015@gmail.com

Resumo

Entre outras demandas do exercício profissional, os (futuros) professores precisam ser preparados para superar as dificuldades de aprendizagem dos estudantes (ROSSATO; MARTÍNEZ, 2011). Em geral, os conteúdos pedagógicos não são ensinados aos licenciandos de modo a facilitar sua articulação com a prática docente (GATTI e cols., 2019). No presente

estudo, objetivamos analisar a aprendizagem de conceitos da teoria da subjetividade (TS) sobre a superação das dificuldades de aprendizagem, por professores em formação inicial e as relações que eles fizeram entre tais conceitos e observações de crianças em contexto escolar. Relatamos uma pesquisa qualitativa de tipo documental, em uma turma com 22 licenciandos, do tema Compreensão e Explicação dos Processos de Aprendizagem e Desenvolvimento, da Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens, da Universidade Federal do Pará. A presente pesquisa não é uma investigação a respeito da dimensão subjetiva da aprendizagem dos licenciandos. Analisamos o conteúdo de suas produções escritas em diferentes momentos de uma sequência didática, ao responderem questões de estudo, analisarem um filme e relatarem observações de crianças com dificuldades de aprendizagem, no contexto de um estágio que estavam realizando. Aconteceram, por um lado, avanços na compreensão dos conceitos e sua utilização pelos licenciandos para analisar a superação das dificuldades de aprendizagem. Eles entenderam a importância do diálogo para o diagnóstico e a intervenção, passaram a valorizar a singularidade do aprendiz e acreditar no seu potencial de aprendizagem. Consideraram os afetos das crianças e suas relações com diferentes atores, em diferentes contextos, na explicação de suas dificuldades. Por outro lado, os resultados indicaram dificuldades dos licenciandos para compreenderem os conceitos da TS. Inicialmente concebiam a subjetividade como algo individual, interno e oposto ao concreto/objetivo. Além disso, destacamos a persistente visão determinista linear e unidirecional do biológico e do social sobre a dificuldade da aprendizagem e das ações do professor sobre a superação de tais dificuldades. Nossa hipótese, inspirada no trabalho de Pozo e Gomez Crespo (2009), é que as dificuldades dos licenciandos, para compreenderem os conceitos da TS, decorrem do uso de teorias implícitas, que eles trazem de suas experiências anteriores e diferem epistemológica, ontológica e conceitualmente da teoria da subjetividade. Sugerimos a seguinte questão para o debate: como ensinar a teoria da subjetividade e, ao mesmo tempo, avaliar a aprendizagem, usando o método construtivo-interpretativo e a epistemologia qualitativa?

Palavras-chave: Formação inicial. Teoria da Subjetividade. Superação das dificuldades de aprendizagem.

Referências

GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. S.; ANDRE, M. E. D. A.; ALMEIDA, P. C. A. de. **Professores do Brasil:** novos cenários de formação. Brasília: UNESCO, 2019.

POZO, J. I.; CRESPO, M. A. G. **A aprendizagem e o ensino de ciências:** do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ROSSATO, M.; MITÍJANS MARTÍNEZ, A. A superação das dificuldades de aprendizagem e as mudanças na subjetividade. *In:* TACCA, M. C. V. R. **Possibilidades de Aprendizagem:** Ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência. p. 71 – 107, Campinas: Alínea, 2011.

Trabalho 4: **Significações constituídas por professores sobre a docência em uma sociedade desigual**

Adriana Nascimento, Faculdade de Educação Universidade de São Paulo,
dricanasciment@yahoo.com.br

Resumo
Este estudo é fruto de uma pesquisa de doutorado e apresentará resultado parcial da análise sobre a dimensão subjetiva da desigualdade social por meio do estudo das significações de professores sobre a educação numa sociedade estruturalmente desigual e que reproduz no cotidiano dos sujeitos as diversas formas de violência estrutural da sociedade (desigualdade de classe, cor, escolaridade entre outros). A desigualdade social é um dos maiores problemas da sociedade brasileira e vai para além da distribuição de renda. Assim, quando pensamos em estudar a dimensão subjetiva da desigualdade social, partimos do pressuposto que este fenômeno social é a "síntese de múltiplas determinações". Portanto, é consequência direta do processo de que se manifesta objetiva e subjetivamente na vida de milhões de brasileiros. **Deste modo, problematizando esta questão, procura-se explicitar como os sujeitos vivenciam experiências das desigualdades e como estas marcam suas significações - do processo educacional - em uma sociedade marcada pela desigualdade social?** O empírico da pesquisa parte da análise da fala dos professores, assim, utilizamos o **método de análise da pesquisa qualitativa de González Rey (2007), Epistemologia Qualitativa** que nos orienta o estudo dos complexos processos de construção do conhecimento sobre a subjetividade humana materialismo histórico e dialético que fundamenta a perspectiva Sócio histórica e o procedimento da construção dos núcleos de significação de Aguiar e Ozella (2006/2013). Pela fala busca-se os elementos de significação (sentidos e significados) dos professores acerca da sua trajetória de vida e profissional, reconhecendo na fala dos sujeitos os atravessamentos das desigualdades sociais, concomitantemente com as desigualdades socioculturais. Ambos os sujeitos estão envolvidos com o estudar e com o saber e creem no conhecimento aprendido na escola como um elemento que potencializa os sujeitos e permite buscar maiores possibilidades para a vida, mesmo reconhecendo as dificuldades e impedimentos produzidos por uma sociedade e uma escola marcadas pela desigualdade. **Pergunta:** No Brasil, quais são as probabilidades dos filhos (a) da classe trabalhadora (realizaram educação básica na rede pública) em ingressar na universidade e frequentar cursos de grande destaque social, como por exemplo medicina?
Palavras-chave: Educação, Dimensão Subjetiva e Desigualdade.

Referências
ORSO, J.P (Org.). **Educação, sociedade de classes e reformas universitárias**. Campinas: Autores Associados, 2007.
BOURDIEU, P. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura.** In: CATANI, Afrânio & NOGUEIRA & Maria A. (orgs.). Escritos de Educação. São Paulo: Vozes, 2003.
GONZALEZ REY, F. Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

Trabalho 5: **A formação continuada como meio para reconfiguração subjetiva do professor sobre potencial de aprendizagem discente**
Monique Vieira Amorim Bandeira, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, moniquevieira53@gmail.com

Resumo
A formação continuada em serviço é a oportunidade para o desenvolvimento da profissionalidade docente entendida como um processo dinâmico, historicamente construído e em permanente aprimoramento, constituído pelos conhecimentos culturais e específicos que marcam a forma de ser e estar do professor. Sendo também a escola espaço/tempo de formação docente, apresentamos neste trabalho um relato de atuação do pedagogo da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem (EEAA) com foco na formação continuada reflexiva para uma mudança do olhar docente para possibilidades de aprendizagem apresentadas pelos estudantes. Geralmente, as queixas escolares recebidas anunciam-se pragmáticas e superficiais, pois levam em consideração apenas um recorte cognitivo e comportamental do processo educativo, fragmentando-o e desconsiderando a afetividade como elemento partícipe. Sobre isso, buscamos apoio nos estudos de González Rey (2003) sobre a Teoria da Subjetividade, na qual o autor defende que a aprendizagem não é um processo em que os elementos se relacionam para compor um produto, mas, estão de tal forma imbricados, que são indissociáveis e engendram novas organizações complexas expressas por unidades psicológicas denominadas de sentidos. Anache e Mitjáns (2007) consideraram que aprender é uma função que o indivíduo exerce apoiado nas relações estabelecidas no espaço em que está e nas configurações de sentido que nele são geradas. As autoras também ressaltam a importância das produções de sentido subjetivo produzidas na história de vida do sujeito como parte intrínseca do processo de aprendizagem. Assim, temos proposto na escola uma ação formativa por meio de grupos focais no espaço/tempo da coordenação pedagógica, conduzidos pelo pedagogo da EEAA, com estudo e debate sobre as queixas escolares e sua relação com o desenvolvimento subjetivo do estudante ao longo do ano letivo, buscando pela construção interpretativa da informação: (a) entender os sentidos subjetivos que os docentes expressam e sua relação com a subjetividade social da escola e com sua própria subjetividade individual; (b) perceber como tais produções colaboram com a definição e sustentação da queixa em estudo; e (c) mobilizar o grupo à situações que lhe possibilite reelaborar compreensões que ampliem ou produzam novos sentidos subjetivos que lhe possibilitem reconfigurar subjetivamente a percepção sobre as potencialidades de aprendizagem dos estudantes em estudo. **Questão**: Como potencializar um espaço de formação que favoreça produções de sentidos subjetivos possibilitadores de (re)configuração subjetiva sobre a atuação docente em relação à valorização da aprendizagem discente?
Palavras-chave: Teoria da Subjetividade. Formação Continuada. Dificuldades de Aprendizagem.

Referências:
ANACHE, A. e MITJÁNS MARTINEZ, A. Deficiência mental e produção científica na base de dados da CAPES: o lugar da aprendizagem. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.) [online], Campinas. v.11. n. 2. p. 253-274, dezembro 2007.
GATTI, B. A. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e humanas**. Série pesquisa, v. 10. Brasília: Líber Livro Editora, 2012.
GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade:** uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

Trabalho 6: **Formação continuada para professor na perspectiva inclusiva – a subjetividade para a promoção da ação pedagógica**

Camila de A. Cabral, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, camila.cabral@ifsuldeminas.edu.br
Alexandra Ayach Anache, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo

A partir dos estudos e reflexões produzidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, de modo especial os estudos da Teoria da Subjetividade desenvolvida por González Rey realizados pelo Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Humano e Educação Especial, tem-se trabalhado num projeto de pesquisa de doutorado que busque construir uma proposta de formação continuada com os professores que atuam no Ensino Fundamental sobre a avaliação da aprendizagem de estudantes surdos, na perspectiva da teoria cultural histórica, visando também compreender o valor heurístico da Teoria da Subjetividade para a formação de professores bem como presentar e discutir a avaliação da aprendizagem na perspectiva Cultural-histórica. Apresentamos como uma das diversidades existentes no exercício pedagógico, a inclusão escolar de estudantes surdos. Entendemos que o professor atua na cultura e sociedade, desta forma, estas imprimem internamente no sujeito, mudanças, transformações de formas de pensar e agir. Assim sendo, justifica-se a necessidade dessa proposta de formação continuada para professores abordando a avaliação de estudantes surdos, nos princípios da Teoria da subjetividade, buscando a possibilidade de contribuir na promoção de mudanças significativas para a ação pedagógica. Participam da pesquisa professores de diversas áreas e intérpretes de Libras da rede municipal de ensino na região de fronteira Brasil/Paraguai, onde há vários estudantes surdos matriculados. Nos orientamos pelos pressupostos da Epistemologia Qualitativa, valendo-se também dos conceitos da teoria da Subjetividade. A Pesquisa Colaborativa corrobora com esta proposta por se caracterizar pela atividade de “co-produção de conhecimentos e de formação em que os pares colaboram entre si com o objetivo de resolver conjuntamente problemas que afligem a educação” (IBIAPINA, 2008, p.25), buscando romper com tendência dos cursos de formação continuada de ensino tradicional. Para tal elaboramos três fases: (1) Processo de organização colaborativa das temáticas; (2) Processo de estudo e (3) Processo avaliativo. Nos encontramos na segunda fase. Com a finalização desta pesquisa visualizamos a possibilidade de promover o progresso e a melhoria no desenvolvimento da temática, beneficiar o professor com obter subsídios para embasar sua prática avaliativa, desenvolver suas próprias técnicas e conceitos de avaliação da aprendizagem, promovendo sua emancipação, e também beneficiar o estudante surdo em seu percurso de aprendizagem escolar tendo seus potenciais valorizados em busca de uma aprendizagem significativa e a avaliação de sua aprendizagem mais adequada, justa e com equidade.

Palavras chave: Avaliação da aprendizagem, Surdos Pesquisa colaborativa.

Referências

IBIAPINA, I. M. L. **Pesquisa Colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber Livro Editora. 2008. v. 1.

MARTíNEZ, Albertina Mitjáns; PUENTES, Roberto Valdés; TACCA, Maria Carmen (orgs.). **Teoria da Subjetividade**: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional. Campinas: Alínea, 2020.
REY, G. F. L. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2003.

Sessão 2 – 23 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **El proceso de aprehensión subjetivo-objetivo de lo comunicativo dialógico en los profesionales del deporte**

Rosa Elvira Cabrera Acosta, Dirección Provincial de Deportes, yudisel.92gmail.com
Roberto Sierra Barbado, Universidad de Oriente, csierrab@uo.edu.cu
Alina Bestard, Universidad de Oriente, abestard@uo.edu.cu

Resumen
El proceso de aprehensión subjetivo-objetivo de saberes desde la experiencia interpretativa procedimental comunicacional en la realidad contextualizada condicionante de la gestión formativa y la apropiación de lo comunicativo dialógico de los profesionales deportivo está dada en la apropiación del proceder comunicativo-dialógico desde el contenido interactivo-reflexivo de las áreas de conocimiento que se desenvuelve. Vista a través de representaciones de códigos socioculturales de los sujetos actuantes en relación al nível de subjetividad-significatividad-sentida en las direcciones del entrenamiento por lo que esta acción de interiorizar y asumir la dinâmica pedagógicas de formas y contenido del proceso de comunicación dialógica desde la cultura procedimental hacia la conducción subjetivo-objetivo de lã preparación deportiva se revela a partir de la adquisición de una cultura procedimental, relacionada con el proceso comunicativo colaborativo-dialógico, desarrollo de mecanismos del sentir, pensar y actuar con sentido de compromiso hacia un comportamiento consecuente con el plan de tareas motrices a desarrollar y la posibilidad de emprender el progreso en lo sociocultural. Esto se integra en su interior por lo objetivo-significativo-sentido, lo cual tienen su propio contenido en su estructura al responder a la naturaleza del movimiento humano como expresión de la integralidad, evidenciado como unidad en la diversidad y evolución del comportamiento con relación al dialogo, provoca un desarrollo de valoraciones y convicciones en la dinâmica situacional. Proporciona aspectos constructivos apreciados, asumidos o no por los sujetos, es parte constitutiva de la realidad del contexto sociocultural,concebido como parte de la cultura del contenido dialógico y psicopedagógico dirigido al crecimiento del comportamiento de los sujetos como la unidad de elementos que establecen entre interdependencia e integración, revelándose la relación sujeto-actividad-comunicación; y la integración de lo cognitivo-afectivo y comunicacional, donde se producen representaciones conscientes no solo con cierto grado de información, comprensión y reflexión acerca del contenido constitutivo, sino percibido desde lo significativo, dándole sentido propio. En esencia, todo lo que tenga significado y sentido positivo trasciende a cambios ascendentes en el

desempeño procedimental durante el proceso de aprehensión apropiación subjetivo-objetivo de saberes de la cultura procedimental hacia la comunicación colaborativo-dialógica. Por lo que se crea un eje articulador, la cultura procedimental de la comunicación colaborativo-dialógica que atraviesa el proceso de enseñanza-aprendizaje deportivo donde giran los núcleos epistémicos de la comunicación colaborativo-dialógica en las áreas de conocimiento de las direcciones físico-motrices del deporte y las manifestaciones de la cultura que caracteriza el perfil del comportamiento colaborativo-dialógico en sus profesionales, al identificar las capacidades y cualidades que se dan al interior de los sujetos para el desempeño procedimental durante el proceso de enseñanza-aprendizaje deportivo que lo convierte en su contrario dialéctico

Palabras-clave: Subjetividad, objetividad, comunicativo-dialógico.

Cómo producir desde lo subjetivo-objetivo la cultura comunicativa-dialógica que conduzca a transformaciones en la gestión pedagógica de los profesionales del deporte.?

Referencias

ABELLÁN-GARCÍA BARRIO, A. .**Teoría dialógica de la comunicación: devolver al hombre-con-el-hombre al centro de la investigación**. Madrid: Universidad Francisco de Vitoria, 2011.

GARCÍA RODRÍGUEZ, R. E. . **El diálogo y la reivindicación teórica del sujeto y la subjetividad. Una perspectiva bajtiniana sobre la vida social, el discurso y la comunicación**. Barcelona: Universidad Autónoma, 2018.

Trabalho 2: **La subjetividad en el desarrollo de la metaescritura durante la formación de profesores de Español-Literatura**

Yanara Sarmiento Feraud, Universidad de Oriente, yanarasarmiento@nauta.cu
Susana Cisneros Garbey, Universidad de Oriente, susanacg@uo.edu.cu
Yoandra Fontanills Gimeno, Universidad de Oriente, yoandra@uo.edu.cu
Cecilia Fuentes Alvarez, Universidad de Oriente, ceciliafa@uo.edu.cu

Resumen

La enseñanza-aprendizaje de la escritura tiene como objetivo que los alumnos se conviertan en comunicadores eficientes, capaces de construir textos en diferentes estilos, según las exigencias de la situación comunicativa y haciendo un uso efectivo de los medios lingüísticos necesarios. En la formación de profesores de Español-Literatura este fenómeno tiene una doble intención, lograr que los alumnos desarrollen esta competencia y prepararlos para enseñar a otros a alcanzarla. Desde esta perspectiva la orientación didáctica ha de favorecer un profundo dominio de los conocimientos para llevar adelante la tarea de escritura, la capacidad para regularlos en ajuste a la tipología textual, así como las herramientas metodológicas para su posterior enseñanza. Es por ello que se lleva a cabo una investigación encaminada al desarrollo de la metaescritura, de manera que se ofrezcan niveles de ayuda para que los alumnos intervengan adecuadamente en su propio proceso de redacción, lo conduzcan de manera consciente e intencionada y sean capaces de reconstruirlo a partir de las experiencias acumuladas. Ello les permitirá singularizar su proceder y estar mejor preparados para saber aprender y saber enseñar. En este sentido se proponen un modelo didáctico y una metodología

que contemplan la instrucción cognitiva y metacognitiva, la reconstrucción de lo aprendido, la socialización-contraposición de saberes y la práctica metaescritora; donde juegan un papel importante la mediación, la gestión de aprendizajes, el trabajo en equipo, la autorreflexión y la autorregulación. De ahí que sea vital tomar en consideración estudios que atiendan el vínculo cognitivo-afectivo y enriquezcan el enfoque de enseñanza de la lengua y la literatura (Roméu, 2003). Al respecto se valoran las contribuciones de la teoría de la subjetividad (González Rey, 2002) y sus implicaciones en el desarrollo de la metaescritura para proyectar una orientación didáctica que pueda considerar:

- la manera en la que los alumnos viven subjetivamente sus experiencias y cómo las expresan según el contexto en el que están implicados.
- las relaciones sentido-contexto y sentido-vivencia.
- lo simbólico, de manera que se ponga atención a la imaginación y la fantasía.
- la capacidad generadora subjetiva del sujeto frente a lo vivido que le permite múltiples opciones, decisiones y acciones cargadas de sentidos subjetivos.
- la transformación del alumno hacia una posición reflexiva, de compromiso compartido, producto de prácticas educativas que lo implican y lo hacen sentir parte.

Pregunta para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿En qué medida las implicaciones de la subjetividad propuestas en este trabajo pueden contribuir al desarrollo de la metaescritura en la formación del profesor de Español-Literatura? ¿Qué otras implicaciones podrían considerarse con tal propósito?

Referencias

González-Rey, Fernando y Mitjáns, Albertina. Una epistemología para el estudio de la subjetividad: Sus implicaciones metodológicas. Psicoperspectivas: Individuo y Sociedad, Brasilia, v. 15, n.1, p. 5-16. 2016.
González-Rey, Fernando, Mitjáns, Albertina y Bezerra, Marília. Psicología en la educación: implicaciones de la subjetividad en una perspectiva cultural-histórica. Revista Puertorriqueña de Psicología, Puerto Rico, v. 27, n. 2, p. 260-274, julio/diciembre. 2016.
Rodríguez-Camejo, J. (2017). La teoría de la subjetividad: una teoría de personalidad del siglo 21. Revista de Psicología GEPU, Colombia, v. 8, n.1, p. 114-128, enero/junio. 2017.
Roméu, Angelina. El enfoque cognitivo, comunicativo y sociocultural en la enseñanza de la lengua y la literatura. La Habana: Pueblo y Educación, 2007.

Trabalho 3: **Aprendizagem subjetiva de um professor de matemática do ensino médio na horta escolar**

Jeedir Rodrigues de Jesus Gomes, Secretaria Estadual de Educação do Pará, jeedirrod@gmail.com
José Moysés Alves, Universidade Federal do Pará, jmalves@ufpa.br

Resumo

A teoria da subjetividade entende que o desenvolvimento profissional é parte do desenvolvimento subjetivo (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2019). Apenas as aprendizagens que não são mecânicas nem reprodutivas, mas envolvem emocionalmente o professor, contribuem para o seu desenvolvimento subjetivo. Assim, ele aprende

compreensivamente, ao personalizar as informações ou criativamente, se, além disso, problematizá-las e produzir ideias novas (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017). O trabalho pedagógico com a horta escolar exige do professor novas aprendizagens (MACHADO; MACHADO, 2002) Nosso objetivo neste estudo foi analisar a configuração subjetiva da ação de aprender de um professor, durante a realização de uma sequência didática de matemática, no contexto da horta escolar e em colaboração com o pesquisador, para uma turma de 20 alunos do terceiro ano do ensino médio integral, em uma escola pública da periferia de Belém do Pará. Organizamos seis aulas, em que os estudantes plantaram mudas, mediram e calcularam as áreas da escola e da horta e o crescimento das plantas. Fizemos registros fotográficos, videográficos e por escrito de todas as atividades. Também entrevistamos e registramos conversas informais com os estudantes e o professor. O professor atuava como professor de terceiro ano e cursinho pré-vestibular há 16 anos. Estava acostumado com aulas expositivas para turmas grandes, com pouco espaço para o diálogo com os estudantes. Nossas análises indicaram que o professor aprendeu ao interagir com o pesquisador e professor de biologia, durante o planejamento da sequência didática e sua execução (conteúdos relacionados às plantas, ao solo e ao funcionamento da horta; também de como ensinar o conteúdo de matemática, dando protagonismo aos estudantes). O professor também aprendeu ao interagir com os estudantes, ao constatar o favorecimento das atividades na horta para a motivação e aprendizagem dos estudantes; facilitação nas interações com os alunos e destes entre eles; novas oportunidades para aprender com problemas que surgem ao lidar com a horta, conhecer a participação dos alunos, suas dificuldades e para apoiar os estudantes que realizaram propostas criativas. Assim, ao realizar a sequência didática, o professor teve oportunidades de aprender e desenvolver recursos subjetivos para uma nova forma de atuação pedagógica. A experiência foi tão significativa que foi relatada por ele em sua dissertação de mestrado profissional. Sugerimos a seguinte questão para o debate: Como os espaços não formais de educação impactam o desenvolvimento subjetivo de professores em preparação para o exercício profissional inicial ou continuado?

Palavras-chave: Ensino de Matemática, Sequência Didática, Aprendizagem Criativa.

Referências

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. A preparação para o exercício da profissão docente: Contribuições da teoria da subjetividade. In ROSSATO, M.; PERES V. L. A. (Ed.), **Formação de educadores e psicólogos**: Contribuições de desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica. Curitiba, PR: Appris. 2019. p. 13-46.

MACHADO, A.T.; MACHADO, C.T.T. Agricultura Urbana. **Documentos**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2002.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar:** avançando na contribuição da leitura cultural histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

Trabalho 4: **Reflexões sobre a constituição das significações de professores do ensino médio integrado de um campus da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica**

Julia Sotto-Maior Bayer, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, jusmbayer@gmail.com

Wanda Maria Junqueira de Aguiar, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, iajunqueira@uol.com.br

Resumo
Neste trabalho propomos a reflexão acerca da constituição das significações de professores do ensino médio integrado de um campus da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica após a expansão da rede. A dualidade estrutural estabelecida na educação brasileira (KUENZER, 2000) e as características da formação profissionalizante, tradicionalmente ofertada nas instituições de educação profissional, compuseram o contexto do desenvolvimento do trabalho docente e da proposição da integração do ensino técnico ao ensino médio. Os participantes selecionados foram seis professores atuantes no ensino técnico integrado ao ensino médio, dois de disciplinas de formação profissional e quatro de formação geral. As entrevistas foram inspiradas nas metodologias da entrevista reflexiva (SZYMANSKI, 2000) e das conversações (GONZÁLEZ REY, 2010). O material foi analisado a partir do procedimento dos Núcleos de Significação (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2015). Por meio do processo analítico interpretativo desenvolvido evidenciou-se que a cultura estabelecida na história centenária da educação de técnicos no país constitui as significações dos docentes e é tensionada por novas possibilidades apresentadas à docência a partir da transformação institucional em Instituto Federal. Essas referências apareceram nas significações de nossos participantes e são apresentadas de diversas maneiras: por apontamentos de continuidade ou ruptura na trajetória docente de cada um deles, pelo relato de que o *campus* enfatiza a formação técnica ou por considerar que o ensino médio integrado prioriza o ensino médio. Assim como pela queixa do espaço reduzido destinado à formação humana, pela vontade de promover uma educação crítica e integrada e pela disputa acerca das atividades possíveis à docência no IFSP. A fim de contribuir com a discussão no grupo, propomos a reflexão acerca de qual o papel da historicidade dos contextos na constituição subjetiva?
Palavras-chave: Ensino Médio Integrado, Significações docentes, Núcleos de Significação.

Referências
AGUIAR, W. M. J.; SOARES, J. R.; MACHADO, V. C. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n.155, p.56-75. 2015.
GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
KUENZER, A. Z. **Ensino Médio Profissional**: as políticas do estado neoliberal. São Paulo: Cortez. 2000.
SZYMANSKI, H. Entrevista reflexiva; um olhar psicológico para entrevista em pesquisa. **Psicologia da Educação**, São Paulo, s.v., n. 10/11, p. 193-215, 2000.

Trabalho 5: **Pesquisa-Trans-Formação, Subjetividade e Significações: concepções e práxis**
Wanda Maria Junqueira de Aguiar, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, iajunqueira@uol.com.br

Luciana de Oliveira Rocha Magalhães, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, lucianam11@hotmail.com

Resumo
Nesta apresentação relataremos as experiências do grupo de pesquisa da PUC-SP, GADS (Grupo Atividade Docente e Subjetividade) sobre a relação das categorias Subjetividade e Significações no movimento da Pesquisa-Trans-Formação. Nosso objetivo é discutir a importância da categoria Subjetividade e de suas formas de objetivação, ou seja, as Significações. A primeira questão a ser debatida é a negação das dicotomias presentes em algumas perspectivas da Psicologia. Iniciamos explicitando e explicando que para a Psicologia Sócio-histórica as relações indivíduo-realidade social, objetividade-subjetividade, pensamento-linguagem, afeto-cognição, assim como o movimento de pesquisar e produzir conhecimento, aliado ao processo de formação docente, podem ser compreendidos como unidades dialéticas, mutuamente constitutivas. Defendemos a categoria Subjetividade e seu caráter histórico e dialético. Afirmamos o sujeito como construtor de sua história, em que todas as suas experiências são subjetivas e histórico-sociais ao mesmo tempo. Isto posto, trazemos tal compreensão para a proposta de Pesquisa-Trans-Formação, como uma forma de unir dialeticamente processos que não estariam, a rigor, assim articulados, em que não se dicotomiza a produção de informações na pesquisa da produção de conhecimento e da formação docente e que, tal processo só se efetiva por meio do sujeito ativo, agente da práxis. Assim, apresentaremos alguns aspectos do processo de pesquisar-formar-transformar junto a docentes/educadores, em que partimos das Significações (articulação de sentidos e significados) como expressões da Subjetividade. A Pesquisa-Trans-Formação, para tanto, traz em seu bojo a essencialidade da categoria Dimensão Subjetiva da Realidade: a partir daí trazemos o questionamento sobre a possibilidade do diálogo com a Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa. Lançando mão da Teoria da Subjetividade, pode se apreender com mais clareza as ressignificações dos envolvidos na pesquisa? Pode-se afirmar que novos sentidos subjetivos foram gerados neste movimento de transformação que se fez nas discussões em grupo, movimento que cria novas zonas de inteligibilidade para todos os envolvidos na pesquisa, mostrando coerência da contribuição possível da Epistemologia Qualitativa? Tal abordagem entendida como uma relação que considera pesquisadores e sujeitos como participantes de um mesmo momento de produção de informações, experiências e ressignificações, corrobora a proposta da Pesquisa-Trans-Formação? Nesse caminho, o diálogo entre a Sócio-histórica e a Teoria da Subjetividade pode encetar zonas de inteligibilidade e mediações determinantes para o processo de transformação social que se engendra na Pesquisa-Trans-Formação, envolvendo diferentes formas de abordagem às realidades estudadas.
Palavras-chave: Subjetividade, Significações, Pesquisa-Trans-Formação.

Referências
AGUIAR, Wanda M. J; SOARES, Júlio R.; Aranha Elvira G. NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO: ANÁLISE DIALÉTICA DAS SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS EM GRUPO. IN: Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas, Ed.v.51, 2021

AGUIAR, Wanda M. J.; LIEBESNY, Brônia; MARCHESAN, Eduardo C.; SANCHEZ, Sandra Gagliardi. Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, Ana Mercês B.; GONÇALVES, Maria da Graça M. (Orgs.). **A dimensão subjetiva da realidade. Uma leitura sócio-histórica**. São Paulo, Cortez, 2009.
GONÇALVES, Maria da Graça M.; FURTADO, Odair. A perspectiva sócio-histórica: uma possibilidade crítica para a Psicologia e para a Educação. In: AGUIAR, W. M. J; BOCK, A. M. B.(Orgs.). **A dimensão subjetiva do processo educacional**: uma leitura sócio-histórica. São Paulo, Cortez Editora, 2016.

Trabalho 6: **Linguagem, conhecimento científico e subjetividade: implicações para a formação de professores**

José Moysés Alves, Universidade Federal do Pará, jmalves@ufpa.br
Andrela Garibaldi Loureiro Parente, Universidade Federal do Pará, andrela@ufpa.br
Cristina M. Madeira-Coelho, Universidade de Brasília, cristina.madeira.coelho@gmail.com

Resumo
Durante muito tempo a linguagem foi pensada, unicamente, como produto e expressão do pensamento, em uma via de mão única, do emissor para o receptor e com significados estáveis. Tal concepção corresponde à perspectiva epistemológica realista da ciência, que concebe o conhecimento científico como representação fiel e neutra da realidade. No entanto, ao considerarmos a linguagem científica verificamos que ela é, também, metafórica e se apoia em analogias, seja quando contribui para a construção do conhecimento, seja quando se ocupa de sua divulgação. Uma outra concepção, a perspectiva epistemológica construtivista, entende as ciências como modelos provisórios, que possibilitam, em dado momento histórico, certa inteligibilidade sobre determinados fenômenos. Nessa perspectiva, a linguagem passa a ser compreendida simultaneamente como estrutura e funcionamento, reunindo em unidade a função instrumental da comunicação e estruturante do pensamento. Nessa concepção de linguagem, não há significados previamente definidos, mas sentidos instáveis que, para serem elaborados, dependem das relações mútuas de pessoas. As pesquisas brasileiras que investigam o papel da linguagem na educação científica, correspondem a essa segunda acepção e sofrem a influência, predominante, dos escritos de Vygotsky e Bakhtin (FLÔR; CASSIANI, 2012). González Rey chama nossa atenção para certo objetivismo presente na obra desses dois autores russos, especialmente nas ideias de internalização e no macro-conceito de ideologia para explicar o funcionamento do signo. González Rey e Mitjáns Martínez (2017) afirmam que a Teoria da Subjetividade busca compreender a complexidade dos fenômenos especificamente humanos produzidos em condições culturais e históricas. Os autores fazem uma releitura crítica dos conceitos de sentido, proposto por Vygotsky e o de diálogo, elaborado por Bakhtin. Entendem que os sentidos subjetivos são unidades simbólico-emocionais, produtoras do fluxo contínuo e dinâmico da subjetividade e o diálogo, numa conotação particular, supera a ideia de simples troca linguística e passa a ser compreendido como espaço subjetivamente configurado (González Rey, 2019). Dessa forma, para a Teoria da Subjetividade tanto os processos envolvidos na construção dos modelos teóricos quanto os envolvidos na sua transmissão ou divulgação, são configurados subjetivamente, nos âmbitos social e

individual, de modo personalizado e criativo. E assim, para além de operações lógicas, a emoção, a imaginação e a fantasia estão presentes nas atividades do pesquisador, do professor e do aprendiz. O diálogo com os outros e com os textos passa a ser a maneira privilegiada e singular de construir o conhecimento. Sugerimos para o debate a seguinte questão: Que outras implicações desta concepção de diálogo podem estar envolvidas nos processos de formação de professores?
Palavras-chave: Subjetividade, Linguagem e Conhecimento, Formação de professores

Referências
FLÔR, C.C.; CASSIANI, S. O que dizem os estudos da linguagem na educação científica? **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, Vol. 11 No 2, 67-86, 2011.
GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTINEZ, Albertina. **Subjetividade:** Teoria, Epistemologia e Método. Campinas: Editora Alínea, 2017.
GONZÁLEZ REY, F. A Epistemologia Qualitativa vinte anos depois. In: A. MITJÁNS MARTÍNEZ; f. GONZÁLEZ REY; R. VALDÉS PUENTES (Orgs.) **Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade:** discussões sobre educação e saúde. Uberlândia: EDUFU, 2019, pp. 21-45.

Trabalho 7: **Aprendizagens personalizadas de um monitor de biologia em um centro de ciências**
Kharem Cristine dos Santos Silva, Universidade Federal do Pará, kharem22@gmail.com
José Moysés Alves, Universidade Federal do Pará, jmalves@ufpa.br

Resumo
A preparação para o exercício profissional do professor faz parte de seu desenvolvimento subjetivo e envolve aprendizagens personalizadas (MITJÁNS MARTÍNES; GONZÁLEZ REY, 2019). Ao aprender, de forma compreensiva ou criativa, o estudante produz sentidos subjetivos, que dependem das configurações subjetivas de sua personalidade e daquelas do espaço social em que atua (MITJÁNS MARTINEZ; GONZÁLEZ REY, 2017). Realizamos um estudo de caso para compreender a configuração subjetiva da ação de aprender de um monitor de biologia, ao desenvolver suas atividades, no Centro de Ciências e Planetário do Pará. As informações foram obtidas por meio de complemento de frases, questionários, conversas informais e registro de observações das atividades do monitor, durante um ano letivo. Órion tinha 22 anos, era aluno do curso de Ciências Naturais com habilitação em Biologia. Nasceu em uma cidade do interior e mudou para a capital para graduar-se. Morar sozinho o ajudou a tornar-se independente e responsável, também um estagiário comprometido e autônomo. Durante a graduação, preferiu estagiar no espaço de educação não formal por ser mais dinâmico, indicando sua curiosidade e gosto por novas experiências, o que também se manifestou, durante o estágio, em sua motivação para aprender com os colegas de outras áreas. Valorizava a reflexão sobre sua prática docente e o uso da imaginação para desenvolve-la, se colocando no lugar dos visitantes. A partir do tensionamento de aprender os conteúdos e comunicar-se de forma eficiente com o público, Órion criou novos recursos para contextualizar os conteúdos em fatos conhecidos dos visitantes, na história da ciência e na relação com outros campos de conhecimento. Isto relacionava-se, respectivamente, com sua preferência pela área de saúde, seus estudos sobre

história da ciência na disciplina epistemologia e com a interação com colegas de outras áreas. Simultaneamente, desenvolveu uma concepção de ciências como um conhecimento útil para a vida, como um processo de verdades transitórias e que se desenvolve interagindo com as outras ciências. Também, desenvolveu confiança em sua capacidade criativa, de enfrentar situações novas com versatilidade. A análise da configuração da ação de aprender de Órion, ao possibilitar compreender o desenvolvimento de recursos subjetivos, chama atenção para a importância da preparação para o exercício da profissão docente em espaços de educação não formal (ALMEIDA; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2014). Então, sugerimos para o debate a seguinte questão: como os espaços não formais de educação impactam o desenvolvimento subjetivo de professores em preparação para o exercício profissional inicial ou continuado?
Palavras chave: Espaço de Educação Não Formal; Formação Profissional; Aprendizagem.

Referências
ALMEIDA, P.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. As pesquisas sobre aprendizagem em museus: uma análise sob a ótica dos estudos da subjetividade na perspectiva histórico-cultural. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 20, n. 3, 2014.
GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. A preparação para o exercício da profissão docente: Contribuições da teoria da subjetividade. In ROSSATO, M.; PERES V. L. A. (Ed.), **Formação de educadores e psicólogos**: Contribuições de desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica. Curitiba, PR: Appris. 2019. p. 13-46.
MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar:** avançando na contribuição da leitura cultural histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

Sessão 3 – 29 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00. Discussão final

Trabalho 1: **O professor e as implicações da aposentadoria em sua configuração subjetiva da profissão**
Bruno de Oliveira Sales Mota, Universidade Estadual do Ceará (UECE), bruno_salles12@hotmail.com Geandra Cláudia Silva Santos, Universidade Estadual do Ceará (UECE), geandra.santos@uece.br

Resumo
Este trabalho é parte das reflexões de uma pesquisa de mestrado em Educação na UECE. O objetivo era compreender como professoras do Atendimento Educacional Especializado (AEE) expressavam as produções subjetivas mobilizadas nas experiências formativas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em suas configurações subjetivas da profissão docente, atuando como bolsistas supervisoras. A partir da Teoria da Subjetividade, seguimos a Metodologia Construtivo-Interpretativa, fundamentada na Epistemologia Qualitativa de González Rey, desenvolvendo estudos de casos (GONZÁLEZ REY, MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). O PIBID se constitui um espaço de formação continuada para os professores da Educação Básica. A partir deste contexto, analisamos o caso de Iara (25 anos de magistério,

aposentando-se). Inicialmente, é necessário elucidar algumas conceituações para esta análise. Por sua estabilidade e alta convergência de sentidos subjetivos, a configuração subjetiva da profissão pode ser definida como uma "configuração subjetiva da personalidade" (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017, p. 56). Ademais, outra categoria a ser conceituada é a "configuração subjetiva da ação", que integra sentidos subjetivos produzidos tanto na história de vida da pessoa, quanto no curso da sua ação em um determinado contexto (Idem, 2019, p. 17). Por meio dos indicadores, foi possível perceber que para Iara o processo de aposentadoria se constituía um evento gerador de significativos sentidos subjetivos. Apesar de não ser o único aspecto envolvido nesta direção, a aproximação da aposentadoria mobilizava sentidos subjetivos conflitantes na configuração subjetiva da profissão de Iara, que atravessava um momento de desinvestimento em sua carreira e não desenvolveu, por intermédio do PIBID, recursos subjetivos relevantes que colaborassem com seu trabalho. Neste sentido, elaboramos uma construção: com a aposentadoria, a configuração subjetiva da profissão perde dominância dentro da subjetividade individual da pessoa, mas pode continuar mobilizando a produção de sentidos subjetivos em experiências vindouras (laborais ou não), por estar integrada à história de vida da pessoa. No curso de suas novas ações, a pessoa que se aposenta poderá se valer das significações mobilizadas pela configuração subjetiva da profissão que, mesmo perdendo dominância na personalidade, não deixa de compor a história do indivíduo – momento imprescindível na capacidade geradora das configurações subjetivas (Idem, 2017). Ao final da pesquisa, destacamos como um dos apontamentos teóricos construídos, a importância de os contextos de formação continuada considerarem o atual momento da vida e da carreira dos professores, e como ele está sendo subjetivado. Tal panorama nos encaminhou à seguinte interpelação: o que acontece com a configuração subjetiva da profissão de um professor que se aposenta?

Palavras chave: Configuração Subjetiva da Profissão. Educação Especial. Aposentadoria.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. *Subjetividade*: teoria, epistemologia e método. Campinas, SP: Alínea, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar*: avançando nas contribuições da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. A Preparação para o Exercício da Profissão Docente: Contribuições da Teoria da Subjetividade. In: ROSSATO, Maristela; PERES, Vannúzia Leal Andrade Peres. *Formação de Educadores e Psicólogos*: Contribuições E Desafios Da Subjetividade Na Perspectiva Cultural-Histórica. Curitiba: Appris, 2019.

Trabalho 2: **Reflexiones sobre la subjetividad en la formación doctoral**

Irela Margarita Paz Domínguez, Universidad de Oriente, Santiago de Cuba, irelapaz@uo.edu.cu
Eulogio Gámez Rodríguez, Universidad de Oriente, Santiago de Cuba, egamez@uo.edu.cu

Resumen

La formación doctoral es una de las modalidades de la formación científica en el postgrado, y constituye importante tarea para contribuir al desarrollo científico del país. En la esfera educacional tiene significativa trascendencia, pues repercute en la elevación de la calidad formativa en diferentes contextos educativos (PAZ, ET AL; 2008). La normativa sobre la formación de doctores en Cuba (CONSEJO DE ESTADO, 2019), significa la necesidad de que los profesionales en opción al doctorado, demuestren con la defensa de su tesis su elevada preparación, independencia, creatividad, madurez científica, y un pensamiento teórico que le permita la solución novedosa de un problema científico teórico o práctico. La calidad de esta formación es una responsabilidad individual y grupal, con vínculos tan estrechos entre estos polos que en ocasiones se desdibujan las fronteras que los limitan. Lo individual es esencial, en tanto se forma el propio sujeto a partir de la implicación que tenga en el proceso formativo, en este sentido son significativas las configuraciones de su personalidad. A su vez, es medular el intercambio de experiencias, saberes y afectos, desde el trabajo grupal. Se evidencia entonces un interjuego dialéctico social - individual, en tanto "la subjetividad social y la individual surgen en la propia tensión recíproca en que coexisten" (GONZÁLEZ, 2002, p. 181). Así, las relaciones sujeto - grupo deben ser estudiadas y comprendidas por todos los que están involucrados en los procesos de formación, en cualquiera de los niveles educacionales, evitando "la superficialidad, la parcialidad y la fragmentación en la comprensión de estas cuestiones" (ZIEMER Y VILLELA, 2016, p. 201). La formación doctoral es también un camino que necesita con profundidad comprender las relaciones señaladas, considerar la complejidad de la subjetividad individual y social, tanto por los aspirantes a la obtención del grado científico, como por los sujetos que guían o contribuyen a ese proceso formativo: tutores, profesores de cursos, especialistas, consultantes, colegas de trabajo y de estudios doctorales. El análisis anterior permite plantear esta interrogante: ¿Cómo atender la subjetividad en los procesos de formación doctoral?

Palabras claves: Formación doctoral, subjetividad.

Referencias

CONSEJO DE ESTADO**. DECRETO-LEY No. 372. Del Sistema Nacional De Grados Científicos**. Gaceta Oficial No. 65 (Ordinaria) de 5 de septiembre de 2019, La Habana, Cuba, 2019.

GONZÁLEZ, F. **Sujeto y subjetividad: una aproximación histórico - cultural**. Internacional Thomson Editores, México, 2002.

PAZ, I, ET AL. **Compendio de artículos científico –pedagógicos para la formación doctoral**. Material digitalizado. Registrado en CD "CEPED 45 Aniversario UCP. ISBN 978-959-18-0546-1. Universidad de Ciencias Pedagógicas. Santiago de Cuba, 2008.

ZIEMER, A Y VILLELA, MC. **Processos subjetivos de professores em sua ação pedagógica**. Em: Educação escolar e subjetividade. Desafios contemporâneos, p 173-202. GlobalSuoth Press, 1ª. Edição, Brazil, 2016.

Trabalho 3: **A questão da subjetividade e a linguagem oral e escrita: uma necessidade formativa**

Hélida Cristina Brandão Nunes, Universidade Federal de Uberlândia, helida.cristina1@hotmail.com

Hilma Aparecida Brandão, Universidade Federal de Uberlândia, hilma.brandao@ifgoiano.edu.br
Jaqueline Ferreira dos Reis, Universidade Federal de Uberlândia, jaqueisagi@gmail.com
Roberto Valdéz Puentes, Universidade Federal de Uberlândia, robertopuentes@faced.ufu.br

Resumo
Este texto surgiu nas discussões do Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática Desenvolvimental e Profissionalização Docente - GEPEDI, sendo parte de uma pesquisa de doutorado que se encontra em andamento. O seu objetivo é discutir a questão da subjetividade em relação ao processo de aprendizagem da Linguagem oral e escrita, assim como suas implicações sobre as necessidades formativas dos profissionais, a partir de um diálogo com os integrantes do sistema desenvolvimental Elkonin-Davidov-Repkin. Nessa interlocução, abordaremos inclusive, o pensamento de Fernando González Rey, Albertina Mitjáns Martínez, Luciana Muniz e Imbernón. Este trabalho sustenta-se em uma epistemologia qualitativa, bem como na metodologia construtivo-interpretativa, à luz da abordagem histórico-cultural. O processo de aprendizagem da Linguagem oral e escrita, ainda tem sido muito pouco abordada, em relação ao campo da subjetividade, o que implica a necessidade de maiores investigações. Para Gonzáles Rey (2003), o ser humano se constitui a partir de sua reflexibilidade, por meio do seu processo histórico-cultural, em um exercício de pensamento criativo, no movimento dialético entre o social e o individual. Sob esse olhar, a teoria da subjetividade considera o sujeito como um ser ativo, com suas participações sociais, reflexões e sentidos subjetivos. Mesmo com matriz similar, alicerçada nos estudos de Vigotski, Elkonin-Davidov-Repkin interpretam de formas diferentes alguns dos postulados originais. Para eles, a assimilação e a formação de conceitos só poderão acontecer por meio da formação da Atividade de Estudo, de forma periodizada, a partir da ação colaborativa do docente, que instiga a aprendizagem, possibilita o desenvolvimento e a autotransformação do sujeito. Contudo, os aspectos relacionados às emoções, não foram muito considerados. Em um dos últimos textos de Davidov (1998 [2019]), anteriormente a sua morte, foram abordadas essas questões, mas ignoradas nos estudos posteriores de Repkin e seus colaboradores. Sob essa ótica, surge o questionamento: quais são as implicações dos estudos da subjetividade para a aprendizagem desenvolvimental da linguagem oral e escrita do sujeito em relação às necessidades formativas dos profissionais? Uma formação profissional consistente, que considera o desenvolvimento, é necessária para o trabalho educativo e para o processo de aprendizagem da leitura e escrita dos sujeitos. Contudo, observa-se que muitos sujeitos são excluídos ou silenciados, quando não são considerados em suas singularidades e em suas emoções. Nessa perspectiva, Imbernón (2009) ressalta a importância de superar a visão linear e determinista do processo educativo, no sentido de promover uma cultura colaborativa crítica, reflexiva e criar novas participações formativas.
Palavras-chave: Subjetividade, Linguagem oral e escrita, Formação profissional.

Referências
GONZÁLEZ REY, F. *Sujeito e Subjetividade:* uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2003.
IMBERNÓN, F. *Formação permanente do professorado:* Novas tendências. 1° ed.
São Paulo: Ed. Cortez, 2009.

MUNIZ, L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. *Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e desenvolvimento*. Princípios de estratégias de trabalho pedagógico. Curitiba: Appris, 2019.
PUENTES, R. V.; CARDOSO, C. G. C.; AMORIN, P. (Orgs.). *Teoria da atividade de estudo:* contribuições de D.B. Elkonin, V.V. Davidov e V. V. Repkin. 1. ed. Curitiba: CRV, 2019. v. 10. 438 p.

Trabalho 4: **Mudanças Subjetivas na Atuação Docente na Pós-Graduação: um estudo do movimento recursivo docência-orientação-docência**

Stela Martins Teles, Instituto Federal de Brasília, stela.teles@ifb.edu.br
Maristela Rossato, Universidade de Brasília, maristelarossato@gmail.com

Resumo
O presente trabalho é um recorte da pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar e tem como objetivo identificar o movimento recursivo docência-orientação-docência na produção de mudanças subjetivas de professores que atuam no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT ofertado pela Rede dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Partimos da premissa que o espaço da atuação profissional no mestrado em questão configura-se como uma possibilidade de reflexão para professores não licenciados e sem formação pedagógica que pode contribuir para os aprimoramentos das ações e relações pedagógicas em suas salas de aula, em todos os níveis e modalidades que os Institutos oferecem. Os participantes da pesquisa são 3 professores do Instituto Federal de Brasília que atuam nos cursos técnicos ofertados pelo Instituto, seja em nível médio, subsequente e/ou tecnólogo e no Mestrado ProfEPT. Eles foram escolhidos pela peculiaridade que consideramos importante para o estudo que está no fato de não serem da área da educação/licenciatura ou terem cursos de formação pedagógica e atuarem em um mestrado profissional que visa estudar práticas educativas formais e não formais. Tem-se como aporte teórico a Teoria da Subjetividade na perspectiva cultural-histórica desenvolvida por Fernando Gonzaléz Rey (2005, 2017) e o diálogo com estudos do Desenvolvimento Humano na perspectiva histórico-cultural (Oliveira, Chagas-Ferreira, Mieto e Beraldo, 2016). Defendemos que a atuação profissional constitui o desenvolvimento do professor e o movimento recursivo docência-orientação-docência como constituidor da atuação docente produz mudanças subjetivas que podem indicar os caminhos do seu desenvolvimento subjetivo. A partir da Epistemologia Qualitativa que propõe uma metodologia que legitima o caráter singular na produção do conhecimento, o processo dialógico e o caráter construtivo-interpretativo na construção e análise das informações, utilizaremos de instrumentos como dinâmicas conversacionais e observações gravadas das sessões de orientações e dos encontros de formação dos professores orientadores. Como as mudanças nas produções subjetivas, a partir do movimento recursivo docência-orientação-docência, podem vir a se configurar como desenvolvimento subjetivo? Como as mudanças subjetivas no âmbito profissional, por exemplo, podem impactar em outras áreas da vida da pessoa?
Palavras chave: Movimento Recursivo, Mudança Subjetiva, Educação Profissional e Tecnológica

Referências

DESSEN, Maria Auxiliadora *et al.* **Psicologia dos Processos de Desenvolvimento Humano:** cultura e educação. Campinas, SP: Alínea,2016.

REY, Fernando González. **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia.** São Paulo: Pioneira Thhonson Learning, 2005)

REY, Fernando González; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. **Subjetividade:** teoria, epistemologia e método. Campinas, SP: Alínea, 2017

Eixo temático: 5.2. A subjetividade na formação de professores e de outros profissionais (16 Trabalhos)

Coordenadora: Geane de Jesus Silva – Universidade de Brasília

Temas centrais para o debate:

- A dimensão subjetiva da aprendizagem dos profissionais;
- O lugar da subjetividade nos processos intencionais de formação profissional;
- A significação da subjetividade social das instituições e dos grupos no processo de formação professional.

Sessão 1 – 22 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **A dinâmica conversacional como meio de promoção e valorização da trajetória e expressão da subjetividade dos professores**

Edilene Teixeira de Souza, Secretaria de Educação do Distrito Federal, maisedilene@hotmail.com
Marina Pires de Carvalho Gouveia, Secretaria de Educação do Distrito Federal, marinac_pires@yahoo.com.br
Mônica de Freitas Monteiro, Secretaria de Educação do Distrito Federal, monica.freitas@edu.se.df.gov.br

Resumo

O saber trazido pela experiência é um tipo de saber particular, ao mesmo tempo relativo, subjetivo e cheio de empirismo. Desta forma, ainda que duas pessoas enfrentem o mesmo acontecimento, não adquirem a mesma experiência. A experiência é única. Não se repete. É repleta de subjetividade e incertezas. Esse relato se dedica a pensar a educação a partir das experiências, emocionalidades e vivências dos docentes que atuam na Escola Classe 01 do Incra 08, em Brazlândia. Como pedagoga do Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem (SEAA) dessa escola, venho desenvolvendo uma proposta de trabalho, batizada como 'Chá com SEAA', que entrevista os professores com perguntas que abandonam o tecnicismo histórico, que muitas vezes desconsidera as emocionalidades e experiências de vida do indivíduo entrevistado e lança mão de uma espécie de roteiro aberto ao diálogo acolhedor. A dinâmica, inclui a entrevista com perguntas sobre trajetória de vida, sonhos, gostos, perspectivas de futuro, vida familiar, saúde física e mental, inseguranças e relatos que possibilitam contextualizar o professor como sujeito de experiências e autor da sua narrativa. É inegável que o saber acontece na relação entre o conhecimento e a vida humana, sempre singular e latente. Durante a entrevista, a pessoa entrevistada tem a oportunidade de contar sua vida, seus medos e inseguranças, seus valores e suas idiossincrasias. As respostas são registradas de forma escrita e por meio de desenho afetivo que ao final é entregue ao entrevistado. O registro afetivo é a maneira encontrada por nós do SEAA para dar leveza aos relatos e ao mesmo tempo

enaltecer a existência daquele indivíduo e valorizar sua trajetória. Para além disso, permite um mergulho no universo que compõe a pessoa entrevistada e uma abertura importante para trocas, diálogos e tensionamentos, que podem significar aberturas importantes de diálogos à compressão de sentidos imbricados no fazer pedagógicos docente e em nos repertoriar na colaboração com tal processo. Nesse contexto, uma questão: A partir da Teoria da Subjetividade, as experiências de vida dentro do contexto escolar, em relação aos alunos e aos professores, têm qual participação e relevância na dimensão subjetiva do processo de aprendizagem?

Palavras-chave: Experiências, subjetividades, afetividade.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *In* **Revista Brasileira da Educação**. No. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002. Disponível https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf: 07 de jul. de 2021.

MACEDO, Roberto S. Atos de currículo e formação: o príncipe provocado. *In* **Revista Teias** v. 13, n. 27, 67-74 • jan./abr. 2012 – CURRÍCULOS: Problematização em práticas e políticas. Disponível em: file:///C:/Users/enaeg/AppData/Local/Temp/24252-77105-1-PB.pdf Acesso: 07 de jul. de 2021.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. A preparação para o exercício da profissão docente: contribuições da teoria da subjetividade. In: AUTOR; Peres, Valéria. (orgs). **Formação de educadores e psicólogos: contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica**. Curitiba: Appris, 2019.

Trabalho 2: **Um olhar sobre a dimensão subjetiva nos processos formativos: possibilidades e desafios**

Cíntia de Araújo Matos, Secretaria de Educação do Distrito Federal e Centro Universitário Unieuro, cintiamatos.psi@gmail.com

Resumo

Este trabalho surgiu de inquietações profissionais sobre os fenômenos sociais da escolarização e o compromisso social do psicólogo escolar com tais fenômenos. Sobretudo, essa inquietação recai enfaticamente sobre os processos formativos oferecidos aos profissionais de educação e sua relação com as ações desenvolvidas no âmbito escolar. O objetivo deste trabalho foi compreender como a experiência de reflexão teórico-prática da atuação profissional pode mobilizar o desenvolvimento subjetivo do psicólogo escolar. Os referenciais da Teoria da Subjetividade, em sua perspectiva cultural-histórica, e os princípios epistemológicos e metodológicos da Epistemologia Qualitativa, foram utilizados como plataforma de reflexão e possibilitaram a construção de um conhecimento oriundo de uma análise construtivo-interpretativa. Assumir a subjetividade como um nível qualitativo diferenciado que oportuniza compreender os fenômenos pela perspectiva da complexidade possibilitou a compreensão do desenvolvimento humano como um processo subjetivo. Cabe salientar que o desenvolvimento subjetivo ocorre quando, o sujeito ou grupo, posiciona-se

frente experiências vividas mobilizando configurações subjetivas que permitem gerar novos processos subjetivos. Pesquisar o desenvolvimento subjetivo pleiteou um posicionamento que primou pela qualidade das informações produzidas no interior da pesquisa. Assim, a inserção no espaço da escola, viabilizou reflexões sobre a própria atuação profissional fundamentadas nos princípios teóricos da subjetividade, observando-se os movimentos subjetivos ocorridos no curso dessas reflexões. A pesquisa foi realizada por meio de um estudo de caso, em dois tempos, sendo o primeiro um momento de escolha da participante, e o segundo, um espaço de intervenção onde as reflexões, os tensionamentos e os movimentos subjetivos ocorreram. O caráter construtivo-interpretativo assumido por essa pesquisa abriu uma via de produção teórica constante para a pesquisadora no momento crucial do seu trabalho, o empírico. Dessarte, a configuração subjetiva da profissão de psicóloga escolar, foi sendo tensionada no curso dos encontros da pesquisa e mudou a partir de novos posicionamentos assumidos pela participante em seu cotidiano profissional. Diante disso, foi possível compreender que o formato adotado pela pesquisa de se constituir como, um espaço de interlocução que promoveu reflexões tensionadoras de seus recursos simbólicos-emocionais, viabilizou a expressão subjetiva da participante. Isto posto, foi possível avançar em relação à distância existente entre os espaços de formação contínua e os de atuação profissional e mostrar a relevância de considerar a subjetividade da pessoa em processos formativos, uma vez que essa subjetividade se materializa nas ações e relações desenvolvidas no cotidiano profissional. Por fim, destacamos que o estudo realizado, possibilitou evidenciar que refletir teoricamente sobre a própria atuação profissional promove o desenvolvimento subjetivo. Abre-se, portanto, caminhos alternativos de pesquisa para se pensar: como os espaços formativos podem romper com práticas excludentes e cristalizadas e possibilitar a expressão subjetiva de seus participantes?

Palavras chave: desenvolvimento subjetivo, formação contínua, psicólogo escolar.

Referências

MARTINEZ, A. M.; REY, F. L. G. Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

MATOS, C. de A. **O desenvolvimento subjetivo do psicólogo escolar: reflexões sobre os processos de atuação e formação profissional.** Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, 211 f. 2019.

REY, F. L. G. ; Martínez, A. M. Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Campinas, SP: Alínea , 2017.

Trabalho 3: **Trabalho conjunto e projeto pedagógico: uma análise do processo de produção do sentimento de pertencimento em um grupo de trabalho de um Centro de Educação Infantil**

Selma de Sousa Silva, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, selmaaguia@gmail.com

Elias Batista Dos Santos, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal; Faculdade Profissional - FAPRO, edrsantos@gmail.com

Resumo
Segundo Araújo (2010), a construção da proposta pedagógica de uma instituição de ensino é um evento único, em que são vivenciados espaços de convivência, dialogicidade, discussão e proposição de reflexões sobre práticas educacionais desenvolvidas no contexto escolar. Sendo assim, este trabalho se insere no contexto da elaboração conjunta da proposta pedagógica de uma instituição pública de educação infantil do Distrito Federal. Anualmente, as instituições públicas de ensino do Distrito federal constroem/atualizam a proposta Pedagógica da instituição. Em muitas situações informais, esse processo é considerado, pelos docentes, como sendo sem sentido e servindo apenas para cumprimento de um protocolo burocrático. Em nosso caso, experenciamos uma situação *sui generis* de participação da comunidade escolar na construção da proposta pedagógica da instituição, por meio de debates, diálogos e tomadas de decisão. Assim, o objetivo dessa pesquisa foi analisar o processo de produção do sentimento de pertencimento no contexto das ações do grupo de trabalho responsável pela organização e desenvolvimento da proposta pedagógica da instituição de ensino. Segundo Santos (2013) a produção subjetiva do sentimento de pertencimento, no contexto escolar, pode contribuir para o desenvolvimento pessoal e profissional. Nessa perspectiva, a Teoria da Subjetividade desenvolvida por González Rey, vem ao encontro desta pesquisa ao destacar a subjetividade como sendo "a organização dos processos de sentido e de significação que aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis no sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atua (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 15). Com isso, orientados pela perspectiva da Epistemologia Qualitativa (GONZÁLEZ REY e MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017), foram utilizados para favorecer a expressão dos participantes a respeito da temática pesquisada as dinâmicas conversacionais, o complemento de frases, a produção de texto e a imagem representativa. A ação construtivo-interpretativa indicou que o processo de produção do sentimento de pertencimento configurou-se a partir da prática do acolhimento, do exercício da autonomia, do reconhecimento público do trabalho realizado e da abertura para a expressão do outro. Com isso, continuamos interessados em compreender como acontece o movimento da subjetividade social e individual da comunidade escolar após a construção conjunta da proposta pedagógica, especialmente em relação a mobilização de recursos necessários ao processo de transformação do trabalho pedagógico desenvolvido na instituição escolar.
Palavras-chave: Sentimento de Pertencimento; Trabalho Conjunto; Projeto Pedagógico.

Referências
ARAÚJO, Catarina Pereira. O trabalho conjunto entre docentes: uma possibilidade de mudanças na prática pedagógica. 2010. 162 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
GONZÁLEZ REY, Fernando Luiz. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
GONZÁLEZ REY, Fernando Luiz; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade**: Teoria, epistemologia e método. Alínea. 2017.
SANTOS, Elias Batista. O professor em situação social de aprendizagem: autoctonia e formação docente. 2013. 285 f. **Tese** (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

Trabalho 4: **Subjetividade, oficinas pedagógicas e formação continuada de docentes: uma análise heurística para desenvolvimento pessoal e profissional**

Gislêle Aparecida da Silva, Secretaria de Educação do Distrito Federal, gigilgs@gmail.com

Resumo

O estudo em questão propõe discutir a importância das oficinas pedagógicas ofertadas pela Sala de Apoio à Aprendizagem, voltadas para a formação continuada dos docentes dentro do espaço escolar, vislumbrando sua relação interpessoal com os discentes numa abordagem subjetiva dentro da perspectiva da subjetividade inaugurada por González Rey. Nesta análise realizou-se uma pesquisa baseada nas ações das oficinas pedagógicas desenvolvidas pela Sala de Apoio à Aprendizagem junto aos docentes das escolas públicas da Secretaria de Educação do Distrito Federal, em que estiveram presentes os professores das escolas participantes numa base construtivo-interpretativa. Com uso de metodologia qualitativa, procedeu-se a observação participante e a entrevistas semiestruturadas destacando a dialogicidade entre os sujeitos da pesquisa, referências biográficas, fotos, oficinas pedagógicas numa análise qualitativa e subjetiva do desenvolvimento dos sujeitos, relativizando o trabalho docente. Faz-se mister concluir que as oficinas propostas contribuíram para o enriquecimento/desenvolvimento pedagógico ao compreender a dinâmica da subjetividade individual e social no contexto de formação continuada dos docentes sendo sua interferência/participação na aprendizagem dos alunos com Transtornos Funcionais Específicos imperiosa à evolução humana/para seu desenvolvimento. Portanto, faz-se necessário integrar esta relação docente/discente vislumbrando os alunos como seres de possibilidades e a formação continuada como parte do desenvolvimento pessoal e profissional do professor, conforme destaca González Rey (2008, p. 23): "Seria desejável incorporar os conhecimentos sobre os aspectos subjetivos da aprendizagem e do desenvolvimento nos programas de formação de professores bem como alertá-los para o aproveitamento do espaço relacional em sala de aula como contexto altamente envolvido com o ensinar e o aprender". Considerando a subjetividade, as oficinas pedagógicas e a formação continuada de docentes numa análise heurística para desenvolvimento pessoal e profissional, entende-se a necessidade da continuidade desses estudos nos processos formativos em ambiente escolar, fomentados nas participações das profissionais de educação na pesquisa realizada.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: O espaço-tempo destinado à formação continuada de docentes que atuam com crianças com diagnóstico de Transtorno Funcional Específico pode constituir-se como favorecedora do seu desenvolvimento pessoal e profissional de forma a implicar em modificações na sua ação pedagógica?

Palavras chave: Subjetividade. Formação continuada. Transtorno funcional.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Sujeito e Subjetividade: Uma aproximação histórico-cultural; 2003.

MITJÁNS MARTíNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.

ROSSATO, Maristela; MITJÁN MARTÍNEZ Albertina. Desenvolvimento da subjetividade: análise de histórias de superação das dificuldades de aprendizagem - Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. v 17, n. 2, p. 289-298, julho/dezembro. 2013.
TACCA, Maria Carmem V. R. (org). A pesquisa como suporte da formação docente. Campinas, SP: Alínea, 2017.
TACCA, Maria Carmen Villela Rosa, GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Produção de Sentido Subjetivo: As Singularidades dos Alunos no Processo de Aprender. Revista Psicologia, ciência e profissão, v. 28, n. 1, p. 138-161. 2008.

Trabalho 5: **Abstracción y contextualización de experiencias subjetivas de aprendizaje como mecanismos para la construcción de la identidad profesional docente**

Jaime Fauré, Universidad de Barcelona, jaime.faure@ub.edu
Antonio Membrive, Universidad de Barcelona, amembrive@ub.edu
Alicia Álvarez de León, Universidad de la República de Uruguay, aliciaalva@gmail.com
Mariana Largo, Universidad de Barcelona, mariana.largo@ub.edu

Resumen

Las investigaciones publicadas en el campo de la formación inicial de profesores durante los últimos años sugieren que la identidad del profesorado emerge como consecuencia de las experiencias que han vivido a lo largo y a lo ancho de su vida y, particularmente, durante su formación escolar y universitaria (e.g. Flores, 2020). Sin embargo, escasean los trabajos científicos que analicen cómo las experiencias subjetivas de aprendizaje (Engel, Fauré, Membrive, Merino & Coll, 2018) que ha vivido el profesorado se vinculan entre sí y permiten la emergencia de su identidad profesional docente. En esta comunicación nos hemos planteado el objetivo de explorar este asunto. Desde nuestra perspectiva constructivista de orientación histórico-cultural, anclada a la obra de autores como Vygotsky (1978) o González-Rey (2017), nuestra intención es mostrar y ejemplificar dos mecanismos semióticos (Wertsch, 1985) que les permiten a los estudiantes amasar sus experiencias subjetivas de aprendizaje para construir una identidad profesional docente. Este trabajo permitirá entender mejor como se construye la subjetividade del professorado al intentar responder a la siguiente pregunta: ¿**Cómo las experiencias de aprendizaje permiten la emergência y el desarrollo de la identidad professional del profesorado**? Para conseguir este objetivo, diseñamos un estudio longitudinal de casos múltiples en el que participaron 12 estudiantes universitarios chilenos de último año de diversas carreras de pedagogía. A cada estudiante se le aplicaron tres entrevistas semi-estructuradas diferentes a lo largo del último año de su formación. Las entrevistas fueron transcritas desde un formato audiovisual a uno escrito, y las analizamos mediante una versión idiosincrática del análisis de contenido (Braun & Clarke, 2021). Más concretamente, utilizamos un protocolo elaborado *ad-hoc* para identificar, en primer lugar, las experiencias subjetivas de aprendizaje y las construcciones identitarias de cada participante; y, en segundo lugar, los mecanismos semióticos. El proceso de análisis tuvo una naturaleza inductiva-deductiva y fue iterativo. Los resultados preliminares muestran que los futuros profesores utilizan con frecuencia dos mecanismos semióticos diferentes cuando tienen la intención de construir y negociar sus experiencias subjetivas de aprendizaje y su identidad profesional docente. El

primer mecanismo semiótico, la *abstracción*, les permite a los participantes crear conexiones entre sus diferentes experiencias subjetivas de aprendizaje y, también, combinarlas en experiencias cuyos significados se separan en mayor o menor medida de sus enclaves contextuales. Por su parte, el segundo mecanismo semiótico, la *contextualización*, parece operar en la dirección contraria. Este mecanismo les permite a los participantes ejemplificar, anexar detalles y dotar de contexto ciertos significados generalizados (*quién soy*; *cómo soy*) a través de la creación de vínculos con las experiencias subjetivas de aprendizaje (*esto que pasó* explica *quién soy*). En definitiva, parece ser que la identidad, como parte de la subjetividad humana, está en continuo movimiento, construyéndose y reconstruyéndose a través del discurso como consecuencia de las múltiples y diversas experiencias subjetivas de aprendizaje que, a su vez, también van construyéndose y reconstruyéndose una y otra vez. Como ya dijera Fernando González-Rey hace unos años (2017, p. 13): "*la subjetividad es una producción simbólico-emocional de las experiencias vividas que se configura en un sistema que, desde sus inicios, se desarrolla en una relación recursiva con la experiencia, no siendo nunca un epifenómeno de esa experiencia*".

Palabras-clave: Identidad professional docente; trayectorias personales de aprendizaje; mecanismo semiótico.

Referencias

Engel, A., Fauré, J., Membrive, A., Merino, I., & Coll, C. (2019). The influence of parents in the discursive construction of technology-mediated learning experiences. *Mind, Culture, and Activity, 26*(4), 323-335. https://doi.org/10.1080/10749039.2019.1685549

Flores, M. A. (2020). Feeling like a student but thinking like a teacher: a study of the development of professional identity in initial teacher education. *Journal of Education for Teaching, 46*(2), 145-158. https://doi.org/10.1080/02607476.2020.1724659

Wertsch, J. V. (1985). *Vygotsky and the social formation of mind*. Harvard University Press.

Braun, V., & Clarke, V. (2021). *Thematic Analysis: A Practical Guide to Understanding and Doing*. SAGE.

González Rey, F. (2019). *La subjetividad y su significación para el estudio de los procesos políticos: sujeto, sociedad y política*. uri: https://repositorio. idep. edu. co/handle/001/2101.

Vygotsky, L. S. (1978). *El desarrollo de los procesos psicológicos superiores*. Barcelona: Crítica.

Trabalho 6: **A formação como contexto de reflexão e abertura à novas produções subjetivas**

Maria do Carmo Soares da Costa, Secretaria de Educação do DF, maria.costa1@edu.se.df.gov.br

Geane de Jesus Silva, Secretaria de Educação do Distrito Federal/Universidade de Brasília, geanepeace@gmail.com

Resumo

O texto compartilha a experiência da formação como contexto de reflexão e abertura à novas produções de sentidos subjetivos. Como pedagoga da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem (EEAA) na Rede Pública do Distrito Federal tenho primado pela formação docente. Na atuação, percebia que, mesmo oferecendo formações anualmente, algumas

temáticas eram recorrentes entre as demandas, mesmo que as tenhamos considerado em 'formações' e orientações ao trabalho docente no ano letivo. Em um curso, fui inquietada sobre as produções de sentidos subjetivos no processo de formação que impactam nossa concepção de atuação dentro da escola. Comecei a perceber que enquanto aqueles conteúdos trabalhados não fizessem parte da produção subjetiva daqueles professores, de modo a (re)configurarem subjetivamente seu entendimento sobre teoria e prática, nada mudaria. Foi difícil, porque eu também precisava reconfigurar subjetivamente meu modo de compreender a 'formação' em vários aspectos para poder fazer um trabalho nessa direção. Assim, ao invés de 'fazer cursos', em 2021, junto à psicóloga escolar, elaboramos um Plano de Desenvolvimento Pessoal a partir da queixa docente. Em conjunto, construímos um plano de trabalho com ações pedagógicas a serem desenvolvidas em sala de aula, onde buscamos dar protagonismo ao professor, e problematizamos questões, conceitos de modo que se sentisse mobilizado a produzir sentido em relação ao seu conhecimento, suas condições pedagógicas e às necessidades reais e potenciais de aprendizagem do seu estudante. O trabalho, em andamento, está sendo desenvolvido com 9 professores para que possamos entender o processo e nossas próprias ações. Avanços percebidos: (a) abertura do professor a problematizações e reflexões a partir da sua prática e da escolha das estratégias pedagógicas; (b) a queixa escolar que era um limitante para que o professor reconhecesse o potencial e as possibilidades do seu estudante, torna-se um pontos de partida da promoção de desenvolvimento tanto do professor como do estudante; e (c) reconfiguração subjetiva sobre atuação como pedagoga da EEAA no contexto escolar e na formação do professor. **Questão:** Como planejar formações que promovam, ou mesmo potencializem, possibilidades de aprendizagens docente de maneira a lhe favorecer a 'personalização do conhecimento' conforme defendido por Mitjáns Martinez e González Rey, (2019)?

Palavras-chave: formação docente, pedagogo do EEAA, subjetividade.

Referências

LIBÂNEO, J. C. . Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar, Curitiba**, 2001.n. 17, p. 153-176. Editora da UFPR. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf. Acesso em setembro 2020.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar -avançando na contribuição da leitura cultural-histórica.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. A preparação para o exercício da profissão docente: contribuições da teoria da subjetividade. In: ROSSATO, M.; PERES, Valéria. (orgs). **Formação de educadores e psicólogos: contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica**. Curitiba: Appris, 2019.

Sessão 2 – 23 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **Repensando la Educación Rural desde la Perspectiva Narrativa Generativa: Un Campo de Posibilidades para la Investigación Cualitativa**

Eduardo Sandoval-Obando, Universidad Autónoma de Chile, eduardo.sandoval@uautonoma.cl

Resumen

Las Historias de vida construidas desde la perspectiva narrativa generativa se instalan como una posibilidad metodológica relevante y cualitativamente profunda para el análisis y la comprensión crítica de la profesionalidad docente rural chilena en el campo de las ciencias sociales y de la educación, favoreciendo el estudio del desarrollo desde la perspectiva del ciclo vital, y particularmente las dimensiones subjetivas que han orientado los comportamientos y saberes pedagógicos desplegados en el contexto histórico cultural en el que se han desempeñado los docentes a lo largo de sus vidas (González Rey, 2007). Dicho enfoque permite ahondar en el curso vital de un individuo con sus particularidades y procesos de crisis experimentados a lo largo de su trayectoria vital (Fivush, Booker y Graci, 2017), confiriendo al sujeto un sentido narrativo respecto a su vida (McAdams, 2013). Además, la profundización en la identidad narrativa del individuo favorece la reconstrucción del pasado e imaginar el futuro como una historia continua con múltiples escenarios, escenas, personajes, tramas, temas y dinámicas relacionales (McAdams y De St Aubin, 1992; McAdams y Guo, 2015), cuyo contenido y estructura está fuertemente moldeado por las experiencias vividas en el seno de dinámicas relacionales íntimamente conectadas con el territorio. La presente ponencia describe un modelo de construcción y exploración del desarrollo (personal y pedagógico) construido socio históricamente por educadores/as rurales chilenos/as desde la perspectiva narrativa generativa (Sandoval-Obando, 2019). La propuesta metodológica descrita puede caracterizarse como aquel relato retrospectivo de la experiencia vital de un sujeto, en donde el objeto de estudio es el desarrollo, pero particularmente la profesionalidad docente rural como práctica generativa, admitiendo en el relato, la emergencia de la subjetividad de lo que ocurrió, cuándo y cómo influyó sobre los propios cambios o los del entorno, más allá de la exactitud de las fechas o la veracidad objetiva. Precisamente por ello, se devela que las historias de vida construidas desde la perspectiva narrativa generativa son un recurso psicológico y metodológico de enorme valor para el estudio del desarrollo (McAdams y Olson, 2010), con múltiples posibilidades y alcances en torno al estudio de la generatividad y sus diversas implicaciones socioeducativas (Sandoval-Obando, 2020a). A modo de conclusión, la investigación en curso plantea algunas interrogantes ¿Cómo abordar los procesos subjetivos de cambio y aprendizaje construidos dentro y fuera del espacio y tiempo escolar? ¿Cuáles son los desafíos y oportunidades que brinda la perspectiva narrativa generativa para develar la formación (personal y pedagógica) manifestada por el profesorado rural? ¿De qué manera la investigación cualitativa en educación favorece la expresión genuina y transparente de los/as participantes? Finalmente, inferimos que la perspectiva narrativa generativa favorece el desarrollo de procesos investigativos capaces de develar las pautas de comportamiento, dinámicas relacionales y criterios de acción pedagógicos construidos por el profesorado en la ruralidad chilena (Sandoval-Obando, 2020b), valorando las experiencias construidas localmente en el marco de un tejido social extraordinariamente complejo que facilita la co-construcción de saberes y formas de inteligibilidad entre investigador-investigado (González Rey, 2013), tensionando de esta forma, el ejercicio docente rural en Chile y la sistematización de aquellas voces, criterios y producciones educativas comprometidas genuinamente con la transformación social y la democratización del espacio y tiempo escolar rural.

Palabras clave: Generatividad, Historias de Vida, Pedagogía, Escuela Rural.

Referencias

FIVUSH, R., BOOKER, J. y GRACI, M. (2017). Ongoing Narrative Meaning-Making Within Events and Across the Life Span. **Imagination, Cognition and Personality**, v.37, n. 2, p. 127–152. 2017. Disponible en: https://doi.org/10.1177/0276236617733824

GONZÁLEZ REY, F. **Investigación cualitativa y subjetividad. Los procesos de construcción del conocimiento**. Ciudad de México: McGraw-Hill, 2007.

GONZÁLEZ REY, F. Subjetividad, cultura e investigación cualitativa en psicología: la ciencia como producción culturalmente situada. **Revista Liminales Escritos sobre Psicología y Sociedad**, v. 2, n. 04, p. 13-36, 1 nov. 2013.

MCADAMS, D. y GUO, J. Narrating the Generative Life. **Psychological Science**. v. 26, n. 4, p. 475–483. 2015. Disponible en: https://doi.org/10.1177/0956797614568318

MCADAMS, D. The Positive Psychology of Adult Generativity: Caring for the next generation and constructing a Redemptive Life. En: Sinnott, J. D. (Ed.). **Positive Psychology: Advances in understanding adult motivation**. New York: Springer. 2013. p. 191-205.

MCADAMS, D. y OLSON, B. Personality Development: Continuity and Change Over the Life Course. **Annual Review of Psychology,** v. 61, p. 517-542. 2010. Disponible en: https://doi.org/10.1146/annurev.psych.093008.100507

MCADAMS, D. y DE ST. AUBIN, E. A theory of generativity and its assessment trough self-report, behavioral acts, and narrative themes in autobiography. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 62, n. 6, p. 1003-1015. 1992. Disponible en: https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.62.6.1003

SANDOVAL-OBANDO, E. La Profesionalidad Docente Rural Chilena desde la Perspectiva Narrativa Generativa: Una Exploración Inicial. En: ARBOLEDA, J. **Libro de Investigación. V RIDGE: Liderazgo y Gestión Educativa para un Mundo Mejor.** Bogotá: Red Iberoamericana de Pedagogía / Universidad Católica del Maule. 2020a. p.132-152.

SANDOVAL-OBANDO, E. Caracterizando la Identidad Narrativa en Educadores Rurales Chilenos: Una Propuesta de Investigación. En: SANDOVAL-OBANDO, E., SERRA DESFILIS, E. Y GARCÍA, O. **Nuevas Miradas en Psicología del Ciclo Vital**. Santiago de Chile: RIL Editores / Universidad Autónoma de Chile. 2020b. p. 273-298. Disponible en: https://doi.org/10.32457/ISBN9789568454951982020-ED1

SANDOVAL-OBANDO, E. La Profesionalidad Docente Rural: Implicaciones Socioeducativas desde la Perspectiva Narrativa Generativa. FONDECYT de Iniciación Nº 11190028. Temuco: CONICYT. Documento sin publicar. 2019.

Trabalho 2: **La reflexividad en la orientación educativa en valores ético-profesionales del profesional militar**

Ailién Chaveco Castillo, Universidad Militar General José Maceo, ailienadri@gmail.com
Clara Ofelia Suárez Rodríguez, Universidad de Oriente, clara.ofelia.suarez@gmail.com

Resumen

El encargo actual de la universidad militar internacionalizada con la sociedad, la compromete con el perfeccionamiento de sus procesos educativos, en aras de la formación integral de sus profesionales, al incluir no solamente la esfera intelectual sino también la personal y social, en un contexto de gran diversidad cultural. En este sentido, se considera que la orientación educativa como eje esencial en la concreción de la labor educativa constituye una alternativa de solución a la contradicción fundamental que se origina entre la unidad que representa el modelo educativo militar y la diversidad cultural presente en la universidad militar. De ahí que el propósito del trabajo se proyecte a la modelación de la dinámica de la orientación educativa del docente militar, mediadora entre la labor y la praxis educativas, en un contexto de diversidad cultural. Como esencia dinamizadora de este proceso se encuentra la reflexividad educativa intercultural, cualidad generadora en docentes y estudiantes, del sentido de la atención a la diversidad cultural, devenida en valor ético-profesional del militar en una institución internacionalizada. La reflexividad se lleva a cabo con relación a la otredad, pues se pondera el espacio intersubjetivo en que se relacionan los docentes y estudiantes, un espacio en el que se propicia el establecimiento de un mundo común de significados compartidos, para que los sujetos operen cambios sobre sí y al mismo tiempo transformar su quehacer en las instituciones formativas. Como eje articulador de la propuesta se revela el método formativo de la orientación educativa del docente militar en un contexto de diversidad cultural, el cual implica esencialmente el desarrollo de una investigación constructiva-interpretativa que privilegia una epistemología dialógica orientada a la transformación del participante en sujeto de la investigación. Además se caracteriza por ser hermenéutico, dialógico-reflexivo, interactivo y desarrollador. Desde esta perspectiva se pondera el trabajo grupal, contemplando la interdependencia existente entre lo individual y lo grupal y cómo el grupo funciona como un lugar de mediación, pero también de construcción y desarrollo de la subjetividad, donde suceden procesos interactivos que expresan la red de relaciones que se establecen, así como procesos subjetivos que dan cuenta de los sentidos que estas interacciones tienen para los participantes, teniendo en cuenta que toda relación constituye potencialmente un valor. ¿Cómo se articula lo constructivo-interpretativo en la formación de valores ético-profesionales en una institución educativa internacionalizada?

Palabras-clave: orientación educativa, sentidos subjetivos, reflexividad

Referencias

CHAVECO, A. *Labor educativa del docente en la diversidad cultural de las Instituciones Militares de Nivel Superior.* Tesis doctoral sin publicar. Universidad de Oriente. 2021.

CHAVECO, A. y SUÁREZ, C. O. Programa de intervención psicosocial para potenciar la dimensión socioemocional en la labor educativa del docente militar. **Didasc@lia: Didáctica y Educación,** 11(1), 176-189. 2020.

CHAVECO, A.; SUÁREZ, C. O. y DEL TORO, M. Mirada psicosocial a la labor educativa del docente militar. **Revista Conrado**, 16(73), 279-286. 2020.

Trabalho 3: **Formación y Desarrollo Subjetivo de orientadores y Terapeutas de Familia**

Yolanda de la Paz Mercerón Figarola, Universidad de Oriente, Cuba, yolanda.merceron@gmail.com

Clara Ofelia Suárez Rodríguez Universidad de Oriente, Cuba, clara.ofelia.suarez@gmail.com
María del Toro Sánchez Universidad de Oriente, Cuba, mtorosanchez@gmail.com
Adonis Lucas Verdecia Ortiz Universidad de Oriente, Cuba adonis@uo.edu.cu

Resumen
Se presenta la síntesis de una investigación con experiencias formativas del profesional de la Psicología en la Universidad de Oriente en Cuba. Se desarrolla un proyecto de investigación relacionado con la intervención psicosocial en familias(2016-2020).Se diagnostican las relaciones parentales con adolescentes y jóvenes, identificándose factores protectores y de riesgo durante la crianza de sus hijos, lo que posibilita la aplicación de intervenciones que potencien factores protectores y minimicen riesgos, en el curso de las cuales se forman los orientadores y terapeutas de familias con programas guiados por las relaciones entre sus roles, vivencias, sentidos subjetivos y representaciones sociales. La estrategia repercute en el aprendizaje profesional, en la orientación al desempeño de los roles familiares, en acciones educativas o terapéuticas individuales y grupal, en situaciones de ruptura familiar, distanciamientos, conflictos y crisis familiares e intervenciones con niños y adolescentes. Las experiencias profesionales que propició la intervención en tan diversas problemáticas posibilitó que se introdujeran los resultados del proyecto en las asignaturas Psicología de la Familia, Psicoterapia Infantil, Modelos y Métodos de Intervención Psicológica en Psicología Educativa y Escolar, con el siguiente objetivo: Crear prácticas educativas que potencien el desarrollo subjetivo de los estudiantes en lo personal y en sus acciones profesionales. Se asume la perspectiva teórica de la educación como un proceso dialógico dirigido al desarrollo subjetivo de cualquier contexto relacional (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). La metodología utilizada tiene carácter reflexivo y vivencial, se emplea el diálogo en espacios relacionales profesor-estudiante y estudiante-estudiante en dinámicas individuales y grupales. Desde las experiencias desarrolladas se interpretan los datos y se exploran los sentidos subjetivos que han sido construidos en procesos histórico-culturales generadores de áreas de vulnerabilidad como orientadores o terapeutas, las que repercuten en un desempeño que sigue las emociones individuales, la reactualización de experiencias, representaciones o prejuicios y no las necesidades de las subjetividades sociales en las que intervienen, por lo que requieren cambios. La ética, es trabajada en estos procesos, la dinámica relacional, así como la posibilidad de movilizar procesos educativos que favorezcan el afrontamiento del futuro profesional a los retos que la sociedad va demandando y que produce sentidos subjetivos en esa dimensión de lo individual-social. **Pregunta**: La supervisión psicológica en la formación profesional es un proceso de aprendizaje a través del diálogo entre el que enseña y el que aprende. Valore la contribución de la Teoría de la subjetividad al proceso.
Palabras Clave: Formación- Orientación- Psicoterapia

Referencias
GONZÁLEZ REY, Fernando. Subjetividad Social, Sujeto y Representaciones Sociales. **Revista Diversitas. Perspectivas en Psicología**.v.4, n.2. 2008.
GONZÁLEZ REY, Fernando. Psicoterapia, Subjetividad y Postmodernidad. **Una aproximación desde Vigotsky hacia una perspectiva histórico-cultural.** Buenos Aires: Noveduc.2009

GOULART MAGALHÃES, Daniel; GONZÁLEZ REY, Fernando; PATIÑO TORRES, José Fernando. El estudio de la subjetividad de profesionales de la salud mental: Una experiencia en Brasilia **Athenea Digital**. v 9, n 3. p. e-2548. 2019.

Trabalho 4: **Dimensão subjetiva da aprendizagem de uma estagiária em um Clube de Ciências**

Rosineide Almeida Ribeiro, Universidade Federal do Pará, rosebio.2015@gmail.com
José Moysés Alves, Universidade Federal do Pará, jmalves@ufpa.br

Resumo
O estágio é um momento importante da formação inicial em que o futuro professor assume as atividades pedagógicas, iniciando uma preparação profissional voltada para o exercício da prática docente. Na perspectiva da Teoria da Subjetividade, o processo de preparação para o exercício da profissão é compreendido como parte do desenvolvimento subjetivo (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2019). Nessa preparação profissional, a ação de aprender do licenciando é configurada, subjetivamente, pelos sentidos subjetivos, de natureza simbólico-emocional, que ele produz na situação. Tais sentidos são produzidos tendo em vista as configurações subjetivas que constituem sua subjetividade individual, produzidas em suas experiências anteriores, nos diversos contextos de sua história de vida. Também depende dos sentidos subjetivos que constituem a subjetividade social de seu contexto de estágio. Neste trabalho, apresentamos o estudo de caso de Tina, uma licencianda de história, em seu primeiro ano de estágio voluntário, no Clube de Ciências da Universidade Federal do Pará. O Clube de Ciências tem por objetivos promover a iniciação científica infanto-juvenil e contribuir para a formação inicial de licenciandos de diferentes áreas (GONÇALVES, 2000). Acompanhamos as atividades da equipe de Tina, durante um ano letivo, fazendo registros de suas reuniões de equipe e aulas, entre outros instrumentos de coleta de informações, que usamos coletiva ou individualmente. Em linhas gerais, Tina aprendeu a relacionar-se com os colegas, com as crianças e consigo mesma. Entre outros recursos subjetivos desenvolvidos, ela passou a sentir-se mais à vontade para trabalhar em equipe; segura para dialogar com as crianças e despertar o interesse e a curiosidade delas; e mais preparada para controlar suas emoções. As aprendizagens de Tina aconteceram no diálogo com a equipe, na orientação e apoio recebido dos colegas, na observação e exemplos dos mais experientes. Os recursos subjetivos desenvolvidos por Tina emergiram sempre de um tensionamento entre as demandas da prática (subjetividade social) e as características da sua personalidade (subjetividade individual). As superações de suas dificuldades iniciais foram indicadas pela estagiária em diferentes instrumentos e confirmadas por indicadores obtidos de suas interações. Além disso, em sua autoavaliação, ao final do ano letivo, ela entendeu essas aprendizagens como recursos consolidados, que poderá utilizar em sua prática profissional futura. Assim, consideramos que as reconfigurações de sentidos subjetivos associadas às mudanças experimentadas por Tina, tornaram-se estáveis, indicando a ocorrência de desenvolvimento subjetivo (ROSSATO; ASSUNÇÃO, 2019). Dessa forma, surge a seguinte questão: Como os espaços não formais de educação impactam o desenvolvimento subjetivo de professores em preparação para o exercício profissional inicial ou continuada?
Palavras chave: Formação inicial; Desenvolvimento subjetivo; Clube de ciências.

Referências
GONÇALVES, T. V. O. **Ensino de Ciências e Matemática e Formação de Professores**: marcas da diferença. Campinas: FE/UNICAMP, 2000. (Tese de Doutorado).
GONZÁLEZ REY, F. & MITJÁNS MARTINEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea. 2017.
MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, L.F. A preparação para o exercício da profissão docente: Contribuições da teoria da subjetividade. In. Rossato & Peres (Org.). **Formação de educadores e psicólogos:** Contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica. Curitiba: Appris, 2019. p. 21.

Trabalho 5: **Revisitando a Terra: preparação profissional de uma estagiária de física no Planetário do Pará**

Victtor Takeshi Barreiros Yano, Universidade Federal do Pará, victtortakeshi@gmail.com
José Moysés Alves, Universidade Federal do Pará, jmalves@ufpa.br

Resumo
Preparação para o exercício da profissão é como Mitjáns Martínez e González Rey (2019) preferem denominar o processo de aprendizagem de futuros professores, em múltiplas experiências, mesmo que não sejam realizadas em espaços intencionalmente delineados para esta finalidade. O professor se prepara para a profissão quando aprende de forma personalizada e produz ideias novas relacionadas ao seu exercício profissional. As aprendizagens compreensiva e criativa são aquelas que podem contribuir para o seu desenvolvimento subjetivo, que abrange sua preparação profissional, quando o professor desenvolve recursos subjetivos que serão úteis para sua atuação docente. Sua ação de aprender se configura a partir das configurações subjetivas de sua personalidade e das configurações subjetivas sociais dos espaços em que está envolvido (GONZÁLEZ REY, 2012; MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017). Nos interessou compreender como se configuram subjetivamente as aprendizagens de uma estagiária de física, relacionadas a sua preparação para o exercício da docência. Foi assim que revisitamos a Terra, pseudônimo que demos a uma estagiária que participou da nossa pesquisa de mestrado e, atualmente, passados dois anos, participa de nossa pesquisa de doutorado enquanto professora de física. A interação com professores, colegas e diferentes públicos oportunizaram à estagiária aprendizagens de conteúdos de física específicos e da transposição didática dos mesmos, utilizando os recursos disponíveis no espaço não formal. Tais aprendizagens foram motivadas pela subjetivação do Centro de Ciências e Planetário do Pará como espaço de praticar a teoria aprendida na Universidade, diferenciado do espaço formal (escola), onde a monitora fazia outro estágio; pela oportunidade de se superar, ao interagir com diferentes públicos; por satisfazer-se com o interesse dos visitantes pelo seu ensino e por possibilitar o desenvolvimento de sua autonomia docente. Suas ações como monitora, também foram motivadas por valores familiares de disciplina, respeito, empenho, responsabilidade e comprometimento, que ela encontrava condições de exercitar nas atividades que desenvolvia. Atividades que também favoreceram a elaboração de metas para o futuro, contribuindo para o desenvolvimento de sua identidade profissional. Atualmente, em nossa pesquisa de doutorado, em andamento, nos interessa

responder como a professora de física, entre outros, continua utilizando os recursos subjetivos desenvolvidos no período do estágio e que novos recursos se desenvolvem durante os anos iniciais de sua atuação profissional. Nos interessa discutir: Como os espaços não formais de educação impactam o desenvolvimento subjetivo de professores em preparação para o exercício profissional inicial ou continuado?
Palavras – chave: Formação inicial, Espaços não formais, Subjetividade.

Referências
GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade:** teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.
GONZÁLEZ REY, F. A configuração subjetiva dos processos psíquicos: avançando na compreensão da aprendizagem como produção subjetiva. In MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; SCOZ, B. J. L.; CASTANHO, M. I. S. (Eds.). **Ensino e aprendizagem:** a subjetividade em foco. Brasília: Liber Livros, 2012. 21-41.
MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. A Preparação para o Exercício da Profissão Docente: contribuições da Teoria da Subjetividade. In: ROSSATO, M.; PERES, V. L. A. **Formação de Educadores e Psicólogos:** contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural – histórica. Curitiba: Appris. 2019. 13-46.

Trabalho 6: **Inter-Relação Entre Formação Docente, Subjetividade, E Prática Pedagógica**
Vaneide Corrêa Dornellas, Universidade Federal de Uberlândia, vaneidedornellas@Universidade Federal de Uberlândia.br
Geovana Ferreira Melo, Universidade Federal de Uberlândia, geovana@faced.Universidade Federal de Uberlândia.br

Resumo
O presente trabalho tem como escopo principal apresentar uma pesquisa a nível de doutorado, em andamento, e que objetiva investigar as principais transformações na prática pedagógica de docentes alfabetizadores, a partir da participação em uma proposta formativa de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, que tem como pressupostos metodológicos o desenvolvimento da autoria e protagonismo do professor. Tal pesquisa, de abordagem qualitativa, tem como base metodológica a pesquisa-ação colaborativa a partir da discussão em grupos focais. Propõe, como aporte teórico analisar as interfaces entre os saberes docentes e a identidade profissional no decorrer do processo formativo e a subjetividade presente nas concepções dos professores/as e, como essas, se manifestam nas possíveis transformações de sua prática pedagógica. Entendemos a concepção de subjetividade desde uma perspectiva cultural-histórica, no âmbito da Teoria da Subjetividade de González Rey (MIJTÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017), para o qual a subjetividade pode ser concebida pelo caráter gerador do humano frente às condições da cultura. Na sua trajetória formativa e profissional, o professor constrói e reconstrói os seus saberes conforme a necessidade de utilização que a prática lhe impõe (MELO, 2009). Considerando que o trabalho docente é constituído pelas crenças expectativas dos docentes e também, pela cultura da escola é necessário compreender a complexidade da ação docente a partir desses dois elementos da subjetividade dos professores: sua história de vida e suas experiências vividas no cotidiano da escola e da sala

de aula (MITJÁNS MARTÍNEZ, GONZÁLEZ REY, 2019). Os processos de formação profissional para a docência, portanto, devem considerar as necessidades dos professores, dificuldades vivenciadas em sala de aula, suas histórias de vida e suas experiências, com o intuito de construção de saberes necessários à sua prática docente. A proposição de ações de investigação dessa pesquisa se deu a partir do curso de formação para professores alfabetizadores baseada nos princípios do Diário de ideias (MUNIZ, 2020), que tem como base a Teoria da subjetividade de González Rey e nas elaborações teóricas de Mitjáns Martínez (MIJTÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017) ao tema da criatividade na aprendizagem. Tem como base metodológica a pesquisa-ação colaborativa a partir da discussão em grupos focais.
Palavras chave: subjetividade, processo formativo, alfabetização

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade:** Os processos de construção da informação. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2017.
MELO, Geovana Ferreira. Docência: uma construção a partir de múltiplos condicionantes. **B. Téc Senac: a R. Educ**. Prof.: Rio de Janeiro, v. 35, n.1, jan/abr.2009.
MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar**: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez,2017.
MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. A Preparação Para o Exercício da Profissão Docente: Contribuições da Teoria da Subjetividade.*In*: ROSSATO, Maristela; PERES, Vannuzia. (Org.). **Formação De Educadores e Psicólogos**: Contribuições Desafios da Subjetividade na Perspectiva Cultural-Histórica. 1ed.Curitiba: Appris, 2019, v.1
MUNIZ, Luciana Soares. **Diário de ideias**: linhas de experiências. CRV: Curitiba, 2020.

Trabalho 7: **A relação entre subjetividade social e subjetividade individual na experiência de formação em serviço**

Elizete Ferreira de Medeiros, Secretaria de Educação do Distrito Federal, elizete.medeiros@edu.se.df.gov.br
Geane de Jesus Silva, SEDF/Universidade de Brasília, geanepeace@gmail.com

Resumo

Esse relato traz a experiência de uma ação formativa em serviço para profissionais da Equipes Especializadas de Apoio à Aprendizagem (EEAA), a partir da relação entre subjetividade social e individual nos processos de constituição da configuração subjetiva da atuação profissional nesse serviço. As EEAA são constituídas por um pedagogo e um psicólogo que atuam nas escolas do Distrito Federal, objetivando colaborar com o processo de aprendizagem de todos os estudantes numa perspectiva institucional. Na história e consolidação deste serviço, observa-se a necessidade da melhor definição do perfil de atuação desses dois profissionais. Fomentar a reflexão dessa construção identitária, especificamente do pedagogo, coaduna em entender como a subjetividade social e individual se articulam no processo em que esses profissionais são compreendidos, e se compreendem, dentro da escola. Em 2020, no curso de formação, ao conhecer a Teoria da Subjetividade de González Rey, e ao considerar os fatores

histórico-culturais que originaram e sustentam a constituição e concepção das EEAA em cada Regional de Ensino, fui mobilizada a perceber que, no caso dos pedagogos, a busca por definir seu campo de atuação nas EEAA esbarra nas dúvidas, desconhecimento e idealizações equivocados que são construídos e alicerçados no senso comum, por vezes, advindos da aceitação das pressões diárias da própria escola que dita o que pensa ser (e deseja que seja) o trabalho desse profissional. Como pedagoga, dividindo com uma psicóloga a coordenação intermediária das EEAA, propusemos encontros de formação em serviço em reuniões quinzenais, nas quais os profissionais se reuniam conforme seu campo de formação (pedagogos e psicólogos) para trabalharmos tais questões. O mapeamento dos encontros iniciais demonstrou que o grupo, na sua maioria, não tinha clareza de qual seria sua função. Assim, ao longo de 4 meses, em rodas de debates temos provocado o grupo a trazer à tona percepções subjetivadas a partir de crenças e valores do senso comum ou ideologicamente divergentes ao que as EEAA se propõem. O projeto tem demonstrado: (a) a importância desse espaço coletivo de fala para entender individualmente e construir coletivamente o perfil profissional, inclusive sobre a relação entre pedagogo(a)-psicólogo(a); e (b) reflexões sobre as singularidades e dinâmica de trabalho entre eles (e de cada um), pois um relato constante era sobre a ação, muitas vezes, normatizada da escola de validar o trabalho da equipe apenas na ação do psicólogo, deslegitimando a atuação do pedagogo. **Questão**: Como planejar formações em que as produções advindas da subjetividade social e subjetividade individual (do grupo de formação ou da escola) atuem como potencializadoras, ao invés, de empecilhos ao possível desenvolvimento do grupo e/ou do indivíduo em formação?
Palavras-chave: pedagogo do EAA, subjetividade, formação em serviço.

Referências:
LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2005.
MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar -avançando na contribuição da leitura cultural-histórica.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
ROSSATO, M. e PERES, Valéria. (orgs). **Formação de educadores e psicólogos: contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica**. Curitiba: Appris, 2019.

Sessão 3 – 29 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00 – Apresentação e discussão final

Trabalho 1: **Educação inclusiva e desenvolvimento subjetivo no contexto do ensino de ciências**
Elias Batista Dos Santos, Secretaria de Educação do Distrito Federal, Faculdade FAPRO – Brasília, edrsantos@gmail.com

Resumo

Este trabalho se insere no contexto dos estudos de doutoramento de um de seus autores e apresenta uma compreensão da relação estabelecida entre os estudantes surdos e o intérprete educacional como constituinte do fazer pedagógico que se desenvolveu, neste caso, em uma sala de aula de ensino médio. Nesse sentido, nosso objetivo foi analisar uma situação de aprendizagem em que o foco do trabalho pedagógico esteve no sujeito que aprende. González Rey e Mitjáns Martínez (2017, p. 44) afirmam que "os indivíduos são constituintes dos espaços sociais, suas produções sempre são parte ativa da configuração subjetiva social desses espaços". Sendo assim, estudamos a dinâmica de uma sala de aula regular em uma escola pública do Distrito Federal, especialmente o processo de ensino-aprendizagem do qual também participavam estudantes surdos. Como queríamos compreender e analisar relações singulares entre estudantes surdos-pessoa intérprete educacional estabelecidas no cotidiano das disciplinas/turma estudada, no contexto de processos avaliativos que compõem a ação docente desenvolvida, bem como descrever relações singulares entre estudantes surdos-pessoa intérprete educacional em processos avaliativos, no espaço-tempo das aulas de Ciências da Natureza em uma turma do ensino médio, escolhemos trabalhar a partir da perspectiva da dimensão subjetiva da aprendizagem e suas implicações para a ação docente de acordo com González Rey, com o intuito de explicarmos os processos e o contexto das múltiplas experiências vivenciadas ao longo da inserção empírica. Com isso, utilizamos os princípios norteadores da Epistemologia Qualitativa, presidindo a perspectiva cultural-histórica da Subjetividade desenvolvida por González Rey. Assim, para o favorecimento da produção de subsídios empíricos, assumimos e defendemos aqui que as legitimidades de pensamento das pessoas participantes constituíram o espaço-tempo de sala de aula ao mesmo tempo em que se constituíram no espaço-tempo da aula. Para tanto, foram utilizados, entre outros instrumentos, conversas informais, produção de cartas e desenhos, além de complementos de frases. De acordo com González Rey (2005) e Mitjáns Martínez e González Rey (2017), este tipo de pesquisa é um diálogo permanente em que as emoções, opiniões e subjetividade dos estudantes surdos e da pessoa intérprete educacional constituíram parte essencial do processo. Por isso, para análise e interpretação das informações produzidas ao longo da pesquisa, foi utilizada a perspectiva construtivo-interpretativa. A configuração subjetiva da aprendizagem de cada estudante surdo – Úrsula, Diana, Thiago, Quim e Carlos – constituiu-se como uma configuração subjetiva e desenvolvimento pelas mudanças subjetivas que foram sendo produzidas por cada um e, ao mesmo tempo, em cada um dos participantes. Os resultados indicaram que a relação intérprete educacional-estudantes surdos se constituiu em uma perspectiva autotransformadora e que os estudantes surdos, de maneira singular, assumiram posicionamentos e compromissos no contexto da sala de aula. Essas produções subjetivas contribuíram para a criação conjunta de alternativas pedagógicas para melhoria do processo ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: Subjetividade; Estudantes Surdos; Processo Ensino-Aprendizagem.

Referencias

GONZÁLEZ REY, Fernando Luiz. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando Luiz. Psicologia, **Educação e Aprendizagem Escolar**: avançando na contribuição da leitura cultural–histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

Trabalho 2: **Produção subjetiva e desenvolvimento humano: análise de um processo de superação de situações de exclusão no contexto escolar**

Wellington dos Santos, Secretaria de Educação do Distrito Federal, wscafe@hotmail.com
Elias Batista dos Santos, A Secretaria de Educação do Distrito Federal; Faculdade FAPRO – edrsantos@gmail.com

Resumo

A emocionalidade liga-se ao desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, pois, como escreveram González Rey e Tacca (2008, p. 148), “essa emocionalidade aparece ligada a experiências e vivências que esclarecem os aspectos que devem constituir as situações pedagógicas, cujo objetivo seja o avanço na aprendizagem”. Assim, esta pesquisa origina-se com conversas informais entre docentes sobre o processo ensino-aprendizagem de um grupo de estudantes da educação em tempo integral que cursavam o quinto ano do ensino fundamental. Em princípio, chamou nossa atenção a percepção de que, recorrentemente, um grupo de meninos demonstrava se sentir incomodado em receber novos componentes, especialmente meninas. Entretanto, mesmo não tendo a aprovação inicial dos rapazes, algumas meninas insistiam em trabalhar com esse grupo, criando um ambiente competitivo em que era constante a disputa por espaços, pela prevalência de opiniões e pelo alcance do primeiro lugar nas atividades da oficina de jogos analógicos. Santos e Santos (2020) discutiram a produção subjetiva por estudantes participantes dessas oficinas e destacaram a possibilidade da utilização desse tipo de jogos como lócus privilegiado para a criação de uma ambiência favorável ao processo de aprendizagem e desenvolvimento humano. No caso de nossa pesquisa, toda essa possibilidade de produção subjetiva constituiu uma zona de conflito e, ao mesmo tempo, favoreceu a interação entre os participantes, em que foi possível, para os participantes, vivenciarem o exercício do protagonismo, da criatividade e da persistência. Para González Rey, Goulart e Bezerra (2016), em nosso sistema educacional, a não consideração da dimensão subjetiva da aprendizagem escolar favorece a negação da possibilidade do estudante se constituir como protagonista de sua própria aprendizagem. Assim, nosso objetivo foi analisar como se configurou a ação subjetiva de superação de situações de exclusão no contexto desse grupo de estudantes. Para tanto, inspirados na Epistemologia Qualitativa e para favorecer a expressão dos participantes, utilizamos conversas informais, complementos de frases, “desenho predileto” e “gênio da lâmpada”. A análise indicou que o processo de superação de situações de exclusão configurou-se pelo exercício da interdependência no processo de assunção de uma nova postura frente a realidade vivenciada e da mobilização criativa de recursos subjetivos na maneira de vivenciar essas experiências, contribuindo para o processo de desenvolvimento humano dos participantes. Nosso interesse atual é compreender como os docentes se reconfiguraram social e individualmente para organizar o planejamento das ações pedagógicas no contexto das mudanças incentivadas pelos novos posicionamentos assumidos pelos estudantes?

Palavras-chave: Jogos Analógicos, Subjetividade, Processos de Exclusão.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; GOULART, Daniel Magalhães, BEZERRA, Marília dos Santos. Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. **Educação** (Porto Alegre), v. 39, n. esp. (supl.), s54-s65, dez. 2016. Disponível em: http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/9311. Acesso em 20/01/2019.

TACCA, Maria Carmen Villela Rosa; GONZALEZ REY, Fernando Luis. Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 28, n. 1, p. 138-161, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v28n1/v28n1a11.pdf>. Acesso em: 15/09/2010.

SANTOS, Elias Batista; SANTOS, Wellington. UTILIZAÇÃO DE JOGOS ANALÓGICOS COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. In: PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo; VITORINO, César Costa; RODRIGUES, Emer Merari. **Investigação científica nas ciências humanas 4**. Ponta Grossa, Atena, 2020. Disponível em: https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/31174. Acesso em 30/08/2020.

Trabalho 3: **Teoria da Subjetividade e Teoria da Complexidade: diálogos possíveis no desenvolvimento de cursos de formação continuada**

Geane de Jesus Silva, Universidade de Brasília, geanepeace@gmail.com
Maristela Rossato, Universidade de Brasília, maristelarossato@gmail.com

Resumo

O trabalho busca discutir como o diálogo entre a Teoria da Subjetividade (TS) de Fernando González Rey e a Teoria da Complexidade (TC) de Edgar Morin pode contribuir na concepção de cursos de formação continuada na área educacional. Respeitando as diferenças e limites entre as teorias, para esse estudo, consideraremos dois aspetos que convergem: primeiro, o fato de que tanto o 'pensamento complexo' como a base epistemológica da 'subjetividade' se expressam pela não-linearidade da produção do conhecimento e pela compreensão não-simplificadora do humano na articulação dos princípios dialógico (relação entre o antagônico), recursivo (círculo gerador) e hologramático (relação todo-parte); segundo, por romperem com uma concepção histórica em que o social foi compreendido dissociado do individual, como instâncias isoladas. Nesse sentido, realizamos um estudo de caso em um curso de formação continuada com 14 pedagogas do Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem do Distrito Federal, que aconteceu durante 12 meses. O curso foi pensado visando o uso dos pressupostos da TS e da TC para sua organização metodológica, especialmente tendo como fio condutor o processo reflexivo, o pensamento como sistema e a implicação emocional de forma continuada. Até o momento, essa incursão nos permitiu algumas construções parciais, a saber: (a) a importância de um planejamento que considere o perfil do participante e sua participação protagônica, a partir da indissociabilidade da relação entre história pessoal e objetivo profissional como conteúdo de trabalho; (b) a mobilização do pensamento pela problematização como metodologia de trabalho em favor da imaginação e criação em contraponto ao pensamento simplista e generalista das ideias; (c) a relação retroalimentada da

teoria-prática situada no *lócus* de trabalho e implicada emocionalmente. Essa construção parcial tem nos possibilitado pensar sobre a importância da promoção de formação continuada que subverta a simples instrumentalização técnico-operacional do profissional, mobilizando a construção de novos recursos subjetivos que possibilitem a emergência de 'agentes', pela ação crítica e ativa no contexto social, e/ou de 'sujeitos' que abram vias próprias de subjetivação no tensionamento com o social, em favor de possíveis mudanças. **Contudo, nos inquieta**: Como o conceito de 'reforma do pensamento/pensamento como método' da TC pode se articular teoricamente com os conceitos de '(re)configuração subjetiva' e 'mudança subjetiva' da TS de modo a colaborar com uma proposta de formação em serviço que subverta o modelo cartesiano dentro do âmbito da educação?

Palavras-chave: Formação continuada, subjetividade, complexidade.

Referências

GONZÁLEZ REY, F. *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade - os processos de construção da informação.* SP: CENGAGE, 2017.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTINEZ, A. *Subjetividade – teoria, epistemologia e método*. SP: Alínea,. 2017.

MORIN, E. . *Introdução ao pensamento complexo*. Editora Sulina, 2005.

Eixo temático: 6. O trabalho pedagógico e a didática desde a perspectiva da subjetividade (19 Trabalhos)

Coordenador: Roberto Valdéz Puentes – Universidade Federal de Uberlândia

Temas centrais para o debate:

- Objetivos centrais do trabalho pedagógico e da didática desde a perspectiva da subjetividade;
- Os processos subjetivos a ter em conta no planejamento e realização do trabalho pedagógico e sua especificidade no ensino virtual;
- A expressão da subjetividade individual do professor e da subjetividade social da escola no trabalho pedagógico.

Sessão 1 – 22 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **Sistema didático e o pensamento teórico: avançando na consideração da dimensão subjetiva**

Virgínia Silva, Secretaria de Educação do Distrito Federal, silva.virginia.prof.4@gmail.com

Resumo

A Didática estuda o exercício docente para que possa contribuir com espaços efetivos de possibilidades de aprendizagem, desenvolvimento psíquico e subjetivo dos estudantes. Trata *"[...]da organização pedagógica e da realização das atividades de aprendizagem dos alunos como processo social de relações com o conhecimento científico [...]"* (PUENTES;LONGAREZI, 2016, p. 8). Partimos de três Sistemas Didáticos concebidos a partir da Didática Desenvolvimental da Atividade, os sistemas: Galperin-Talízina, Zankoviano e Elkonin-Davidov-Repkin. Objetiva-se problematizar a dicotomia interno/externo que se observa na relação da organização do trabalho docente com o desenvolvimento do pensamento teórico dos estudantes. Adota-se a pesquisa bibliográfica para impulsionar a problemática a partir dos pressupostos da Teoria da Subjetividade (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). O sistema didático Galperin-Talízina define-se a partir dos estudos de Galperin, sobre desenvolvimento psicológico e assimilação através de etapas dos conceitos e das ações mentais, e de Talízina sobre "*[...] criar um método que permitisse desenvolver [...] o pensamento teórico pela via da formação planejada das ações mentais e dos conceitos*" (PUENTES; LONGAREZI, 2020, p. 216). Zankov considerava o sistema de ensino como um conjunto organizado de ações que atuam como força motriz no desenvolvimento do estudante. Elkonin-Davidov-Répkin desenvolvem a teoria da Atividade de Estudo com o objetivo da autotransformação do estudante via desenvolvimento dos modos generalizados da ação e dos conceitos científicos. Os sistemas apresentam-se como alternativos e avançam qualitativamente na organização do trabalho pedagógico. Entretanto, recorrem a pressupostos que revestem seus postulados com indícios de uma dicotomia

interno/externo na relação do estudante com o objeto de estudo. Considerando a relação na atividade, predominantemente, a partir do movimento do externo interiorizado pela via do processo de assimilação. Mesmo o estudante desempenhando um papel ativo durante a atividade e sendo autor de novos caminhos, considera-se sua constituição subjetiva como reflexo da realidade objetiva e não como produção do sujeito. É preciso destacar, porém, que os autores consideraram aspectos, não explorados, que indicavam fatores próprios dos indivíduos que participavam da relação estudante-contexto pedagógico escolar-conhecimentos científicos, mas não empenham esforços em estudos ou experimentos que investiguem esse aspecto. Deixam em aberto o modo como a constituição subjetiva participa da relação de modo a investigar a possibilidade da consideração de tal constituição trazer outra qualidade ao desenvolvimento do pensamento teórico dos estudantes. Os sistemas destacam a necessidade, os motivos e fatores emocionais, entre outros, como participantes da atividade, mas não os correlacionam ou os percebem em integração simbólico emocional participante e emergente, também, da atividade de estudo. Apontamos, então, uma lacuna na concepção, arcabouço teórico e estruturação dos sistemas mencionados levantando a seguinte questão: A dimensão subjetiva pode qualificar o processo de desenvolvimento do pensamento teórico dos estudantes?

Palavras-chave: Sistema Didático, Subjetividade, Pensamento Teórico

Referências

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade - teoria, epistemologia e método**. Campinas SP: Editora Alínea, 2017.

PUENTES, R. V.; LONGAREZI, A. M. Apresentaçao. In: PUENTES, R. V. E. L. A. M. **A Didática no âmbito da pós-graduação brasileira**. Uberlândia: EDUFU, 2016.

PUENTES, R. V.; LONGAREZI, A. M. Sistemas didáticos desenvolvimentais: precisões conceituais, metodológicas e tipológicas. **Obutchénie**, 4, 2020.

Trabalho 2: **Os princípios didáticos na perspectiva marxista da educação: limites e avanços a partir do estudo de seus fundamentos à luz da teoria da subjetividade**

Naíma Paula Salgado Chaves, Instituto Federal do Triangulo Mineiro/ Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico, naima@iftm.edu.br

Roberto Valdés Puentes – Programa de pós-graduação em Educação/Faculdade de Educação/Universidade Federal de Uberlândia, robertovaldespuentes@gmail.com

Resumo

Os sistemas de princípios didáticos na perspectiva marxista da educação foram objeto de nossa pesquisa (CHAVES, 2019), realizada como parte da atividade do Gepedi, e de estudo crítico de seus fundamentos filosóficos, psicológicos e pedagógicos com base em alguns pressupostos da Epistemologia Qualitativa e da Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey e seus seguidores. Sob seu aporte teórico de sujeito, personalidade, aprendizagem, desenvolvimento e subjetividade é que a Didática assumiu centralidade na pesquisa, pelo estudo da categoria dos “princípios didáticos”. Buscamos responder: “qual a relevância da categoria de princípios para a Didática na perspectiva marxista da educação?”; “a compreensão

crítica e a análise sobre os sistemas de princípios didáticos formulados sob essa perspectiva podem revelar novas interpretações sobre a unidade dialética entre docência, aprendizagem e desenvolvimento e de sujeito?". A investigação se realizou em três momentos complementares: a) estudo, discussão e aprofundamento da Teoria da Subjetividade como fundamento e eixo estrutural para análises, leitura e interpretação dos princípios didáticos; b) processo de localização, tradução, catalogação, sistematização e classificação de sistemas de princípios didáticos elaborados em contextos históricos, sociais, culturais, políticos e econômicos distintos, dos autores e autoras: russos Konstantinov, Savich e Smirnov; Savin; Vigotski, A. N. Leontiev e Ya. Galperin apresentados por Núñez; A. A. Leontiev; Davidov; Danilov; Zankov e Coletivo de Autores; alemães Klingberg; Coletivo de Autores; cubanos Labarrere Reyes e Valdívia Pairol; Oramas Silvestre e Toruncha Zilberstein e Mitjáns Martínez e brasileiros J. C. Libâneo; M. Sforni; Franco; Souza; e Longarezi..; e c) análises dos fundamentos dos sistemas de princípios didáticos, a partir das categorias: subjetividade, sujeito, sentido subjetivo, aprendizagem-desenvolvimento, unidade simbólico-emocional, dialética. Em síntese, apurou-se que um sistema de princípios didáticos cria novos significados e sentidos quando o sujeito é compreendido por seu caráter gerador, criativo, ativo, intencional e produtor de sentidos subjetivos, e que a natureza psicológica do aprender é inseparável da subjetividade. A partir do destaque dos princípios didáticos mais recorrentes dos sistemas, percebe-se a marginalidade da subjetividade e a negação do sujeito como produtor de sentidos subjetivos. Apontamos a necessidade de integrar à Didática: sujeito como produtor e gerador de sentidos; subjetividade como processo de produção individual e social; unidade do simbólico-emocional; sentidos subjetivos como produção da experiência vivida na atividade pedagógica; a unidade desenvolvimento-aprendizagem; caráter dialético dos processos da produção humana; a motivação como produção subjetiva; e caráter histórico, social e cultural da atividade humana. A partir dessas conclusões, que novos estudos, pesquisas e reflexões podemos instigar para que os princípios didáticos se firmem como propósito da Didática a partir de sua aproximação a Teoria da Subjetividade?

Palavras chave: Teoria da Subjetividade; Didática; Princípios Didáticos.

Referencias

CHAVES, N. P. S. Os Princípios Didáticos na perspectiva marxista da educação: limites e avanços a partir do estudo de seus fundamentos à luz da Teoria da Subjetividade. 283 f. **Tese** (Doutorado) - UFU, Uberlândia, 2019.

GONZÁLEZ REY, F. L. *O pensamento de Vigotsky*: contradições, desdobramentos e desenvolvimento. São Paulo: Hucitec, 2012.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ. *Subjetividade*: Teoria, epistemologia e método. Campinas: Editora Alínea, 2017.

Trabalho 3: **Los fondos de identidad y la subjetividad, avanzando hacia prácticas socialmente justas en la escuela**

David Subero, Universidad de Girona (España), david.subero@udg.edu

Resumen

Entendemos que en la contemporaneidad, existen una serie de rasgos característicos tales como las grandes movilidades, que generan cambios sistémicos en las estructuras poblacionales, constituyendo sociedades más étnicas y diversas culturalmente. A pesar que esta diversidad ha venido para quedarse, las reacciones de muchos países occidentales, lejos de caminar hacia la equidad social, constituyen espacios de exclusión estigmatizando a bolsas de población en base a desventajas a razón de bajos ingresos, clase social, raza o sexo. La escuela, como institución fundamental en la estructura de una sociedad, no queda al margen de ello. Desde la perspectiva cultural-histórica, se sugiere avanzar hacia modelos de justicia social que contextualicen el desarrollo y atiendan específicamente a los contextos de aula, incidiendo en especial en los excluidos. Se busca favorecer en el aprendiz su desarrollo subjetivo en un mundo complejo repleto de contradicciones históricas y culturales. Los Fondos de Identidad y la Teoría de la Subjetividad se sugieren como constructos teórico-metodológicos que posibilitan el objetivo anteriormente expuesto. Los fondos de identidad (FdI), desde sus inicios, han tenido como objetivo el desarrollo de prácticas educativas escolares sensibles y contextualizadas a las experiencias y vivencias del alumnado culturalmente diverso. Desde un marco sociocultural, el enfoque se ha convertido en un referente en prácticas de justicia social educativa asumiendo una visión crítica y poniendo en el centro de su acción transformadora la lucha contra las desigualdades estructurales, las relaciones de poder y la perspectiva del déficit cultural en educación como discurso dominante. A su vez, la teoría de la Subjetividad aplicada a los contextos educativos avanza en la comprensión sobre la forma en que el aprendiz se relaciona y vive su experiencia de aprendizaje. Las producciones subjetivas se configuran de forma compleja, única, genuina y particular. El valor subjetivo singular, viene dado por unidades simbólico-emocionales que se van configurando en el devenir de la historia de vida del alumno. De este modo, la forma en que el aprendiz sea capaz de posicionarse puede afianzar su rol activo en el proceso de aprendizaje creando espacios de control y dominio en las actividades en dónde se desenvuelve. Elaborar prácticas pedagógicas y unidades didácticas en el contexto escolar que reafirmen el posicionamiento activo por parte del aprendiz se sugiere pertinente para avanzar en prácticas pedagógicas originales, redistributivas y representativas con el objetivo de establecer actuaciones educativas culturalmente congruentes y avanzar hacia la inclusión.

¿Qué tipología de prácticas, pedagogías y didácticas pueden ser más útiles en los contextos escolares bajo esta perspectiva?

Palabras-clave: Fondos de Identidad, Subjetividad, Educación, Inclusión

Referencias

Esteban-Guitart, M. (2016). *Funds of identity*. New York, NY: Cambridge University Press. https://doi.org/10.1017/CBO9781316544884.

González Rey, F. L., y Mitjáns-Martínez, A. (2017). *Subjetividade. Teoria, epistemología e método [Subjectivity. Theory, epistemology and method]*. Campinas: Alínea.

González Rey, F., Mitjáns Martínez, A. y Goulart, D. M. (Eds.) (2019). *Subjectivity within Cultural-Historical Approach*. Singapore: Springer.

Mitjáns Martínez, A. y González Rey, F. (2017). *Psicologia, educaçao e aprendizgem escolar. Avançando na contribuiçao da leitura cultural-histórica*. Sao Paulo: Cortez Editora.

Subero, D. y Esteban-Guitart (2020). Más allá del aprendizaje escolar: El rol de la subjetividad en el enfoque de los fondos de identidad. *Teoría de la Educación*. 32, 213-236. doi: http://dx.doi.org/10.14201/teri.22955
Subero, D., Vila, I., & Esteban-Guitart, M. (2015). Some Contemporary Forms of the Funds of Knowledge Approach. Developing Culturally Responsive Pedagogy for Social Justice. *International Journal of Educational Psychology*, 4(1), 33-53. doi: 10.4471/ijep.2015.02

Trabalho 4: **Produções subjetivas, práticas avaliativas e atividades práticas supervisionadas (APS): uma análise construtivo-interpretativa**

Allana Resende Pimentel Calaça, Universidade de Brasília, allanarpc@gmail.com
Cristina Massot Madeira Coelho, Universidade de Brasília, cristina.madeira.coelho@gmail.com

Resumo
Inspiradas na ação de profissionais de saúde no contexto cultural-histórico marcado pela pandemia do COVID-19 é que apresentamos alguns desafios enfrentados pelo profissional que participa do processo de formação de técnicos de enfermagem no cenário prático de saúde. Este estudo se identificou com os princípios de um estudo de caso, com foco na expressão singular de um docente em relação às práticas avaliativas no contexto das Atividades Práticas Supervisionadas (APS). O objetivo foi compreender as produções subjetivas que envolvem a ação do docente no contexto das APS em um curso técnico de enfermagem. A fundamentação teórica foi organizada a partir da Teoria da Subjetividade, compreendendo que o processo de ensino-aprendizagem se organiza como produção subjetiva dos que participam dessa relação (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017; 2019). O trabalho pedagógico de um docente que participa deste cenário de saúde envolve uma preocupação que vai além do conhecimento técnico da área profissional, pois integra questões relacionadas ao desenvolvimento humano e à compreensão de suas ações e relações a partir do contexto cultural em que participa. Nesse sentido, buscamos um espaço de interlocução que favorecesse a construção de inteligibilidades a partir demandas advindas de uma abordagem que considera a interdependência das ações educativas e de saúde. O trabalho se apoiou no referencial da Epistemologia Qualitativa, com a utilização da Metodologia Construtiva-Interpretativa para a construção e análise das informações (GONZÁLEZ REY, 2005). Os instrumentos utilizados foram a dinâmica conversacional e o complemento de frases. Nossa construção interpretativa possibilitou a produção de três momentos explicativos, o primeiro enfoca o processo de produção e expressão de sentidos subjetivos de insegurança pelo docente, especialmente no contexto da relação experiência assistencial-experiência educacional. O segundo destaca as expressões de insatisfação em relação às suas vivências como profissional de saúde no seu campo de atuação docente, especialmente em relação à padronização dos instrumentos dos processos avaliativos. O terceiro enfatiza o processo de desenvolvimento de uma postura proativa por parte do docente expressa na busca constante de aprimoramento profissional, de enfrentamento e superação de processos limitantes vivenciados no contexto das APS. Desse modo, entendemos que se faz necessário aprofundar as discussões sobre como esse docente organiza seu trabalho pedagógico nesse contexto que integra docentes, discentes, pacientes, servidores de saúde e coordenadores pedagógicos? A ação docente pode favorecer o

desenvolvimento de um processo de avaliação que contribua para a reflexão crítica dos discente em relação às práticas automatizadas são hegemônicas no domínio biomédico? São reflexões que pretendemos explorar na construção da dissertação de mestrado.
Palavras-chave: Subjetividade; Avaliação; Educação em Saúde.

Referências
GONZÁLEZ REY, F. L. *Pesquisa qualitativa e subjetividade:* os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2005.
MITJÁNS MARTÍNEZ, A. M.; GONZÁLEZ REY, F.L. *Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar: avançando na construção da leitura cultural-histórica.* São Paulo: Cortez, 2017.
MITJÁNS MARTÍNEZ, A. M.; GONZÁLEZ REY, F.L. A preparação para o exercício da profissão docente: contribuições da Teoria da Subjetividade. In: ROSSATO, M.; PERES, V.L.A.; *Formação de educadores e psicólogos:* contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica. Curitiba: Appris, 2019. p. 47-68.

Trabalho 5: **Las habilidades comunicativas para la prevención y promoción de salud en estudiantes de medicina**
Lilian Suarez Cid, Universidad de Ciencias Médicas Santiago de Cuba, suarezlilian592@gmail.com
Juana María Cubela González, Universidad de Oriente, jmcubela@uo.edu.cu

Resumen
Desarrollar una comunicación médica efectiva durante la labor de prevención y promoción de salud en las comunidades constituye un imperativo para facilitar la vinculación y entendimiento con la población meta y lograr la permeabilidad de los mensajes, especialmente para las poblaciones vulnerables,(1) como condición indispensable para enfrentar los desafíos de la medicina cubana y mundial. La formación de habilidades comunicativas resulta coherente con el Modelo del Profesional Médico en Cuba; no obstante, artículos de actualidad consideran que los planes de estudio no explicitan los aspectos didácticos a tener en cuenta,(2) o que se les dedica insuficiente espacio curricular.(3) La investigación propone acciones didácticas dirigidas al desarrollo de habilidades comunicativas para la prevención y promoción de salud comunitaria, en estudiantes de Medicina, a través del proceso de enseñanza aprendizaje de la asignatura Psicología I. Se apoya en la aplicación de métodos teóricos: analítico-sintético, inductivo-deductivo, histórico-lógico, enfoque de sistema y hermenéutico-dialéctico; y empíricos: observación participante, entrevista, reportes vivenciales individuales, talleres de reflexión profesional, grupos de discusión y criterios de especialistas. Los resultados permitieron constatar insuficiente preparación de los estudiantes para comunicarse de forma efectiva con la población durante la prevención y promoción de salud, así como insuficiente tratamiento didáctico y teórico-práctico, desde las disciplinas de la carrera, muestreadas, a favor de la formación de estas habilidades. Las acciones didácticas propuestas parten de reconocer el desarrollo de habilidades comunicativas como parte de la formación de la personalidad de los futuros médicos, lo cual presupone trabajar en el funcionamiento integrado de sus procesos cognitivos, afectivos-motivacionales y conductuales, de forma personalizada,

promoviendo el papel activo y reflexivo de los estudiantes y la formación de sentidos personales, privilegiando los contextos sociales reales de actuación y comunicación con profesores, el grupo básico de trabajo y la población en las comunidades. Su pertinencia se validó con el empleo del criterios de especialistas y un taller de reflexión profesional. Para el debate les solicitamos sus valoraciones acerca de cómo, desde los aportes de la Epistemología Cualitativa/Teoría de la Subjetividad, puede continuar profundizándose en la investigación educativa presentada.

Palabras-clave: Habilidades comunicativas. Prevención. Promoción de salud

Referencias

1. Ramírez Medel, M.C y García Sánchez, S.L. (2020). Competencias comunicativas para acciones de promoción y prevención en salud; una propuesta de indicadores. *Inv Ed Med.* 9(33): 43-51. https://www.medigraphic.com/cgi-bin/new/resumen.cgi?IDARTICULO=93465
2. Bravo López, G, Jurado Ronquillo, M y Tejera Concepción, J.F. (2019). La comunicación médico paciente desde el inicio del proceso de formación. *Revista Cubana de Medicina Militar*. 48(2). https://www.revmedmilitar.sld.cu/index.php/mil/article/view/401
3. Rojas Izquierdo, M.M y González Escalona, M.E. (2018). Las habilidades comunicativas en el proceso formativo del profesional de la salud. *Educación Médica Superior*, 32(3). https://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0864-21412018000300020

Trabalho 6: **Reflexões do trabalho pedagógico do professor-pesquisador no ensino superior**

Francisco Neylon de Souza Rodrigues, nolyen@gmail.com

Resumo

A pesquisa epistemológica qualitativa é o caminho metodológico escolhido na interpretação e na construção das atividades elaboradas junto aos discentes nesta pesquisa, especificamente, os critérios avaliativos como ferramentas de pesquisa. Assim, esse relato de experiência se configura como uma pesquisa do trabalho docente do autor desenvolvido durante um intervalo de 2 (dois) anos em uma Instituição de Ensino Superior Privada do Distrito Federal. Além disso, as atividades avaliativas produzidas pelos discentes de 6º, 7º e 8º semestre do curso de Psicologia e do 3º semestre do curso de Serviço Social proporcionaram a via de produção indicadores da pesquisa referentes a singularidade na aprendizagem, o espaço da sala de aula, a didática e a criticidade da prática docente no ensino superior no Brasil. Conseguinte a isso, duas hipóteses foram construídas para problematizar a produção subjetiva dos discentes para aquilo que se aprende: a) o não-saber dos discentes referente as questões éticas da profissão as quais embasam o imaginário de sua profissão e b) a utilização da teoria de maneira passivo reprodutivo perante situações do cotidiano do território da instituição. Nas avaliações obrigatórias, quando se construía questões as quais solicitasse a construção teórica ou a reflexão sobre fenômenos sociais complexos, o discente utilizava estratégias simplórias em suas respostas buscando caminhos miméticos das teorias estudadas e a reprodução de trechos dos textos estudados. Os caminhos metodológicos se basearam na construção de um espaço dialógico entre educador-educando contraponto a subjetividade social do espaço escolar da pesquisa cuja característica se baseia em um modelo de ensino

positivista e hierárquico. Por fim, há de se pensar as representações construídas referente ao papel social da aprendizagem do educador e do educando e, também, o que venha a ser o ensino superior e os seus desdobramentos para se pensar as complexidades da vida de maneira que o horizonte não se ilustre como processos fragmentados e apenas aquilo que se possa tornar empírico, mas sim como processos subjetivos os quais rompem com as dicotomias predominantes na sociedade, especificamente, a relação entre indivíduo e sociedade no processo de aprendizagem, tornando-
se em um processo recursivo constante e contraditório surgindo, portanto, um espaço que permita a expressão do sujeito que aprende. O desafio do trabalho pedagógico, portanto, é a construção e validação da reflexão singular para aquilo o que se aprende e como o docente pode mergulhar na ousadia e na irreverência como caminhos construtivos de uma prática pedagógica
transformadora.

Palavras chave: Ensino Superior; Professor-Pesquisador; Trabalho pedagógico.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.
GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2005.
TACCA, Maria Carmen Villela Rosa. O professor investigador: criando possibilidades para novas concepções e práticas sobre ensinar e aprender. In: MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns; TACCA, Maria Carmen Villela Rosa (Orgs.). A complexidade da aprendizagem: destaque ao ensino superior. Campinas: Alínea, 2009. p. 53-96.

Trabalho 7: **Expressões Subjetivas dos Conflitos Escolares - Assembleias Escolares, Valores Pró-sociais e Relações Dialógicas**

João Giffoni, Centro Universitário de Brasília, joaolucasvgiffoni@sempreceub.com
Luciana Campolina, Centro Universitário de Brasília, luciana.campolina@ceub.edu.br

Resumo

A escola tem se organizado estruturalmente a partir de um modelo industrial (KELDAY, 2021, no prelo) e pedagogicamente a partir de um sistema disciplinar (FOUCAULT, 1979/2014). A escola contemporânea, para sobreviver, deve ter um olhar mais humanizado (KANT, 1785/2019; MUNDIM NETO, 2017; WOJTYLA, 1960/2015), atenta às relações e às questões emocionais. Nessa direção, percebe-se uma emergência de práticas pedagógicas inovadoras. Dentre essas práticas, destacam-se as Assembleias Escolares (ARAÚJO, 2008), as quais desenvolvem a democratização do espaço escolar e o manejo e resolução de conflitos a partir de relações dialógicas. Com o olhar da Teoria da Subjetividade, a pesquisa objetivou compreender as expressões subjetivas de professores sobre os conflitos escolares, as relações e os valores presentes nesse ambiente. Pelo método construtivo-interpretativo, foi possível observar que os participantes prezam pelas relações com os colegas e isso reverbera nas relações entre os alunos, destacando assim o aspecto dinâmico e recursivo das configurações subjetivas

(MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017).Há também um tensionamento entre os recursos tecnológicos e suas implicações nas relações humanas. Essas questões foram mais visibilizadas pela pandemia (GUILHERME; BECKER; CHERON, 2020). Houve também a emergência dos potenciais criativos dos participantes, fazendo-os produzir sentidos e configurações subjetivos que os permitiram desenvolver estratégias pedagógicas e socioemocionais para o campo virtual, permitindo que seus alunos se tornassem sujeitos de seu processo de aprendizagem. Como propor um ensino humanista e ao mesmo tempo que acompanhe as inovações tecnológicas? Como proporcionar um bom clima emocional na escola a partir das relações? Como favorecer o potencial criativo e a emergência de estratégias socioemocionais que permitam o aluno tornar-se sujeito de seu processo de aprendizagem? Como situar todas essas questões em um contexto pandêmico e pós-pandêmico?
Palavras chave: Psicologia Escolar, Assembleias Escolares, Conflitos escolares..

Referências
ARAÚJO, Ulisses F. (2008). Resolução de conflitos e assembleias escolares. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 1, n. 31, p. 115–131, dez 2008.
FOUCAULT, Michel. O Nascimento do hospital. In: FOUCAULT, Michel (Org.). **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014. Cap. 6, p. 57-64.
GUILHERME, Alexandre Anselmo; BECKER, Caroline; CHERON, Cibele. Considerações para a retomada das atividades presenciais nas escolas de educação básica pós-pandemia. In: COLOMBY, Renato Koch; SALVAGNI, Julice.; CHERON, Cibele. (Orgs.). **A Covid-19 em múltiplas perspectivas** - Vol. 2. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2020. Cap. 14, p. 185-198.
KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes.** São Paulo: Martin Claret, 2019.
KELDAY, Nathalia. Education's Trends Explained in Four Dimensions. **The EdTech Book**, v. 1, n. 1, p. 1-16, no prelo 2021.
MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar**: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.
MUNDIM NETO, Janine de Fátima. **A crise da educação contemporânea e a escola**: o que paira sobre o chão que pisamos? 2017. 212f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação, Brasília, 2017.
WOJTYLA, Karol. **Amor e responsabilidade**. São Paulo: Cultor de livros, 2015.

Sessão 2 – 23 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **As experiências subjetivas individuais e sociais no teletrabalho de professores e estudantes universitários no processo de ensino e aprendizagem em ambiente homeoffice.**
Alberto Erich Steimber de Pereira Okada, Centro Universitário de Brasília, alberto.okada@sempreceub.com
Luciana de Oliveira Campolina, Centro Universitário de Brasília, luciana.campolina@ceub.edu.br

Resumo

Esta pesquisa ainda em andamento visa discutir as experiências subjetivas de teletrabalho de professores e universitários e compreender como a subjetividade individual e social articulam-se com o processo de ensino e aprendizagem remoto em ambiente *homeoffice,* em tempos de pandemia. Apoiada nos aportes da Teoria da Subjetividade de González Rey, o estudo mostra-se importante para estudar a humanização das relações em ambiente de interação remota e problematizar a incidência de fatores desencadeantes de sobrecarga no teletrabalho em ambiente *home-office*. Espera-se também enquanto objetivos específicos (a) identificar as produções subjetivas de estudantes e professores agentes do processo de mudança, diante de situações adversas e de natureza complexa, em tempos de pandemia e (b) analisar as articulações que se formam nas produções de sentidos subjetivos de transformação de estudantes ou professores ao lidarem com a aquisição de novas habilidades, cada vez mais com grau maior de dificuldade, principalmente diante de situações de mudanças complexas e/ou disruptivas. A pesquisa baseia-se no método construtivo-interpretativo, utilizado para dar visibilidade e compreensão, a partir da elaboração de indicadores e hipóteses que visam a produção de um modelo teórico da pesquisa. A proposta é fazer a articulação teórica pelo estudo da Teoria da Subjetividade e da Epistemologia Qualitativa ressaltando o processo de comunicação dialógica dentro do espaço social dos participantes e o resgate do sujeito em sua singularidade como categoria epistemológica no processo de produção de conhecimento. Para isso, estão sendo convidados discentes e docentes, os quais participarão de dinâmicas conversacionais individuais e grupos focais. Considerando que a pesquisa está em andamento, a produção dos indicadores assume o desafio de estudar as experiências subjetivas que envolvem o fortalecimento ou o desgaste do vínculo entre professores e estudantes e a sua relação com a qualidade de ensino e aprendizagem, diante das interações sociais entre seus pares. Por fim, pretende-se uma reflexão crítica da realidade, em sua temporalidade e em seu espaço-ação, a partir da compreensão do teletrabalho por parte de estudantes e professores.
Questão: Como a qualidade das experiências subjetivas que estudantes e professores vivenciam no processo de ensino e aprendizagem remoto participam na formação de configurações subjetivas que repercutem no desempenho acadêmico?
Palavras chave: teletrabalho, experiências subjetivas, ensino remoto.

Referências

Campolina, L. O., Lampert, H., & Guaritá, L. P. (2019). Subjetividade social e as representações dos estudantes na formação em Psicologia. Em M. Rossato & V. L. A. Peres (Org.), *Formação de educadores e psicólogos: Contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica* (pp. 177-197). Appris.
Csikszentmihalyi, M. (2020). *Flow: A Psicologia do Alto Desempenho e da Felicidade*. Rio de Janeiro: Objetiva.
González Rey, F. L., Mitjáns Martínez, A. (2017). *Subjetividade: Teoria, Epistemologia e Método*. Campinas: Alínea.
Mitjáns Martinez, A., González Rey, F. L. (2017). *Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar: Avançando na Contribuição da leitura cultural-histórica*. São Paulo: Cortez.

Trabalho 2: **Organização do trabalho pedagógico e subjetividade de professores em período de pandemia**

Carolina Torres Oliveira, Instituto Federal de Brasília, carolina.oliveira@ifb.edu.br

Resumo

Num curto prazo de tempo, a doença infecciosa causada por Coronavírus-2019, atingiu muitos lugares do mundo. Em meio a um panorama conturbado e assustador, além da saúde, muitas mudanças ocorreram na área da Educação. No Distrito Federal, as aulas presenciais foram suspensas. O ensino remoto foi adotado para dar andamento às atividades escolares. Professores e alunos precisaram lidar com novos desafios. Destaca-se aqui o professor e suas formas de expressão. Questiona-se sua atuação e participação no enfrentamento das adversidades. À vista disso, esta pesquisa em andamento tem por principal objetivo examinar a organização do trabalho pedagógico do professor destacando sentidos subjetivos produzidos por ele no curso da experiência de ensino remoto durante o período de pandemia. Nesta investigação, colaboram dois professores de instituições públicas da rede de ensino do Distrito Federal: Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal e Instituto Federal de Brasília. Como aportes teóricos utiliza-se González Rey (2003, 2007), autor da Teoria da Subjetividade, para quem a unidade simbólico-emocional caracteriza os sentidos subjetivos e representa um processo constante definidor da qualidade da experiência vivida. De acordo com o teórico, essa qualidade é definida por produções subjetivas no curso de uma experiência humana e não por fatos concretos. Referente à organização do trabalho pedagógico, busca-se apoio nos trabalhos de Ferreira (2018), Tacca (2008) e Villas Boas (2004). Para contemplar as ferramentas implementadas pelo ensino remoto no período da pandemia, conta-se com trabalhos de Coll e Monereo (2010) a respeito das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Adota-se o método construtivo-interpretativo alicerçado na Epistemologia Qualitativa, também alicerçada por González Rey, com seus três princípios: o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento; o caráter dialógico da investigação; e o valor do estudo de casos singulares como instância legítima de produção do conhecimento. Para o estudo de casos vem sendo realizadas observações; análise documental; dinâmicas conversacionais e complemento de frases. Tal investigação em andamento remete ao seguinte questionamento: como sentidos subjetivos produzidos pelo professor durante a experiência de ensino remoto num período de pandemia configuram seu trabalho pedagógico?

Palavras-chave: Trabalho Pedagógico. Subjetividade. Ensino remoto.

Referências

COLL, C. MONEREO, C. **Psicologia da Educação Virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FERREIRA, L. S. Trabalho Pedagógico na Escola: do que se fala? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, pp. 591-608, abr./jun. 2018.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural (Raquel Souza Lobo Guzzo, trad.). São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

GONZÁLEZ REY, F. L. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicologia da Educação**. São Paulo: PUC-SP, 24, pp. 155-179, 1o sem, 2007.

TACCA, M. C. V.R. **Aprendizagem e trabalho pedagógico.** Campinas, SP: Alínea, 2008.
VILLAS BOAS, B. M. de F. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

Trabalho 3: **Trabalho pedagógico e subjetividade: a experiência de professoras no ensino remoto emergencial na secretaria de educação no distrito federal**

Eliane Costa da Silva, Instituto Federal de Brasília, enaliejulho@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo geral: analisar o trabalho pedagógico de professoras da rede pública de educação do Distrito Federal com o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's) no Ensino Remoto Emergencial - ERE, tenta-se identificar alguns aspectos subjetivos. Expõe as experiências de professoras do Ensino Remoto Emergencial, modalidade adotada para manter o contato com os estudantes que estão em isolamento social devido às medidas restritivas oriundas da pandemia. Analisa o trabalho pedagógico (TACCA, 2008) mediado pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (COOL, 2020) no ensino fundamental I - anos iniciais na educação pública no Distrito Federal, esforça-se em pontuar alguns aspectos subjetivos (GONZÁLEZ REY, 1997, 2005, 2017, 2019) das participantes. Por meio de uma pesquisa de campo, exploratória e qualitativa estuda-se as mudanças ocorridas no ensino durante a pandemia do Coronavírus. Como metodologia optou-se em inspirar-se na epistemologia qualitativa, porém seguir o método análise de conteúdo (BARDIN, 1997). O referencial teórico divide-se em três seções, sendo a primeira direcionada a teoria da subjetividade. A segunda aborda inicialmente o trabalho e em seguida o trabalho pedagógico. Por fim, a terceira retrata sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação e a nova ecologia da aprendizagem. Foca-se nas categorias da teoria da subjetividade: subjetividade individual e sujeito. Essas categorias apresentam uma inovação, que expressa conexão entre o indivíduo e a sociedade, e ultrapassa as perspectivas estáticas, naturalistas, e racionalistas, atribuindo a existência da subjetividade social e individual. Já a segunda parte é direcionada para o trabalho e sua função social, tendo em vista a sociedade capitalista. Tentou-se explorar alguns aspectos da subjetividade das participantes da pesquisa, dentre eles as categorias: Estratégias pedagógicas; Desgaste mental e físico; Motivação no ensino presencial e ensino remoto; O professor na condição de sujeito. Concluiu-se que aspectos da subjetividade individual podem ser propulsores ou não do trabalho pedagógico na condição de ensino remoto emergencial.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como trabalho pedagógico na modalidade do ERE, atrelada as emoções do docente pode fornecer ou influenciar em seu fazer pedagógico?

Palavras chave: Ensino Remoto Emergencial, Trabalho pedagógico, Subjetividade.

Referências

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Presonar, 1997.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação. https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/572694/Lei_diretrizes_bases_4ed.pdf?sequence=1&isAllowed=y acesso: 25/02/2021.
COOL, César. El currículo escolar en el marco de la nueva ecologia del aprenduzaje. http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/53975/1/627963.pdf Acesso: 01 de set. 2020.
GONZÁLEZ REY, F. Epistemologia cualitativa y subjetividad. Habana: Pueblo y Educacíon, 1997.
GONZÁLEZ REY, Fernando. Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural: São Paulo: Thomson, 2005.
GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: discussões sobre educação e saúde. Minas Gerais: Edufu, 2019.
GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Subjetividade teoria, epistemologia e método. Campinas, SP: Alínea, 2017.
MARX, Karl. O Capital. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1988.
TACCA, Maria Carmen V.R. Aprendizagem e trabalho pedagógico. Campinas, SP: Alínea, 2008.

Trabalho 4: **Modelo de aprendizaje desarrollador de la informática para la enseñanza primaria cubana**

Walfredo González Hernández, Universidad de Matanzas, walfredogh@gmail.com

Resumo

El aprendizaje de la informática en la escuela primaria presenta resultados dispersos centrados fundamentalmente en el desarrollo de habilidades (Carvajal Hernández *et al.*, 2020), el tratamiento de conceptos (Martínez-Serrano, 2019) o enfocados hacia las competencias informacionales (Moreno-Morilla *et al.*, 2021). La búsqueda de referentes acerca de modelos de aprendizaje desarrollador de la informática no ha detectado la existencia de un modelo, de ahí la necesidad de un modelo de aprendizaje desarrollador de la informática para este nivel educativo. En el artículo se aborda la problemática de obtener un modelo que guíe las acciones fundamentales para la enseñanza de la informática en este nivel de enseñanza. En un primer momento se realiza un análisis acerca de los modelos para determinar la estructura del propuesto y se obtienen los siguientes elementos: el contexto socio histórico, los fundamentos, el sistema didáctico compuesto por las leyes y sus principios, los conceptos fundamentales, el sistema de comunicación, los contenidos informáticos, las estrategias de enseñanza y los dispositivos de evaluación. Los fundamentos psicológicos del modelo se sustentan desde la teoría de la subjetividad (González-Rey e Magalhães Goulart, 2019) que permiten definir el aprendizaje desarrollador de la informática y estructurar un sistema de principios didácticos. Dentro de los conceptos fundamentales están los conceptos de espacio de aprendizaje, sentido y configuración subjetiva, problema y proyecto informático, este último como configuración subjetiva social. En el sistema de comunicación se privilegia el diálogo como vía esencial en la estructuración del método de enseñanza, mientras que las estrategias de enseñanza integran tres enfoques: problémico, proyecto y sistémico como vía para la emergencia de sentidos subjetivos de la configuración del aprender informática en la primaria. La evaluación privilegia la coevaluación de manera continua con el uso de portafolios educativos lo que permite a los

estudiantes determinar cuánto han logrado y lo que les falta por lograr. ¿Será válido y aceptado este modelo en un contexto donde la teoría de la subjetividad no es bien conocida?
Palabras claves: enseñanza de la informática, teoría de la subjetividad, enseñanza primaria.

Referencias
CARVAJAL HERNÁNDEZ, B. M.; LEGAÑOA FERRÁ, M. D.-L.-Á.; OMS PALENQUE, D. M. La habilidad recuperar información digital en la escuela primaria cubana. **Transformación,** v. 16, n. 3, p. 473-488, 2020.
GONZÁLEZ-REY, F.; MAGALHÃES GOULART, D. Teoria da Subjetividade e educação: entrevista com Fernando González Rey. **Obutchénie: Revista de Didatica e Psicologia Pedagógica,** v. 3, n. 1, p. 13-33, 2019.
MARTÍNEZ-SERRANO, M. C. Percepción de la Integración y uso de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC). Estudio de Profesores y Estudiantes de Educación Primaria. **Información Tecnológica,** v. 30, n. 1, p. 237-246, 2019.
MORENO-MORILLA, C.; GUZMÁN-SIMÓN, F.; GARCÍA-JIMÉNEZ, E. Digital and information literacy inside and outside Spanish primary education schools. **Learning, Culture and Social Interaction,** v. 28, p. 100455, 2021.

Trabalho 5: **Afetividade e trabalho docente em ensino remoto emergencial**
Ana Laura Brasil Peralta, Universidade de Brasília, albrasilperalta@gmail.com
Wilsa Maria Ramos, Universidade de Brasília, ramos.wilsa@gmail.com

Resumo
O presente trabalho é resultado de projeto de pesquisa ainda em andamento cujo objetivo é investigar os impactos da vida afetiva no trabalho docente em ensino remoto emergencial (ERE) durante a pandemia do novo coronavírus. É certo que a afetividade é um fenômeno complexo e dinâmico e que, portanto, não pode ser separado das experiências fisiológicas e subjetivas, de cada comportamento dos sujeitos e do meio em que estão inseridos. Afinal, segundo Gonzaléz Rey (2014), a subjetividade é uma produção humana gerada em processos simbólicos e emocionais de forma inseparável com o movimento da sociedade, da cultura e dos indivíduos, constituindo-se de forma individual e social sem que haja dicotomias ou separações entre elas. Logo, no que se refere ao trabalho docente, há que se considerar não só o aspecto cognitivo, mas também o fato de que, conforme, Leite (2012), todas as decisões sobre o processo pedagógico, promovem repercussões internas/subjetivas de natureza afetiva, mesmo quando professor(a) e aluno(a) não estão face a face. Esse cenário se complexifica ao se levar em conta a necessidade de conter o avanço da Covid-19, o qual impôs nítidas mudanças no desempenho do papel docente, com novos modos de pensar, agir e interagir, surgindo novas práticas, bem como novos afetos e formas de lidar com eles, posto que em março de 2020 as aulas presenciais foram suspensas em todo Brasil e professores(as) passaram, inesperadamente, a trabalhar em suas casas, sendo expostos(as) a condições de trabalho improvisadas e jornadas exaustivas e, em boa parte dos casos, esses profissionais não têm acesso aos aparelhos, plataformas e formação necessárias (SOUSA et al, 2020). Não se pode, então, negar que os afetos permeiam a atividade docente e são indispensáveis para sua

efetivação especialmente em trabalho remoto. Este trabalho será realizado mediante entrevista com professores(as) da Educação básica na rede pública de ensino que estejam trabalhando ou que trabalharam de forma remota ou híbrida no período de 2020/2021, a fim de analisar a vivência e o papel das emoções no seu trabalho. O projeto de pesquisa está em fase inicial, contudo os resultados apontam para a complexidade do trabalho docente, sobretudo quanto à relação com as emoções durante o ERE. Assim, há que se questionar como as emocionalidades tomaram parte nas experiências subjetivas originadas no ensino remoto na relação professor-estudante mediada por recursos digitais.

Palavras chave: Ensino remoto emergencial. Trabalho docente. Afetividade.

Referências

LEITE, Sérgio Antônio. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em psicologia**, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012.

GONZÁLEZ REY, Fernando L. Human motivation in question: Discussing emotions, motives, and subjectivity from a cultural-historical standpoint. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 45, n. 4, p. 419-439, 2014.

SOUZA, Katia Reis de et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2020.

Trabalho 6: **Formação docente no ensino superior e a subjetividade do ensino remoto emergencial**

Maria José Costa dos Santos, Universidade Federal do Ceará, mazzesantos@ufc.br

Resumo

Elege-se para reflexão teórica nesse texto a formação docente à luz da subjetividade sob a perspectiva da formação continuada visando o desenvolvimento profissional do professor que leciona no ensino superior, e suas experiências prévias no ensino remoto emergencial. Compreende-se que a subjetividade docente se constitui no fazer docente, a partir de situações individuais e sociais da experiência do sujeito, vivenciada em sua ação docente. Objetiva-se, portanto, discutir a subjetividade da formação continuada do professor que leciona no ensino superior, e suas concepções acerca do ensino remoto emergencial. Espera-se estabelecer a triangulação entre formação docente – subjetividade – ensino remoto. Entende-se a subjetividade como aquela que fundamenta um caminho investigativo que possibilita o entendimento dos sentidos complexos dos processos sociais humanos produzidos nos diferentes espaços educativos. Sobre a formação docente destaca-se que a valorização do conhecimento demanda uma nova postura dos profissionais e requer o repensar dos processos educacionais. Já o ensino remoto emergencial almeja-se que o educador detenha uma série de práticas inovadoras para o uso das tecnologias digitais educacionais que ampliem as potencialidades do professor como curador, mediador e designer da aprendizagem. Para tanto, opta-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza teórica, do tipo estudo de caso. Para coleta de dados, usa-se o formulário eletrônico e a observação nas ações remotas. Os sujeitos da pesquisa participaram de um plano de formação continuada para o ensino remoto emergencial. Para realizar as análises dos resultados, apoia-se na teoria de análise do

discurso, com foco na ideia de subjetividade como expressão ontológica de um fenômeno especificamente humano, social e individual. Os resultados apontam que a percepção do professor como designer da aprendizagem, apresenta maior e mais completa expressão do docente contemporâneo, pois vai além de ministrar o conteúdo *Stricto Sensu*, mas é responsável pela preparação do educando para o hábito de *aprender a aprender*, à luz dos processos complexos que envolvem os sentidos. Considera-se esses resultados relevantes, pois os professores envolvidos ativamente como sujeitos intelectuais transformadores que combinam reflexão e prática acadêmica a serviço da educação dos estudantes para que sejam cidadãos reflexivos e ativos, além da capacidade de articulação entre a tecnologia e a educação. Concluí-se, por conseguinte, com a seguinte questão, a produção de saberes é a base de novos significados que enriquecem os sentidos do fazer docente?

Palavras-chaves: formação docente, subjetividade, ensino remoto.

Referências

GONZÁLEZ REY, F; MITJÁNS MARTINEZ, A. Una epistemología para el estudio de la subjetividad: sus implicaciones metodológicas. Chile: Psicoperspectivas, 15 (1), 5-16, 2016.

IMBERNÓN, Francisco. Formação Docente Profissional: formar-se para mudança e a

MARCELO, Carlos Garcia. **Formação de Professores:** para uma mudança educativa. Porto, Portugal: Porto Editora,1999.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

VALENTE, José Armando. O computador na sociedade do conhecimento. Campinas, SP:UNICAMP/NIED, 1999. 156p.

Trabalho 7: **Ensino-aprendizagem de música na escola e subjetividade**

Lucielle Farias Arantes, Universidade Federal de Uberlândia, luciellearantes@Universidade Federal de Uberlândia.br

Resumo

Este resumo se refere a um recorte da pesquisa de doutorado (ARANTES, 2018) que teve como objetivo geral implementar uma proposta didática ao ensino de Música na escola favorecedora do desenvolvimento integral de estudantes considerados em seu potencial ativo e gerador de realidades subjetivas. Aportada na Teoria Histórico-Cultural, a pesquisa levou ao estabelecimento de princípios didáticos baseados na combinação de prerrogativas da Teoria do Ensino Desenvolvimental - concebida por psicólogos e didatas soviéticos - e da Teoria da Subjetividade, desenvolvida pelo psicólogo cubano F. González Rey (1949-2019). Os princípios didáticos embasaram o planejamento e desenvolvimento de um conjunto de ações didáticas para aulas de Música que foram realizadas no âmbito do componente curricular Arte, no Colégio de Aplicação Escola de Educação Básica da UFU (CAp Eseba/UFU). Ministradas com a finalidade da pesquisa, 21 aulas voltaram-se a um grupo de 13 estudantes do 4º ano do ensino fundamental (com idades entre 9 e 10 anos) em ambiente dialógico, propiciando a

compreensão inicial sobre os meios expressivos musicais inter-relacionados e o desenvolvimento de habilidades em processos nutridos de expressões simbólico-emocionais. Por vezes, durante as aulas emergiam assuntos envolvendo a todos/as, de modo a sinalizar a expressões de sentidos subjetivos configurados na subjetividade social do grupo. A atenção às manifestações individuais e coletivas em diferentes momentos possibilitou compreender, mediante a metodologia construtivo-interpretativa (GONZÁLEZ REY, 2012; GONZÁLEZ REY, MITJÁNS MARTINEZ, 2017), que os/as estudantes ansiavam por vivenciar a escola com maior liberdade e autonomia, bem como usufruírem de maior ludicidade nesse espaço. Na medida em que eu me atentava às múltiplas expressões das crianças, construía minha interpretação sobre os sentidos subjetivos implicados nas experiências de aprendizagem e, de forma recursiva, tomava tais expressões em relevo para desenvolver estratégias didáticas. Daí a proposição de atividades de escuta e análise da estruturação musical; exploração de estruturas sonoras/criação musical e de leitura e escrita de símbolos da linguagem musical a partir do gênero musical funk, apreciado pelos/as estudantes no espaço doméstico. Ao propiciar a entrada do funk na sala de aula, a receptividade às propostas pedagógicas e o envolvimento nas atividades musicais foi ampliado, possibilitando também o diálogo sobre temáticas incitadas pelas letras das músicas, que perpassavam a vivência e cotidiano dos/das estudantes. Pode se dizer, assim, que as estratégias desferidas no plano coletivo incidiam na configuração subjetiva da ação de aprender Música dos indivíduos, favorecendo a produção de sentidos subjetivos em articulação à produção de conhecimentos sobre Música. **Questão**: como as estratégias didáticas podem contribuir em processos de ensino-aprendizagem musicais comprometidos com a produção de sentidos subjetivos e o desenvolvimento integral dos/das estudantes?

Palavras chave: Didática do ensino de Música na escola; Ensino-aprendizagem musicais e desenvolvimento humano; Didática desenvolvimental e Subjetividade no ensino de Música.

Referências

ARANTES, Lucielle Farias. **Por uma Didática Desenvolvimental da Subjetividade no ensino de Música na escola**. 2018. 323 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação/Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia, 2018.

GONZALEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

_____; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade**: teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.

Trabalho 8: **Processos criativos: a teatralidade como potência para o desenvolvimento subjetivo no contexto escolar**

Rosiane Aparecida Nogueira Martins, Universidade Federal de Uberlândia, rosemartins.teatro@gmail.com

Lucielle Farias Arantes, Universidade Federal de Uberlândia, luciellearantes@Universidade Federal de Uberlândia.br

Resumo

Este trabalho tem por objetivo compartilhar caminhos encontrados para a concretização de um processo criativo teatral desenvolvido no componente curricular Arte pela via remota com duas estudantes do ensino fundamental, matriculadas na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Colégio de Aplicação Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia – Eseba/UFU (Uberlândia–MG) no presente ano. A intenção era de, inicialmente, apresentar obras teatrais instigando a discussão sobre elementos técnicos, estéticos e históricos e, a partir daí, iniciarmos um trabalho prático de criação. Com o semestre letivo em curso, os encontros virtuais com as duas estudantes, mulheres com seus 40 e 60 anos de idade, aproximadamente, se transformaram em um espaço dialógico, de compartilhamento e escuta (GOZÁLEZ REY, 2012), em que lançamos mão de um novo disparador para a criação: a memória. Como um caminho para acessar essa dimensão subjetiva, solicitamos alguns elementos concretos que atuaram como dispositivos, provocando a expressão de emoções e o envolvimento cada vez maior das estudantes na proposta. Os elementos foram: uma música, uma fotografia e uma história pessoal que as estudantes deveriam selecionar e apresentar em aula. Esse momento do processo de criação levou em conta as abordagens de Flávio Ribeiro de Souza Carvalho (2010) em sua reflexão sobre o conceito de "*bricoleur*", de Levi-Strauss, e os estudos da bricolagem como prática criativa de Marco de Marinis, trazendo à tona a possibilidade de produção de um novo objeto no qual se pode perceber os fragmentos dos elementos solicitados. Assim, a busca por cruzamentos e a elaboração de leituras a partir desses materiais poderiam provocar a expressão de sentidos subjetivos entremeados ao processo de criação teatral. O compartilhamento de histórias pessoais por meio da oralidade imprimiu distintos sentidos aos materiais e, por conseguinte, à criação teatral, expressando algo da experiência vivida pelas estudantes, reconfigurando seus processos subjetivos. Nesse sentido esteve a atuação de uma das estudantes, que bastante envolvida com sua religião, sempre mencionava os preceitos de sua fé. Mas, no contexto do trabalho criativo, pôde apresentar o tema articulado a outras esferas de sua vida, extrapolando o discurso até então proferido de forma unidimensional. Devido ao ensino remoto, os trabalhos finais resultaram na produção de vídeos apreciados coletivamente em momento especialmente reservado a tal atividade. O entusiasmo e comentários das estudantes foram reveladores da importância do processo criativo naquele momento de sua formação escolar, podendo reverberar em outras instâncias de suas experiências de vida. A experiência de ensino-aprendizagem aqui abordada projeta caminhos criativos no ensino remoto para jovens e adultos, abrindo espaços de pertencimento, escuta e compartilhamento, com a possibilidade de potencializar a expressão e o desenvolvimento subjetivo dos estudantes (GONZALEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). Questão: Como processos de ensino-aprendizagem teatrais pela via remota podem potencializar o desenvolvimento subjetivo de jovens e adultos?

Palavras chave: Criação teatral na Educação de Jovens e Adultos; Ensino-aprendizagem de Teatro e desenvolvimento subjetivo; Teatro e Subjetividade.

Referências

Carvalho, F. R. de S. (2010). **O contador de histórias e a bricolagem**. Cadernos Virtuais De Pesquisa Em Artes Cênicas, (1). Recuperado de http://www.seer.unirio.br/pesqcenicas/article/view/722.

GONZALEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
_____; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017.

Sessão 3 – 29 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00 – Apresentação e discussão final

Trabalho 1: **Educação para a sexualidade na escola: sentidos subjetivos sobre sexting de estudantes adolescentes do Ensino Médio de uma escola pública**

Pedro R. Mathias de Miranda, Universidade Federal do Acre pedro.miranda@ufac.br
José Moysés Alves, Universidade Federal do Pará, jmalves@ufpa.br

Resumo

Como artefato educativo, a mídia se constitui instância produtora de subjetividades, sobretudo, em crianças e adolescentes, consumidores potenciais de recursos midiáticos, uma vez que "[...] em qualquer sociedade, os inúmeros artefatos educativos existentes têm como principal função conformar os sujeitos, moldando-os de acordo com as normas sociais" (SABAT, 2013, p. 149). O objetivo da pesquisa foi compreender aspectos de como estudantes do Ensino Médio de uma escola pública, subjetivam questões da sexualidade no contexto de práticas educativas dialógico-problematizadoras, com base na abordagem emancipatória de educação para a sexualidade. A produção de informações ocorreu em 22 encontros presenciais com 17 participantes, por meio de conversações em grupo, conversações individuais e complemento de frases. A análise construtiva-interpretativa das informações para construção do modelo teórico, incluiu a construção de indicadores e elaboração de hipóteses (GONZÁLEZ REY, 2005. Considerando o uso de redes sociais digitais pelos participantes da pesquisa, solicitamos que respondessem: *sexting*, que é isso? A título de exemplo, Pablo disse: "*Nudes*" e "É o famoso mandar *nudes*" (Pascoal). O *sexting* consiste no envio de fotografias ou vídeos com conteúdo erótico, da própria pessoa ou de outra, por meio de *smartphones* (FERNANDEZ, 2013). Durante as conversações, observamos que alguns participantes se mostravam favoráveis à prática de *sexting*, que implicou realizarmos uma atividade para reflexão sobre como se sentiriam se tivessem uma fotografia íntima "circulando" em rede social. Pedimos que imaginassem um segredo e o escrevesse em um pedaço de papel, que foi dobrado, recolhido e distribuído entre os participantes para que lessem, sem fazer comentários. Após, solicitamos que imaginassem que o "segredo" era uma fotografia íntima (pausa) e que "circulava" em uma rede social (pausa). A maioria disse que ficaria envergonhado/a ou que "*Me sentiria muito mal e constrangida, a ponto de querer me excluir da sociedade*" (Paloma); "*Triste e arrependida, por ter acreditado na pessoa que enviei a foto"* (Marília). Para Fernández (2013, p. 74) "mostrar de forma voluntária o próprio corpo despido a alguém que deseje vê-lo não é um problema em si para quem o faz, independente de considerações éticas ou morais que dizem respeito a cada um". A atividade dialógico-problematizadora como parte do processo de aprendizagem favoreceu a reflexão e construção de sentidos subjetivos sobre *sexting*, enquanto expressão da sexualidade, quanto

às possíveis consequências para o protagonista e/ou familiares e a falta de controle sobre material com conteúdo íntimo compartilhado em uma rede social. Como os discursos midiáticos têm contribuído para "moldar" a sexualidade de adolescentes, em um contexto de produções subjetivas e contra hegemônicas?
Palavras-chave: Subjetividade. Epistemologia Qualitativa. Abordagem Emancipatória.

Referências
FERNÁNDEZ, J. F. *Sexting*, sextorção e *grooming*. In: ABREU, C. N.; EISENSTEIN, E.; ESTEFENON, S. G. (Orgs.). **Vivendo esse mundo digital**: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 72-92.
GONZALEZ REY, F. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2005.
SABAT, R. Gênero e sexualidade para consumo. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis/RJ: Vozes. 2013, p. 149-159.

Trabalho 2: **Produção de sentidos subjetivos: o processo de ensino e aprendizagem na aula de história**
Vilma Nardes Silva Rodrigues, Instituto Sedes Sapientiae/SP, vilmanardes@gmail.com
Beatriz Judith Lima Scoz, Instituto Sedes Sapientiae/SP, beatrizscoz@uol.com.br

Resumo
Nesse trabalho buscou-se compreender de que forma as memórias individuais e coletivas corroboram na produção de sentidos subjetivos na aprendizagem na aula de História. A pergunta que norteou a pesquisa foi: como o processo de ensino-aprendizagem na aula de História pode ser facilitado a partir da produção de sentidos dos alunos perpassada por suas memórias individuais e coletivas? Na busca por resposta realizou-se pesquisa de campo em contextos de aula de História com alunos da 8ª séria (9º ano) do ensino fundamental da rede pública do estado de São Paulo/Brasil. A subjetividade considerada numa perspectiva complexa e dinâmica no meio histórico-social em que o sujeito se insere norteou este trabalho e teve como fio condutor os estudos realizados por Fernando González Rey (2005). Contemplou-se o resgate da importância da memória como elemento dinâmico dentro da História e suas implicações no processo de construção da subjetividade do sujeito, pois o recurso à memória no estudo da História se mostrou significativo para entender os registros históricos do sujeito que está inserido na cotidianidade, evidenciando-se assim, a dimensão da totalidade e, consequentemente, a subjetividade coletiva. Diante da complexidade do objeto de estudo desta pesquisa buscou-se uma abordagem qualitativa. A escolha da projeção do filme "Narradores de Javé" e as narrativas como instrumentos indutores de produção de sentidos subjetivos, se deu por se mostrar mais apropriada para as investigações sobre a questão da subjetividade. Esses recursos permitem ainda a apreciação dos processos de ensino e aprendizagem como construções permanentes, onde novos conhecimentos são produzidos na confrontação dos diálogos entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. O filme mostra a memória em sua dinâmica e não como algo guardado em uma "caixa secreta", em um baú

que, em algum momento, é resgatada. A memória é trabalho, é imaginação, como mostram os "Narradores de Javé". Ao mesmo tempo, a memória é lembrança e esquecimento; é trabalho de criação em função do presente que se relaciona com os sentidos produzidos pelos sujeitos em suas trajetórias de vida. Nesse sentido, esse filme apresenta uma estreita relação com a aula de História. Desvelou alunos sentindo-se integrados, participantes, instigados à reflexão, percebendo-se parte da História a partir da sua história e a do outro. A necessidade de conhecer as próprias origens, fez com que os alunos reconhecessem a importância da aula de História e descobriram-se sujeito, coparticipante do fazer História, produzindo outros sentidos em seu viver.

Palavras-chave: aula de História, ensino e aprendizagem, produção de sentido.

Referências

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
GONZÁLEZ REY, Fernando. **Sujeito e Subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
_____. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os Processos de Construção da Informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
_____. **O Pensamento de Vigotsky: contradições, desdobramentos e desenvolvimento**. São Paulo: São Paulo, Hucitec, 2013.
HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
HELLER, A. **O Cotidiano e a História**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
_____. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.
SCOZ, Beatriz J. Lima. **Identidade e subjetividade de professoras/es: Sentidos do aprender e do ensinar**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Estudos em Psicologia da Educação. PUC/SP, São Paulo, 2004.
VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

Trabalho 3: **A Subjetividade Social da escola: atuação do pedagogo no espaço-tempo da Coordenação Pedagógica no âmbito da SEDF**

Sandra Regina de Souza Santos, Universidade de Brasília, sandra.regina@edu.se.df.gov.br

Resumo

Esse trabalho faz parte da minha pesquisa de mestrado no qual tenho observado que a ênfase dada aos diagnósticos pelos docentes tem demandado uma parte considerável da jornada de trabalho dos pedagogos. Salientamos que apesar do objetivo geral descrito nas Orientações Pedagógicas das Equipes Especializadas de Apoio a Aprendizagem na Secretaria de Educação do Distrito Federal demonstrar a necessidade de se promover a análise crítica da identidade profissional e das suas práticas com vistas a superação de práticas desatualizadas isso não tem acontecido em muitas escolas. Muitas vezes, é perceptível que as escolas têm se preocupado em diagnosticar os estudantes com processos de aprendizagem diferenciados e deixado de lado viabilizar estratégias pedagógicas capazes de contribuir efetivamente para o trabalho docente e o processo de aprendizagem. Mitjáns Martínez e González Rey (2017),

reforçam essa percepção e vão além ao afirmarem que essa busca incessante por explicações biológicas para as dificuldades de aprendizagem podem desencadear diagnósticos errôneos e ser fruto gerador de sentidos subjetivos que amplificam os obstáculos para a aprendizagem escolar. Nesse contexto, pensamos ser a coordenação pedagógica o espaço primordial para desatar o nó da sobrecarga do trabalho do pedagogo em relação às queixas escolares, uma vez que é um momento privilegiado para a organização do trabalho pedagógico e a formação continuada. A utilização desse espaço atrelado ao Projeto Político Pedagógico da escola aproxima a concretização de práticas emancipatórias que repercutem no trabalho coletivo e na aprendizagem uma vez que há a atuação articulada entre coordenadores e pedagogos na criação de espaços e momentos favorecedores para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas diversificadas e a formação continuada dos docentes. O conceito de subjetividade social, no contexto escolar, ganha especial relevância para o trabalho do pedagogo na perspectiva teórica da subjetividade uma vez que entendemos que é na relação com os docentes no espaço da coordenação pedagógica que o pedagogo conseguirá consolidar sua atuação. A atuação do pedagogo possibilitaria a geração de sentidos subjetivos nos docentes a partir do trabalho exercido na coordenação. Dando continuidade a esse pensamento utilizamos a contribuição de González Rey quando este defende que "todos os sistemas humanos geram padrões sociais normativos contra os quais só a aparição do sujeito e suas produções subjetivas podem forjar novos caminhos." (Mitjáns Martínez et al, 2020, p.54) Pelo que foi demonstrado, é possível que a atuação do pedagogo da EEAA na perspectiva da subjetividade e o espaço-tempo da coordenação pedagógica podem colaborar significativamente para a diminuição das queixas escolares demandadas pelos docentes possibilitando transformações para o trabalho coletivo e a subjetividade social da escola?
Palavras chave: Subjetividade Social, Coordenação Pedagógica, Pedagogos.

Referências

DISTRITO FEDERAL, **Orientação Pedagógica - Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem**, 2010.
GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade. Teoria, Epistemologia e Método**. Campinas: Alínea, 2017
ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de; MARINHO-ARAUJO, Claisy Maria (orgs.). **Psicologia Escolar: construção e consolidação da identidade profissional.** Campinas: Alínea, 2005.
MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica**. São Paulo: Cortez, 2017.

Trabalho 4: **A Atividade de Estudo e a aprendizagem na perspectiva da subjetividade**

Flávia Pimenta de Souza Carcanholo, Universidade Federal de Uberlândia, flavia.carcanholo@Universidade Federal de Uberlândia.br

Resumo

A Atividade de Estudo foi fundamentada a partir do conceito de atividade proveniente dos estudos de Leontiev (1978). Conceitua-se como uma das atividades principais do ser humano

que se encontra na idade escolar considerando prioritariamente os aspectos cognitivos da aprendizagem, enquanto um ato de interiorização do conhecimento. A partir da hipótese de que, se olhasse para a Atividade de Estudo, considerando os processos subjetivos, ainda quando esse sistema didático estabelecesse a aprendizagem enquanto um ato cognitivo de interiorização do conceito, seria possível interpretar indicadores da aprendizagem na perspectiva da subjetividade. Nesse sentido, desenvolveu-se uma pesquisa em nível de doutorado, com uma turma de 1º ano do ensino fundamental, aplicando duas Atividades de Estudo. Na pesquisa pressupôs, que, em atividade, estabelece um problema e um propósito, produzindo simbólica e emocionalmente. Após as observações nas aulas, a realização das duas atividades de estudo e a interpretação e levantamento de indicadores, construiu-se agrupamentos com três categorias de indicadores que permitiram subsidiar elaborações mais contundentes à hipótese. Essas categorias evidenciaram os aspectos condicionantes e essenciais para a aprendizagem na Atividade de Estudo: 1) A relação entre a intenção e o ato na elaboração do propósito da Atividade de Estudo; 2) O indicativo da unidade simbólico-emocional na Atividade de Estudo; 3) A existência mútua: sujeito e atividade. Concluiu-se que, embora seja fundamental a organização didática do professor na elaboração de um planejamento para a aprendizagem de conceitos teóricos conforme a organização curricular e como dispõe a Atividade de Estudo, e, ainda, a ponto de contribuir com os estudantes para o movimento da participação, implicação e resolução das situações problemas, isso só irá acontecer se, de fato, a pessoa motivar a si mesma, produzir suas próprias intenções, estabelecer um sentido pessoal e emergir como sujeito na atividade. Assim, entende-se que a Atividade de Estudo é construída subjetivamente pelo sujeito, na unidade do simbólico e emocional, contrapondo a ideia de aprender apenas pelo viés cognitivo, em um processo de interiorização do conceito. *Questão para debate: Como desenvolver propostas didáticas que envolvam a aprendizagem de conceitos teóricos de maneira a primar pelo respeito às singularidades dos sujeitos?*

Palavras chave: Aprendizagem; Atividade de Estudo; Subjetividade

Referências

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade:** teoria, epistemologia e método. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F.; PUENTES, R. V. (Org.). **Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade:** discussões sobre educação e saúde. Uberlândia, EDUFU, 2019

MITJÁNS MARTINEZ, A; GONZÁLEZ REY, F. L. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar:** avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

PUENTES, R. V.; CARDOSO, C. G. C.; AMORIM, P. A. (Org.) **Teoria da Atividade de Estudo:** contribuições de D.B. Elkonin, V. V. Davidov e V.V. Repkin. Curitiba, PR: CRV; Uberlândia, MG: EDUFU, 2019.

VIGOTSKY, L; LURIA, A. R. LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone/ Edusp, 1988.

Eixo temático: 7. Desenvolvimento atípico e inclusão escolar na perspectiva da subjetividade (11 Trabalhos)

Coordenadora: Alexandra Ayach Anache – Universidade Federal do Matto Grosso do Sul

Temas centrais para o debate:

- O biológico e o subjetivo no desenvolvimento atípico;
- Análise crítica do diagnóstico clínico e da medicalização da aprendizagem desde a perspectiva da subjetividade;
- Estratégias de trabalho na escola e na família, visando a real inclusão escolar de alunos com desenvolvimento atípico.

Sessão 1 – 22 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **Estratégias pedagógicas diversificadas para o estudante público-alvo da Educação Especial numa análise baseada na Epistemologia Qualitativa**

Rochele Karine Marques Garibaldi, Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, rochele.garibaldi@Universidade Federal de Uberlândia.br
Bruna Lorena Barbosa Moraes, Prefeitura Municipal de Uberlândia, brunam.pedagogia@gmail.com
Priscila Gervásio Teixeira, Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, prigteixeirinha@yahoo.com.br
Luciana Soares Muniz, Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, luciana.muniz@Universidade Federal de Uberlândia.br

Resumo

O presente trabalho configura-se em uma pesquisa em andamento, vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisa Criatividade, Aprendizagem e Subjetividade, que visa investigar sobre estratégias pedagógicas diversificadas adotadas no trabalho docente e os possíveis impactos na aprendizagem de estudantes público da Educação Especial que demonstram necessidades de apoio em propostas realizadas no contexto escolar. A pesquisa fundamenta-se nos princípios do trabalho com o Diário de Ideias da autora Muniz (2020), ancorada na Teoria da subjetividade de González Rey (2017) e nas elaborações teóricas de Mitjáns Martínez (1997) ao tema da criatividade na aprendizagem. Nossa metodologia de pesquisa está resguardada pela Epistemologia Qualitativa de González Rey (2017) e abrange a educação inclusiva, análise de documentos da legislação, aportes teóricos no âmbito da perspectiva histórico-cultural que envolve o público da Educação Especial, caracterizado pelos estudantes com deficiência (física, visual, surdez), altas habilidades e transtorno do espectro autista. Reconhecemos que existem avanços efetivados neste campo de estudo e reconhecemos os desafios à organização e estrutura escolar, e assim a busca por alternativas curriculares com vistas a favorecer não só o acesso desse público, mas a sua permanência ativa e autônoma. Por meio de recursos, práticas

e propostas diversificadas e acessíveis, além de metodologias transformadoras como o Diário de ideias (MUNIZ, 2020), acreditamos na potencialização do aprender, bem como na ampliação das parcerias entre família e escola, buscando favorecer aprendizagens e desenvolvimento do estudante. Concebemos o desenvolvimento humano do estudante para além das suas condições orgânicas ou do laudo médico, entendendo os processos subjetivos como potencializadores das aprendizagens (VIGOTSKI, 2011). Realizamos análise de registros das crianças com interpretações e construções que contribuem para compreender os processos de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes, bem como seu envolvimento com as ações pedagógicas experienciadas, o avanço não somente consigo mesma, mas para com o coletivo, para com sua família e o outro na direção com o processo de ensino e aprendizagem, de maneira qualitativa. E num processo dialógico com tais recursos, a produção da pesquisa se utiliza das dinâmicas conversacionais, que foram realizadas com duas docentes, com as quais as pesquisadoras abriram um espaço para a expressão e conversação mais fluida, não se efetivando sob a forma de perguntas e respostas, mas permitindo às pesquisadoras captarem os elementos conforme seu interesse, porém resguardando o papel autoral e ativo das pesquisadas, na construção de suas experiências (GONZÁLEZ REY, 2017) Nessa concepção, problematizamos, como se efetivam as relações dialógicas entre práticas educacionais, inclusão e aprendizagem do estudante público-alvo da Educação Especial?

Palavras-chave: Estratégias Diversificadas; Público da Educação Especial; Epistemologia Qualitativa

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade:** Os processos de construção da informação. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Criatividade, personalidade e educação**. 3. Ed. Campinas: Papirus, 1997.

_____, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar**: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

MUNIZ, Luciana Soares. **Diário de ideias**: linhas de experiências. Uberlândia: EDUFU, 2020.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 863-869, dez. 2011.

Trabalho 2: **A ação profissional do psicólogo junto a estudantes com necessidades educacionais especiais: uma revisão sob a perspectiva da Teoria da Subjetividade**

Tatiana Rabitto, Universidade Federal do Paraná, tatiana.rabitto@gmail.com
Norma da Luz Ferrarini, Universidade Federal do Paraná, normadaluzf@gmail.com

Resumo

Os princípios da Epistemologia Qualitativa, da Teoria da Subjetividade e da Metodologia construtivo-interpretativa para estudo da subjetividade, propiciaram que as pesquisadoras, reconhecidas em seu lugar de sujeito, se envolvessem em reflexões sobre a educação especial e inclusiva e dialogassem com a pesquisa. A qual teve por objetivo analisar artigos científicos referentes à atuação de psicólogos junto a estudantes com necessidades educacionais

especiais, na educação básica brasileira, sob a perspectiva Cultural-histórica da Teoria da Subjetividade, proposta por Fernando González Rey e Albertina Mitjáns Martínez (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). No campo escolar, o psicólogo pode contribuir na compreensão dos processos envolvidos, na qualidade e tipos de aprendizagem, na promoção de espaços comunicativos e relacionais, em novas formas de conduzir o processo de diagnóstico psicopedagógico, no desenvolvimento de estratégias favorecedoras da aprendizagem e do aluno como sujeito, na sensibilização do professor quanto aos aspectos subjetivos envolvidos na aprendizagem: visando mudanças necessárias nas práticas tradicionais ou por meio de novas formas de atuação do psicólogo no contexto escolar. O método de revisão integrativa de literatura (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008) viabilizou a discussão das informações identificadas, com as proposições da Teoria da Subjetividade. Entre elas o conceito de ação profissional (GONZÁLEZ REY; GOULART; BEZERRA, 2016) e a caracterização da atuação profissional entre formas tradicionais, emergentes ou combinadas (MITJÁNS MARTÍNEZ, 2010). Os artigos incluídos descreveram atuações que se distanciaram do modelo clínico e relataram ações profissionais concordantes ao caráter proposto pela Teoria da Subjetividade aos psicólogos na educação, com atuação não diretiva do profissional, favorecedora de novos sentidos subjetivos nos estudantes e comunidade escolar, promovendo o posicionamento crítico, ativo e criativo dos envolvidos (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017). Contudo, foram encontrados artigos relatando intervenções diretivas e individualizantes. Concluiu-se que há espaço para novas ações profissionais dos psicólogos, especialmente no que se refere a contemplar a dimensão subjetiva da aprendizagem e a subjetividade social configurada nestes espaços escolares. Diante disso, questiona-se: *Que ações profissionais do psicólogo na escola, voltadas à educação inclusiva, devem ser priorizadas para contemplar a dimensão subjetiva da aprendizagem?*

Palavras chave: Atuação do Psicólogo; Educação Inclusiva; Teoria da Subjetividade.

Referências

GONZÁLEZ REY, F.L.; GOULART, D.M.; BEZERRA, M.S. Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. **Educação,** v.39, n.esp., p.54-65, 2016. Disponível em: http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2016.s.24379. Acesso em: 05 jul. 2021.

GONZÁLEZ REY, F.L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C.M. Revisão Integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.17, n.4, p.758-64, dez. 2008. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018. Acesso em: 05 jul. 2021.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. O que pode fazer o psicólogo na escola? **Revista Em Aberto**, Brasília, DF, v.23, n.83, p.39-56, mar. 2010. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6292/1/ARTIGO_QuePodeFazer.pdf. Acesso em: 05 jul. 2021.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F.L. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar**: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

Trabalho 3: **Relação docente-discente e alfabetização de crianças com TEA: conceitos e possibilidades de aprendizagens**

Joelma Augusto de Oliveira, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, joelmaaugusto@hotmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender a produção subjetiva de uma criança que apresenta Transtorno do Espectro Autista no seu processo de alfabetização. A fundamentação teórica está na Teoria da Subjetividade, proposta por González Rey (2002, 2004, 2017), dentro da perspectiva histórico-cultural. Para essa análise, realizou-se uma pesquisa baseada na Epistemologia Qualitativa, valendo-se do método construtivo-interpretativo. Participaram desse processo, uma ex-professora do estudante, a genitora e a criança. Para a manutenção do diálogo utilizamos diversos instrumentos: entrevista, desenho, produção de escrita espontânea, confecção-utilização de jogos pedagógicos, diário de bordo, portfólio, atividades cênicas e artísticas. No contexto da observação desse processo de aquisição de leitura e da escrita, foi possível perceber a maneira como o estudante compreendia as informações trabalhadas no decorrer do período, seguindo-se uma rotina previamente estabelecida e conhecida pelo mesmo. Inicialmente foi necessário utilizar o Currículo Funcional, atividades de vida autônoma, para a adaptação do aluno ao ambiente escolar. Em seguida foram trabalhadas atividades psicomotoras e estimulado a desenvolver e estimular habilidades motoras e sensoriais necessárias para o processo de alfabetização, diferenciação de letras, números e signos. A partir desse momento, o aluno começou a compreender o processo da leitura e da escrita através de seu próprio mecanismo de assimilação com atividades padronizadas sobre o alfabeto, a relação som e letra até a formação das palavras. A alfabetização ocorreu quando o aluno entendeu a junção de cada família silábica na formação de palavras e reproduziu o conhecimento passo a passo com cada consoante do alfabeto até compreender o sistema total através de atividades, jogos, observações dialógicas constantes, apoio familiar nas atividades extraclasse, material concreto, recursos lúdicos e tecnológicos e produção com intermediação, visto que o sujeito com o transtorno do espectro frequentemente necessita de um modelo prévio para reprodução e posteriormente utilização de recursos pessoais na construção de seu conhecimento gerando um modelo de inteligibilidade personalizado nesse processo de subjetivação de sua aprendizagem. Quais aspectos o professor envolvido no processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista precisa considerar em sua relação com o discente na tentativa de favorecer o desenvolvimento subjetivo do mesmo?

Palavras chave: Alfabetização - Transtorno do Espectro Autista – Produção Subjetiva

Referências

MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. Psicologia escolar e compromisso social: novos discursos, novas práticas. 2ª edição, Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. Criatividade e Deficiência: por que parecem distantes? Linhas Críticas, Brasília, v. 9, n. 16, jan./jun. 2003.

REY, Fernando L. González; GOULART, Daniel Magalhães. Teoria da Subjetividade e Educação. Revista Obutchénie: R. de Didat. e Psic. Pedag.|Uberlândia, MG|v.3|n.1|p.13-33|jan./abr. 2019 https://www.researchgate.net/publication/336664104_Teoria_da_Subjetividade_e_educacao
TACCA, Maria Carmen Villela Rosa; BRANCO, Angela Uchoa. Processos de significação na relação professor-alunos: uma perspectiva sociocultural construtivista. 2008. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2008000100005&script=sci_arttext&tlng=pt
MUNIZ, Luciana Soares; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. A expressão da criatividade na aprendizagem da leitura e da escrita: um estudo de caso. 2014. https://www.scielo.br/j/ep/a/7PD4Kx6sKj8Db6NX36gby9M/?format=pdf&lang=pt

Trabalho 4: **O Diário de Ideias e corporeidade na construção do agenciamento na aprendizagem junto a crianças com necessidades educacionais especiais**

Juliene Madureira Ferreira, Faculty of Education and Culture, Tampere University – Finlândia, Juliene.madureiraferreira@tuni.fi
Luciana Soares Muniz, Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, luciana.muniz@Universidade Federal de Uberlândia.br

Resumo

Um dos objetivos centrais do professor ao longo do processo de escolarização de alunos com necessidades educacionais especiais é construir a autonomia da criança no seu processo de aprender. Essa autonomia esta intimamente relacionada ao senso de agenciamento da criança, ou seja, a capacidade de reconhecer que sua ação gera, causa, constrói uma realidade específica. O foco reside na análise dos processos reflexivos e intencionais que fundamentam a construção do senso de agenciamento ao longo do processo de ensino e aprendizagem propiciados pela prática pedagógica *Diário de Ideias* (MUNIZ, 2020), que consiste em uma metodologia desenvolvida por Muniz (2020) a partir da Teoria da Subjetividade de González Rey (2017) e das elaborações de Mitjáns Martínez (1997) no campo da criatividade na aprendizagem. Tem como pilar promover uma metodologia que favoreça a expressão da criatividade na aprendizagem dos estudantes, com ênfase em experiências de rodas dialógicas e registros autorais e protagonistas dos aprendizes em diários, por meio de diferentes linguagens e formas de expressão humana. Participam desse estudo um grupo de crianças finlandesas de 7 a 9 anos com demandas diversas, que frequentam uma sala especial (multi série) em uma escola pública. As crianças são agrupadas temporariamente na sala especial, e recebem atendimento especializado que dão suporte ao seu retorno a sala regular. Recorremos aos princípios da Epistemologia Qualitativa desenvolvida por González Rey. Utilizamos como instrumentos de pesquisa gravações de vídeo para registros dos momentos de roda de conversa sobre o diário das crianças, durante as atividades originadas das ideias das crianças, e dos trabalhos em grupo na sala de aula. Ainda, produzimos informações por meio de dinâmicas conversacionais semanais com a professora regente e através dos registros realizados pelas crianças nos diários. As análises incluem a microanálise dos vídeos, buscando identificar como as crianças constroem as narrativas de suas experiências, e as análises de conteúdo dos próprios diários de ideias e das dinâmicas conversacionais com as professoras.

Os resultados preliminares na Finlândia apresentam (1) um aumento gradual no envolvimento social das crianças, o que permite a criança ampliar suas redes sociais na escola, aprender com seus pares, e efetivamente participar das experiências coletivas; (2) a integração bem-sucedida dos temas de interesse das crianças no currículo escolar, dando visibilidade aos interesses das crianças com necessidades educacionais especiais bem como as suas fontes de experiências fora da escola; e (3), evidências de processos reflexivos nas narrativas e ações das crianças sobre sua aprendizagem. Os resultados preliminares deste estudo apoiam a continuidade da ampliação dessa prática, destacando as potenciais contribuições teórico-metodológicas no campo da educação inclusiva.
Quais são os benefícios da prática pedagógica na perspectiva da subjetividade para a escolarização da criança com desenvolvimento atípico a longo prazo?
Palavras-chave: Diário de Ideias, Educação Especial, Epistemologia Qualitativa

Referências
GONZÁLEZ REY, Fernando. The topic of subjectivity in psychology: Contradictions, paths and new alternatives. **Journal for the Theory of Social Behaviour**. 2017.
MUNIZ, Luciana Soares. **Diário de ideias**: linhas de experiências. Uberlândia: EDUFU, 2020.
MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Criatividade, personalidade e educação**. 3. Ed. Campinas: Papirus, 1997.

Trabalho 5: **A voz e a subjetividade: dinâmica relacional ledor-estudante cega**
Carolina E. Canuto, Universidade de Brasília, canutocarolina13@gmail.com
Cristina M. Madeira-Coelho, Universidade de Brasília, cristina.madeira.coelho@gmail.com

Resumo
Entendemos que a experiência da leitura nos afeta no contato com o texto, e o leitor cego em companhia de um ledor vive o momento de leitura pela escuta. As elaborações de Larrosa (2003, 2004, 2011) e Cantú (2011, 2014) permitem discussão dessa temática que avança orientada pela Teoria da Subjetividade de González Rey (2011,2017). Durante a experiência de leitura o indivíduo estabelece um elo entre produções simbólicas e emocionais, não apenas se relaciona com a informação proveniente do texto, como também utiliza e cria símbolos desse espaço cultural resultando em produções simbólicas, que são inseparáveis das emocionais. O leitor cego ao buscar ajuda técnica do ledor, independentemente de sua vontade, contará com a voz de outro para dar vida ao texto, assim Zumthor (1997, 2001) nos conduz à compreensão de que a vocalidade é constituída se moldando ao tempo e espaço onde acontece a leitura. Essencialmente, durante a atividade de ler em voz alta emergem integradas produções emocionais e simbólicas que podem tocar quem escuta, e este compartilhamento da leitura, portanto, desloca estas produções para a ordem das relações humanas. Este encontro humano, entre ledor e estudante cego, configura-se como uma relação dialógica, e albergam aspectos da qualidade humana que se organizam por modos singulares de sentir e expressar produções subjetivas dos indivíduos que se inserem neste contexto relacional (MADEIRA- COELHO, 2020, no prelo). Neste contexto, o arcabouço teórico desenvolvido por González Rey na Teoria da Subjetividade, Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa tem fornecido

elementos significativos para a construção de inteligibilidades acerca deste ambiente relacional. A utilização da categoria configuração subjetiva tem sido substancial neste percurso para a compreensão almejada sobre às configurações subjetivas geradas por ledores e estudante cega em um contexto relacional de leitura. O lócus da pesquisa é o atendimento de leitura viabilizado pelo Projeto Clube do Ledor. Localizado no Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais (CEEDV) em Brasília-DF, o Projeto há 21 anos promove o atendimento de leitura com ledores voluntários para apoio pedagógico. O estudo em seu objetivo geral, pretende compreender as produções subjetivas constituídas na inter-relação entre ledores voluntários do Projeto Clube do Ledor e uma estudante cega, na modalidade virtual, e assim gerar novas inteligibilidades sobre essa prática como suporte de processos de aprender. A ênfase na subjetividade permite reflexões sobre a constituição subjetiva dos ledores voluntários e as implicações dessas produções em sua atuação. A questão que se coloca neste momento da pesquisa é: Como podemos favorecer uma constituição profissional de ledores que orientem sua ação ao estímulo do desenvolvimento humano?
Palavras-chave: ledor, estudante cego, teoria da subjetividade.

Referências
GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTINEZ, Albertina. **Subjetividade Teoria, Epistemologia e Método**. Campinas: Editora Alínea, 2017.
LARROSA, Jorge. Literatura experiência e formação. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org). **Caminhos Investigativos:** Novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação, 1996. cap. 6, p. 133-161.
MADEIRA-COELHO, Cristina M. **Dialogue as a subjective process:** impacts on learning and development in classroom. Brasília, 2020. No prelo.
ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

Trabalho 6: **O professor da educação especial emergindo como sujeito no contexto da inclusão**
Bruno de Oliveira Sales Mota, Universidade Estadual do Ceará, bruno_salles12@hotmail.com
Geandra Cláudia Silva Santos, Universidade Estadual do Ceará, geandra.santos@uece.br

Resumo
A Educação Especial nem sempre é desenvolvida de forma inclusiva, mesmo sendo um direito do seu público alvo. Portanto, é importante refletir sobre a contribuição da formação neste contexto, pois a figura do professor é central no processo de inclusão. Ser professor de Atendimento Educacional Especializado (AEE) não torna o docente, necessariamente, um indivíduo que desenvolve seu trabalho de maneira inclusiva. O professor de AEE precisa se constituir como sujeito ante à subjetividade social brasileira na qual se configura a Educação Especial, o que requer tensão necessária com a subjetividade social dominante na maioria das escolas (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2019). Ademais, a dimensão subjetiva do professor não tem se constituído como elemento relevante na maioria das formações. Neste sentido, por meio de uma pesquisa de mestrado em Educação na UECE, buscou-se compreender como duas professoras do AEE expressavam as produções subjetivas mobilizadas nas experiências formativas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à

Docência (PIBID) em suas configurações subjetivas da profissão docente, como bolsistas supervisoras. Partindo da Teoria da Subjetividade, seguimos a Metodologia Construtivo-Interpretativa, fundamentada na Epistemologia Qualitativa de González Rey, desenvolvendo estudos de casos (GONZÁLEZ REY, MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). O PIBID se constitui um espaço de formação continuada para professores da Educação Básica. Neste contexto, destacamos o caso de Raquel que gerou sentidos subjetivos necessários para o enfrentamento dos desafios de sua prática pedagógica, assim expressados nos indicadores e hipóteses: aprendizagem, aprimoramento e inovação em seu trabalho; desenvolvimento de instrumentos pedagógicos para o AEE; reforço de sua postura ativista nas lutas políticas pela inclusão. Estes aspectos estavam intrinsecamente articulados à sua empatia com os alunos que atendia, movida por suas próprias limitações físicas, nutrindo em Raquel forte identificação com a Educação Especial. Ademais, foi possível perceber que a aprendizagem tinha um alto valor emocional para ela, favorecendo sua identificação com o PIBID, que se tornou muito importante em sua vida. A formação no PIBID foi subjetivada como experiência favorável na configuração subjetiva da profissão docente de Raquel, porque correspondia às necessidades emergentes da sua prática educativa. Se o contexto formativo dialoga com as expectativas do professor, evidencia-se que há desenvolvimento e aprendizagem (ARANHA, AGUIAR, 2016). Emergindo dessas construções, lançamos a seguinte interpelação: como os espaços de formação podem ser mobilizadores de recursos subjetivos associados ao compromisso com a inclusão?
Palavras chave: Configuração Subjetiva da Profissão. Educação Especial. Sujeito.

Referências

ARANHA, Elvira Godinho; AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. A dimensão subjetiva da gestão escolar: uma análise a partir dos sentidos e significados de participantes de equipes gestoras sobre a atividade desenvolvida. In: AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; BOCK, Ana Mercês Bock. *Dimensão subjetiva do processo educacional*. São Paulo: Cortez, 2016.
GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. *Subjetividade*: teoria, epistemologia e método. Campinas, SP: Alínea, 2017.
MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. A Preparação para o Exercício da Profissão Docente: Contribuições da Teoria da Subjetividade. In: ROSSATO, Maristela; PERES, Vannúzia Leal Andrade Peres. *Formação de Educadores e Psicólogos*: Contribuições E Desafios Da Subjetividade Na Perspectiva Cultural-Histórica. Curitiba: Appris, 2019.

Sessão 2 – 23 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **Pensamiento clínico contemporáneo e inclusión educativa**

Patricia Álvarez, Universidad de Buenos Aires, Facultad de Psicología, Cátedra de Psicopedagogía Clínica, patricia.alvarez212@gmail.com
Gustavo Cantú, Universidad de Buenos Aires, Facultad de Psicología, Cátedra de Psicopedagogía Clínica, gstvcnt@gmail.com

Resumen
Las siguientes reflexiones son parte del trabajo de investigación del subsidio UBACyT "Procesos subjetivos y simbólicos contemporáneos comprometidos en el aprendizaje escolar: nuevas conceptualizaciones e intervenciones", dirigido por la Dra. Patricia Alvarez, que tiene como objetivos principales:

- *Aportar conceptualizaciones sobre las relaciones entre los procesos psíquicos, las modalidades específicas de producción simbólica y de aprendizaje en niños y adolescentes desde una perspectiva compleja.*
- *Conceptualizar las patologías de simbolización contemporáneas detallando los procesos subjetivos y simbólicos en juego, para evitar la estigmatización y la homogeneización de las dificultades en el aprendizaje.*
- *Proponer nuevas estrategias de intervención para la transformación de las dificultades subjetivas ligadas a la producción de conocimientos.*

Trabajamos en la articulación de los campos de la salud y de la educación para realizar una revisión crítica de las conceptualizaciones sobre sujeto, subjetividad, simbolización y aprendizaje frente a los cambios socioculturales de la época, poniendo en relación la propuesta de pensamiento complejo de E. Morin (MORIN, 2001), el modelo teórico y epistemológico de la subjetividad y de metodología cualitativa de F. Gonzalez Rey (GONZALEZ REY 2012, 2019; GONZALEZ REY Y MITJANS MARTINEZ, 2016 y MITJANS MARTINEZ, GONZALEZ REY y VALDÉS PUENTES, 2020) y el Psicoanálisis Contemporáneo (GREEN y URRIBARRI, 2015). Nuestra intención en este simposio es proponer un proyecto de construcción de un entramado conceptual interdisciplinario que albergue la complejidad y la heterogeneidad de los procesos en estudio, profundice el análisis de los problemas y aporte nuevas conceptualizaciones. La relación entre estas perspectivas teóricas estableciendo un puente de articulación entre ellas e incorporando el análisis de las dimensiones histórico-sociales, institucionales, intersubjetivas e intrapsíquicas, puede generar tensiones entre las diferencias y encuentros con las alteridades que potencien la apertura del pensamiento. En esta línea pensamos el abordaje clínico de las dificultades de simbolización que se expresan en problemas de aprendizaje en la escuela como un proceso de investigación sobre las modalidades subjetivas de creación de sentido, las problemáticas afectivas, la diversidad de conflictivas intersubjetivas e intrapsíquicas en juego, para generar propuestas de intervención transformadoras y potenciadoras de la imaginación y la autonomía del pensamiento. El trabajo de investigación en la escuela sobre el despliegue de la imaginación y la creatividad nos permite pensar condiciones favorecedoras de la inclusión que articulen la experiencia singular con la dinámica compartida de la vida institucional. Poner en tensión y en recursividad las relaciones entre los dos campos nos permiten abrir algunos interrogantes: ¿Qué funciones tiene el encuadre en el proceso terapéutico y en el aprendizaje escolar? ¿De qué manera promueve una ética de la inclusión y la pluralidad? ¿Cómo incluye las diferencias estimulando la elaboración y el despliegue de los conflictos sin evitarlos? ¿Cómo trabaja desarmando la homogeneización de las concepciones de sujeto y subjetividad? ¿Cómo incluye la diversidad de temporalidades de la infancia, la adolescencia y los procesos de complejización simbólica que demanda el aprendizaje escolar?
Palabras-clave: pensamiento clínico - inclusión - subjetividad

Referencias

GONZÁLEZ REY, F. O social como produção subjetiva: superando a dicotomia individuo-sociedad numa perspectiva cultural-histórica. **Estudos Contemporáneos da Subjetividade**, v. 2, n. 2, p. 167-185, 2012.
GONZÁLEZ REY, F. Methodological and Epistemological Demands in advancing the study of subjectivity. **Culture & Psychology**, v. 26, n. 3, p. 562-577, 2019.
GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Una epistemología para el estudio de la subjetividad: sus implicaciones metodológicas. **Psicoperspectivas (Online):** Individuo y Sociedad, v. 15, p. 5-16, 2016.
MITJANS MARTÍNEZ, A., GONZÁLEZ REY, F. Y VALDÉS PUENTES, R.. **Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade** : discussões sobre educação e saúde. Brasilia, Brasil: EDUFU. 2020.
MORIN, E., **Introducción al Pensamiento Complejo**.. Barcelona, España; Gedisa. 1990.
GREEN, A. y URRIBARRI, F. . **Del pensamiento clínico al paradigma contemporáneo**. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. 2015
GREEN, A. **El pensamiento clínico.**. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. 2010.

Trabalho 2: **O processo de avaliação de estudantes com necessidades educacionais especiais.**
Tatiana Rabitto, Universidade Federal do Paraná, tatiana.rabitto@gmail.com

Resumo
A forma tradicional de atuação relacionada à avaliação, atendimento e encaminhamento de alunos com dificuldades escolares é a que tem maior destaque na representação social das funções do psicólogo na educação (MITJÁNS MARTÍNEZ, 2010). Uma parte da pesquisa "*A ação profissional do psicólogo junto a estudantes com necessidades educacionais especiais: uma revisão sob a perspectiva da Teoria da Subjetividade*" analisou avaliações direcionadas a estudantes com dificuldade escolar ou suspeita de deficiência. Entre onze artigos analisados, um teve como eixo teórico-metodológico a Teoria da Subjetividade, o de Cupolillo e Freitas (2007) – concluiu que essa atuação deve otimizar recursos subjetivos do estudante e dos demais envolvidos, por meio da construção do processo avaliativo, voltado à descoberta de possibilidades da criança no contexto escolar. Mitjáns Martínez e González Rey (2017) apontam que o modelo quantitativo, amplamente criticado, começa a ser superado por um processo avaliativo que considera a dimensão subjetiva da aprendizagem e contempla o caráter qualitativo, processual, construtivo, integrativo e singular do diagnóstico. Na perspectiva Cultural-histórica da Teoria da Subjetividade considera-se a avaliação das possibilidades de aprendizagem, visando produzir conhecimentos sobre as características psicológicas do sujeito, relacionadas com suas condições sociais, avançando para além dos sintomas e constituindo-se um processo contínuo, com objetivo de analisar qualitativamente o que o estudante é capaz de fazer, nos diversos espaços em que convive. Considerar a dimensão subjetiva da aprendizagem nos processos de avaliação acarreta mudanças na forma de organizar e conduzir o processo avaliativo, desafio que deve ser encarado com base no conhecimento de que a produção de sentidos subjetivos não é diferente nestas pessoas (ANACHE, 2018; 2012). Portanto, o avaliador deve utilizar estratégias e instrumentos que favoreçam a expressão do sujeito e permitam o reconhecimento de seu papel ativo. O momento avaliativo, considerado em sua processualidade, em seu aspecto qualitativo, singular e

interativo pode, portanto, se constituir em um espaço relacional, favorecedor da emergência dos sujeitos e onde seja possível identificar as possibilidades de aprendizagem deste estudante. Assim, questiona-se: *Como o psicólogo pode construir uma avaliação no contexto escolar, considerando a dimensão subjetiva da aprendizagem?*

Palavras chave: Avaliação Psicológica; Educação Inclusiva; Teoria da Subjetividade.

Referências

ANACHE, A.A. Dimensões subjetivas envolvidas na avaliação da aprendizagem de pessoas com deficiência intelectual. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A. SCOZ, B.J.L. CASTANHO, M.I.S. (Orgs.) **Ensino e Aprendizagem:** a subjetividade em foco. Brasília: Liber Livros, 2012. p.219-247.

ANACHE, A.A. Avaliação Psicológica na Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v.38, n.spe, p.60-73, 2018. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000208800. Acesso em: 05 jul. 2021.

CUPOLILLO, M.V.; FREITAS, A.B.M. de. Diferença: condição básica para a constituição do sujeito. **Psicologia Escolar e Educacional (Impr.)**, Campinas, v.11, n.2, p.379-389, dez. 2007. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572007000200015. Acesso em: 05 jul. 2021.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. O que pode fazer o psicólogo na escola? **Revista Em Aberto**, Brasília, v.23, n.83, p.39-56, mar. 2010. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6292/1/ARTIGO_QuePodeFazer.pdf. Acesso em: 05 jul. 2021.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F.L. **Psicologia, Educação e Aprendizagem Escolar**: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

Trabalho 3: **Estudantes com deficiência e eja-interventiva: a subjetividade social em foco**

Lucinete Teixeira dos Santos Sampaio, Secretaria de Educação do Distrito Federal, lucinete@gmail.com

Cristina Massot Madeira Coelho, Universidade de Brasília, cristina.madeira.coelho@gmail.com

Resumo

Este estudo teve como objetivo compreender aspectos da subjetividade social da escola, constituídos em relação à inclusão de estudantes com deficiência na EJA-Interventiva. O estudo foi desenvolvido em uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal. A pesquisa tem como base teórica a Teoria da Subjetividade de González Rey, que reconhece a subjetividade como processo cultural-histórico de caráter gerador a partir do vivido, da experiência humana. Também, adotaram-se a Epistemologia Qualitativa e a metodologia construtivo-interpretativa, do mesmo pensador. Nelas, o conhecimento científico é desenvolvido como modelo teórico na articulação entre História, Cultura, fenômenos sociais e subjetividade. Os diferentes instrumentos e estratégias de abordagem adotadas durante a investigação privilegiaram o diálogo, favorecendo aos participantes – gestores, professores, estudantes – expressões espontâneas de produções simbólico-emocionais. A construção teórica, pela coerência e congruência, entre indicadores e hipóteses, produziu inteligibilidade a diferentes processos de subjetivação, como configurações da inclusão da EJA-Interventiva na EJA. O estudo permitiu

compreender que a escola tem sua subjetividade social constituída de valores e crenças que favorecem processos configuracionais que são compartilhados por grande parte do coletivo escolar. Foi possível entender também que alguns grupos dentro da escola organizam-se por afinidades e consensos, constituindo subjetividades sociais que se expressam como configurações singulares de cada grupo. Nelas, há contradições, dissensos, consensos, crenças, valores e normas que se desdobram também no modo como o coletivo docente configura subjetivamente o entendimento da inclusão de estudante DI e TGD na Educação de Jovens e Adultos. Esses processos de subjetivação expressam-se como estranhamento, rejeição, silenciamento e invisibilidade do grupo. Dessa forma, propõe-se que a inclusão das classes da EJA-Interventiva aparentemente está configurada na escola sob uma perspectiva de integração educacional. Todavia, há atores sociais – professores – atuando como sujeitos, produzindo tensionamentos à subjetividade social da escola, o que favorece pequenas e sensíveis mudanças no processo de inclusão educacional do estudante da EJA-Interventiva. O trabalho mostrou que há outros aspectos a serem investigados. Trago algumas questões que surgiram: Como as produções da subjetividade social se articulam ao que professores produzem na subjetividade individual que os organizam frente aos processos legais normatizadores da inclusão? Quer dizer, como vincular produções subjetivas individuais à políticas educacionais?

Palavras-chave: Teoria da Subjetividade, Inclusão, EJA-Interventiva.

Referências

GONZÁLEZ-REY, F.; MITJÁNZ MARTÍNEZ. **Subjetividad**e: teoria, epistemologia e método. São Paulo: Alínea, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Subjetividade social: desafios de um conceito. **Teoria da subjetividade**: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional. 1 ed. Campinas, SP: Alínea, 2020, p. 47-66.

SOARES, Leôncio José Gomes. A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais. **Revista Presença Pedagógica**, v. 2, n.º11, Dimensão, set./out., 1996.

Trabalho 4: **Autismo na perspectiva da subjetividade: Contextos pedagógicos no ambiente escolar.**

Cindia R. e S. Carpina Cury, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, cindcarpina@gmail.com

Maria Zenaide Gomes, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, zenaidegc@gmail.com

Resumo

O acompanhamento do desenvolvimento pedagógico e didático de estudantes autistas é uma problemática atual que proporciona espaços para grandes possibilidades de desenvolvimento de potenciais educacionais quando a proposta escolar encontra-se vinculada ao aparecimento do sujeito que aprende. A proposta deste trabalho é, em um processo de ausculta, desenvolver uma jornada de ancoragem mental na e para a aprendizagem em crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista - TEA. Para esta caminhada, são convidados à suportar

teoricamente esta pesquisa autores como Tacca (2008), Jodelet (1990), Moscovici (1990) González Rey (2005) e Nelson (2018), chamando à linha de frente o aspecto constituinte do social no sujeito que aprende associado aos fatores contribuintes para o desencadear das aprendizagens escolares em crianças autistas no Ensino Fundamental de 9 anos - Anos Iniciais. Ainda, levando em consideração a importância e a essencialidade dos processos sociais, afetivos, emocionais, cognitivos no desenvolver de aprendizagens escolares, faz-se necessário discutir de que maneira este tecido pode ser engrandecido quando se tem delineado pela escola, a autonomia do sujeito que aprende como um dos seus grandes objetivos, e desenvolvê-lo, tendo como sustentação os processos interdisciplinares e transdisciplinares. Isto se manifesta por que, uma das grandes demandas da atualidade no fazer didático está relacionada a como desenvolver um Currículo escolar ainda pautado em conteúdos e observações da aprendizagem sistematizada, com os centros de interesse de quem é o recebedor dos fazeres escolares: a criança. Portanto, fortalecer a proposição de ações pedagógicas e didáticas que lancem mão das potencialidades destes escolares atribuindo-lhes a autoria da própria aprendizagem e utilizando a pedagogia como processo e instrumento interventor de grande impacto nas escolhas de aprendizagens que os estudantes autistas venham a declarar, com ou sem olhar nos olhos do mediador que com ele trabalha, é de grande importância para o desenvolvimento destes estudantes e, neste contexto, a escola entra não apenas como mais um espaço frequentado pelo estudante autista, mas talvez como o grande espaço-tempo em que ele ou ela consiga se projetar se vendo e se sentido em um todo social complexo. A necessidade desta pesquisa se manifesta também pelo fato da Escola Pública em questão receber ano a ano uma demanda cada vez maior em sua clientela de crianças diagnosticadas ou em via de diagnóstico médico para TEA. São crianças entre 6 e 10 anos de idade que, em conjunto com seus familiares buscam na escola, um possível ponto pacífico para o desenvolvimento global de seus filhos e filhas e, a escola, com todo o seu potencial pode despontar como este lugar.

Palavras-chaves: autismo, sujeito que aprende, ancoragem.

Referências

BOST, WJ, Tager-Flusberg H e Nelson CA (2018). Análise de EEG para detecção precoce do transtorno do espectro do autismo: uma abordagem baseada em dados. Scientific Reports, 8 (1): 6828. PMCID: PMC5931530.

JODELE, Denise. Reperesétatiom sociale: phenómemès, concept et theorie. In: Phisicology sociale, Paris: PUF, 1990.

TACCA, M. C. V. R. (Org.). Aprendizagem e trabalho pedagógico. Campinas, SP: Ed Alínea, 2006.

_____. O professor investigador: criando possibilidade para novas concepções

GONZÁLEZ REY. F. Comunicación, Personalidad y Desarollo. La Habana, Pueblo y Educación, 1995.

_____. Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____. Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios. São Paulo, Thomson, 2002.

_____. Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural. Tradução: Raquel Souza Lobo Guzzo. 1. reimpr. da 1. ed. de 2003. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005a.

_____. Pesquisa Qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo. Thomson, 2005b.
MOSCOVICI, Serge. L'ère des représentation sociales. In: Textes de base en psychologie. Paris: TDB, 1990.
NELSON, CA (1995). A ontogenia da memória humana: uma perspectiva da neurociência cognitiva. Developmental Psychology, 31, 723-738.

Trabalho 5: **Práticas de linguagens como processo de constituição da subjetividade do aluno surdo**

Karine Albuquerque de Negreiros, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul , karinea1987@hotmail.com
Nelson Dias, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul , nelsonufms@hotmail.com
Alexandra Ayach Anache, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul , alexandra.anache@ufms.br

Resumo
As discussões sobre constituições da subjetividade das pessoas com surdez em processo de escolarização têm se configurado como um campo vasto de pesquisas nos últimos anos, em especial, por sua condição bilíngue e pertencente ao grupo de minoria linguística. Dessa forma, temos por objetivo compreender as implicações do uso de duas línguas durante o processo de desenvolvimento da linguagem como um fator constituinte do subjetivo do estudante surdo e determinante durante o processo de ensino aprendizagem. Trata-se de um ensaio teórico na perspectiva cultural-histórica fundamentado na teoria da subjetividade de Gonzalez Rey, fazendo um diálogo com as obras de Vygotsky (1982). A discussão foi construída com base na abordagem dialógica, construtiva e interpretativa, possibilitando compreender e analisar as práticas de linguagem dos surdos frente aos diferentes sentidos subjetivos de sua relação com cada uma das línguas no processo de ensino aprendizagem. Dessa forma, a linguagem é a percursora do processo de ensino aprendizagem, segundo Vygotsky (1982), ela se desenvolve e estabelece nas relações com outros, em diferentes contextos sociais. Entendendo a língua de sinais como minoritária, de uma comunidade determinada, e sabendo que as crianças surdas, desde a mais tenra infância, estão inseridas em um ambiente da língua majoritária, as práticas de linguagem são fator constitutivo importante da subjetividade, que por sua vez, incide no processo de aprendizagem. Considerando o proposto por González Rey (2003) de que a subjetividade se apresenta a todo momento na dialética entre o momento social e o individual, as discussões deste estudo nos apontam a necessidade da escola pensar as relações do surdo com a línguas que lhes constituem como sujeito bilíngue, sem perder de vista que a subjetividade é construída em lugares e em tempos sócio ideológicos distintos; sendo fundamental pensar nos espaços educacionais como parte da constituição dos sujeitos, e considerando as práticas de linguagem que caracterizam a singularidade do sujeito surdo nos processos educativos. Dessa forma, compreender a constituição da subjetividade do sujeito surdo em diferentes contextos de aprendizagem poderiam contribuir para avançarmos em abordagens educacionais mais justas e acessíveis para esse público.

Palavras-chave: Surdez. Línguas. Subjetividade. Práticas de Linguagem.

Referências

BAKHTIN, M.M.; VOLOCHINOV, V.N. (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.
GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2003.
VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 1987
VYGOTSKY, L.S. **Obras Escogidas: problemas de psicologia geral**. Gráficas Rogar. Fuenlabrada. Madrid, 1982.

Sessão 3 – 29 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00 - Discussão final

Eixo temático: 8. Psicoterapia, práticas clínicas e subjetividade (5 trabalhos)

Coordenadora: Vannúzia Leal Andrade Peres – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Temas centrais para o debate:

- A concepção de psicoterapia na perspectiva da subjetividade;
- Análise do campo da saúde mental e do conceito de transtorno mental à luz da perspectiva da subjetividade;
- Sujeito e desenvolvimento subjetivo na psicoterapia e nas práticas clínicas.

Sessão 1 – 22 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **Uma Análise dos Processos Subjetivos de Psicoterapeutas Frente às Mudanças de Contexto Profissional Durante a Quarentena: Desafios contemporâneos para a Prática Profissional**

Rodrigo Prata Mendes, Centro Universitário de Brasília, rodrigo.prata@sempreceub.com
Valéria Deusdara Mori, Centro Universitário de Brasília, valeria.mori@ceub.edu.br

Resumo

O presente estudo reflete sobre as dificuldades da atuação dos psicoterapeutas durante a pandemia da Covid-19 e as novas perspectivas e desafios futuros para a profissão. Isso foi realizado através da Teoria da Subjetividade, em um viés cultural-histórico. A perspectiva da psicoterapia pautada no caráter dialógico, na teoria da subjetividade no enfoque cultural histórico (González Rey, 2016, 2017; González Rey & Martínez, 2016, 2017; González Rey, Goulart, & Bezerra, 2016; Mori, 2019; Mori & Goulart, 2019), e o fato de a tecnologia propiciar essa comunicação, mesmo que à distância, viabilizam o atendimento psicológico online e ampliam seu alcance. Assim, essa nova modalidade da prática pode beneficiar o processo psicoterapêutico de diversas formas, constituindo uma nova maneira de responder às necessidades da pessoa em psicoterapia (Fink, 2017; Ceroni 2017). Por conseguinte, nos últimos anos, com o surgimento de novos recursos, houve uma crescente mudança na visão dos psicoterapeutas quanto ao emprego da internet no auxílio dos serviços psicológicos e na possível realização do atendimento virtualmente. Faz-se necessário, apesar disso, o compromisso ético dos psicólogos nos serviços online e, portanto, uma regulamentação para garantir isso e orientar os trabalhos prestados. As dificuldades nesse acompanhamento psicoterapêutico variam quanto à plataforma utilizada, mas deve-se considerar que muitas são novas e diferentes do formato habitual de prática da psicoterapia. O próprio profissional deve ser capaz de se autoavaliar acerca de sua competência para atender nesse formato (Childress, 2000). A psicoterapia online, no Brasil, foi regulamentada pela Resolução nº11/2018 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que prevê a prestação de serviços psicológicos por meios de comunicação e de informação desde que cumpram as exigências do Código de Ética Profissional (Conselho Federal de Psicologia, 2018), como o sigilo e a realização de um trabalho

de qualidade. Alguns artigos desta Resolução, porém, foram alterados temporariamente durante a pandemia de Covid-19, principalmente no que tange ao credenciamento prévio do profissional para o atendimento online e no acolhimento à distância de pessoas em situações emergenciais ou de violência, pela Resolução nº 04/2020 (Conselho Federal de Psicologia, 2020). Os desafios encontrados para os profissionais de saúde, nesse momento, são inúmeros, como problemas técnicos relacionados à conexão, mudança no formato do contexto da psicoterapia, inseguranças relacionadas à modalidade, tanto da pessoa em psicoterapia quanto do psicoterapeuta. Portanto, a pesquisa foi realizada com três participantes a partir do método construtivo interpretativo, em que uma tinha mais tempo de atuação enquanto que os outros dois eram recém-formados. Discutimos a transição da clínica presencial para a clínica online, as mudanças no processo psicoterapêutico, a vacinação dos profissionais de saúde e como o contexto pandêmico alterou as perspectivas dos pacientes e dos terapeutas a respeito da psicoterapia. Assim, consideramos que a terapia online é uma realidade do presente e do futuro da profissão - não incorrendo, porém, no fim da presencial -, visto que é pautada na relação dialógica e, consequentemente, mobiliza não só o paciente mas também o psicoterapeuta, trazendo novos desafios e possibilidades para a compreensão da prática psicoterápica.

Palavras chave: psicoterapia, subjetividade, pandemia.

Referências

Ceroni, M. L. (2017). Atendimento Psicoterápico Online e seus desdobramentos na relação Mente e Corpo. *Revista Latino-americana de Psicologia Corporal, 4*(6), 99-110.

Childress, C. A. (2000). Ethical Issues in Providing Online Psychotherapeutic Interventions. *Journal of Medical Internet Research, 2*(1).

Conselho Federal de Psicologia. (11 de maio de 2018). Resolução nº 11, de 11 de maio de 2018. *Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP N.º 11/2012*. Acesso em 02 de abril de 2020, disponível em https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-11-2018-regulamenta-a-prestacao-de-servicos-psicologicos-realizados-por-meios-de-tecnologias-da-informacao-e-da-comunicacao-e-revoga-a-resolucao-cfp-no-11-2012?origin=instituicao&q=11/2

Conselho Federal de Psicologia. (26 de março de 2020). Resolução nº 4, de 26 de março de 2020. *Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19*. Acesso em 02 de abril de 2020, disponível em https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-4-2020-dispoe-sobre-regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-da-comunicacao-durante-a-pandemia-do-covid-19?origin=instituicao

Fink, B. (2017). *Fundamentos da Técnica Psicanalítica: uma Abordagem Lacaniana Para Praticantes.* São Paulo: Blucher; Karnac.

González Rey, F. (2016). Advancing the Topics of Social Reality, Culture, and Subjectivity. *Journal of Theoretical and Philosophical Psychology, 36*, 175-189.

González Rey, F. (2017). The topic of subjectivity in psychology: Contradictions, paths and new alternatives. *Journal for The Theory of Social Behaviour, 47*(4), 502-521.

González Rey, F. L., & Martínez, A. M. (2016). Una epistemología para el estudio de la subjetividad: Sus implicaciones metodológicas. *Psicoperspectivas: individuo y sociedad, 15*(1).
González Rey, F. L., & Martínez, A. M. (2017). *Subjetividade: teoria, epistemologia e método* (Kindle ed.). Campinas, SP: Alínea.
González Rey, F., Goulart, D. M., & Bezerra, M. (2016). Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. *Educação, 39*, s54-s65.
Mori, V. D. (2019). A psicoterapia na perspectiva da teoria da subjetividade: a prática e a pesquisa como processos que se constituem mutuamente. Em A. Mitjáns Martínez, F. González Rey, & R. Valdés Puentes, *Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre educação e saúde* (pp. 183-201). Uberlândia: EDUFU.
Mori, V. D., & Goulart, D. M. (2019). Subject and subjectivity within psychotherapy: a case study. In F. González Rey, A. M. Martinez , & D. M. Goulart, *Subjectivity within cultural-historical approach: theory, methodology and research* (pp. 231-244). Singapore: Springer.

Trabalho 2: **A psicoterapia para a além da dicotomia entre mente e corpo sob o olhar da teoria da subjetividade**

Aline Chaves Santos, Centro Universitário de Brasília, alinesantos171299@gmail.com
Valéria Deusdará Mori, Centro Universitário de Brasília, morivaleria@gmail.com

Resumo
Neste trabalho avançaremos na compreensão de psicoterapia na perspectiva da Teoria da Subjetividade, buscando problematizar a dicotomização histórica entre mente e corpo que se constituiu na psicologia, permeada por uma maneira reducionista, mecanicista e cartesiana de compreensão do humano. Percebe-se, nesse contexto, que por muito tempo o corpo foi excluído do olhar da psicoterapia, pois a ele era atribuído um lugar biológico e individualizado, por vezes definido como sendo o local dos instintos e considerado por muitos como tendo um caráter animalesco (Neubern, 2013). No entanto, ressaltando a importância da compreensão do humano nessas duas esferas, e considerando como elas se relacionam com a sociedade, destaca-se a importância da Teoria da Subjetividade de González Rey para este trabalho, na medida que se busca integrar as diversas dimensões que perpassam o humano e compreender o processo de saúde-doença em perspectiva multidimensional e irregular dos processos, adquirindo caráter singular e diverso que terá repercussões diferentes dependendo de cada indivíduo (González Rey, 2011). Este trabalho é fruto de um Projeto de Monografia, a ser desenvolvido na conclusão de curso de Psicologia do UniCEUB. Ele terá como principal objetivo compreender o conceito de saúde de maneira sistêmica, de modo a pensar quais as suas implicações na definição do que é patológico para a psicoterapia. E como objetivos secundários iremos: (a) pensar o conceito de saúde como um processo multideterminado; (b) compreender as implicações da psicoterapia na compreensão do conceito de saúde. Para a realização da pesquisa faremos uso do método construtivo-interpretativo, baseado na Epistemologia Qualitativa de González Rey, consistindo em estudo de caso de uma pessoa maior de 18 anos que já esteve ou que está no processo psicoterápico. Argumenta-se que esta investigação se justifica na medida que as concepções nas quais o processo de saúde-doença se constituem são de extrema importância para a compreensão do indivíduo e para a maneira que ele será

compreendido na clínica. Romper com a barreira dicotômica que existe entre mente e corpo nos ajuda a olhar para pessoas em sofrimento com mais completude, entendendo o ser em seus aspectos somáticos, cognitivos, emocionais, espirituais (Mori & Goulart, 2019).
Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: quais as implicações de uma compreensão sistêmica de saúde para a prática da psicoterapia?
Palavras chave: psicoterapia, mente-corpo, subjetividade

Referências
GONZÁLEZ REY, Fernando. Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia. São Paulo: Cortez, 2011.
MORI, Valéria Deusdará; GOULART, Daniel Magalhães. Subject and subjectivity within psychotherapy: a case study. *In*: GONZALEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTINEZ, Albertina; GOULART, Daniel Magalhaes (Eds.). **Subjectivity within cultural-historical approach: theory, methodology and research**. Singapore: Springer, 2019. p. 231-244.
NEUBERN, Maurício da Silva. A clínica na carne: subjetividade, corpo e transe em psicoterapia. Psicol. rev. (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 287-304, 2013.

Trabalho 3: **Coaching e psicoterapia: o imperativo do sucesso na configuração subjetiva de psicoterapeutas**
Bruno Reis Bernardo Cobucci, Centro Universitário de Brasília, brunocobucci22@outlook.com
Valéria Deusdará Mori, Centro Universitário de Brasília, morivaleria@gmail.com

Resumo
O coaching vem se estabelecendo no mundo contemporâneo como uma prática cada vez mais famosa e presente nas mídias. Essa intensa profusão segue adentrando cada vez mais espaços e lançando questionamentos sobre a atuação de diversas outras classes de profissionais, muitas vezes criando fronteiras nebulosas entre o que seria a atuação do coach e a de profissões como a psicologia. Mas como uma prática que surge em um momento histórico específico e que inevitavelmente atravessa e é atravessada por processos da subjetividade social do nosso tempo, é preciso delinear melhor o que está em jogo e quais as implicações desse movimento para a atuação do psicólogo. Essa problematização surge, principalmente, diante do que temos visto nas redes sociais e em outras formas de compartilhamento via internet. Psicólogos e psicoterapeutas que publicam mensagens estereotipicamente marcadas pelo coaching, divulgando dicas infalíveis e conselhos que prometem ajudar todos a alcançar o sucesso e a felicidade, de modo a deixar de lado importantes reflexões de caráter teórico-epistemológico e passando por cima de diretrizes da ética profissional. Buscarei neste trabalho situar o coaching dentro de um conjunto de processos da subjetividade social e do neoliberalismo, para que se possa pensar qual o impacto desse movimento para a maneira como psicoterapeutas têm configurado sua prática. Argumenta-se que a lógica imediatista e padronizada de sucesso associada ao coaching estimula uma prática psicoterápica pouco criativa, que retira da pessoa o papel da produção e do assumir-se sujeito frente aos espaços diversos da vida. Na pesquisa, faremos uso do método construtivo interpretativo, baseado na Epistemologia Qualitativa desenvolvida por González Rey, na medida que se possibilita produzir

inteligibilidade em relação aos processos da subjetividade social envolvidos na profusão do coaching, e na maneira como esses processos vêm se configurando na subjetividade de psicoterapeutas. A construção da informação será feita a partir de conteúdos disponíveis nas redes sociais de psicoterapeutas, tais como páginas de Instagram e vídeos de YouTube.
Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Quais os possíveis impactos da profusão do coaching para a maneira como temos pensado a psicoterapia na Teoria da Subjetividade?
Palavras chave: subjetividade, psicoterapia, coaching

Referências
BARATI, Guilherme. **Impasses e perspectivas do Coaching: a psicanálise e seu avesso na (de)formação do trabalhador**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
MITJÁNS MARTINEZ, Albertina. Subjetividade social: desafios de um conceito. *In* MITJÁNS MARTINEZ, Albertina; TACCA, Carmen; PUENTES, Roberto. **Teoria da subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional**. Campinas: Alínea Editora, 2020. P. 47-66.
MORI, Valéria Deusdará; GOULART, Daniel Magalhães. Subject and subjectivity within psychotherapy: a case study. *In*: GONZALEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTINEZ, Albertina; GOULART, Daniel Magalhaes (Eds.). **Subjectivity within cultural-historical approach: theory, methodology and research**. Singapore: Springer, 2019. p. 231-244.

Trabalho 4: **O Fluir da Subjetividade: Os Desafios Epistemológicos na Psicologia Clínica**
Maria Francisca de Paula de Souza, Acadêmica de Psicologia da Faculdade Estácio de Ji-Paraná- Estácio Unijipa, e-mail: mariajose9eronaldo@gmail.com
Dalva Rosa da Silva Paiva Maria, Acadêmica de Psicologia da Faculdade Estácio de Ji-Paraná- Estácio Unijipa, e-mail: dalvapos@gmail.com
Jucelena Garcia de OLiveira, Acadêmica de Psicologia da Faculdade Estácio de Ji-Paraná- Estácio Unijipa, e-mail:garcia.jucelena@gmail.com

Resumo
Introdução: O presente trabalho consiste em trazer reflexão crítica sobre o fluir da subjetividade e os desafios epistemológicos na psicologia. Portanto, o conceito e definição da subjetividade é a representação de vertentes que exprime a unicidade, a mobilidade psicoemocional, e experiências individuais e sociais. Contudo em seu processo adaptativo que vai além, serve como propulsor levando o sujeito a pensar por si mesmo como indivíduo, e pela mediação cultural (CROCHIK, 1998). A subjetividade configura se output singularizada que exprime a experiência vivida. O fluir inicial aportando-se de teorias específicas, ou seja, a subjetividade não deve determinar somente na psicoterapia contida em aportes interativos, mas sim contida com processo intrínseco e conexo com o indivíduo. Porém, para um desvendar de posições científicas, esse olhar deve ir bem mais adiante da condição social e modo de vida (NEUBERN, 2001). **Objetivos**: E ater-se em caminhos de confrontação de metodologias que permite uma urgência de novas sugestões epistemológicas, dando impulsos atrativos a novos métodos com

preceitos justificáveis e embasados em uma perspectiva epistemológica. **Métodos:** A construção deste trabalho concerne-se em revisões bibliográficas, seguindo fontes de artigos científicos de 1998 a 2019.**Discussões e resultados**: A esse respeito a epistemologia em seu início enfrentou desafios, mas, tais percalços, ocorreram porque inicialmente a Epistemologia Qualitativa não se expressava na fenomenologia, na hermenêutica ou na análise do discurso. Contudo a construção do conhecimento possibilitou a libertação do sujeito como parte epistemológica. Em suma se depara com um cenário de discussão em inerência a subjetividade na psicologia, o que nos faz olhar para o veio de estudos, com ideias rudimentares epistemológicas ínclitas aportando singularidade em seu conceito teórico (JOÃO, e RIBEIRO, 2019). **Conclusão**: A questão de aportes entre as ideias já expostas inerentes à subjetividade humana traz uma ampla complexidade, dentro desse teor, como entender as possibilidades epistemológicas e teóricas na expressão de busca do sujeito? Como um objeto de estudo, ou seja, já que os autores defendem que existe dificuldade em estudar a subjetividade em nossos dias.

Palavras Chaves: Subjetividade. Epistemologia. Psicoemocional.

Referências

CROCHÍK, José Leon. Os desafios atuais do estudo da subjetividade na Psicologia. **Psicologia USP [online]**. 1998, v. 9, n. 2, pp. 69-85. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65641998000200003>. Epub 29 Set 1999. ISSN 1678-5177. https://doi.org/10.1590/S0103-65641998000200003. Acesso: 27 Jun 2021

REY, Fernando González; GOULART, Magalhães & BEZERRA, Marília Daniel dos Santos. **Ação profissional e subjetividade:** para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. *Educação* [en linea]. 2016, 39 (Esp), s54-s65; ISSN: 0101-465X. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84850103007. Acesso: 27 Jun 2021.

JOÃO, Renato Bastos e RIBEIRO, Jorge Ponciano. Corporeidade/subjetividade na psicologia clínica: tecendo fios teórico-epistemológicos para abordar um complexo objeto de estudo. **Psicologia USP** [online]. 2019, v. 30, e 190103. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190103>. Epub 09 Dez 2019. ISSN 1678-5177. https://doi.org/10.1590/0103-6564e190103. Acesso: 27 Jun 2021.

NEUBERN, Maurício S. Três obstáculos epistemológicos para o reconhecimento da subjetividade na psicologia clínica. **Psicologia: Reflexão e Crítica** [online]. 2001, v. 14, n. 1, pp. 241-252. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000100020>. Epub 16 Ago 2001. ISSN 1678-7153. https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000100020. Acesso: 27 Jun 2021.

Trabalho 5: **Adolescência, drogas e subjetividade**

Pollyana Cordasco Teixeira, Universidade Cesumar, pollycteixeira@hotmail.com
Norma da Luz Ferrarini, Universidade Federal do Paraná, normadaluzf@gmail.com

Resumo

A dependência de drogas tem sido tema de discussão mundial. A utilização do termo "dependência química" reduz a complexidade do fenômeno, como se este, fosse resultado exclusivo da ação de psicotrópicos sobre o sistema nervoso central. Sabe-se que a dependência de drogas é muito mais do que alterações químicas sofridas pelo cérebro. É um fenômeno complexo que envolve a subjetividade, em especial, a paralisação subjetiva que impede a criação de novos caminhos de vida (CAIXETA, 2018). Quando a dependência de drogas é vivida na adolescência constatam-se algumas dificuldades que envolvem a especificidade de fatores de risco e proteção; profissionais de saúde com formação não especializada para manejar projetos terapêuticos que atendam tal demanda, bem como poucas pesquisas sobre a experiências de adolescentes que participaram de modelos específicos de tratamento (PEDRON e BUCHELE, 2016; PECHANSKY, 2017). A partir deste cenário realizou-se uma pesquisa de mestrado cujo objetivo principal foi analisar os sentidos subjetivos sobre dependência de drogas produzidos por meninas adolescentes que participaram do programa de recuperação proposto pela comunidade terapêutica Rosa Mística na cidade de Ponta Grossa-PR. Este estudo trilhou os pressupostos teóricos, epistemológicos e metodológicos da Teoria da Subjetividade na perspectiva da Psicologia Cultural Histórica de Fernando González Rey. Compreende-se o conhecimento científico como produção não linear, conforme teoriza a Epistemologia Qualitativa, e adotou-se os preceitos da Metodologia Construtivo-Interpretativa para produção e análise das informações (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017). A pesquisa contou com a participação de duas meninas adolescentes que responderam aos instrumentos propostos: desenhos, complemento de frases e entrevista conversacional. Ao longo do processo terapêutico as duas participantes emergiram como sujeito de sua história de vida. Durante o programa terapêutico as adolescentes assumiram posicionamentos que permitiram novos caminhos de subjetivação, novos sentidos subjetivos que levaram a mudanças nas configurações subjetivas dominantes. Dentro de suas biografias, cada uma com sua singularidade, enfrentou a dependência. A participante Alexia resgatou a autoestima e percebeu que era muito mais do que uma garota de programa, e a participante Ana descobriu novas formas de se comunicar com o mundo. Ser sujeito implica abrir uma nova via de subjetivação que ultrapasse o espaço social normativo no qual a experiência acontece. Constatou-se que a Teoria da Subjetividade por meio de seus conceitos amplia a compreensão da dependência de drogas do adolescente pois considera a complexidade do fenômeno expresso pela singularidade de cada pessoa. A paralisação subjetiva apontada em estudo anterior foi também observada nas participantes desta pesquisa. O conceito de sentido subjetivo impacta na reflexão sobre a ação profissional em tratamentos para dependência de drogas, uma vez que valoriza a produção subjetiva singular. A emergência do sujeito diante da vivência é fundamental para que ocorram mudanças nas configurações subjetivas dominantes o que interfere nos processos de saúde e doença.

Palavras-chave: Adolescência. Drogas. Subjetividade.

Referências

CAIXETA, T. M. de M. **A drogadição vista sob a perspectiva da Teoria da Subjetividade**: um estudo de caso. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2018.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade:** teoria, epistemologia e método. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.
PECHANSCKY, F. et al. Fatores de risco e proteção em diferentes grupos de usuários: adolescentes, idosos, mulheres e indígenas. *In*: SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS. **O uso de substâncias psicoativas no Brasil.** 12. ed. p. 47-59. Brasília, 2017.
PEDRON, C. B. W; BUCHELE, F. Comunidade Terapêutica para Adolescentes: uma revisão sistemática de literatura entre 2002 e 2013. SMAD**, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas** (Ed. port.), Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 48-57, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180669762016000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 jul. 2018.

Sessão 2 – 23 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00 Discussão final

Eixo temático: 9. Subjetividade e saúde humana (19 Trabalhos)

Coordenador: Felix Jorge Robinson Samuells – Universidade de Brasília

Temas centrais para o debate:

- O conceito de saúde na perspectiva da subjetividade;
- Análise do campo da saúde mental e do conceito de transtorno mental à luz da perspectiva da subjetividade;
- Os processos de promoção de saúde: saúde, educação e desenvolvimento subjetivo.

Sessão 1 – 22 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **Família e saúde mental: a configuração subjetiva do cuidado de uma mãe de um usuário de um CAPS do DF**

Gilvan Vieira Lima,
Daniel Magalhães Goulart

Resumo

Este trabalho representa uma síntese de um artigo em construção, fundamentado por uma pesquisa de Mestrado Acadêmico em Psicologia sobre família e saúde mental à luz dos pressupostos da unidade elaborada por González Rey entre Teoria da Subjetividade em uma abordagem histórico-cultural, Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). Mais especificamente, o objetivo do trabalho foi compreender a configuração subjetiva do cuidado de uma mãe cuidadora de um usuário de um Centro de Atenção Psicossocial do DF, sustentado por um estudo de caso. A pesquisa de campo foi realizada ao longo de um ano, com encontros quinzenais, tendo sido utilizados dinâmicas conversacionais, complementos de frases e construção de autorretratos enquanto instrumentos. Os avanços nas políticas públicas no Brasil permitiram a criação de serviços com características alternativas às internações psiquiátrica. Esses serviços buscam favorecer a qualidade de vida de seus frequentadores, considerando processos de reabilitação social, considerandoa família como colaboradora e protagonista do processo terapêutico. Entretanto, os desafios qualitativos cotidianos dos serviços substitutivos em saúde mental, que estão para além da intenção de seus colaboradores (GOULART, 2019), culminam na frequente negligência da família em sua singularidade. Esse processo resulta em frequentes quadros de sobrecarga emocional, levando a quadros de sofrimento e adoecimentos diversos (CUNHA; GOULART, 2018). Inserido nesse contexto, o estudo de caso que fundamenta este trabalho permitiu gerar inteligibilidade sobre a produção subjetiva de uma mãe de um usuário de um Centro de Atenção Psicossocial do DF frente ao processo do cuidado, considerando conflitos e obstáculos vivenciados, bem como recursos subjetivos gerados no processo. Além disso, o estudo de caso aborda a relação pesquisador/participante enquanto via fecunda para mobilizar processos de desenvolvimento da subjetividade. Diante do exposto, trago a seguinte questão: Quais as implicações do conhecimento da Teoria da Subjetividade para a prática profissional?

Palavras chave: saúde mental, família, cuidado, subjetividade

Referências

CUNHA, Isabela de Oliveira da; GOULART, Daniel Magalhães. *A subjetividade de cuidadores familiares no contexto da saúde mental*: considerações metodológicas. Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa. Atas CIAIQ2018, Fortaleza - CE., 2018.
GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. *Subjetividade: teoria, epistemologia e método*. Campinas, SP: EditoraAlínea, 2017.
GOULART, Daniel. Saúde mental, desenvolvimento e subjetividade: da patologização da vida à ética do sujeito. São Paulo, SP: Editora Cortez, 2019.

Trabalho 2: **Saúde mental, psicologia de emergência e pandemia: um estudo de caso à luz da teoria da subjetividade de González Rey**

Mayra Vilela da Rocha, Centro Universitário de Brasília, mayravillela@hotmail.com
Daniel Magalhães Goulart, Centro Universitário de Brasília, danielgoulartbr@gmail.com

Resumo

Este trabalho é fundamentado por uma pesquisa do curso de Mestrado em Psicologia em andamento do Centro Universitário de Brasília. Ele aborda as produções subjetivas de psicólogos emergencistas no contexto da pandemia do coronavírus à luz da Teoria da Subjetividade de González Rey (2017), tendo por objetivo geral compreender a configuração subjetiva do trabalho em psicologia de emergência no contexto da COVID19 por servidores públicos do Distrito Federal. Essa discussão permite um caminho de pesquisa e tentativa de compreensão dos sentidos subjetivos e configurações subjetivas advindos dos complexos processos psicológicos humanos que ocorrem nos diversos contextos sociais, já que um psicólogo emergencista que trabalha dentro de uma pandemia tem um desafio diferente do psicólogo que trabalha em outras situações de emergência (CAMPOLINA; MORI, 2017). Por meio do conceito de configuração subjetiva, González Rey traz a importância da história pessoal e do contexto social que integram e concretizam os processos dinâmicos que ocorrem na trajetória profissional, em contradição com classificações que frequentemente desconsideram a capacidade do indivíduo de se apropriar de suas respectivas histórias (GONZÁLEZ REY, 2011). O psicólogo emergencista em um cenário de pandemia tem a responsabilidade não apenas de gerenciar a situação de crise das outras pessoas, mas também a dele mesmo. A pesquisa de campo está sendo realizada com base na metodologia construtivo-interpretativa, apoiada na Epistemologia Qualitativa (GONZÁLEZ REY, 2011), tendo como fio condutor um estudo de caso de uma psicóloga que trabalha no Serviço Móvel de Urgências (SAMU) no âmbito da Secretaria de Saúde do Distrito Federal. A importância de estudar essa temática é reforçada por Franco (2015), ao referir que no campo das emergências, a Psicologia tem suas estruturas baseadas nos estudos das vítimas de desastres e tragédias e suas consequências, não sinalizando ainda a importância do autocuidado dos profissionais. Em função do modelo teórico parcialmente construído, esse estudo permitiu compreender alguns desdobramentos subjetivos da experiência da profissional em seu contexto laboral. Foi possível, a partir das suas produções subjetivas, relacionadas aos conflitos vivenciados na sua vivência no trabalho de emergência,

compreender alguns recursos subjetivos gerados no seu processo de trabalho, bem como a construção de alternativas aos conflitos vivenciados. O caso estudado reforça a importância de se considerar os processos subjetivos na compreensão complexa das relações trabalho-pessoa-adoecimento, incluindo como se configuram subjetivamente as relações interpessoais, nos vários cenários sociais, especialmente no contexto familiar e laboral. A questão proposta para debate é: Como o estudo da subjetividade permite compreender, de forma inovadora, os aspectos do trabalho em saúde mais especificamente do psicólogo emergencista no contexto da pandemia de covid-19?
Palavras chave: Psicólogo emergencista, Pandemia, Subjetividade.

Referências
CAMPOLINA, L; MORI, V. **Diálogos com a teoria da Subjetividade:** reflexões e pesquisa. Curitiba: Editora CRV, 2017.
FRANCO, Maria Helena Pereira. **A intervenção psicológica em situações de emergências: fundamentos para a prática.** São Paulo: Editora SUMMUS EDITORIAL,2015.
GONZÁLEZ REY, Fernando. **Subjetividade e Saúde**: superando a clínica da patologia**.** São Paulo: Editora CORTEZ,2011.

Trabalho 3: **Dimensão Subjetiva da Alimentação: possibilidades para compreensão da subjetividade na interface Nutrição e Psicologia**
Virgínia Campos Machado, Universidade Federal da Bahia, virginia.campos@ufba.br
Noemi Evelin Santos Rocha, Universidade Federal da Bahia, noccarocha@gmail.com
Laíse Rodrigues dos Santos, Universidade Federal da Bahia, laisers@gmail.com

Resumo
O campo da alimentação e nutrição é atravessado pelo modo positivista de construção do conhecimento e pela racionalidade biomédica. No entanto, a baixa resolubilidade das práticas assim constituídas e a incapacidade de apreender a complexidade dos fenômenos relacionados à alimentação e nutrição, conduziu a uma aproximação com o campo das ciências sociais e humanas, sendo notável a ênfase recente – frequentemente meramente instrumental - dada às teorias psicológicas (SEIXA; 2020, KLOTZ-SILVA; PRADO; SEIXAS, 2016). Diante deste cenário, propõe-se discutir como constructos de perspectivas críticas em Psicologia, como estudos sobre a dimensão subjetiva da realidade, bem como a epistemologia qualitativa e a teoria da subjetividade (BOCK; GONÇALVES; ROSA, 2020, MARTINEZ; REY; PUENTES, 2019) podem contribuir para compreensão da relação sujeito/alimento/comida/saúde/doença enquanto fenômeno humano constituído na dialética social-individual. Esta proposta se organiza em dois eixos: o primeiro, baseado em uma revisão de literatura, tem como propósito sistematizar quais são as concepções de subjetividade presentes nos estudos no campo da alimentação e nutrição que abordam essa categoria. O segundo, delineia-se a partir de reflexões desenvolvidas em duas pesquisas de mestrado em andamento. A primeira, “Sentidos e significados da utilização de abordagens não prescritivas por nutricionistas", tem por objetivo compreender como a construção da prática desses profissionais reflete o trabalho como ferramenta de subjetivação, capaz de exprimir as interrelações individual, coletivo, histórico e

social. Assim, ao investigar as falas de nutricionistas sobre como conduzem a atenção/cuidado nutricional, emergem conteúdos relacionados às experiências pessoais, a como se percebem e percebem o paciente e às contradições entre o processo formativo e a prática profissional. A segunda, "Significações da alimentação para idosos institucionalizados", busca compreender as significações da alimentação para idosos que vivem em instituições de longa permanência, por meio da aproximação do pesquisador em relação sujeito e pela compreensão do contexto em que está inserido, identificando a alimentação como algo dinâmico, marcado pela relação singular-particular-universal. Pesquisas sobre a dimensão subjetiva possibilitam desnaturalizar fenômenos compreendendo a constituição do indivíduo por meio das condições materiais da sociedade e por aspectos de natureza subjetiva (BOCK, GONÇALVES, ROSA, 2020). A partir das possibilidades e limites vivenciados nas pesquisas ora reportadas, questiona-se: como o processo de aproximação de outras ciências da saúde em relação aos estudos da subjetividade pode se dar de modo a garantir o rigor teórico-metodológico necessário, reverberando na qualificação do conhecimento produzido e da atuação dos profissionais?
Palavras-chave: Nutrição, Subjetividade, Saúde

Referências
BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; ROSA, Elisa Zaneratto. **Dimensão subjetiva: uma proposta para uma leitura crítica em psicologia.** Cortez Editora, 2020.
KLOTZ-SILVA, J.; PRADO, S. D.; SEIXAS, C. M. Comportamento alimentar no campo da Alimentação e Nutrição: do que estamos falando? **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 26, p. 1103-1123, 2016.
MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando; VALDÉS PUENTES, Roberto. **Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: discussões sobre educação e saúde.**EDUFU, 2019.
SEIXA, Cristiane Marques et al. Fábrica da nutrição neoliberal: elementos para uma discussão sobre as novas abordagens comportamentais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, p. e300411, 2020.

Trabalho 4: **Subjetividade e apoio matricial: O elo necessário entre saúde mental e atenção primária**
Maria Luíza Alves de Carvalho, Centro Universitário de Brasília, marialuizadecarvalho@sempreceub.com
Isabela Oliveira da Cunha, Centro Universitário de Brasília, isabelaocunha@gmail.com
Daniel Magalhães Goulart, Universidade de Brasília, danielgoulartbr@gmail.com

Resumo
A criação de uma rede articulada de cuidados em saúde mental apresenta um percurso que se inicia com a Reforma Psiquiátrica Brasileira ao considerar que o processo de desinstitucionalização não se reduz à reforma de serviços e tecnologias de cuidado, mas envolve questões do campo político, sociocultural e relacional (AMARANTE; NUNES, 2018). Desse modo, um dos pontos discutidos pelas políticas de saúde mental no Brasil é a importância da assistência de base comunitária na reinserção social do indivíduo em

sofrimento psíquico, sendo necessária a integração do cuidado entre diferentes setores e serviços. Para trabalhar tal integralidade, surge a estratégia institucional conhecida por Apoio Matricial (AM), formulada por Campos (1999), sendo definida como uma metodologia de gestão do cuidado em saúde, em que duas ou mais equipes interdisciplinares se reúnem para construir em conjunto uma proposta de intervenção pedagógico-terapêutica. Abordando esse contexto, este trabalho fundamenta-se numa pesquisa concluída de Iniciação Científica em Psicologia, que teve como objetivo geral compreender como o fenômeno do Apoio Matricial se configura subjetivamente em um médico de família de uma unidade básica de saúde do Distrito Federal. Como aporte teórico, a pesquisa foi fundamentada pela Teoria da Subjetividade em uma aproximação cultural-histórica, tal como desenvolvida por González Rey (2003, 2005, 2017). Utilizou-se como base para a pesquisa a metodologia construtivo-interpretativa, fundamentada pelos princípios da Epistemologia Qualitativa, também propostas por González Rey (2005, 2017). Por meio de dinâmicas conversacionais propostas em encontros que ocorreram quinzenalmente em um período aproximado de cinco meses, foi possível construir indicadores e hipóteses acerca da atuação do participante ao longo deste processo de pesquisa, buscando compreender como os sentidos subjetivos de um médico que atuou no apoio matricial se configuram na qualidade da assistência de saúde mental no âmbito de sua atuação. A partir desta construção, foi possível concluir que o participante, apesar de atuar em uma realidade de saúde marcada por uma subjetividade social enrijecida e orientada a práticas biomédicas, busca colocar-se em horizontalidade com os usuários do serviço, além de dar uma atenção diferenciada à trama e contexto de vida destes. As construções interpretativas sobre a atuação do médico de família permitiram refletir sobre a importância e urgência de o cuidado em saúde considerar sua dimensão subjetiva e dialógica na vivência de profissionais da área. Diante das construções possibilitadas por este trabalho, questiona-se: Como a Teoria da Subjetividade pode contribuir com pesquisas e práticas profissionais que fortaleçam o Sistema Único de Saúde frente ao desmonte da saúde pública atual no Brasil?

Palavras chave: Subjetividade; saúde mental; apoio matricial

Referências

AMARANTE, P. & NUNES, Mônica de Oliveira. A reforma psiquiátrica no SUS e a luta por uma sociedade sem manicômios. Rio de Janeiro: Ciência Saúde Coletiva, 2018

CAMPOS, Gastão Wagner. Equipes de referência e apoio especializado matricial: um ensaio sobre a organização do trabalho em saúde. Rio de Janeiro: Ciência e Saúde Coletiva, 1999.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003

GONZÁLEZ REY, Fernando. Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Subjetividade teoria, epistemologia e método. São Paulo: Alínea, 2017.

Trabalho 5: **A subjetividade do acadêmico de medicina frente a morte do paciente**

Juliane Macedo, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, psijuliane@gmail.com
Vannúzia Leal Andrade Peres, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, vannuzia@terra.com.br

Resumo
Vida e morte não se separam, são dois momentos inerentes na vida dos humanos. Para Arantes (2016), o que separa o nascimento da morte é o tempo. Vida é o que fazemos dentro desse tempo; é a nossa experiência. Quando passamos a vida esperando pelo fim do dia, pelo fim de semana, pelas férias, pelo fim do ano, pela aposentadoria, estamos torcendo para que o dia da nossa morte se aproxime mais rápido. Pensando assim, no momento que nascemos começamos também a morrer. A morte está presente no curso de medicina já nas primeiras aulas de anatomia. Durante os anos seguintes o contato é com a vida, onde se estabelece uma relação entre os acadêmicos e os pacientes, em atividades práticas em unidades de saúde. Somente no internato, dois últimos anos, é o momento que os acadêmicos entram em contato com a morte de pacientes. Os médicos sempre estão envolvidos de alguma forma nos casos de morte das pessoas e, nesses casos, ao tomarem algumas decisões, são orientados não apenas pelo seu conhecimento técnico, mas também pelos sentidos subjetivos que geram em relação a suas experiências e em relação à profissão. Segundo González Rey (1977) na subjetividade não há como separar, dicotomizar o mundo interno do externo, ambos fazem parte do desenvolvimento humano. Os acadêmicos experienciam situações conflituosas entre a doença e a morte, produzem emoções como: frustração, medo, decepção e fracasso. Como cada pessoa lida com a morte está relacionado com sua história, sua subjetividade individual recursivamente envolvida com uma subjetividade social e vice-versa. A medicina está voltada muito mais para a doença, do que para os processos de adoecimento e morte. Segundo Arantes (2016) o enfrentamento da morte do paciente é um grande desafio para médicos e profissionais da saúde. Os acadêmicos se sentem impotentes e até mesmo fracassados diante da morte de um paciente, sentem que o curso não os prepara para esses momentos e que irão "adquirir habilidades para lidar" com a perda do paciente com a experiência de anos de trabalho. Percebe-se a importância de um currículo acadêmico do curso de medicina que possa romper com o modelo biomédico e tecnicista – o modelo teórico da subjetividade - em que valoriza-se a singularidade do acadêmico mediante a morte do paciente ou que "A consolidação do aprendizado profissional não ocorre somente pela aquisição de conteúdos teóricos " (Mitjáns Martinez, 2012 p. 116).
Uma questão para o diálogo no grupo temático é: Como a Teoria da Subjetividade pode impactar a saúde dos acadêmicos de medicina?
Palavras chave: subjetividade, acadêmico de medicina, morte do paciente; saúde

Referências
Arantes, A. C. Q. A morte um dia que vale a pena viver. Rio de Janeiro: Casa das palavras. 2016
González Rey, F. Epistemologia cualitativa y subjetividad. São Paulo: EDUC. 1997
Mitjáns Martinez, A. Ensino e Aprendizagem: a subjetividade em foco. Brasília: Liber Livros. 2012

Trabalho 6: **O Diabetes Mellitus no Contexto Escolar: Subjetividade, Educação e Saúde**
Marta Janete Carvalho Neris, Mestranda em Psicologia do Centro Universitário de Brasília - martajanete23@gmail.com.br

Daniel Magalhães Goulart, Universidade de Brasília – danielgoulartbr@gmail.com

Resumo
Esta apresentação discute as ideias centrais de uma dissertação de Mestrado em Psicologia do Centro Universitário de Brasília, em processo de finalização. À luz da Teoria da Subjetividade numa perspectiva histórico-cultural (GONZÁLEZ REY, 2011) articulou-se os campos da saúde e da educação, tendo como objetivo geral compreender a configuração subjetiva do *Diabetes Mellitus 1* (DM1) na experiência de uma estudante adolescente diagnosticada com a doença, enfatizando as implicações de sua condição de "paciente crônica" em suas experiências escolares, tendo como fio condutor um estudo de caso. O Diabetes é uma doença crônica e seu tratamento considerado desafiante pelo grau de envolvimento (físico e emocional) exigido ao doente para controlar a doença (SILVA, 2010). Na adolescência, o desafio torna-se maior considerando as mudanças que ocorrem nessa fase em nível social, emocional e fisiológico. Com base na pesquisa de campo realizada com uma adolescente à luz da metodologia construtivo-interpretativa e da Epistemologia Qualitativa, foi possível sustentar as seguintes hipóteses: (1) a configuração subjetiva do DM1 na experiência da estudante é constituída por sentidos subjetivos produzidos não somente em relação à doença e ao autocuidado, mas, sobretudo, em relação às suas relações afetivas centrais, destacando-se o âmbito familiar e escolar. Essa configuração subjetiva favorece, eventualmente estados de tensão biossomáticos que culminam na sua desregulação glicêmica, sobretudo quando sente-se pressionada; (2) a estudante está orientada em grande medida à vida, às suas possibilidades aos recursos que já gerou e aos que ainda pode gerar. Ela não se vê como vítima da doença ou como passiva diante dela. Em suas contradições, ela vai conquistando a condição de agente em diversos espaços de sua vida, desenvolvendo-se subjetivamente. Esse caso reforça a relevância de considerar os processos subjetivos na compreensão complexa dos quadros de adoecimento crônico, incluindo como se configuram subjetivamente as relações interpessoais nos vários cenários sociais. A forma singular como a participante configura subjetivamente seu processo de adoecimento é expressão do enorme desafio e das limitações das ciências da saúde e da educação para lidar com as reais necessidades de adolescentes em situação de adoecimento crônico, como o DM1. Assim, urge pensar em ações terapêuticas e pedagógicas singulares orientadas ao desenvolvimento subjetivo (GOULART, 2019), para além do controle e predição a partir de noções a priori e padronizadas. Deste modo, gostaria de discutir no evento: qual é o valor heurístico da Teoria da Subjetividade para pensar teoricamente e fundamentar novas práticas relacionadas ao Diabetes?
Palavras chave: Diabetes Mellitus, Sentidos Subjetivos, Configurações Subjetivas.

Referências
GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e Desafios.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2005.
GONZÁLEZ REY, Fernando. **Subjetividade e Saúde: superando a clínica da patologia**. São Paulo: Cortez Editora. 2011.
GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea. 2017.
GOULART, Daniel Magalhães. **Saúde mental, desenvolvimento e subjetividade: da**

patologização à ética do jeito. São Paulo: Cortez. 2019.
SILVA, Isabel Lopes. **Psicologia da Diabetes**. Lisboa: Placebo E,ditora. 2010

Trabalho 7: **Configuración de la subjetividad en mujeres que tras ser diagnosticadas con cáncer de mama comenzaron a realizar labores activistas en beneficio propio y de otras pacientes**

Emma M. Oropeza De Anda, Universidad de Guadalajara, emma.oropeza@academicos.udg.mx

Resumo
Actualmente el cáncer de mama supone una seria patología que afecta a una gran cantidad de mujeres. Según la Organización Mundial de la Salud (OMS, 2018), entre 2008 y 2012 su incidencia se incrementó veinte por ciento a nivel mundial, lo que significó que para 2015 se le atribuyeran 571,000 defunciones en todo el mundo. Desde entonces se logró evidenciar una enorme disparidad entre sistemas de salud de países en vías de desarrollo respecto a los desarrollados. Particularmente en Latinoamérica, donde las mujeres de países como México no han sido inmunes a tan lamentable padecimiento. Resulta imposible omitir las diferentes aristas que cobra este fenómeno y sus muy importantes repercusiones individuales y sociales. Sin embargo, el Estado y las instituciones relacionadas con la salud pública en México, no obstante su responsabilidad directa, innegable y, en teoría, ineludible, no han ofrecido la mejor respuesta a las necesidades que experimentan las mujeres diagnosticadas con cáncer de mama, situación que las ha llevado a involucrarse en labores activistas en beneficio propio y de otras mujeres con quienes comparten diagnóstico. Estas mujeres han afrontado su realidad con muy variadas acciones sociales que recursivamente configuran su subjetividad y las transforman de pacientes oncológicas a activistas sociales que integran un frente común contra el cáncer de mama. En razón de ello, surge la necesidad del reconocimiento de las formas en que estas mujeres viven subjetivamente su experiencia, es decir, el reconocimiento de lo que en este trabajo se identifica como sentido subjetivo. De tal manera que es pertinente la exploración de este proceso, dado que evidencia la definición de espacios relacionales y la configuración recíproca entre la subjetividad social y la individual.
Palavras chave: cáncer de mama, configuración subjetiva, activismo.

Referências
González Rey, F. (2010). Las categorías de sentido, sentido personal y sentido subjetivo en una perspectiva histórico-cultural: un camino hacia una nueva definición de subjetividad. Universidad de Brasilia, Brasil. Recuperado el 08 de julio de 2021 de: http://www.scielo.org.co/pdf/rups/v9n1/v9n1a19.pdf
González Rey, F. (1997). Epistemología cualitativa y subjetividad. EDUC.
Magalhaes Goulart, D., González Rey, F., Patiño Torres, J. (2019). El estudio de la subjetividad de profesionales de la salud mental: Una experiencia en Brasilia. Athenea Digital. Revista de Pensamiento e Investigación Social, vol. 19, núm. 3, 2019, pp. 1-21 Universitat Autònoma de Barcelona España. Recuperado el 08 de julio de 2021 de: https://www.redalyc.org/journal/537/53765168021/53765168021.pdf

Organización Mundial de la Salud. Cáncer. Nota informativa. Febrero 2017. Recuperado el 08 de julio de 2021 de: http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs297/es/
World Cancer Research Fund International. Weight & cancer. Recuperado el 08 de julio de 2021 de: https://www.wcrf.org/int/cancer-facts-figures/link-between-lifestyle-cancer-risk/weight-cancer

Sessão 2 – 23 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **A Subjetividade da Mulher no Puerpério**

Alícia Pinheiro Lourenço, Universidade Católica de Brasília, aliciaapinheiro@gmail.com
Flávia Menna Barreto Marques, Universidade Católica de Brasília, flaviambarreto@yahoo.com.br
Danielle Sousa da Silva, Universidade Católica de Brasília e Instituto de Educação Superior de Brasília, dssfatima@gmail.com

Resumo
Para a Psicologia é importante compreender como as mães vivenciam o puerpério além de escutar e acolher os sentimentos delas tratando de cada uma de forma única e integral. Assim, em conjunto com outros campos do saber, poderá atuar ajudando-as a passar por esse período da forma mais saudável possível, criando grupos de reflexão e aperfeiçoamento de práticas voltadas para esse público, com criatividade, carinho, seriedade e atenção aos sintomas e vivências relatados. Um estudo realizado por Guimarães et al. (2019) com gestantes atendidas no serviço público na cidade de Pelotas identificou que a prevalência de 41,4% de transtorno mental comum (TMC) associado com baixa autoestima. Na região sul do Brasil identificou-se elevadas taxas de TMC em gestantes e 41,7% da amostra apresentaram transtorno psiquiátrico. No município da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, estimou-se a prevalência de depressão durante a gestação e sua associação com o apoio social e outros fatores de risco por mulheres atendidas no serviço de pré-natal em unidade básica de saúde, em que a depressão foi diagnosticada em cerca de um quinto destas mulheres. A prevalência de depressão durante a gestação foi de 18%. O cenário supracitado evidencia que o puerpério é apresentado como uma vivência particular e única para cada mãe, sendo inserida e influenciada por um contexto social e histórico (AGUIAR et al., 2011 e TOURINHO, 2006). Desta maneira, o objetivo deste estudo é refletir sobre a subjetividade da mulher no período do puerpério. E os objetivos específicos: a) selecionar por meio das redes sociais depoimentos de puérperas sobre as vivências no pós-parto. b) analisar as expressões subjetivas contidas nestes depoimentos. c) discutir sobre o papel da psicologia frente às demandas subjetivas identificadas no período do puerpério com o foco na saúde mental. Com a utilização do programa IRaMuTeQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires) foi feita a categorização e análise das vivências, que deram suporte a reflexões e intervenções psicológicas voltadas para esse público. O software gerou dois tipos de gráficos, sendo eles análise de similitude e nuvem de palavras, por meio dos quais os resultados foram analisados e discutidos. A análise das

informações foi realizada com base na narrativa de onze mães que trouxeram em seus discursos a vivência da maternidade real, sem a romantização colocada pela sociedade nesse ciclo de vida. Os resultados apontam que as mães têm dividido suas experiências nas redes sociais buscando cumplicidade, apoio, compreensão e publicidade dos problemas que o puerpério acarreta, se constituindo em um grande nicho de atuação para a prática psicológica, mas também mostrando que o período é passageiro e, com auxílio/rede, tende a ser menos penoso. Considerando como um período complexo, com diversas e intensas emoções, que impactam fortemente a subjetividade da mulher e a forma com a qual ela irá desempenhar o novo papel ocupado, o de mãe. Este trabalho questiona-se sobre, como as produções de sentidos subjetivos contraditórias deste período colaboram no curso do desenvolvimento psíquico e subjetivo destas mulheres?
Palavras-chave: Puerpério. Subjetividade. Psicologia.

Referências
AGUIAR, Denise Tomaz; SILVEIRA, Lia Carneiro; DOURADO, Sandra Mara Nunes. A mãe em sofrimento psíquico: objeto da ciência ou sujeito da clínica? Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 622-628, set. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452011000300026&lng=pt&nrm=iso>.
GUIMARAES, Fernanda Jorge et al. Adoecimento mental em gestantes. Enferm. glob. Murcia, v. 18, n. 53, p. 499-534, 2019. Disponible en <http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1695-61412019000100016&lng=es&nrm=iso>. accedido en 18 sept. 2020. Epub 14-Oct-2019. http://dx.doi.org/10.6018/eglobal.18.1.328331.
TOURINHO, J. G. A mãe perfeita: idealização e realidade – Algumas reflexões sobre a maternidade. IGT na Rede, v. 3, n. 5, 2006.

Trabalho 2: As **Configurações Subjetivas de Migração e seus Desdobramentos na Saúde Mental: Um Estado de Caso**
Maynara Gomes Nunes, Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasil, maynarag85@gmail.com
Valéria Deusdará Mori, Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasil, valeria.mori@ceub.edu.br

Resumo
A presente apresentação pretende discutir o tema de migração, articulada à teoria da subjetividade de González Rey (2015, 2017). O conceito de migração será discutido a partir da pespectiva de um deslocamento forçado, referindo-se à situação de abandono do próprio país por motivos de conflito extremo e ameaça à integridade humana (MARINUCCI e MILESI, 2005). Atualmente, a população de migrantes forçados atinge a maior marca registrada em décadas, ultrapassando o número de 70,8 milhões de pessoas (ACNUR, 2019). Trata-se de um processo, em geral dramático, uma vez que tal deslocamento tem, em sua maioria, caráter involuntário e repentino. Portanto, essas partidas não-planejadas ou não-desejadas são frequentemente

marcadas por processos intensos de sofrimento. Tendo em vista a narrativa dominante, que pretende conceber uma relação direta dos sofrimentos gerados no processo de migração e possíveis diagnósticos de transtornos mentais, esta apresentação enfatiza a importância de pensar o processo de migração a partir da teoria da subjetividade, a fim de entender os processos subjetivos implicados no fenômeno. Nesse sentido, a apresentação fundamenta-se numa pesquisa, que apresentou e discutiu o estudo de caso de uma pessoa em contexto de migração. O participante, 30 anos, no Brasil a 6 anos. Era proveniente de Camarões, filho de comandante do exército, crescido em campos militares. O estudo teve como objetivo compreender as configurações subjetivas de migração e os desdobramentos na saúde mental do participante. Foi fundamentado na epistemologia qualitativa e na metodologia construtivo-interpretativa de González Rey e teve como instrumentos dinâmicas conversacionais realizadas em encontros regulares, ao longo de dois anos. A partir dos indicadores e hipóteses construídas, o estudo demonstrou como o participante configurou subjetivamente o processo de migração, gerando, paulatinamente, sentidos subjetivos relacionados à abertura de novos caminhos de vida, a partir da sua emergência enquanto sujeito. A pesquisa ainda deparou-se com uma inexistência de políticas públicas orientadas à saúde mental de migrantes, no Brasil. Nesse sentido, uma questão para a discussão seria: de que maneira a teoria da subjetividade pode contribuir nas formas de inteligibilidade do processo de migração? E, desse modo, auxiliar na elaboração de possíveis ações direcionadas à saúde mental de imigrantes?
Palavras-chave: Teoria da subjetividade, saúde mental, migração.

Referências

ACNUR, Alto Comissionário Nacional Para Assuntos Dos Refugiados. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/numero-de-pessoas-deslocadas-no-mundo-chega-a-708-milhoes-diz-acnur/>. Brasília. Acesso: 12 de novembro de 2020.
MARINUCCI, Roberto. MILESI, Rosita. Migrações Internacionais: em busca da cidadania universal. Sociedade em Debate, Pelotas. 2005.
MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.
GONZÁLEZ REY, Fernando. A saúde nas tramas complexas da cultura, das instituições e da subjetividade. In: GONZÁLEZ REY, F.; BIZERRIL, J. (Orgs.). Saúde, cultura e subjetividade: uma referência interdisciplinar. Brasília: UniCEUB, p. 9-33, 2015.

Trabalho 3: **Produção de cuidado do paciente com COVID-19 internado em UTI na perspectiva Cultural-Histórica**

Francyelle Marques de Lima, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, francyelle.marques@hotmail.com
Priscila Maria Marcheti, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, priscila.fiorin@gmail.com
Alexandra Ayach Anache, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, alexandra.anache@gmail.com

Resumo

O Novo Coronavírus se tornou uma ameaça mundial e representa a maior crise de saúde do século, afetando a vida de milhões de pessoas. Para auxiliar essas pessoas em seu processo de adoecimento, a Psicologia Hospitalar tem um papel importante, contribuindo para a qualificação do cuidado, resgate do sujeito, bem como, propondo práticas de cuidado em saúde. Esta proposta se configura como um relato de experiência que tem como objetivo discutir as práticas inovadoras à realidade vivenciada pela Psicologia na UTI Covid-19. A discussão proposta visa demonstrar os desafios das ações que propiciam a superação dos danos gerados pela internação à saúde mental destas pessoas, enfatizando o compromisso e o posicionamento ético-político da Psicologia inserida em contextos institucionais. O impacto emocional do adoecimento pelo coronavírus pode influenciar a progressão da doença, além de aumentar o sofrimento e consequências que se estendem para além da hospitalização. Além disso, familiares de pacientes que morrem durante um período pandêmico são particularmente vulneráveis, isso porque, a falta de comunicação, a impossibilidade de dizer adeus, a percepção de falta de empatia por parte da equipe de saúde e a restrição de visitas são fatores que fazem com que o risco de desenvolver estresse pós traumático e luto complicado seja alto. A vulnerabilidade e desamparo sempre foi uma realidade nos hospitais, mas a pandemia elevou os níveis de restrições e retirou dos pacientes o que eles tinham de mais importante e mais potente: a presença. Deste modo, a Teoria da Subjetividade e Epistemologia Qualitativa forneceu sustentação teórica e metodológica para a construção de propostas de intervenção neste contexto pandêmico. Para González Rey a subjetividade é compreendida como produção de caminhos simbólico-emocionais nas histórias das pessoas e das diferentes instâncias sociais que se tecem de forma viva e cambiante. Para identificar as dimensões subjetivas que movimentaram as ações e relações neste espaço, os instrumentos empregados foram: técnica de conversação, visitas virtuais que permitem a reaproximação do paciente com sua rede de apoio, sua casa, seus animais de estimação, etc. cartas, fotos e áudios durante a internação na UTI. A construção da informação que depreendeu deste processo permitiu a produção de cartilha de orientação sobre medidas protetivas para a realização de visita presencial para paciente em processo de recuperação de forma segura. Desta forma, a inserção do profissional de Psicologia na equipe de linha de frente possibilita a criação de caminhos que priorizam o cuidado, compreendendo as necessidades dos pacientes e seus familiares e promovendo a saúde mental. A partir disso, levanta-se para reflexão o valor heurístico da Teoria da Subjetividade e Epistemologia Qualitativa para compreender o trabalho desenvolvido em UTI´s.
Palavras chave: Saúde, Subjetividade, Covid-19

Referências

AZOULAI, E.; RANDALL CURTIS, J.; KENTISH-BARNES, N. Tem reasons for focusing on the care we provide for Family members of critically ill patients with COVID-19. **Intensive Care Med**.
BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19**: orientações às/aos psicólogas/os hospitalares. Brasília, 2020.
GONZÁLEZ REY, F.L. **Subjetividade e Saúde: superando a clínica da patologia**. Editora Cortez. 2011.

Trabalho 4: **La formación integral en promoción de salud de los adolescentes cubanos**

Sandra Ochoa Durán, Policlínico Julián Grimau García, sandraochoaduran.74@gmail.com
Clara Ofelia Suárez Rodríguez, Universidad de Oriente, csuarez@uo.edu.cu
María del Toro SánchezUniversidad de Oriente, mtoro@uo.edu.cu

Resumen
En Cuba, la Promoción de Salud escolar, además de sistematizarse en unidades curriculares, es tratada como eje transversal para todo el proceso pedagógico; por eso, convertir a los más jóvenes en promotores de la salud propicia que ellos aprendan técnicas de autocuidado en cuanto a la higiene, la alimentación, el descaso y ocio, la prevención de enfermedades infecto-contagiosas, no transmisibles y ambientales. Así como evitar la violencia, la drogodependencia y el embarazo en la adolescencia; y que a su vez enseñen a los pares, familiares y diferentes grupos sociales con los cuales interactúan, a autocuidarse también. Se propone un proyecto de investigación que desde el punto de vista teórico - metodológico se sustenta en la filosofía Marxista-Leninista, teniendo en cuenta las leyes, principios y categorías de la dialéctica materialista. A este enfoque general se integra lo holístico-dialéctico, la teoría de la subjetividad de Fernando González Rey y el Enfoque histórico-cultural del desarrollo humano de Vigotsky. El objeto de dicho proyecto es la formación integral en promoción de salud, de los estudiantes de Secundaria Básica. Se valora que el desarrollo integral del ser humano parte de una formación significativa, abarcadora de todas las esferas de la vida del sujeto, que incluye no sólo los contenidos de la escolarización, sino además, los de conocimiento personal, las habilidades sociales, comunicativas y las que generan actitudes hacia el autocuidado y la salud. En este sentido, se tienen en cuenta los aportes de investigadores como F. González, 1999; P. Rico, 1996; A. Labarrere, 1996; A. Amador, 1995; J. Zilberstein, 1997, R. Bermúdez, 2003; D. Castellanos, 2003; N. Cárdenas, 2003 y C. Suárez, 2004-2017; que apuntan a un aprendizaje desarrollador, reflexivo, formativo, que movilice las potencialidades de los sujetos que aprenden y los implique en su propio desarrollo. (Suárez,s/f). Siguiendo esta lógica, se toman los criterios planteados de que a diferencia de la perspectiva pedagógica tradicional que asocia educación con contenidos específicos a aprender, funciones cognitivas y ajuste del comportamiento, desde esta perspectiva teórica la educación se entiende como un proceso dialógico dirigido al desarrollo subjetivo en cualquier contexto relacional (incluido el formativo en cultura de salud) (González Rey y Mitjáns Martínez, 2017a; González Rey; Mitjáns Martínez; Rossato y Goulart, 2017). El campo de acción del proyecto de investigación se revela en la dinámica de orientación educativa de la salud desde la relación escuela-familia- comunidad, y el objetivo se proyecta al establecimiento de una estrategia educativa para la formación integral en salud del estudiante, desde la relación planteada, sustentada en un modelo de la dinámica de la orientación educativa de la salud del estudiante de Secundaria Básica. Los métodos teóricos propuestos son el histórico-lógico, el Hermenéutico, la Modelación y el Sistémico-Estructural Funcional, en el logro de un modelo y una estrategia educativa como resultados finales. ¿Por qué existen insuficiencias en la formación de los adolescentes en Cultura de Salud si el Ministerio de Educación posee un Programa Nacional de Promoción de Salud en la escuela que alcanza transversalmente todos los niveles de enseñanza?
Palabras-clave: Promoción de Salud Escolar, Formación Integral, Prevención de conductas de riesgo.

Referencias
1. GONZÁLEZ REY, F. (1999) La Afectividad Desde una Perspectiva de la Subjetividad.Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa Mai-Ago 1999, Vol. 15 n. 2, pp. 127-134.
2. GONZÁLEZ REY, Fernando & Mitjáns Martínez Albertina (2017a). Subjetividade: epistemologia, teoria e método. Campinas: Alínea.
3. GONZÁLEZ REY, Fernando; Mitjáns Martinez, Albertina; Rossato, Maristela y Goulart, Daniel Magalhães (2017). The relevance of the concept of subjective confguration in discussing human development. In: Fleer, Marilyen; González Rey, Fernando y Veresov, Nikolai. (Eds.). Perezhivanie, emotions and subjectivity: advancing Vygotsky's legacy (pp. 297-338). Cingapura: Springer. http://doi.org/10.1007/978-981-10-4534-9_11
4. SUÁREZ, C. (s/f). Enfoque integral de la formación del profesional en la educación superior de cara a los desafíos del siglo XXI. Universidad de Oriente. Santiago de Cuba.

Trabalho 5: **A dimensão subjetiva da educação em saúde**

Guilherme A. Sandrin, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, guiasandrin@gmail.com
Maria da Graça M. Gonçalves, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, grajota@uol.com.br

Resumo
O objetivo deste trabalho é analisar o campo da Educação e Formação em Saúde, particularmente as políticas nacionais vigentes, como a Política Nacional De Educação Permanente em Saúde (PNEPS) e o que consta sobre educação permanente em saúde (EPS) nas diretrizes curriculares da área da saúde e no próprio SUS. Tomar criticamente esse campo como objeto de pesquisa incide sobretudo nas universidades e nos serviços de saúde e seus modelos seculares de ensino, pesquisa e cuidado, tradicionalmente centrados na transmissão de conteúdos em núcleos temáticos desconectados, poucas disciplinas eletivas e desvinculando ensino, pesquisa e extensão (Carvalho; Ceccim, 2009,), perspectiva que afasta o foco do ensino e a prática em saúde: o território e o usuário. Uma primeira análise vem do campo de pesquisa da "Saúde Coletiva": Mehry(2001) e seu foco no *trabalho vivo em ato*; Campos(2006) e a ideia da Paideia no cuidado em saúde; Feuerwerker (2014) quando coloca que a EPS é *"alma da gestão"*. Dentre esses autores(as) o comum é o foco do cuidado: usuário e território. Esse foco será analisado em uma situação concreta, um grupo que utiliza a Estratégia da Gestão Autônoma da Medicação (GAM) como ferramenta para se promover cuidado em saúde focado em autonomia e cogestão, a fim de avaliar como essa estratégia pode aliar-se à educação em saúde, na produção de um novo sentido que rompa com estruturas hegemônicas do cuidado (biomédico), sobretudo, na atenção básica em saúde. Nesta apresentação pretendemos discutir como a categoria Dimensão Subjetiva da Realidade(Gonçalves, 2010) e a Teoria da Subjetividade (Martinez; Rey, 2017) se coadunam para trabalhar com a subjetividade presente nos processos de educação e cuidado em saúde. Apresentaremos as discussões teóricas feitas a partir dessas teorias com os autores do campo que definem cuidado nessa perspectiva, apontando a importância de considerar a subjetividade aí constituída.

Palavras-chave: Dimensão Subjetiva da Realidade; Educação em Saúde; Gestão Autônoma da Medicação.

Referências

CAMPOS, G.W.S. Efeito Paidéia e o campo da saúde: reflexões sobre a relação entre o sujeito e o mundo da vida. Trab. educ. saúde 4 (1) • Mar 2006
CARVALHO, Y. M. CECCIM, R. B. Formação e educação em saúde: aprendizados com a saúde coletiva. In: CAMPOS, G.W.S; MINAYO, M. C; AKERMAN, M; *et al.* Tratado de saúde coletiva. 1ª reimpressão: 2009 (1ª edição: 2006). il. Coedição com a Hucitec.
FEUERWERKER, L.C.M. Micropolítica e saúde: produção do cuidado, gestão e formação. Org. Laura Camargo Macruz Feuerwerker. - Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014. 174 p. - (Coleção Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde).
GONÇALVES, M. G. M. Psicologia, Subjetividade e Políticas Públicas. - São Paulo: Cortez, 2010. - (Coleção construindo o compromisso social da psicologia / coordenadora Ana Mercês Bahia Bock.
MARTINEZ, A. M. REY, F. G. Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica / Albertina Mitjáns Martinez, Fernando Gonzalez Rey. – São Paulo: Cortez, 2017.

Trabalho 6: **Atuação multidisciplinar na doença renal crônica: um relato de caso em hemodiálise**

Silva, Carmen Lúcia Lucas da. Secretaria de Saúde do Distrito Federal, carmemluciaucb@yahoo.com.br
Sheila, Borges, Secretaria de Saúde do Distrito Federal, sbnutri12@hotmail.com
Beatriz de Paula F. Cavalcante, Secretaria de Saúde do Distrito Federal, beatrizcavalcante.psi@gmail.com
Paulo Vitor Rocha, Secretaria de Saúde do Distrito Federal, pvdrocha@yahoo.com.b

Resumo

Objetivo: O presente estudo teve por objetivo relatar o caso de uma portadora de doença renal crônica em tratamento hemodialítico com abordagem da equipe multidisciplinar (psicológica e nutricional), diante das possibilidades de intervenção dos profissionais de uma unidade de nefrologia. **Descrição do caso:** Trata-se de um estudo descritivo, na modalidade relato de caso, de uma paciente portadora de doença renal crônica em hemodiálise há um ano. Pela avaliação nutricional, paciente apresentava baixa adesão às orientações nutricionais, dieta monótona, história prévia de obesidade e perda de peso corporal não intencional em internações hospitalares. Os aspectos psicológicos relacionados ao tratamento renal foram de ansiedade, medo, exercício da espiritualidade e religiosidade como estratégia de enfrentamento da doença. **Discussão:** A subjetividade no tratamento renal é algo singular do indivíduo, apesar dos avanços tecnológicos e os cuidados da biomedicina, a adesão ao tratamento de hemodiálise envolve uma complexidade de fatores culturais, sociais e cognitivos, além dos mecanismos de enfrentamento do adoecimento. O conhecimento da história pregressa permite compreender o significado do processo de adesão, seus desmembramentos e a expectativa do paciente

quanto aos cuidados de saúde e seus hábitos de vida. **Conclusão:** A condição de um paciente renal dependente de hemodiálise é complexa, visto que, a adaptação é um fator preponderante para a adesão ao tratamento. A abordagem multidisciplinar é fundamental na promoção de estratégias resilientes e de apoio à pessoa confrontada com o sofrimento da doença crônica. Como a subjetividade pode ajudar na implicação do tratamento crônico e contribuir com uma saúde humana?
Palavras chave: hemodiálise; subjetividade; multidisciplinar.

Referências
BASTOS MG, Bregman R, Kirsztajn GM. Doença renal crônica: frequente e grave, mas também prevenível e tratável. Revista da Associação Médica Brasileira. São Paulo, 56(2):248-53. Maio. 2010.
PEREZ. V.L.A. Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. Revista Brasileira de Psicodrama. São Paulo, 27(1):145-148. Set. 2019. DOI: 10.15329/2318-0498.20190016.
SESSO, R.C., Lopes, A. A., Thomé, F. S., Lugon, J. R., & Martins. C. T. Inquérito Brasileiro de Diálise crônica de 2014. *Brasilian Journal of Nefhrology*, São Paulo, v.38, n. 1, p. 54-61, jan/mar. 2016.

Trabalho 7: **Arte, loucura e vivência: a extensão universitária como possibilidade de espaço de formação crítica pautado na Luta Antimanicomial**
Francisco Neylon de Souza Rodrigues, Nolyen@gmail.com
Caio Figueira de Vasconcellos Vieira, Centro Universitário - Instituto de Educação Superior de Brasília, Figueira.devasconcellos@gmail.com

Resumo
O trabalho visa a reflexão da subjetividade social da pessoa institucionalizada devido a cronicidade do sofrimento psíquico grave e as ações políticas junto a eles pautadas nas perspectivas da Luta Antimanicomial. A pesquisa se desenvolveu no projeto de extensão universitário chamado Conviver; o qual visava a formação em saúde mental e o conhecimento, por intermédio da prática rotineira, da Lei de nº 10216/2001 a qual dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. As ações foram realizadas junto aos usuários da Casa de Passagem do Instituto de Saúde Mental/DF sendo vinte e sete homens e cinco mulheres, todos em situação de vulnerabilidade social, com viés implícito de cárcere privado e abandono. Foram desenvolvidas, como instrumentos para a produção de informações, oficinas de desenhos, pinturas, colagens e atividades fora do espaço institucionalizado as quais tinham como intuito o convívio com pessoas de outros contextos sociais e a expressão de suas singularidades. A partir dessas ações foi pensado uma exposição das obras dos usuários institucionalizados oportunizando o momento de cada um, de maneira espontânea, apresentar, caso quisesse, suas intenções na construção de sua obra. A construção desses espaços de expressão da singularidade de cada participante e dos seus sentidos subjetivos referente a arte produzida proporcionaram a reflexão crítica dos modelos biomédicos dominantes ao se pensar o sofrimento psíquico grave dos usuários institucionalizados e como a maioria dos

mecanismos ofertados pelo Distrito Federal não se baseiam nas ideias de promoção, proteção e prevenção de saúde, os quais fomentasse a integralidade, a universalidade e a democratização estabelecidos pela Lei Orgânica de Saúde de nº 8080 de 1990. A exposição se tornou um espaço importante na construção de informação sobre os usuários, pois, surgiam aspectos emocionais e simbólicos para aquilo o que cada um compreendia ser o seu sofrimento psíquico. As ações provocaram, também, a reflexão de que os projetos de extensão universitários ou qualquer incentivo a pesquisa nesses "espaços da loucura" se tornam caminhos provocadores de choques simbólicos ao promover o direito do "sujeito louco" ser o que é. Nesse ponto, a Teoria da Subjetividade e a categoria subjetividade social, portanto, possibilita a interpretação dos "espaços da loucura" como lugares os quais fomentam ainda a existência de aspectos simbólicos de uma concepção
biomédica e dicotômica entre indivíduo e sociedade, e não um olhar para a saúde integral e a criação de dispositivos que possibilitem a singularidade do sujeito louco.
Palavras-chave: Luta Antimanicomial; ações extensionistas; loucura e singularidade.

Referências
BRASIL. Lei N° 8.080, de 19 de setembro de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm>. Acesso em: 08 de julho de 2021.
BRASIL. Lei N° 10.216, de 6 de abril de 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm>. Acesso em: 08 de julho de 2021.
LÜCHMANN, Lígia Helena Hahn. O movimento antimanicomial no Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 12(2):399-407, 2007.

Trabalho 8: **Subjetividad y Psicoterapia: el trastorno mental y su expresión como configuración subjetiva de los procesos humanos**
Felix Jorge Robinson Samuells, Universidad de Brasilia, robinsonpupito@gmail.com

Resumen
El presente trabajo tiene como objetivo discutir la psicoterapia desde los presupuestos de la Teoría de la Subjetividad en una perspectiva cultural-histórica desarrollada por González Rey (2009, 2011). Destacando para ello, la importancia de la subjetividad como un sistema complejo que articula lo individual y lo social como dos momentos en proceso de manera recursiva y simultánea, a partir de las producciones simbólico-emocionales que emergen ante la experiencia vivida integrando lo histórico y lo actual. En este sentido, se parte de los principios de la Epistemología Cualitativa al reconocer el carácter constructivo-interpretativo del conocimiento, la legitimidad de lo singular como fuente de producción de nuevos conocimientos y el valor de la comunicación a través de su carácter dialógico y sus desdoblamientos en el campo terapéutico. A partir de eso, se presenta el valor de la metodologia constructivo-interpretativa a través de las reflexiones teóricas del psicoterapeuta produciendo conjeturas e indicadores orientados a generar una provocación reflexiva que estimule en el paciente nuevos posicionamientos y formas de sentir en la búsqueda de nuevas alternativas de vida. Desde esa dinámica procesual, el valor heurístico del concepto de

configuración subjetiva, no representa una entidad a priori, sino una herramienta intelectual para producir significados sobre la información que emerge en el espacio terapéutico. Siendo así, el dialogo constituye un recurso fundamental que se configura en la cualidad de la relación y la emocionalidad producida en el espacio terapéutico (Mori, 2020). A partir de esa intencionalidad teórica y metodológica propuesta se presenta un estudio de caso que nos permite reflexionar sobre las configuraciones subjetivas y su organización de forma singular y diferenciada en los individuos que viven y sienten su experiencia. Por tanto, la idea de trastorno mental es cuestionada al comprender que la complejidad de los procesos subjetivos no se orientan por una descripción semiológica descriptiva, sino por una visión procesual, contradictoria y dialógica, que coloca el foco en cómo se configuran los diversos estados subjetivos viviendo una experiencia. Finalmente el estudio de caso genera inteligibilidad sobre importantes procesos subjetivos que apuntan para la creación de nuevos espacios de subjetivación y la emergencia de nuevos recursos subjetivos generando la siguiente interrogación: ¿Cómo la categoría de configuración subjetiva avanza sobre la comprensión de los presupuestos semiológicos-descriptivos que fundamentan la noción del trastorno en los procesos de patologización?

Palabras-claves: Subjetividad, psicoterapia, configuración subjetiva.

Referencias

GONZÁLEZ REY, Fernando. Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia. São Paulo: Cortez, 2011.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Psicoterapia, subjetividad y postmodernidad: uma aproximación desde Vigotsky hacia una perspectiva histórico-cultural. Buenos Aires, Argentina: Noveduc Libros, 2009.

MORI, Valéria, Deusdará. Reflection on the value of the theory of subjectivity to signify the practice of psychotherapy (Reflexión sobre el valor de la teoría de la subjetividad para significar la práctica de la psicoterapia), **Studies in Psychology**, v. 41, n.1, p. 182-202, 2020.

Sessão 3 – 29 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00 – Apresentação e discussão final

Trabalho 1: **Saúde mental e redes sociais: reflexões teóricas a partir da subjetividade**

Helan de Sousa, Mestrando- Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade - Universidade Federal do Tocantins, helan.sousa@mail.uft.edu.br

José Fernando Patino Torres, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade - Universidade Federal do Tocantins, jfpatinotorres@gmail.com

Resumo

O objetivo do presente trabalho é buscar uma reflexão a partir da teoria da subjetividade de epistemologia qualitativa sobre o papel das redes sociais na vida dos indivíduos: Seria ela

promotora de adoecimento mental? Seria ela facilitadora dos processos de socialização? Por que muitas pesquisas apontam apenas o lado negativo das redes? Onde está a escola nesse ínterim? Desta forma o presente documento é um recorte do estado da arte do projeto de pesquisa" Redes sociais e saúde mental", onde vem oferecer algumas reflexões teóricas sobre a relação dialética para o uso das redes sociais e a saúde mental como processo subjetivo dos pares. Em termos metodológicos, foi realizada uma pesquisa em bases de dados do Google Acadêmico e SciElo, 25 periódicos de 2017 a 2021 que versam sobre a relação da temática, a partir das seguintes palavras chave: saúde mental, mídia, redes sociais, subjetividade e adoecimento, onde traz carências de pesquisas no campo subjetivo. Segundo Fialho e Sousa (2019), concebem que as instituições escolares não tem ofertado aos seus respectivos alunos um espaço subjetivo para uma construção de uma sociedade nas redes e como elas estão agindo direta ou indiretamente na saúde mental de seus pares. Para Moreira (2015) O manuseio contínuo das tecnologias de informação e comunicação vem à tona reforçar uma dialética dos caminhos percorridos pelos indivíduos nos processos subjetivos de suas identidades nas diferentes mídias sociais, que ora versam sobre o adoecimento com forte tendência a dependência, em outro momento está atrelado ao processo de bem estar social e emocional , e um terceiro voltado para uma constante ausência de uma orientação educacional afim de posicionar o indivíduo neste multiverso do qual se está inserido. Segundo Bordignon e Bonamigo (2017) corroboram que as redes sociais representam espaços imprescindíveis com o propósito de firmar a caracterização dos indivíduos enquanto canal de convivência e socialização o que para González Rey(2000), está na construção dos indicadores à partir da construção dos indutores conversacionais diante da análise dos indivíduos em seu contexto histórico, social e cultural , em um processo de subjetivação para o que está além das redes sociais e como elas se configuram.

Palavras-chave - Saúde mental, mídia, redes sociais, subjetividade, adoecimento

Referências

FIALHO, L. M.; SOUSA, F. G. A. (2019) Juventudes e redes sociais: interações e **orientações educacionais**. Revista Exitus, Santarém/PA, v. 9, nº 1, p.202-231. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/721/421> . Acessado em: 08.jan.2021

BORDIGNON, C.; BONAMIGO, I. S. Os jovens e as redes sociais virtuais.
Pesquisas e Práticas Psicossociais, v.12, n. 2, São João del Rei, 2017.
Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v12n2/06.pdf>. Acesso
em: 15. jul. 2020

GONZÁLEZ REY, F.). Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios. São Paulo: Thomson. 2000

MOREIRA, B. D. Os jovens e as tecnologias: entre a poética e o controle técnico. In: SOUSA, C. A. M. (Org.). Juventudes e tecnologias sociabilidades e aprendizagens. Brasília: Liber Livro, 2015

Trabalho 2: **Entre fios e desafios: as tessituras das inter(invenções) na superação dos danos gerados pelo transtorno mental**

Priscila Maria Marcheti, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, priscila.fiorin@gmail.com
Alexandra Ayach Anache, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, alexandra.anache@gmail.com

Resumo
Este estudo objetiva entender o movimento da subjetividade no processo de superação dos danos gerados pelo transtorno mental a partir das relações de mulheres com transtornos mentais em uma oficina terapêutica de bordado no Centro de Atenção Psicossocial. A oficina terapêutica recebeu o nome de Bordando a Vida pois acredita-se em novas estratégias de intervenção que mudam o foco de doença mental para a condição de existência das participantes. Na perspectiva da via da despatologização, as configurações subjetivas de transtornos mentais são constituídas pela organização de sentidos subjetivos gerados a partir de diferentes processos de vida (GOULART, 2017). Para esta investigação optamos por apresentar o caso de Mariana, uma das participantes desta oficina, que ilustra a vida de mulheres que vivem uma condição de invisibilidade. Os encontros ocorreram com 6 mulheres, uma vez por semana com duração de duas horas, somando 25 semanas de atividades em grupo e dois encontros individuais. Fundamentada na Epistemologia Qualitativa e sua expressão metodológica construtivo-interpretativa, com o uso de instrumentos indutores como o bordado em tecido xadrez e a dinâmica conversacional, permitindo o desenvolvimento de hipóteses apoiadas em indicadores que o pesquisador desenvolveu no curso da pesquisa (GONZALEZ REY; MITJANS MARTÍNEZ, 2017). No processo de constituição de Mariana, ela se apresenta como sendo “filha de uma vingança” e “uma sombra”, a qual considerou-se como central na organização de sua história de vida, reproduzindo um convívio conturbados com a família, uma infância composta por abuso sexuais e segredos existentes entre a vítima e o abusador, que é intensificado pela ameaça culpabilizadora e o temor da revelação do abuso. Portanto, podemos citar que uma das fontes geradoras de danos foram as violências vivenciadas em sua infância. As inter(invenções) construídas junto com a participante na oficina de bordado foram promovendo condições para novos sentidos subjetivos das situações que geraram danos na sua vida. Essas mudanças foram identificadas na qualidade das suas relações familiares, logo contribuíram para o desenvolvimento e fortalecimento da sua vida. A partir desta premissa, apresentamos a seguinte indagação: Qual o valor heurístico da Teoria da Subjetividade e Epistemologia Qualitativa para promover a superação dos ditames da clínica da patologia?
Palavras chave: Mulheres em sofrimento mental, Oficina terapêutica, Subjetividade.

Referências
GONZÁLEZ REY, F. L., MARTINEZ, A. M. Subjetividade: Teoria, epistemologia e método. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.
GOULART, D. M. Educação, saúde mental e desenvolvimento subjetivo: da patologização da vida à ética do sujeito. 2017. 254 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
GOULART, D. M. Saúde mental, desenvolvimento e subjetividade: da patologia à ética do sujeito. São Paulo, SP: Cortez, 2019.

Trabalho 3: **A música, o violino e a subjetividade no processo de cuidado de um paciente com covid-19**

Francyelle Marques de Lima, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, francyelle.marques@hotmail.com
Alexandra Ayach Anache, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, alexandra.anache@gmail.com
Daniel Ventura Damaceno, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, d.danielventura@gmail.com
Daniela Dias Medrado Rogério, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, danieladmrogerio@gmail.com

Resumo

A Organização Mundial de Saúde (OMS) caracterizou o contágio causado pelo novo coronavírus como uma pandemia e declarou que os países deveriam adotar uma abordagem envolvendo toda a sociedade. Os quadros mais graves de Covid-19 podem levar indivíduos a precisarem de cuidados intensivos (AZIZ et al, 2020). Trata-se de um relato de experiência que tem como objetivo refletir sobre uma proposta de cuidado por meio da música a um paciente com Covid-19 internado na UTI sob o olhar da Teoria da Subjetividade. O atravessamento da música no contexto hospitalar em questão, enquanto temática de pesquisa, aparece em minha experiência como psicóloga hospitalar, mais especificamente com um paciente que denominamos João. Este senhor de 51 anos foi internado na UTI para tratamento de infecção causada por coronavírus. Chega na unidade intubado, sedado e então, sigo com os cuidados com sua família. Seu filho o visitava todos os dias, inicialmente através do vidro e após receber o treinamento, realizava as visitas presencialmente, sempre muito carinhoso e esperançoso, apesar do quadro grave e crônico do pai. O sr. João e sua família são religiosos e a música tocada com instrumentos clássicos tem um papel muito importante na sua jornada cristã. Certo dia, durante escutas e acolhimentos ao filho, este fala que o irmão do paciente gostaria de tocar hinos no violino para João. Neste momento, o paciente estava em estado gravíssimo e sem muitas perspectivas de tratamento; haviam se passado cerca de 40 dias de tratamento na UTI. Compreendendo a importância destes rituais para a família e para o enfrentamento do processo de luto (KOVÁCS, 2008), já que o risco de óbito era iminente, abro as portas para o irmão, junto com seu violino, seu amor e sua esperança de cura. Construo juntamente com a equipe formas seguras de ele entrar no leito do irmão e para tanto, questiono-o: você conseguiria tocar com luvas? Ele disse que nunca havia feito antes, mas que tentaria. Após todos os cuidados, o irmão entra na UTI e toca quantos hinos deseja. Cerca de 10 dias após, o Sr. João acorda e tem uma melhora progressiva, recebendo alta hospitalar. O domínio da ciência centrada no saber do especialista exclui da análise do processo saúde-doença os fatores subjetivos e seus fatores protetores diante da doença (GONZÁLEZ REY, 2011). Por fim, consideramos que a experiência em questão permitiu uma terapêutica que mobilizou a produção de novos sentidos subjetivos para o paciente, seus familiares e toda a equipe envolvida.

Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: De que forma a música pode auxiliar a produção de novos sentidos subjetivos no contexto da saúde?

Palavras chave: Saúde, Subjetividade, COVID-19

Referências
AZIZ, S. et al. Managing ICU surge during the COVID-19 crisis: rapid guidelines. **Intensive Care Med**. 2020.
KOVÁCS, M.J. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. Revista Paideia, ed. 18. 2008.
GONZÁLEZ REY, F.L. **Subjetividade e Saúde: superando a clínica da patologia**. Editora Cortez. 2011.

Trabalho 4: **Um olhar sensível em tempos pandêmicos: Interface entre Psicologia e Espiritualidade**

Sonia Tsai Huang, Universidade Federal da Grande Dourados, soh_tsai@hotmail.com
Francyelle Marques de Lima, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, francyelle.marques@hotmail.com

Resumo
Trata-se de um relato de experiência sob a ótica de uma psicóloga residente durante atuação com paciente com Covid-19 na Unidade de Terapia Intensiva em um hospital universitário localizado no interior do estado de Mato Grosso do Sul. Essa proposta objetiva discutir o cuidado psicológico e sua relação com a espiritualidade através de uma visão integral de saúde. Senhor Carlos, 46 anos, é admitido em estado grave de saúde, respirando através de suporte artificial e sedado. Concomitantemente, sua esposa também estava internada em estado grave em outro município; assim os três filhos se dividiam no cuidado com os pais. O acolhimento e o olhar atento com a família possibilitaram o estabelecimento de uma potente vinculação afetiva, a qual se tornou eminentemente importante para o seguimento do cuidado. Nesta perspectiva, González Rey (2019) esclarece que os atos de fala são produzidos por indivíduos implicados subjetivamente no diálogo, permitindo o desdobramento de novos momentos qualitativos, responsável pela manifestação de atos de reciprocidade. Atendendo ao desejo da família, possibilitamos a visita dos filhos e do padre, seguindo os protocolos de higienização para uma visita segura. Após dez dias, o senhor Carlos despertou da sedação e foi extubado. Alguns dias após, recebemos a notícia de falecimento de sua esposa; o velório ocorreu no dia seguinte, em um domingo. No dia seguinte, Sr. Carlos foi encaminhado para a enfermaria. Recebi os filhos e o padre, pensamos em conjunto sobre a comunicação da notícia do óbito ao paciente, da qual foi comunicada de modo sensível. A internação continuou sem previsão de alta e paciente se negara a participar da missa do sétimo dia da esposa na sexta-feira. Nesse dia, realizei o atendimento à beira leito, coloquei os terços nas mãos dele e através de um diálogo pautado na intersecção entre a psicologia e a espiritualidade, pedi para ele mentalizar sua presença na missa, expressando as palavras para a esposa. Retiro-me do quarto e ao retornar, surpreendo-me com o pedido para ouvir a transmissão on-line da missa e ele solicitou para que o acompanhasse. No dia seguinte, Sr. Carlos referiu sentimento de conforto com sorriso no rosto. Na segunda-feira, paciente já deambulava e havia previsão de alta, na quarta-feira retornou ao lar. Através da experiência supracitada, compreende-se que a partir da ampliação da visão da saúde no âmbito bio-psico-socio-espiritual é possível trazer à tona novos

sentidos para o cuidado em saúde. Assim, suscitamos a reflexão sobre os limites e possibilidades da relação entre o cuidado psicológico e a espiritualidade.
Palavras chave: Subjetividade, Covid-19, Espiritualidade.

Referências

MARTÍNEZ, M.M.; GONZÁLEZ REY, F.; PUENTES, R.V. **Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: discussões sobre educação e saúde.** Editora Edufu, 2019.

MISTRALETTI, Giovanni. et all. Why and how to open intensive care units to family visits during the pandemic. **Crit care**, Milan, 25:191, 02 June 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1186/s13054-021-03608-3. Acesso em: 06 de Jul. 2021.

OLIVEIRA, Márcia. R.; JUNGES, José. R. **Saúde mental e espiritualidade/religiosidade:** a visão de psicólogos. Estudos de Psicologia. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2012.

Eixo temático: 10. A significação da subjetividade nos contextos organizacional, jurídico e social (13 Trabalhos)

Coordenadora: Mariana Oliveira dos Santos - Universidade de Brasília

Temas centrais para o debate:

- O lugar da subjetividade social na configuração subjetiva da ação de indivíduos e grupos;
- A significação dos conceitos de agente e sujeito (individual e social) para a compreensão do funcionamento humano nesses contextos;
- Desafios da utilização da metodologia construtivo- interpretativa na pesquisa nesses espaços.

Sessão 1 – 22 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **A dimensão subjetiva da relação entre psicólogos e pedagogos da equipe de apoio à aprendizagem**

Francisca Bonfim, Universidade de Brasília, franciscapsicologadf@gmail.com
Maristela Rossato, Universidade de Brasília, maristelarossato@gmail.com

Resumo

Trata-se de pesquisa de doutorado em andamento que privilegia a análise da dimensão subjetiva da relação entre psicólogos e pedagogos da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem- EEAA. A EEAA é um serviço multiprofissional da Secretaria de Estado de Educação do DF que atua tanto na perspectiva da intervenção, desenvolvendo ações em favor da superação dos problemas de aprendizagem, quanto na perspectiva da prevenção, visando reduzir as queixas de escolarização. Embora se considere importante o enfoque de algumas pesquisas sobre a necessidade de melhoria na operacionalização e do aprofundamento teórico-metodológico da equipe, adota-se, neste trabalho, uma outra perspectiva de investigação a fim de dar visibilidade à subjetividade individual dos profissionais do serviço, o pedagogo e o psicólogo, como pessoas que têm sua atuação atravessada por sentimentos, emocionalidades, desejos e histórias de vida que, de alguma forma, reverberam na maneira como desempenham suas ações e se expressam nas relações que estabelecem entre si e, consequentemente, com os demais atores do contexto escolar. A proposta teórica desta pesquisa está ancorada na Teoria da Subjetividade (TS), na perspectiva cultural-histórica, desenvolvida por González Rey e colaboradores, e na metodologia construtivo-interpretativa, cujos pressupostos se sustentam na Epistemologia Qualitativa (EQ). A partir dessa plataforma teórico-epistemológica, entende-se que a subjetividade produzida nas relações entre os integrantes da equipe pode constituir-se em fontes mobilizadoras da atuação profissional com possibilidades de mudanças, ou não, no cotidiano da escola. O valor heurístico da TS como um referencial teórico orientador justifica-se por: (a) considerar a complexidade do contexto em que se realiza a atuação da equipe; (b) contemplar a escola como um espaço favorecedor do desenvolvimento humano; e (c)

compreender que é a partir dos sentidos subjetivos produzidos nas relações que os sujeitos se constituem e são constituídos. Nesse sentido, questiona-se como o outro, na relação profissional, pode constituir-se mobilizador da subjetividade individual?
Palavras-chave: Equipe Especializada de apoio à aprendizagem, configuração subjetiva, Teoria da Subjetividade (TS).

Referências
González Rey, F. L. (2004). O sujeito, a subjetividade e o Outro na dialética complexa do desenvolvimento humano. In L. M. Simão & A. Mitjáns Martínez (Orgs.). O outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática profissional em Psicologia. (Cap. 1, pp. 1-28). São Paulo: Thomson.
González Rey, F. L. (2009). O social na Psicologia e a Psicologia social: a emergência do sujeito (2a ed.). Petrópolis: Vozes.
González Rey, F. L. (2011). Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios (2ª reimpressão da 1ª ed. de 2005). São Paulo: Learning.

Trabalho 2: **Neoliberalismo e Subjetividade: Desdobramentos em um Serviço de Saúde Mental**
Danielle Christine Vasconcelos Chauvet, Universidade de Brasília, dcchauvet@gmail.com
Daniel Magalhães Goulart, Universidade de Brasília, danielgoulartbr@gmail.com

Resumo
Este trabalho é fundamentado em uma pesquisa de Iniciação Científica, que teve como objetivo compreender processos subjetivos produzidos na relação entre usuários e profissionais de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do Distrito Federal, relacionados a expressões do neoliberalismo e do fenômeno da nova institucionalização. À luz da Teoria da Subjetividade em uma perspectiva cultural-histórica, partimos da premissa de que modelos socioeconômicos, para além de configurarem sistemas de produção e de consumo, favorecem certas formas de subjetivação (DARDOT; LAVAL, 2016). A lógica do mercado, baseada na concorrência e em modelos empresariais, se presentifica como um imperativo que visa reger todas as relações. Sendo, assim, em uma articulação do cenário neoliberal com o contexto medicalizante que vivenciamos, assistimos ao processo da patologização da vida e da gestão psicofarmacológica de si (LE BRETON, 2003). A metodologia construtivo-interpretativa foi utilizada na pesquisa, baseada na Epistemologia Qualitativa de González Rey (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTINÉZ, 2017). A pesquisa foi realizada em um CAPS do Distrito Federal, tendo como participantes a equipe profissional e usuários do serviço. Foram realizados encontros semanais – presenciais e virtuais – ao longo de três meses com os participantes, utilizando como instrumento a dinâmica conversacional. Como resultados, destacamos que a subjetividade social do CAPS pesquisado é marcada pela lógica neoliberal, o que é agravado pela marginalização do campo da saúde mental nas políticas públicas de saúde. Essa lógica neoliberal está intimamente associada a uma configuração subjetiva dominante no serviço marcada pelo individualismo, pela segregação, pela medicalização e, finalmente, pela lógica manicomial em sua roupagem contemporânea: a nova institucionalização (GOULART, 2019), que culmina na frequente hegemonia do modelo manicomial em serviços que formalmente se voltam para sua

superação. Diante desse cenário, contudo, existem alternativas que se coadunam com o projeto de sociedade da reforma psiquiátrica, que é avesso aos manicômios e que se orienta ao combate à exclusão, à cooperação, à autonomia e que se desdobra na abertura de projetos de vida voltados ao desenvolvimento numa perspectiva mais abrangente. Portanto, como contraponto, pudemos também gerar inteligibilidade sobre a emergência de profissionais como agentes de suas práticas, não apenas resistindo às dificuldades atuais, mas produzindo criativamente sentidos subjetivos alternativos à racionalidade neoliberal e à patologização dos processos humanos. Uma questão que se faz urgente no momento atual que vivemos é: de que maneiras podemos, a partir das contradições, pensar estratégias que favoreçam mobilizações de processos alternativos à racionalidade neoliberal e à patologização da vida?
Palavras chave: Neoliberalismo. Subjetividade. Saúde Mental**.**

Referências
DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2016.
LE BRETON, David. A produção farmacológica de si. Em Le Breton, D. (Org.), *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade* (55-66). Campinas: Papirus, 2003.
GONZÁLEZ REY, Fernando Luís; MITJÁNS MARTINÉZ. *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. Editora Vozes Limitada, 2017.
GOULART, Daniel Magalhães. Subjectivity and critical mental health: lessons from Brazil.New York: Routledge, 2019.

Trabalho 3: C**onfigurações subjetivas na aproximação polícia militar e sociedade no Espírito Santo**
Abda Ribeiro Grassioti Belo, Universidade do Federal Espírito Santo, abdabelo@hotmail.com
Rogério Zanon da Silveira, Universidade do Federal Espírito Santo, rogerio.silveira@ufes.br

Resumo
O tema desta pesquisa é a relação Polícia e Sociedade, entendida como uma tentativa de aproximação de pessoas nesses dois campos. Estudiosos vêm se dedicando ao tema no Brasil, como Suassuna (2013), que discute as interações entre policiais e cidadãos em um contexto urbano moderno. Também Menandro e Souza (1996), que abordam a visão da população sobre a atividade policial e aspectos polêmicos da relação Polícia e Sociedade. Este trabalho se orienta pelo seguinte problema de pesquisa: que modos de pensar e de agir, ou que configurações subjetivas, repercutem na relação Polícia-Sociedade? O referencial teórico que baseia esta pesquisa é a Teoria da Subjetividade numa perspectiva histórico-cultural, a Epistemologia Qualitativa e o Método Construtivo-Interpretativo do conhecimento (GONZÁLEZ REY, 2003, 2005a, 2005b; GONZÁLEZ REY; MARTINEZ, 2017). As interpretações levaram a destacar configurações subjetivas que podem ajudar no desenvolvimento da relação polícia-sociedade, associados, na visão dos sujeitos de pesquisa: ao pré-conceito da sociedade em relação à Polícia Militar; ao desconhecimento do trabalho na instituição policial; à necessidade de produção subjetiva associada a laços de confiança entre Polícia e sociedade; ao papel das redes sociais, amiúde geradora de conflitos; à falta de reconhecimento por parte da sociedade e do Estado; ao papel das lideranças policiais e comunitárias na construção dessa aproximação;

a modos de agir do policial militar no âmbito da sociedade em contexto de autocrítica. Algumas expressões dos participanes da pesquisa serviram como indicadores para investigação desses sentidos, como na fala de Teresa: “ele não podia tá aqui fechando meu comércio, ele quer que eu morra de fome?”; na de Jorge: “[...] a comunidade passa a ver o policial não como como opressor, mas como alguém que está ali para ajudar”; nas de Juliana: “[...] e aqueles que recebem os vídeos e que não conhecem, elas se distanciam também”; “o reconhecimento [...] contribuiria e muito pro trabalho”; “o pré-conceito é a principal dificuldade...”; “nossos comandantes, os líderes de comunidades, eles devem interagir melhor e criar aproximação”. Tratam esses aspectos de configurações que enfrentadas e outras potencializadas podem contribuir para a construção de laços mais fortes de confiança entre a instituição policial e a sociedade. A expectativa é de que os resultados possam subsidiar a formulação de políticas institucionais voltadas ao aprimoramento dessa dessa aproximação.
Palavras-chave: Sujeito, Subjetividade, Relação Polícia-Sociedade.

Referências:
GONZÁLEZ REY, F. L. (Org). **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Pioneira, 2005a.
_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005b.
_____. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
GONZÁLEZ REY, F. L.; MARTINEZ, A. M. **Subjetividade: Teoria, Epistemologia e Método.** Campinas, Editora Atens, 2017.
MENANDRO, Paulo Rogério Meira; SOUZA, Lídio de. **O cidadão policial militar e sua visão da relação Polícia-sociedade**. Psicologia USP, São Paulo, v.7, n.1/2, p.133-141, 1996.
SUASSUNA, Rodrigo Figueiredo. **Confiança e reciprocidade entre policiais e cidadãos: a Polícia democrática nas interações**. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 28, n. 2, p 463-464, Maio/Agosto, 2013.

Trabalho 4: **Configurações subjetivas no trabalho empreendedor de mulheres chefes de família**
Gabriel Silva Tinoco de Carvalho, Universidade do Federal Espírito Santo, gabrieltinoco@outlook.com
Rogério Zanon da Silveira, Universidade do Federal Espírito Santo, rogerio.silveira@ufes.br

Resumo
O “empreendedorismo feminino como sujeito de pesquisa“ tem sido explorado em inúmeros estudos no Brasil, como mostram Gomes et. al (2014, p. 40). Neste estudo, busca-se entender o papel da mulher na situação de empreendedora e de chefe de família no contexto social difícil e complexo em que vive e no âmbito dos desafios que circundam suas escolhas. Uma mulher que rompe barreiras num contexto social de “dominação masculina“, “de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível“, como expressado por Bourdieu (2010, p. 7). Mas uma mulher que vem conquistando espaço no trabalho e se desenvolvendo profissionalmente. Segundo o *Global Entrepreneurship Monitor* Empreendedorismo (2019, p. 40), “em 2019, no Brasil, praticamente não existiu diferença entre homens e mulheres no estágio de empreendedorismo inicial”. Porém, o empreendedorismo feminino ainda se depara com

inúmeras barreiras, muitas das quais de natureza simbólica. Esta pesquisa se insere nesse contexto e tem como objetivo compreender configurações subjetivas de mulheres chefes de família moradoras em um bairro da cidade de Cariacica, Espírito Santo, frente a seu trabalho empreendedor e voltado ao sustento de sua família. O referencial teórico-metodológico que sustenta a pesquisa é a tríade Teoria da Subjetividade, Epistemologia Qualitativa e Método Construtivo-interpretativo do Conhecimento (GONZÁLEZ REY, 2003, 2005; GONZÁLEZ REY e MARTINEZ, 2017). O destaque é dado a um grupo de pesquisa constituído por seis mulheres empreendedoras e chefes de família, lançando mão especialmente do conceito de subjetividade social (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 211; 2012) em busca de entendimento de "processos de produção e organização de significados e sentidos subjetivos no nível social". Os resultados, ainda em construção, apontam para barreiras simbólico-culturais consideráveis no caminho dessas mulheres, amiúde associadas à sua situação social e econômica e de gênero, por exemplo, mas também relacionadas a aspectos de autoestima, de luta, de autorrealização, entre outros. A expectativa é a de que a pesquisa contribua para o superar dessas barreiras e para potencializar o "desenvolvimento humano" (ROSSATO, 2019), bem como para a oferta de subsídios ao desenvolvimento de políticas voltadas ao enfrentamento de problemas contextuais que tangenciam o tema desta pesquisa.

Palavras-chave: Empreendedorismo feminino. Mulher chefe de família. Teoria da Subjetividade.

Referências

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil : 2019** . Coord. GRECO, Simara Maria de Souza Silveira. Curitiba: IBQP, 2020.

GOMES, A. F. et. al. Empreendedorismo Feminino como Sujeito de Pesquisa **R. bras. Gest. Neg.**, São Paulo, v. 16, n. 51, p. 319-342, abr./jun. 2014

GONZÁLEZ REY, F.L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

_____. **O social na psicologia e a psicologia no social.** 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MARTINEZ, A. M. **Subjetividade: Teoria, Epistemologia e Método.** Campinas: Editora Atens, 2017.

ROSSATO, Maristela. Contribuições da Epistemologia Qualitativa na mobilização de processos de desenvolvimento humano. *In:* **Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade.** MARTINEZ, A. M.; GONZÁLEZ REY, F.; PUENTES, R. V. Uberlândia: EDUFU, 2019.

Trabalho 5: **Configurações subjetivas na busca de implantação de meios consensuais de resolução de conflitos na Polícia Rodoviária Federal**

Claudio Edison Eusebio Martins, Universidade Federal do Espírito Santo, claudioeemartins@gmail.com

Rogério Zanon da Silveira, Universidade do Federal Espírito Santo, rogerio.silveira@ufes.br

Resumo

Esta pesquisa aborda o tema resolução consensual de conflitos no Serviço Público. Trata-se de um estudo na Polícia Rodoviária Federal (PRF), cujos profissionais vinculam-se ao regime jurídico dos servidores públicos civis, âmbito em que a Controladoria-Geral da União (CGU) trouxe um novo instituto para tratar das infrações funcionais: o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC). Este estudo é feito num contexto de tentativa de superação de um sujeito de direito, tangenciando a fala de Peres (2018, p.231), "transformado em materialidade, em uma unidade, em um ator". O objetivo da pesquisa é compreender configurações subjetivas no debate sobre implantação de meios consensuais de resolução de conflitos, em alternativa ao processamento disciplinar regular em vigor na PRF, a partir da ótica de servidores da área de corregedoria da PRF no estado do Espírito Santo que formam um grupo de pesquisa. O estudo tem como suporte teórico-metodológico a tríade Teoria da Subjetividade, Epistemologia Qualitativa e Método Construtivo-Interpretativo (GONZÁLEZ REY, 2003; 2005, 2019; GONZÁLEZ REY e MARTINEZ, 2017), entendendo-a como "opção crítica" para o desenvolvimento desta pesquisa, na qual são enfatizados os aspectos da subjetividade e da "riqueza imaginativa emocional dos indivíduos (GONZÁLEZ REY, 2019, p. 25). Trata-se de perspectiva que vai de encontro a abordagens científicas da "resolução consensual de conflitos" e do "termo de ajustamento de conduta", aplicados ao serviço público fincadas em viés objetivo, como, por exemplo, no da eficiência econômica (NÓBREGA, 2015). "A subjetividade social como via para o estudo da sociedade (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 211; 2012) representa recurso valioso para acesso à compreensão de celebração de um evento que sofre influências diversas e de diferentes espaços na Administração. Dos resultados, ainda em construção, emergem simbolismos histórico-culturais associados, por exemplo, à essencialidade da punição como medida de justiça, entre outros modos de pensar e de agir que dificultam a administração do problema pesquisado a partir de um viés político. Entende-se que abordar o TAC a partir da visão das pessoas nele envolvidas e à luz da Teoria da Subjetividade pode significar passo importante para superação de barreiras objetivas e simbólicas na instituição, e contribuir para um caminhar por outros modos de pensar e de agir que privilegiem a situação humana na organização.

Palavras-chave: Resolução de Conflitos, Serviço Público, Subjetividade.

Referências

GONZÁLEZ REY, F.L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

____. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

____. **O social na psicologia e a psicologia no social.** 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

____. A Epistemologia Qualitativa vinte anos depois. *In:* MARTINEZ, M. M.; GONZÁLEZ REY, F.; PUENTES, R. V. **Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade.** Uberlância: EDUFU, 2019.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MARTINEZ, A. M. **Subjetividade: Teoria, Epistemologia e Método**. Campinas, Editora Atens, 2017.

MARTINEZ, M. M.; GONZÁLEZ REY, F.; PUENTES, R. V. Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade. Uberlância: EDUFU, 2019.

PERES, V. L. A. **Subjetividade e Psicologia Jurídica**. Curitiba: Apris, 2018.

Trabalho 6: **Sujeito e subjetividade em pesquisas organizacionais: caminhos percorridos!**
Rogério Zanon da Silveira, Universidade Federal do Espírito Santo, rogerio.silveira@ufes.br

Resumo
Este resumo é fruto de um ensaio que tem como objetivo resgatar ensinamentos do Professor Fernando num processo de adoção da Teoria da Subjetividade nos estudos organizacionais. Era o ano de 2008, numa de suas visitas ao Programa de Pós-Graduação em Administração, na Ufes, conversas que durariam bons longos anos. Estávamos diante de uma acepção de subjetividade com potencial significativo de pesquisa nos estudos organizacionais, sabíamos. Nos primeiros passos de pesquisa, era difícil a apreensão de conceitos, mas em diálogos com Fernando, iam ficando um pouco mais claros, como os de sentidos e de configurações subjetivas. A ideia de subjetividade social era muito atrativa ao estudo de temas em organizações, a partir de elementos como mitos, lendas, crenças, ideologias, etc. Mas complexidades iam também se acumulando, dado avanços em curso na teoria (GONZÁLEZ REY, 2019), como a ideia da tríade Teoria da Subjetividade, Epistemologia Qualitativa e Método Construtivo-Interpretativo (GONZÁLEZ REY, 2003; 2005, 2019; GONZÁLEZ REY e MARTINEZ, 2017). Avanços na acepção de sentidos subjetivos e de sujeito e na conjunção maior Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: "Rorrêrio, é referencial teórico-metodológico", expressou com sua peculiar energia. Claro! É referencial teórico-metodológico porque estudo não sobre a organização, mas sobre a subjetividade de pessoas envolvidas na organização, que formam com o pesquisador um grupo de pesquisa, por exemplo. Assim, o estudo dessa subjetividade vai consistir em via para investigação do problema e do objetivo de pesquisa em determinada organização. Mas também para o autoconhecimento dessas próprias pessoas, transformadoras e criadoras de novas subjetividades nos espaços organizacionais. Sujeitos em pesquisa e sujeitos e na organização! "Ciência é pensamento", sempre repetia. Mas se entre o escutado e o interpretado há aproximações, há também distâncias, criações ou adequações, algo que gostaríamos de continuar aprendendo e discutindo com Professor Fernando por mais uns bons longos anos. Quem não nutriu esse anseio, não é Daniel? Enfim, a acepção de sujeito, entre outros conceitos, passou por intensas reflexões, que continuam sendo feitas por colegas pesquisadores herdeiros desse imenso legado, que podem ser revisitados no livro "Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia" (GONZÁLEZ REY, 2005). E para quem gostaria de deixar "*provocación* intrigante", como costuma dizer Patino, *provocación* que nos acompanha há bom tempo (SILVEIRA, 2013): "seríamos, na organização, todos sujeitos"?
Palavras chave: Sujeito e Subjetividade, Epistemologia Qualitativa, Estudos Organizacionais.

Referências
GONZÁLEZ REY, F. L. (Org). **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Pioneira, 2005.
_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
_____. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
GONZÁLEZ REY, F. L.; MARTINEZ, A. M. **Subjetividade: Teoria, Epistemologia e Método.** Campinas, Editora Atens, 2017.

____. A Epistemologia Qualitativa vinte anos depois. *In:* MARTINEZ, M. M.; GONZÁLEZ REY, F.; PUENTES, R. V. **Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade.** Uberlância: EDUFU, 2019.
SILVEIRA, Rogerio Zanon da. Mãe!? O mundo vai acabar...? Reflexões sobre Desdobramentos e Implicações dos Paradigmas Sociológicos de Burrell e Morgan para os Estudos Organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 11, nº 4, artigo 10, Rio de Janeiro, Dez. 2013.

Trabalho 7: **Projeto Justiça Educativa de Famílias: lugar da expressão de configurações subjetivas sociais sobre elementos da cultura do litígio em prática dialógica de grupo**

Camilla Rosa Soares Campos, Centro Universitário de Brasília, camillarscampos@hotmail.com

Resumo

O projeto Justiça Educativa de Famílias, no qual esta pesquisadora é voluntária, desenvolve prática dialógica de grupo, conduzida por psicólogo, com fundamento na Teoria da Subjetividade. Consiste em espaço de expressão de sentidos subjetivos gerados pelos indivíduos em contenda judicial pela guarda de filho(s), com o objetivo de desenvolvimento, logo, à emergência dessas partes enquanto agentes ou sujeitos. Ao longo das sessões são percebidos sentidos subjetivos sociais que atravessam os grupos – por vezes os relatos das mulheres trazem a questão da violência sofrida e dos juízos sobre a figura paterna; enquanto os homens pontuam a alienação parental. Isso aponta para o que González Rey chama de "dissecação do 'vivo' que acontece quando a pessoa é encaixada em perfis universais". As configurações subjetivas sociais sobre esses elementos do litígio se destacam como pontos de enrijecimento dos indivíduos litigantes, indicando para seu adoecimento, conforme a Teoria da Subjetividade. Ao longo das sessões realizadas com o grupo, os participantes são provocados, questionados a fim de se iniciar ou aprofundar uma reflexão sobre os sentidos subjetivos sociais que neles estão configurados. Objetiva-se por meio do estudo de um caso, a construção de um modelo teórico explicativo com foco nas configurações subjetivas sociais dos elementos da cultura do litígio. Os objetivos específicos serão: compreender como os elementos do litígio são configurados subjetivamente pelos participantes do grupo; analisar como se desdobram ao longo das sessões do grupo os sentidos subjetivos sociais estão presentes nos diálogos, identificando as produções subjetivas dos participantes segundo a dinâmica da lógica configuracional; construir um modelo teórico sobre aspectos do litígio construídos socialmente. Propondo como problema de pesquisa: compreender como os sujeitos que são partes em processo judicial de guarda compartilhada sentem e percebem as vivências do litígio; e verificar como o espaço educativo/terapêutico de grupo pode mobilizar a emergência de novos sentidos subjetivos sociais?

Palavras chave: litígio; guarda compartilhada; configurações subjetivas sociais.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MARTINEZ, Albertina Mitjáns. **Subjetividade**: teoria, epistemologia e método. Campinas: Editora Alínea, 2017.
PERES, Vannúzia Leal de Andrade. Justiça educativa de famílias. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 23, n. 4, p. 415-424, out./dez. 2013. Disponível em:

http://seer.pucgoias.edu.br/files/journals/4/articles/3016/submission/review/3016-8953-1-RV.pdf. Acesso em: 09 jul. 2021.
PERES, Vannúzia Leal de Andrade. Configurações Subjetivas de Famílias em Litígio pela Guarda dos Filhos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 34, n. 3, pp. 733-744, set. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/PCxhwJjMyn3nb3PtKCZMYJj/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 09 jul. 2021.

Sessão 2 – 23 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **Subjetividade social e aprendizagem na educação empresarial**
Mariana Oliveira dos Santos, Conselho Federal de Engenharia e Agronomia, mari.oliveirasantos@gmail.com
Albertina Mitjáns Martínez, Universidade de Brasília, amitjans49@gmail.com

Resumo
A pesquisa a ser relatada compõe a tese de doutorado em Educação, defendida na Universidade de Brasília – UnB (OLIVEIRA SANTOS, 2020). O objetivo geral da pesquisa foi compreender a relação entre uma prática educativa empresarial e a forma como o indivíduo aprende, com foco na aprendizagem criativa. O arcabouço teórico central que deu base ao trabalho foram os estudos de Mitjáns Martínez sobre a criatividade como processo da subjetividade humana e a Teoria da Subjetividade desenvolvida por González Rey (GONZÁLEZ REY e MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). A metodologia da pesquisa teve como referência a metodologia construtivo-interpretativa, fundamentada na proposta da Epistemologia Qualitativa também desenvolvida por González para o estudo da subjetividade. A pesquisa de campo consistiu no estudo de caso de uma prática educativa empresarial, voltada ao desenvolvimento de líderes, que contemplou a imersão no curso fornecido por uma empresa privada do ramo de consultoria e treinamento mediante inscrição aberta ao público, bem como o estudo das configurações subjetivas da ação de aprender de um dos participantes do curso. A construção da informação foi realizada com o apoio dos seguintes instrumentos: dinâmica conversacional, complemento de frases, análise documental, observação participante e Técnica de Explorações Múltiplas. Tal processo permitiu gerar inteligibilidade acerca de expressões da subjetividade social que constituiu o espaço social da aprendizagem, da forma como a aprendizagem se expressou nesse espaço, e de configurações subjetivas da ação de aprender do participante pesquisado no contexto dessa prática educativa empresarial. A partir dessas construções, formulamos a tese de que a subjetividade social do espaço de aprendizagem no contexto da prática educativa empresarial estudada se expressa, de forma predominante, pelas características do gerencialismo (GAULEJAC, 2007), bem como por relações pautadas pela competitividade e disputa de poder. As caraterísticas dominantes da prática educativa empresarial estudada, incluída a subjetividade social do espaço social em que se produz, favorecem a produção de aprendizagens reprodutivas em relação ao conteúdo abordado e compreensivas em relação à experiência da aprendizagem, não sendo favoráveis para a emergência de aprendizagem

criativa. As escassas expressões de criatividade na aprendizagem na prática educativa estudada estão configuradas por sentidos subjetivos produzidos na história de vida do indivíduo, como expressão da sua dimensão funcional da criatividade.
Questão para discussão: Como favorecer a aprendizagem criativa em um contexto educativo como o empresarial, no qual predomina a dissociação entre teoria e prática?
Palavras chave: Educação empresarial, subjetividade, aprendizagem criativa.

Referências
GAULEJAC, V. **Gestão como doença social**. Aparecida/SP: Ideias e Letras, 2007.
GONZÁLEZ REY, F. L; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Editora Alínea, 2017.
OLIVEIRA SANTOS, Mariana. **Subjetividade social e aprendizagem na educação empresarial.** 2020. 243 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

Trabalho 2: **Territórios, Direito, e a subjetividade?**
Eduardo Gonçalves Rocha, Universidade Federal de Goiás, eduardofdufg@yahoo.com.br
Priscila Kavamura de Moura, Universidade de Brasília, priscila.kgm@hotmail.com

Resumo
Este trabalho busca explorar a relação entre as categorias território e subjetividade, procurando abrir caminhos epistemológicos para o Direito. O conceito de território tem centralidade para o Direito. O Direito moderno é territorial, desenvolve-se e é exercido dentro de determinadas fronteiras, sob as quais emerge a noção de cidadania (SCHMITT, 2014, p. 38-40). Contudo, a Geografia Humana, em especial com Milton Santos (2006), tem agregado complexidade a essa categoria, mostrando que o espaço é físico, porém, é também o local onde o social realiza-se. A relação humana não é externa, mas constitutiva do espaço. Milton Santos muda o foco de uma territorialidade única (terra, localização) e começa a construir as bases teóricas daquilo que hoje é entendido como territorialidades (espaço geográfico, sob o qual os seres humanos sonham, vivem e simbolizam). O espaço deixa de ser visto como único e uniforme para ser compreendido como diverso. Nesse sentido, acredita-se que a psicologia Histórico Cultural (REY, 2003) tem muito a contribuir ao proporcionar chaves analíticas para se entender a interdependência entre sujeitos, espacialidades e os processos subjetivos daí decorrentes. Com Gonzalez Rey (2003) é possível afirmar que o próprio espaço é uma produção subjetiva, simbólica e emocional. Não há um território único, mas territorializações diversas, com seus diversos sujeitos. Essa conclusão é muito importante, pois o questionamento ao território moderno linear, significa problematizar a própria noção de cidadania homogênea sob a qual se desenvolveu o Estado contemporâneo. O território estatal não é exclusivo, neutro ou formador de um único sujeito. O espaço geográfico configura-se e institucionaliza-se em razão dos sentidos subjetivos produzidos por seus sujeitos. Nele a vida se torna mundo, práticas sociais se institucionalizam, universos simbólicos cristalizam-se, tornando-se um espaço físico e social gerativo de novos sentidos subjetivos, constitutivos dos sujeitos. Territórios e seus sujeitos são indissociáveis, apesar de não possuírem uma relação linear, mas sim uma tensão constitutiva. Se o território estatal não é único, há uma multiplicidade de sujeitos e muitas formas de

dignidade que merecem a proteção por parte do Direito. Acredita-se também que a aproximação entre a Teoria da subjetividade e a Geografia também é relevante para aquela, uma vez que traz a categoria espaço para se pensar a própria subjetividade, afinal, o sujeito se realiza no espaço geográfico. Por fim, questiona-se: qual a contribuição que a teoria histórico-cultural da subjetividade pode oferecer para a categoria jurídica território? Mas ao mesmo tempo, indaga-se, como a categoria território pode contribuir para se pensar a subjetividade?
Palavras chave: Territorialidades, diferentes dignidades, subjetividade

Referências
REY, Gonzalez. Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural. Tradução Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
SANTOSb, Milton. O retorno do territorio. In: OSAL : Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun.2005-). Buenos Aires : CLACSO, 2005- . -- ISSN 1515-3282 Disponnível em:http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf. Acessado em 14 de maio de 2021.
SCHMITT, Carl. O nomos da Terra no direito das gentes do jus publicum europaeum. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2014.

Trabalho 3: **O sentido do trabalho para praticantes do budismo na cidade de Curitiba – PR**
Yasmin Xavier de Albuquerque, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, yasminbielby@hotmail.com
Liliane Canopf, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, lilianec@utfpr.edu.br

Resumo
Este resumo apresenta uma pesquisa que explorou qual o sentido do trabalho para os praticantes do budismo na cidade de Curitiba, Estado do Paraná, partindo dos pressupostos inerentes a uma pesquisa qualitativa. A pesquisa teve três eixos, cada um deles cumprindo uma tarefa específica em sua composição geral. O primeiro eixo foi o sentido do trabalho, que é o norteador ou base teórica. O segundo eixo foram os praticantes do budismo, uma vez que ao questionar sobre qual o sentido do trabalho, é necessário perguntar: o sentido do trabalho para quem? O “para quem?” refere-se aos trabalhadores que praticam o budismo. O terceiro eixo é o local, a cidade de Curitiba, Estado do Paraná, que situa em um plano material onde se encontram os praticantes do budismo. Pressupõem-se que o trabalho é parte fundamental da vida das pessoas, posto que, vive-se grande parte da vida no trabalho e realiza-se buscando-o (NARDI, 2006). Diante disso, a abordagem utilizada para compreender a produção de sentido está em consonância com o conceito de ‘sentido subjetivo’, definido por González Rey (2017), como atributo ontológico essencial para a pesquisa qualitativa. O autor declara que o sentido subjetivo é uma unidade inseparável de dois elementos, os processos simbólicos e as emoções, o construto teórico resultante desta pesquisa criou uma zona de sentido, organizando os elementos considerados qualitativamente mais importantes nessa configuração subjetiva. A partir dos diálogos com os respondentes surgiram os núcleos de sentido: o trabalho como missão, o desejo de tornar-se uma pessoa indispensável, o sofrimento como necessário para transformar o destino, o budismo na vida diária, a postura exemplar no local de trabalho,

responsabilidade, disciplina e fé são alguns deles, que se mesclaram à prática budista. Todos esses núcleos de sentido em conjunto apontam para uma compreensão da configuração subjetiva de sentido do trabalho para os praticantes do budismo como um refúgio psíquico, fonte de fortalecimento emocional e psicológico. Longe de ser uma proposta exaustiva, buscou-se dialogar com os sentidos implícitos e explícitos das falas dos participantes para compreender esse fenômeno social, e ampliar o entendimento sobre o mesmo por meio da apresentação do construto teórico.
Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: O uso da espiritualidade é sempre apresentando como um recurso em que todos ganham, a empresa, os funcionários e a sociedade. Porém, nos questionamos se isso é salutar na construção do sentido do trabalho para os trabalhadores e quais as consequências das organizações tornarem-se um espaço para a totalidade da vida das pessoas sua relação?
Palavras-Chave: Sentido do Trabalho, Budismo, Religiosidade.

Referências
GONZÁLEZ REY, Fernando. Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
GONZÁLEZ REY, Fernando. Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thompson, 2003.
GONZÁLEZ REY, Fernando. & MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.
GONZÁLEZ REY, Fernando. GOULART, Daniel Magalhães. BEZERRA, Marília dos Santos. Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. Porto Alegre: Educação. V.39. Dez: 2016.

Trabalho 4: **Significación atribuida al trabajo por parte de adolescentes trabajadores en el marco de la gestión de las estrategias territoriales para la prevención y erradicación del trabajo infantil en Cali-Colombia**
Jesús Marcel Solís Hurtado, Universidad del Valle- Cali. Universidad de San Buenaventura-Cali, Colombia. Solishurtado95@gmail.com

Resumen
El 11 de febrero del presente año la Asamblea General de las Naciones Unidas por medio de la resolución A/73/L.101 declara al 2021 como el año internacional para la eliminación del Trabajo Infantil (TI en adelante). En este orden de ideas, Colombia, se ha comprometió a gestionar estrategias orientadas a finalizar con el TI en el marco de la Línea de Política Pública para la Prevención y Erradicación del Trabajo Infantil y la Protección Integral al Adolescente Trabajador (2017-2027), tal como expressa el (DEPARTAMENTO NACIONAL DE PLANEACIÓN, 2019) y (NACIONES UNIDAS, 2018). No obstante, surge la necesidad de realizar una aproximación a través del discurso a la significación atribuida al trabajo por parte de adolescentes trabajadores y al mismo tiempo reconocer desde el discurso de las autoridades competentes que conforman el Comité Interinstitucional para la Erradicación del TI- CIETI, los alcances y limitaciones de la gestión de las estrategias territoriales para la erradicación del TI en Santiago de Cali-Colombia.

El objeto de estudio es relevante tanto para la psicología como para el mundo del trabajo y de las organizaciones, en tanto se aborda la significación encontrándose implícitos elementos de la subjetividad de los participantes lo cual resulta de vital importancia para la gestión pública atravesada por el componente social y humanístico, de este modo, la gestión de las estrategias tendrán dos elementos fundamentales, el dato y la herramienta humana –la significación y el discurso- los cuales permitirá adentrarnos en la realidad y en el mundo cargado de sentidos subjetivos y significados de los participantes, y desde allí generar soluciones humanas a los problemas de carácter humano en la gestión pública. *Objetivos:* analizar la significación atribuida al TI; caracterizar los factores sociales y culturales implícitos en él; indagar desde las voces de los actores involucrados los alcances y limitaciones de la gestión de las estrategias territoriales. *Método*, el estudio se realiza con la Epistemología Cualitativa y Teoría de la Subjetividad de Fernando González Rey; bajo la perspectiva Histórico-Cultural, es de tipo descriptivo – interpretativo y corte transversal. *Técnicas e Instrumento:* entrevista semi-estructurada. *Participantes:* adolescentes trabajdores de la Plaza de Mercado Santa Elena de Cali; y las autoridades competentes. Resultados preliminares y conclusión, se logra rescatar a un sujeto productor de significados y sentidos subjetivos en los espacios en los que participa. El TI implica un desafío en su comprensión y abordaje que involucra aspectos sociales, humanos, culturales, psicológicos y jurídicos y de esta manera demanda una mirada interdisciplinar, que trascienda asuntos propios de la Ley y logre articular diversas posturas, tal como lo encontramos en el trabajo de (MITJÁNS, 2001). Pregunta: *¿Cómo contribuye la Epistemología Cualitativa y la Teoría de la subjetividad a la gestión de las estrategias para la prevención y erradicación del trabajo infantil en los países Latinoamericanos y especialmente en Colombia?*

Palabras claves: *significación, trabajo infantil, gestión de estrategias.*

Referencias

DEPARTAMENTO NACIONAL DE PLANEACIÓN **Plan Nacional de Desarrollo 2018-2022: Pacto por Colombia, pacto por la equidad.** Bogotá, Colombia. (2019)

NACIONES UNIDAS. **La Agenda 2030 y los Objetivos de Desarrollo Sostenible: una oportunidad para América Latina y el Caribe**. Santiago. (LC/G.2681-P/Rev.3). (2018).

MITJÁNS, A. **Trabajo infantil y subjetividad: una perspectiva necesaria.** Brasil. Estudios de Psicología, 6(2), 236- 244, (2001).

Trabalho 5: **Subjetividad Femenina, Maternidad y Sujeto, miradas en Pandemia**

Margareth Palma Peña, Universidad Autónoma de Chile, margarethpalmapna@gmail.com
Florencia Retamal Medina, Liceo Javiera Carrera, flopetronila12@gmail.com
Martina Loyola Borquez, Universidad Autónoma de Chile, martina.loyolaborquez2002@gmail.com
Alicia Villagrán, Universidad Autónoma de Chile, alicia.villagran1@cloud.uautonoma.cl
Catherine Muñoz Urrutia, Universidad Autónoma de Chile, catherine.munoz@uautonoma.cl

Resumen

La pandemia ha visibilizado nuevamente la función maternal femenina. Este lugar, fuertemente analizado y criticado desde el feminismo, se ha convertido en un espacio fundamental en el cuidado y sostén de la Salud Mental e integridad física y social de niños, jóvenes y adultos mayores. Nuevamente, como en cada crisis social, la mujer ha sostenido el bienestar social y la capacidad productiva de las naciones, a partir de la pérdida de espacios personales, laborales y de desarrollo. En Chile en el último año, la participación de la mujer en el mundo del trabajo retrocedió en 10 años de su avance. Se analiza críticamente los hallazgos con relación al género de estudios del equipo de investigación de la Universidad Autónoma de Chile, Sede Temuco, en tanto, la fuerte función materna sostiene el lugar invisibilizado y desvalorizado de la mujer, que la aleja de la vida pública. También, se observa en la maternidad un intenso efecto en la articulación de sentidos subjetivos y en la estabilidad de las configuraciones subjetivas en la incertidumbre de pandemia. En esta segunda vertiente, se aprecia capacidad creativa y productiva junto a emociones amorosas que las mantienen en autorrealización. Se analizaron también otras acciones femeninas, que dan cuenta de la necesidad de la mujer hoy, de compatibilizar trabajo y cuidado, maternidad y vida política. No es imprescindible negar la maternidad para participar del poder y la producción. Gonzalez Rey y Mijians nos permiten ver en aspectos como la maternidad, un espacio subjetivo, vincular y de relación con otro absolutamente productivo-creativo y desplazarnos de la crítica a la maternidad a la crítica al orden del trabajo, el estudio y sociopolítico, que opone el cuidado de otro a la función productiva y de ocupación de espacios de poder. El amor es un lugar de anclaje a cuidar, y a la vez, de creatividad femenina. Ese doble valor sostiene el análisis y la teorización.
Pregunta para el debate en el Grupo de Discusión Temática: ¿Cómo permite la teoría de la subjetividad pensar la relación mujer-creatividad-poder?
Palabras-clave: Maternidad. mujer-sujeto, poder.

Referencias

BARRANTES, Karla., CUBERO, María Fernanda. La maternidad como un constructo social determinante en el rol de la feminidad. Wímblu, v. 9, n.1, p. 29-42, febrero. 2014 https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4942668
GONZÁLEZ REY, Fernando. La subjetividad en una perspectiva cultural-histórica: avanzando sobre un legado inconcluso. Revista CS, No.11, p. 19-42. Ene- Jun 2013. https://www.redalyc.org/pdf/4763/476348374001.pdf
GONZÁLEZ REY, Fernando., MITJANS, Albertina. y BEZARRA, Marilia. Psicología en la educación: implicaciones de la subjetividad en una perspectiva cultural-histórica. Revista puertorriqueña de psicología, No. 27 (2), p 261-265. https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5891733
MITJÁNS, Albertina. Aprendizaje creativo: desafíos para la práctica pedagógica. Revista CS, Colombia, No. 11, p 311-341. Ene- Jun 2013. https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=476348374010
RAMACCIOTTI, Karina. Cuidar en tiempos de pandemia. Revista interdisciplinaria de feminismos y género, No. 4 (2).

Trabalho 6: **A uberização do trabalho enquanto manifestação da desigualdade social instituída pelo capitalismo neoliberal no século XXI**

Mônica Gurjão Carvalho, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, monicagurjao@hotmail.com
Maria da Graça Marchina Gonçalves, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, grajota@uol.com.br

Resumo
No contexto da reestruturação produtiva do capital, o mundo do trabalho tem passado por diversas transformações surgindo, o que Ricardo Antunes (2020) designaria como novas morfologias do trabalho. É inegável que os avanços tecnológicos têm agido como uma verdadeira mola propulsora deste processo originando metamorfoses no mundo trabalho, dentre estas a uberização ou plataformização do trabalho, que significa a mediação feita por diversas plataformas digitais que conectam prestadores de serviço a consumidores, articulando os dados gerados por ambas as partes nesta interação (Antunes e Filgueiras, 2020). Este novo mercado de trabalho, não mais atrelado à legislação trabalhista, tem significado o alargamento de condições precárias, bem como a exploração e subordinação de uma gama de trabalhadores que, em pleno século XXI, vivenciam condições de trabalho análogas àquelas proporcionadas pelas protoformas do capitalismo do século XVIII (Antunes, 2020). Nesta pesquisa, em curso, tomamos a psicologia sócio-histórica como arcabouço teórico-metodológico para pensar os imbricamentos existentes entre a uberização do trabalho e a desigualdade social. Além de buscar refletir sobre as transformações do trabalho e a persistência dos fenômenos da exploração e da subordinação que entrelaçam o capitalismo neoliberal do século XXI e o fenômeno da desigualdade social, esta pesquisa objetiva contribuir com o debate acerca da subjetividade constituída nesse processo. Compreendendo que a subjetividade se constitui em relação dialética com o mundo social e que a desigualdade social se apresenta através de múltiplas manifestações subjetivas, entendemos que o diálogo com a teoria da subjetividade e a epistemologia qualitativa (González-Rey; Martínez, 2017) permite enfrentar os desafios de uma pesquisa que pretende caracterizar o campo do trabalho contemporâneo em sua dimensão subjetiva. Esta apresentação trará análises iniciais sobre aspectos da subjetividade dos trabalhadores que se encontram nessa situação contemporânea, considerando aportes da teoria adotada e as articulações que percebemos entre a perspectiva sócio-histórica e a teoria da subjetividade e epistemologia qualitativa. Aspectos como a produção de sentidos e a subjetividade social, que são identificados como aproximações entre as duas vertentes teóricas, serão considerados a partir dos dados de campo obtidos ainda em caráter exploratório. Também aspectos do método, na sua dimensão qualitativa pautada na perspectiva sócio-histórica, serão cotejados com as contribuições da epistemologia qualitativa e do método construtivo-interpretativo, procurando-se refletir sobre as possibilidades e desafios da pesquisa orientada por essas abordagens.
Palavras-chave: Uberização, Desigualdade social, subjetividade

Referências

ANTUNES, Ricardo. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da indústria 4.0. in: ANTUNES, Ricardo. (org). Uberização, trabalho digital e indústria 4.0. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.
ANTUNES, Ricardo; FILGUEIRAS, Vitor. Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo. Contracampo, Niterói, v. 39, n. 1, p. 27-43, abr./jul. 2020. Disponível em: https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38901.
GONZÁLEZ REY, Fernando; MARTÍNEZ, Albertina M. – Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Campinas (SP): Alíena, 2017.

Sessão 3 – 29 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00 Discussão final

Eixo temático: 11. Criatividade e inovação na perspectiva da subjetividade (9 trabalhos)

Coordenadora: Luciana de Oliveira Campolina – Centro Universitário de Brasília

Temas centrais para o debate:

- A criatividade e inovação à luz da perspectiva da subjetividade;
- A articulação entre subjetividade individual e subjetividade social nos processos de criatividade e inovação;
- O desenvolvimento e a promoção da criatividade e da inovação na perspectiva da subjetividade.

Sessão 1 – 22 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho1: **O Diário de ideias como metodologia para aprendizagem da leitura e da escrita com base na Teoria da Subjetividade e na Epistemologia Qualitativa**

Luciana Soares Muniz, Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, luciana.muniz@Universidade Federal de Uberlândia.br
Lucianna Ribeiro de Lima, Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, lucianna.lima@Universidade Federal de Uberlândia.br
Albertina Mitjáns Martínez, Universidade de Brasília, amitjans49@gmail.com

Resumo

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento, vinculada ao Grupo de Pesquisa Criatividade, Aprendizagem e Subjetividade, tendo como objetivo principal acompanhar o desenvolvimento da metodologia do Diário de ideias, com ênfase na aprendizagem da leitura e da escrita, tendo como base a Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa para sua efetivação. Fundamentamos o trabalho na Teoria da Subjetividade de González Rey e no Sistema Didático Integral elaborado por Mitjáns Martínez (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017) com foco em favorecer a expressão da criatividade na aprendizagem. Compreendemos a aprendizagem criativa da leitura e da escrita como processo de desenvolvimento da subjetividade (MUNIZ, MITJÁNS MARTÍNEZ, 2019), que se organiza como um caminho relacional, integrada à vida pela capacidade geradora do sujeito, fazendo dos processos da linguagem uma possibilidade de expressão própria e constituidora de novos processos de subjetivação. Muitos comportamentos ou expressões da criança no momento de aprender são configurados por produções subjetivas que têm sua gênese em outros contextos de experiência da criança. No entanto, produções subjetivas não têm sido consideradas efetivamente no contexto escolar (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017). Compreendemos que não há uma relação linear entre ensinar e aprender e enfatizamos que esta relação é configurada por produções subjetivas relacionadas à história de vida do aprendiz, dos professores, aos novos sentidos subjetivos produzidos na ação, vinculados à subjetividade

social e aos sistemas relacionais que tomam forma na ação de aprender (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017). A proposta metodológica do "Diário de ideias" (MUNIZ, 2020) fundada na Teoria da Subjetividade tem como objetivo contribuir com a aprendizagem da leitura e da escrita, com ênfase na expressão da criatividade e em aprendizagens mais complexas. Por considerarmos que as crianças não aprendem da mesma forma, pelo contrário, produzem sentidos subjetivos em diferentes contextos sociais, tendo em vista sua história de vida e o contexto atual da ação, destacamos a importância de as propostas pedagógicas que se materializam no espaço escolar contemplarem produções subjetivas dos aprendizes (MUNIZ; LIMA, 2018). Como contribuições ao campo científico destacamos o planejamento colaborativo e a participação da família como elementos do Sistema Didático Integral e deixamos uma pergunta: Como se dá o protagonismo e autoria dos estudantes e da comunidade escolar na proposta metodológica do Diário de ideias?

Palavras chave: Diário de ideias, Sistema Didático Integral, Subjetividade.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade**: Teoria, Epistemologia e Método. Campinas: Alínea, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar**: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.

MUNIZ, Luciana Soares; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e desenvolvimento**: princípios e estratégias do trabalho pedagógico. Curitiba: Appris, 2019.

MUNIZ, Luciana Soares; LIMA, Lucianna Ribeiro de**.** Aprendizagem da leitura e da escrita: subjetividade e criatividade. *In:* DUARTE, André Luis Bertelli; CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz de. (Org.). **Educação básica**: ensino-pesquisa-políticas públicas. Curitiba: CRV, 2019.

MUNIZ, Luciana Soares. **Diário de ideias**: linhas de experiências. Uberlândia: EDUFU, 2020.

Trabalho 2: **Práxis Criativas: instrumentos implicados no Serviço de Atendimento Educacional Especializado na escola.**

Maria das Vitórias Dantas de Souza, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, prof.vitoriadantas@gmail.com

Francileide Batista de Almeida Vieira, Universidade Federal do Rio Grande do Norte Francileide.almeida@ufrn.br

Resumo

Introdução: No prisma da Educação Especial, mais especificamente no Serviço de Atendimento Educacional Especializado - SAEE há diferentes maneiras de lidar com as singularidades de seu público alvo. Intervir pedagogicamente junto aos alunos desse serviço, de modo que eles tenham suas especificidades educacionais atendidas exige dos profissionais que atuam nesta área uma expressão criativa aliada a uma reflexão permanente para ressignificação de suas práxis. **Objetivos:** Nessa proposição, essa pesquisa aborda sobre as práxis criativas para aprendizagem, a partir da Teoria da Subjetividade e tem o objetivo de analisar de que forma as

práxis criativas auxiliam no SAEE, desenvolvido em escolas da rede pública do município de Jucurutu/RN. Para tanto, discorre-se sobre o SAEE na escola e as possibilidades da expressão da criatividade nas práxis pedagógicas como elemento facilitador da aprendizagem. **Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa de campo, que teve como principais aportes teóricos Mitjáns Martínez (1997; 2003; 2008), González Rey (2003) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2020). Caracteriza-se como estudo qualitativo, de cunho exploratório, realizado a partir da elaboração e aplicação de um questionário semiestruturado, fazendo uso da técnica de completamento de frases, a qual foi desenvolvida com três professoras do SAEE. **Resultados e discussões**: Ao final do estudo, infere-se que, de acordo com a consulta da literatura, as práxis criativas são de fundamental importância, constituindo-se como uma dimensão subjetiva facilitadora de aprendizagem para os alunos no SAEE, uma vez que permite considerar o caráter gerador do sujeito em sua integralidade e superar a passividade atribuída a ele no processo de ensino e de aprendizagem. Outrossim, diante da realidade investigada, verificou-se que o trabalho pedagógico desenvolvido pelas participantes da pesquisa não se caracteriza como práxis criativas de aprendizagem, haja vista, que limita o sujeito que aprende à simples compreensão dos conteúdos e métodos que lhes são ensinados, impedindo-o de assumir a condição de sujeito, em transcender e produzir novos conhecimentos de forma ativa, criativa e subjetiva. Em decorrência dessa constatação, é preciso que os docentes assumam a condição de sujeito que ensina e promovam a assunção da condição de sujeito pelos alunos, a fim de desenvolver diversos elementos subjetivos favorecedores de expressões criativas. Com base nessa compreensão, buscamos entender: qual a dialogicidade entre as práxis criativas do educador e as ações criativas do educando? De que forma as configurações subjetivas se relacionam com a aprendizagem e com a práxis docente?
Palavras-chave: Práxis Criativas. Subjetividade. Serviço de Atendimento Educacional Especializado.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação. **PNEE: Política Nacional de Educação Especial**: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Brasília: MEC; SEMESP, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-lanca-documento-sobre-implementacao-da-pnee-1/pnee-2020.pdf. Acesso em: 13 jan. 2021.

MARTÍNEZ, A. M. **Criatividade, Personalidade e Educação**. Tradução de Mayra Pinto. Campinas, SP: Papirus Editora, 1997.

MARTÍNEZ, A. M. Criatividade e deficiência: por que parecem distantes?. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 9, n. 16, jan./ jun. 2003. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3096. Acesso em: 25 nov. 2020.

MARTÍNEZ, A. M. **Criatividade no trabalho pedagógico e criatividade na aprendizagem**: uma relação necessária? *In*: TACCA, M. C. V. R. Aprendizagem e trabalho pedagógico. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2008. p. 69-94.

REY, F. G. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

Trabalho 3: **Potencialidades das narrativas no Diário de ideias: da escuta à ação**

Mariane Éllen da Silva. Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, mariane.eseba@gmail.com
Luciana Soares Muniz. Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, lucianasoares.muniz@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo fazer um relato de experiências vivenciadas com a metodologia do Diário de ideias no ano de 2019 (de forma presencial), 2020/2021 (no formato do ensino remoto emergencial) em turmas de 1º ano do ensino fundamental da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia. Em 2019 vivenciei pela primeira vez o trabalho com a metodologia do Diário de Ideias (MUNIZ, 2020), desenvolvida com o objetivo de contribuir com aprendizagens mais complexas, como a aprendizagem criativa, tendo como pilares a Teoria da Subjetividade de González Rey (2017) e as elaborações de Mitjáns Martínez (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017) no campo da aprendizagem criativa. Na metodologia, existe a utilização de um caderninho e/ou caixinha diário, com ênfase no protagonismo e em registros autorais dos estudantes a partir de suas ideias, descobertas, sentimentos, criações, experiências, dentre outros interesses. Na proposta com o Diário, tem-se o experienciar, o registrar e o compartilhar das ideias e a expressão a partir de múltiplas linguagens. Fizemos um momento de caça ao tesouro para o contato das crianças com o Diário e dialogamos sobre como nossas ideias podem ser tesouros muito valiosos, pois retratam nossos pensamentos, sentimentos, criações, retrata o que nos constitui enquanto essência da nossa vida, nos espaços-tempos vividos. Foi possível vivenciar as narrativas que cada criança trazia ao compartilhar suas experiências e seus registros. Narrativas com base nos interesses e necessidades de compartilharem algo a partir de qualquer contexto social inserido, para além dos limites da sala de aula, da escola. Narrativas como algo extremamente valoroso para a criança que profere e que são ouvidas com o ouvido generoso e atento das outras crianças. Percebi que para desenvolver essa prática é fundamental garantir tempo e espaço no planejamento pedagógico, de modo a observar, escutar, dialogar, tendo como princípio primordial uma escuta sensível, empática, ativa, atenta, interessada para as singularidades das crianças. Garantir o momento de compartilhar as produções e experiências é valorizar os saberes das crianças, é ouvir o que o outro tem a dizer, é ser autor das suas próprias ideias, que conectadas a outras ideias, nos constituem seres humanos singularmente plurais. Garantir o experienciar, o registrar e compartilhar desde a mais tenra idade é propiciar que um possa ajudar o outro em seu processo de autoconhecimento, pois já nos dizia (Vygotsky, 1999, p. 56) "[...] nos tornamos nós mesmos através dos outros". O que fazer com as experiências vividas, registradas, narradas nas rodas? Como articular essas experiências ao cotidiano escolar? Como alinhavar ainda mais as ideias das crianças?

Palavras chave: Diário de ideias, narrativas, registros.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade:** Os processos de construção da informação. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2017.
MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar**: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.
MUNIZ, Luciana Soares. **Diário de ideias**: linhas de experiências. EDUFU: Uberlândia, 2020.
VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Trabalho 4: **Diário de ideias no ensino remoto: possibilidades metodológicas no contexto de pandemia**

Vaneide Corrêa Dornellas, Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, vaneidedornellas@Universidade Federal de Uberlândia.br
Johnatan Augusto da Costa Alves, Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, johnatan.alves@Universidade Federal de Uberlândia.br
Luciana Soares Muniz, Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, luciana.muniz@Universidade Federal de Uberlândia.br

Resumo
O presente trabalho consiste em um relato de experiência metodológica com o Diário de ideias (MUNIZ, 2020), realizada no contexto de pandemia, tendo em vista o Covid-19, no 3º ano do Ensino Fundamental. A metodologia do Diário de ideias (MUNIZ, 2020), inspirada pela Teoria da subjetividade de González Rey (2017) e pelas elaborações teóricas de Mitjáns Martínez (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017) ao tema da criatividade na aprendizagem, tem como objetivo contribuir com aprendizagens mais complexas, com ênfase na expressão da criatividade na aprendizagem e também no ensino. O trabalho desenvolvido em turmas de 3º ano do Ensino Fundamental foi fundamentado pela metodologia do Diário de Ideias (MUNIZ, 2020) com ênfase em promover um espaço-tempo, síncrono e assíncrono, para a escuta sensível, atenta e interessada para o que as crianças e familiares estão vivenciando neste contexto de pandemia, que envolve novas aprendizagens, expressões de sentimentos, de criações diversas em situações adversas. Proposta que traz em sua essência a criança em sua singularidade, em seus gostos, preferências, dificuldades e potencialidades. Nas expressões dos estudantes, para além do que é solicitado como conteúdo curricular, temos a criança de forma integral, que se expressa por diferentes linguagens e que necessita comunicar o que vive e o que sente. Temos nos deparado com as dificuldades que o ensino remoto coloca, dentre as quais destacamos o não encontro presencial, o não experienciar com o outro o tempo do brincar, da troca, do estarmos juntos. Com o Diário de ideias (MUNIZ, 2020) como proposta metodológica, foi possível nos aproximar de um processo de ensino e aprendizagem como produções subjetivas, em que a subjetividade participa do aprender. Experiência metodológica que colocar em ação as ideias dos estudantes e em propostas como: clube diário de ideias com leitura, cartas escritas pelos estudantes e destinadas aos pacientes internados em hospitais e para profissionais que atuam na linha de frente em relação à COVID-19. Como resultados, temos conquistado a participação efetiva das crianças nas aulas, a criação de um espaço social

pautado na troca de ideias, no respeito mútuo, na valorização do tempo do diálogo, no interesse por pesquisas de temas para além dos conteúdos curriculares, bem como um efetivo aprendizado dos conteúdos desenvolvidos nas aulas. Também observamos a aproximação das famílias com o processo de ensino e aprendizagem, no acompanhamento, nas trocas de ideias e em contribuições nos momentos das aulas. Como pergunta pensamos: Como contribuir para a expressão da criatividade na aprendizagem frente aos desafios do contexto de pandemia?
Palavras chave: Diário de ideias; Criatividade; Subjetividade.

Referências
GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade:** Os processos de construção da informação. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2017.
ESEBA/UFU, Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFU, **Jornal Diário de Ideias**, Uberlândia, 2021. Bimestral. ISSN 2763-6747.
MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar**: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.
MUNIZ, Luciana Soares. **Diário de ideias**: linhas de experiências. Uberlândia: EDUFU, 2020.

Trabalho 5: **Sujeto Madre y producción de capitales intangibles**
Catherine Muñoz Urrutia, Universidad Autónoma de Chile, catherine.munoz@uautonoma.cl

Resumen
Un grupo particularmente vulnerado en el contexto de Pandemia fueron las mujeres madres. En Chile el retroceso en inclusión laboral de mujeres llegó a una década. Compatibilizar trabajo, estudios, maternidad, trabajo del hogar provocó desgaste. En sur de Chile se realizaron dos investigaciones que dejaron la mirada en mujeres madres: Jóvenes madres estudiantes universitarias y madres que acompañaron el proceso de aprendizaje de niños entre 1º y 2º años básico. Se entrevistó biográficamente a 20 mujeres madres. Sus relatos fueron analizados discursivamente de modo inicial y con técnica de rejilla de modo secundario, separando así elementos discursivos y singulares. Llamó la atención la capacidad creativa de las madres centradas en el vínculo madre-hije. Fue insospechado el modo en que diversas mujeres, con intereses, niveles educativos, preferencias de desarrollo, entre otras muchas características centraron sus recursos creativos en recrear la relación con sus hijos en la nueva condición de vida. No dejó de llamar la atención como otros espacios como el desarrollo personal y el tiempo para sì misma desaparecieron, No obstante lo anterior, el espacio relacional con la hija o el hijo se convierte en un espacio de generación de salud mental y bienestar donde la creatividad empleada en juegos, organización del día, materiales e instrumentos de aprendizaje junto a la ambientación del hogar resultaron del emergente de sentidos en la subjetivación personal del cuidado infantil. Las nociones de capital cultural y de capital social dejan al sujeto en el entramado social, que no es más que la objetivación de la subjetividad develable en tiempos de movilización social. Observar al sujeto productor le muestra en la construcción de redes de contacto -también virtual- que favorecen su cuidado, el de sus seres queridos y fortalecen el

grupo. La búsqueda y producción de sus sentidos dejó huellas creativas en el mundo material y vincular. El capital cultural social, en tal sentido, es una creación del sujeto en sus relaciones y momento histórico. Se discuten estos hallazgos en torno a los aportes de Gonzalez Rey y Mitjáns, colocando la reflexión en la condición y función de la mujer en el actual momento histórico junto a las posibilidades de repensar concepciones de capital social y capital cultural al reconocer a los seres humanos como productores y transformadores de sus condiciones de vida cotidianas en el contexto del uso de las redes sociales.

Pregunta para el debate en el Grupo de Discusión Temática:

Palabras-clave: Sujeto madre – creatividad – capital cultural

Referencias

Bourdieu, Pierre. Los tres estados del capital cultural. Revista del departamento de sociología, v2 n5. s/p 1987 http://www.sociologicamexico.azc.uam.mx/index.php/Sociologica/article/view/1043/1015

Bourdieu, Pierre. Las estratégias de la reproducción social. Editorial Siglo XXI. 2011

Brito, Jennifer. Formación y evaluación docente bajo el alero del neoliberalismo: El caso chileno. Revista Saberes Educativos, n. 1, p 102-116. Junio 2018

Brunner, José Joaquín. Lenguaje del hogar, capital cultural y escuela. Revista Pensamiento Educativo Revista De Investigación Latinoamericana, v. 46, n. 1, p 17-44. 2010 Recuperado a partir de http://ojs.uc.cl/index.php/pel/article/view/25441

Fernández, Ana María. Estudiantes, emociones, salud mental y pandemia. Revista andina de educación, v. 4, n 1. p. 23-29. 2021

González Rey, Fernando. La subjetividad y su significación para el estudio de sus procesos políticos: sujeto, sociedad y política en González Rey, F. (Ed. 299) Subjetividades políticas: desafíos y debates latinoamericanos. HB Libros. 2019 https://repositorio.idep.edu.co/handle/001/2170

González Rey, Fernando. Mitjáns, Albertina. y Bezerra, Marilia. Psicología en la educación: implicaciones de la subjetividad en una perspectiva cultural-histórica. Revista puertorriqueña de psicología, v 27 n 2, págs. 260-274. 2016

Mitjáns, Albertina. (2006). Creatividad y Subjetividad. En De la Torre, Saturnino y Violant, Veronica (Coord.). Compreender y evaluar la creatividad. 1ª Edición, Editorial Aljibe pp. 115-122.

Mitjáns, Albertina. Subjetividad, Complejidad y Educación. Psicología para América Latina, n. 13, jul. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000200007&lng=pt&nrm=iso>

Trabalho 6: **Creatividad e inclusión en la preparación psicopedagógica del maestro primario: una mirada desde la subjetividad**

Leyanet Batista Vazquez, Universidad de Oriente en Santiago de Cuba, batistavazquezleyanet@gmail.com

Resumen

Este trabajo aborda una temática de gran importancia y actualidad para el perfeccionamiento del proceso pedagógico que se desarrolla en las escuelas primarias, en aras de promover una inclusión educativa de calidad a los escolares con Necesidades Educativa Especiales. La propuesta está dada en una estrategia de estimulación pedagógica para la configuración creativa en los maestros de la Enseñanza Primaria que contribuya a elevar los resultados de la inclusión educativas a escolares con discapacidad intelectual. Se ha aplicado obteniéndose resultados satisfactorios, ya que se logró modificar el nivel de creatividad que tenían los maestros antes de aplicada la estrategia, lo que denotó transformaciones positivas en el modo de actuación diario de estos, con cambios cualitativamente superiores en su personalidad, así como, un crecimiento personal y profesional que garantizó las condiciones y medios para que todos los niños aprendieran y se desarrollaran por diferentes vías, siendo protagonistas de su aprendizaje. En esta investigación se partió de asumir la creatividad desde la concepción configuracional de la personalidad del Dr. Fernando González Rey (1997), ya afrontado por la Dra. Albertina Mitjáns (1995), permitiendo un acercamiento al problema desde una posición no tradicionalista. De acuerdo con F González, las configuraciones son categorías pluridimensionales, en el sentido que ellas expresan la interrelación necesaria de diferentes elementos que, por una u otra vía, se han convertido en estados dinámicos, es decir, estados portadores de un valor estable que constituye verdaderas necesidades para el sujeto. Estos estados, sin embargo, tendrán un sentido subjetivo solamente dentro de su interacción necesaria con otros estados constituidos en la configuración subjetiva a las que se integran. A partir del análisis de diferentes investigaciones se consideró caracterizar los componentes siguientes de la creatividad: autovaloración, procesos volitivos, motivación, originalidad, flexibilidad y fluidez. Por tal motivo el objetivo de la estrategia está dirigido a estimular la configuración creativa de los maestros de la enseñanza primaria, teniendo en cuenta los componentes de la creatividad asumidos. Está estructurada en cuatro etapas: diagnóstico, encuadre, ejecución y evaluación. Consta además de talleres, conversaciones, reflexiones grupales, técnicas participativas y ejercicios . ¿Por qué el desarrollo de la creatividad como concepción configuracional de la personalidad constituye desde la subjetividad un reto para posibilitar de manera novedosa la calidad del proceso de inclusión educativa en las escuelas primarias contemporáneas?

Palabras- clave: Creatividad, configuración, subjetividad.

Referencias

Colectivo de Autores. (2018). Diagnóstico e inclusión educativa de los niños, adolescentes y jóvenes con necesidades educativas especiales. Editorial Pueblo y Educación. Ciudad de La Habana.

González Rey, F. (1997).Epistemología cualitativa y subjetividad. Editorial Puebla y Educación. La Habana.

González Rey, F. (2002).sujeto y subjetividad: una aproximación histórica cultural. México D.F.,México: Thomson.

Mitjans, A. (1995). Creatividad, personalidad y educación: Editorial Puebla y Educación. La Habana.Eje temático:Creatividad e innovación en la perspectiva de la subjetividad.

Sessão 2 – 23 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00 Apresentação e discussão final

Trabalho 1: **Inovando a formação: psicólogas(os) em Rede para a promoção da educação inclusiva**

Denise Mesquita de Melo Almeida, Universidade Federal da Grande Dourados, denisealmeida@ufgd.edu.br
Tamiris Lopes Ferreira, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, tamiriss.l.ferreira@gmail.com
Alexandra Ayach Anache, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, alexandra.anache@ufms.br

Resumo
Almeida e Anache (2020) estudaram trajetórias profissionais de psicólogas(os) em Mato Grosso do Sul. Em decorrência, esta pesquisa em andamento discute processos de formação vivenciados por psicólogas(os) escolares e educacionais para educação inclusiva nesse estado. Conforme Martínez e Rey (2019) e Anache e Martins (2019), considera o exercício profissional como expressão das ações humanas e contexto social e cultural de desenvolvimento. Sua primeira fase, exploratória, realizou-se por entrevistas semiestruturadas, individuais e em grupo, e questionário sociodemográfico; a segunda, como pesquisa-ação, visa reflexão coletiva sobre formação, desenvolvimento subjetivo e promoção da inclusão através de reuniões em ambientes virtuais e mobilizações por redes sociais. Como resultados parciais destaca-se a realização de dez encontros que promoveram a vinculação entre psicólogas(os) dos sistemas públicos de Educação da região - municipais e estadual - e a constituição de inédita Rede de formação continuada, que inova no público ao qual se destina e em sua metodologia - caracterizada pela criatividade, criticidade e colaboração. Centrada na expressão das dimensões subjetivas que movimentam ações dos profissionais, a Rede prioriza o protagonismo das(os) participantes. Os encontros realizados sem pré-definições de funcionamento e conteúdos possibilitaram a abertura ao movimento auto-reflexivo e formativo promovendo o desenvolvimento subjetivo dos sujeitos e do grupo. Com Tecnologias da Informação e Comunicação, a Rede acolhe e facilita engajamento e participação. Para sua consolidação, sobretudo na pandemia, aposta no afeto como elemento articulador das ações teórico-metodológicas e indica que a promoção da inclusão implica a produção de novos sentidos pessoais e coletivos ao exercício profissional que podem ser produzidos intencionalmente em processos formativos.
Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Como a epistemologia qualitativa pode auxiliar na inovação dos processos formativos de psicólogas(os) para a educação inclusiva?
Palavras chave: Formação; Exercício Profissional; Psicologia Escolar e Educacional.

Referências
ALMEIDA, Denise Mesquita de Melo; ANACHE, Alexandra Ayach. Psicologia e educação inclusiva em Mato Grosso do Sul: considerações a propósito da Lei nº 13.935/2019 e das referências técnicas para a atuação de psicólogas(os) na educação básica – 2019. In: FACCI, Marilda Gonçalves Dias; ANACHE, Alexandra Ayach (org.) **Psicologia e educação especial:** desenvolvimento humano, formação e atuação profissional. Curitiba: CRV, 2020.
ANACHE, Alexandra Ayach; MARTINS, Luiz Roberto Rodrigues. A subjetividade social em relação com a Educação Especial e os desafios da formação docente. In: ROSSATO, Maristela; PERES, Vannúzia Leal Andrade (org.). **Formação de educadores e psicólogos:** contribuições e desafios da subjetividade cultural-histórica. 1ed.. Curitiba: Appris, 2019, v. 1, p. 69-81.
MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns; REY, Fernando Luís González. A preparação para o exercício da profissão docente: contribuições da teoria da subjetividade. In: ROSSATO, Maristela; PERES, Vannúzia Leal Andrade (org.). **Formação de educadores e psicólogos:** contribuições e desafios da subjetividade cultural-histórica. 1ed.. Curitiba: Appris, 2019, v. 1, p. 13-46.

Trabalho 2: **Metódica CIS: recurso educativo para favorecer la creatividad en niños/as de 5 y 6 años desde la teoría de la subjetividad**

Lourdes Ilizástigui del Portal. Universidad Santo Tomás. Chile. lilizastigui@santotomas.cl
Alexandra Ligueño González. Universidad Santo Tomás. Chile. aligueno@alumnos.santotomas.cl
Joaquin Romero Escare. Universidad Santo Tomás. Chile. j.romero9@alumnos.santotomas.cl
Monserrat Ramos Rubilar. Universidad Santo Tomás. Chile. mramos7@alumnos.santotomas.cl

Resumen
Este estudio tiene como objetivo estimar la eficiencia de una dinámica que se asienta a partir de la Teoría de la Subjetividad. En este encuadre teórico, se asume la propuesta por Mitjans Martinez (2002, 2008ª, 2008b, 2012ª y 2012b): Los procesos de creatividad, no se conforman como resultado de la articulación directa de los múltiples factores cognitivos – sociales y motivacionales que participan en ellos, sino como momentos vivos y complejos de la expresión de la subjetividad del niño/a. Para esto construimos la *Metódica CIS* (creatividad y subjetividad infantil), recurso educativo lúdico que favorece el diálogo "desafiante" del investigador que "provoca" la expresión de la subjetividad a partir de un proceso singular del niño/a participante que expresa su experiencia de corta vida y sus relaciones sociales. La *Metódica CIS,* es una "Caja Sorpresa" que contiene juguetes funcionales. El niño/a con plena libertad de acción acompañado por el "adulto acompañante" selecciona y agrupa juguetes, elabora un cuento o no con sus acciones. Al finalizar, autoevalúa su producto. Se producen dos momentos: Primer Momento, denominado ambientación y organización, el "adulto acompañante" diseña el espacio de encuentro. El Segundo Momento denominado creatividad, se caracteriza por el diálogo y el carácter interactivo empático entre los actores. Los encuentros se producen con frecuencia semanal. Se presenta un Estudio de Caso, basado en el análisis constructivo – interpretativo en el que se evidencian procesos incipientes en desarrollo como la motivación, la independencia, la confianza en sí mismo, la autoevaluación, la flexibilidad del pensamiento, la imaginación del

niño/a así como momentos de producción y expresión del participante que denota la unidad de lo simbólico y emocional en un entretejido que hace que emerja como efecto, la creatividad como fenómeno de la subjetividad del niño/a. También se evidencia cómo el investigador integra los indicadores que tienen lugar, que le exige reflexión. Este proceder del investigador, sin duda rompió la lógica de la tradicional manera de aplicar instrumentos y actividades instrumentales para favorecer la creatividad.
¿Cómo favorecer la creatividad en la atención temprana desde la Teoría de la Subjetividad?
Palabras Claves: Creatividad, Subjetividad, Metódica CIS

Referencias
González Rey, F. y Mitjans Martínez, M. (2017). El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación y Desarrollo Humano, 13(2), 3-20. http://psicologia.udg.edu/PTCEDH/menu_articulos.asp.
Gómez, Á. D., Mitjáns, A. (2013). Creatividad y subjetividad: su expresión en el contexto escolar. Diversitas: Perspectivas en Psicología, 9(2), 427-434.
Mitjáns Martínez, A. (2008). Subjetividad, complejidad y educación. Psicología para América Latina, (13), 0-0.

Trabalho 3: **Criatividade e saúde: processos subjetivos favorecedores do desenvolvimento humano**
Julia Faure, Centro Universitário de Brasília (CEUB), juliafaurepsicologia@gmail.com
Luciana de Oliviera Campolina, Centro Universitário de Brasília, campolina.luciana@gmail.com

Resumo
A presente pesquisa foi baseada na teoria cultural-histórica da subjetividade proposta por González Rey em articulação com ideias teóricas sobre a criatividade como processo da subjetividade, tema desenvolvido e pesquisado por Mitjáns Martínez. A pesquisa investigou a relação entre criatividade e saúde, tendo como objetivo compreender os possíveis processos subjetivos que subjazem tanto a experiência criativa como a saúde e, como estas produções subjetivas se inter-relacionam na vida de uma pessoa com histórico de sofrimento psíquico. Foi adotado o enfoque saudável e não patológico dessa relação, o que se justifica pelo tema ser ainda pouco pesquisado na literatura nacional. A criatividade foi concebida como aquela que se expressa por meio de experiências e resoluções dos problemas da vida, implicando algo novo e de valor para a expressão e organização da subjetividade, se expressando não somente em comportamentos perceptíveis, mas relacionada em níveis subjetivos mais profundos. A pesquisa foi realizada a partir do método construtivo-interpretativo, por meio de um estudo de caso de um participante único. Este foi considerado um caso relevante devido ao processo de resgaste da saúde física ao longo de um processo de dependência química. Foram realizadas dinâmicas conversacionais as quais foram viabilizadas por momentos de diálogo, favorecendo a expressão de distintos processos da subjetividade do participante, a qual se configura também pela subjetividade social implicada no uso de drogas. Considerando múltiplas informações, simultaneamente, foi possível construir indicadores sobre momentos de vida do participante que parecem estar na gênese da criatividade e da saúde como processos

subjetivos, como por exemplo um momento em que o participante optou por internar-se, voluntariamente, para tratamento. Isso implicou mudanças subjetivas que se expressam em ações que possuem um valor para o sujeito, evidenciando a produção subjetiva com um valor qualitativamente diferente implicado nessa experiência. Finalmente, no modelo teórico foi expresso a forma como a criatividade e saúde podem se relacionar, inclusive se potencializando recursivamente. Questão: Se a criatividade e a saúde podem se relacionar subjetivamente de forma a se potencializarem, então estamos diante de um processo humano significativo para o enfrentamento de problemas da vida. Pensando nessa importância, como seria possível desenvolver recursos criativos e saudáveis? Como esse desenvolvimento se caracterizaria?
Palavras-chave: Subjetividade; Saúde; Criatividade.

Referências

González Rey, F., & Martínez, M. A. (2017). Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Campinas, SP: Editora Alínea.
Martínez, M. Albertina (1997). Criatividade, personalidade e educação. Campinas, SP: Papirus.
Oliveira, K.S., Nakano, T.C., & Muglia Wechsler, S.M. (2016). Criatividade e Saúde Mental: Uma Revisão da Produção Científica na Última Década.
Virgolim, Angela M. R (2007). Talento criativo: expressão em múltiplos contextos. Martínez, Albertina. Criatividade e Saúde nos Indivíduos e nas Organizações (p. 53-64). Brasília: UnB.

Eixo temático: 12. Cultura digital e subjetividade (6 Trabalhos)

Coordenadora: Wilsa Maria Ramos – Universidade de Brasília

Temas centrais para o debate:

- Redes sociais, manipulações e possiblidades: contribuições da Teoria da Subjetividade;
- Análise dos processos de ensino-aprendizagem nas condições de virtualidade à luz da perspectiva da subjetividade;
- Desafios da utilização da metodologia construtivo-interpretativa na pesquisa neste campo.

Sessão 1 – 22 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **A dimensão subjetiva do ensinar e do aprender na constituição do "ser" professor de ensino médio em tempos de pandemia da covid-19**

Mozaniel Mendes P. Lima, Universidade de Brasília, mozaniellmendes@gmail.com
Wilsa Maria Ramos, Universidade de Brasília, wilsa@unb.br

Resumo

Dentre os contextos desafiadores que a pandemia da COVID-19 trouxe para a humanidade, destacamos os processos educativos que foram abruptamente deslocados de contextos físicos, presenciais, para espaços e tempos em ambientes virtuais como opção única para a preservação da vida. Essa disruptura, sem preparação, vivenciada por professores do ensino médio reverberou nas formas de ensinar e de aprender e também na constituição do "ser" professor. O tema subjetividade tem sido foco de pesquisas em diversas áreas do conhecimento (filosofia, educação, sociologia e psicologia etc.). Entretanto, ainda no século XX, essas pesquisas se baseiam em premissas positivistas e instrumentalistas. Todavia, nas três últimas décadas, pesquisadores orientados pela perspectiva da psicologia cultural-histórica (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017) desenvolveram estudos sobre a subjetividade humana baseados em uma epistemologia qualitativa que reposiciona o papel do indivíduo a partir de sua singularidade e capacidade de gerar novos recursos subjetivos para o seu desenvolvimento, rechaçando as marcas do determinismo social. Reconhecendo as dificuldades e adversidades que experimentam os professores que têm lecionado em tempos de pandemia com unicamente o aporte das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs), propomos um estudo que visa compreender como os processos subjetivos gerados no ensinar e no aprender de professores do ensino médio permeados pelas TDICs participam da constituição subjetiva do "ser" professor em tempos de da COVID-19. Adotamos como marco teórico a Epistemologia Qualitativa e a Teoria da Subjetividade de González Rey e Mitjáns Martínez (2017) e González Rey (2010). A Epistemologia Qualitativa representa uma ruptura com as metodologias positivistas e adota como princípio o reconhecimento da singularidade da pessoa e a pesquisa como espaço construtivo-interpretativo e dialógico para a construção

do conhecimento científico. A pesquisa encontra-se na etapa de construção e análise das informações. Espera-se que o estudo colabore para a compreensão dos processos e recursos subjetivos produzidos pela experiência do ensinar e do aprender do professor atuante no ensino remoto, virtual. A pergunta problematizadora é: como a experiência vivida por professores do ensino médio decorrente do ensinar e do aprender no contexto das TDICs em tempos de pandemia tem configurado subjetivamente o "ser" professor em tempos de crise?
Palavras-chave: Teoria da Subjetividade. Ser professor no ensino remoto. Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação.

Referências
COLL, César. & MONEREO, Carlos. **Psicologia da Educação Vitual.** Porto Alegre: Artmed, 2010.
GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação** / Fernando González Rey; [tradução Marcel Aristides Ferrada Silva] São Paulo: Cengage Learning, 2010.
GONZÁLEZ REY, Fernando & MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: Teoria, Epistemologia e Método**. Campinas: Alínea, 2017.
VIGOTSKII, Lev Semenovich, 1896-1934. V741L**. Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem** / Lev Semenovich Vigotskii, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev; tradução de: Maria da Pena Villalobos. - 11a edição - São Paulo: ícone, 2010.

Trabalho 2: **Sexualidades dissidentes, subjetividade e Instagram**
Ananda de Souza Lima Vieira Carvalho, Universidade Federal de Viçosa, ananda.carvalho@ufv.br
Lílian Perdigão Caixêta Reis, Universidade Federal de Viçosa, lilian.perdigao@ufv.br

Resumo
A ampliação do uso da *internet* contribuiu para a popularização das redes sociais, serviços que permitem interação síncrona e troca de informações. Com os jovens passando cada vez mais tempo *on-line*, esses espaços também se tornam palco de explorações românticas, busca de informações sobre saúde sexual e agendamento de encontros. Especialmente para as sexualidades dissidentes, marginalizadas dos processos de educação em sexualidade formais das escolas, a *internet* se constitui como espaço para busca de informações e encontro com seus pares (HOBAICA; KWON, 2017; SILVA, 2018). Nesse *hall* de sexualidades, a subcultura *kink*, ligada a práticas, atividades e identidades sexuais fetichistas, encontra nas redes sociais espaços possíveis para uma expressão mais aberta e relativamente livre do estigma vivenciado em outros ambientes sociais, propiciando a formação de comunidades *on-line* e a utilização das redes com a finalidade sexual (COLOSI; LISTER, 2019). A partir da Teoria da Subjetividade, assumimos a sexualidade e sua expressão enquanto dimensões subjetivamente constituídas, integrando sentidos subjetivos construídos a partir dos diferentes espaços pelos quais o sujeito transitou e transita, das experiências vividas, das realidades simbólico-sociais (GONZÁLEZ REY; MONCAYO QUEVEDO, 2019). Voltando-se o olhar para a rede social *Instagram*, busca-se neste trabalho compreender como os jovens *kinksters* produzem sentidos acerca da sua sexualidade nessa rede social. Nesta pesquisa em andamento, cuja produção das informações baseia-se na

Metodologia Construtivo-Interpretativa, as construções iniciais realizadas em torno de nosso primeiro estudo de caso levaram-nos a tecer alguns indicadores de sentidos subjetivos do participante, como a valorização e importância para ele da criação de espaços relacionais privados e seguros, seja *on-line* ou *off-line*; e a sensação de pertença à sua comunidade, imprimindo nele o auto reconhecimento e favorecendo uma visão positiva de si. Dada a centralidade do ambiente virtual na vida dos jovens, a partir deste trabalho podemos nos questionar: como isso pode impactar suas formas de agir e sentir? Quais as suas percepções dos usos das redes para a finalidade sexual? Como as utilizam como compensação a deficiência das discussões em torno de sexualidades dissidentes?

Palavras chave: sexualidade, subjetividade, instagram

Referências

COLOSI, R.; LISTER, B. Kinking it up: An exploration of the role of online social networking site FetLife in the stigma management of kink practices. **Papers from the British Criminology Conference**, v. 19, p. 5-24, 2019.

GONZÁLEZ REY, F. L.; MONCAYO QUEVEDO, J. E. Sexual Diversity, School, and Subjectivity: The Irrationality of the Dominant Rationale. *In*: GONZÁLEZ REY, F. L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GOULART, D. M. (org.). **Subjectivity within Cultural-Historical Approach**. Singapore: Springer, 2019. p. 133-147.

HOBAICA, S.; KWON, P. "This is how you hetero:" sexual minorities in heteronormative sex education. **American Journal of Sexuality Education**, v. 12, n. 4, p. 423-450, 2017.

SILVA, V. L. M. da. Sexualidades dissidentes: um olhar sobre narrativas identitárias e estilo de vida no ciberespaço. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 23, n. 10, out. 2018, p. 3309-3318.

Trabalho 3: **Jornal Diário de Ideias como proposta inovadora e criativa no campo da educação: possibilidades autorais e protagonistas do público da Educação Básica**

Luciana Soares Muniz, Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, luciana.muniz@ufu.br

Vanessa de Souza Ferreira Dângelo. Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, vanessa.dangelo@ufu.br

Eliane Moreira de Souza, Diretoria de Comunicação da Universidade Federal de Uberlândia, eliane.moreira@ufu.br

Léa Aureliano de Sousa Machado. Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, lea.s.machado@ufu.br

Resumo

O presente trabalho consiste em um relato de experiência de uma proposta inovadora no campo da educação. Trata-se do 'Jornal Diário de Ideias', uma iniciativa do Programa Diário de Ideias, Programa Institucional de extensão da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia, que conta com a parceria da Escola de Educação Básica da UFU e da Diretoria de Comunicação Social da Universidade Federal de Uberlândia. Consiste

em um jornal infanto-juvenil que tem como foco a metodologia do Diário de ideias (MUNIZ, 2020), inspirada pela Teoria da subjetividade de González Rey (2017) e pelas elaborações teóricas de Mitjáns Martínez (MITJÁNS MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017) ao tema da criatividade na aprendizagem. O jornal tem sua gênese na escuta sensível, atenta e interessada para as necessidades e interesses do público da Educação Básica. O objetivo é incentivar a aprendizagem criativa, colaborativa e ampliar formas de interação e expressão, por meio das diferentes linguagens e mídias. Além disso, o trabalho busca, primordialmente, conceder espaço autoral e protagonista para o público infanto-juvenil, consolidado por trocas de saberes e experiências entre a comunidade escolar. Até o presente momento, temos nove números publicados bimestralmente, com mais de trinta reportagens que envolveram estudantes, professores, familiares, técnicos administrativos, bem como reportagens nacionais e internacionais. Um jornal organizado por seções temáticas: Ideias brincantes, Pesquisações, Roda de conversa, Linguagens e Práticas que transformam, bem como por um espaço denominado "Espaço CriAtividade", com ênfase nas diversas formas de expressão humana,
seja por meio de vídeos, escrita, desenho, colagens e outras possibilidades. Diversidade que resguarda o caráter inovador do trabalho com o Jornal, fundamentado nos princípios metodológicos do "Diário de ideias" (MUNIZ, 2020) que tem como objetivo principal contribuir com a expressão da criatividade na aprendizagem, fomentando aprendizagens mais complexas. O processo de produção do jornal é resguardado pelo diálogo, pela escuta sensível, atenta e interessada para as sugestões dos participantes e conta com uma equipe de professores, de diferentes áreas de conhecimentos, de jornalistas, estudantes de Graduação e outros membros que tornam o Jornal em sua produção, um processo colaborativo e coletivo. A sua divulgação tem sido feita nos diversos sites da Universidade, bem como por meio da mídia, fazendo com o Jornal chegue às escolas e possa contribuir com o aprendizado dos estudantes, trazendo a possibilidade de estudantes trocarem ideias, ou mesmo, compartilhar suas experiências, ideias, saberes e muito mais.
Questão problematizadora: Quais possibilidades que o trabalho com o Jornal no âmbito escolar, ao veicular reportagens produzidas pela própria comunidade escolar, em contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento da subjetividade dos estudantes?
Palavras chave: Diário de ideias, Jornal, Subjetividade.

Referências

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade:** Os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2017.
ESEBA/UFU, Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFU, **Jornal Diário de Ideias**, Uberlândia, 2021. Bimestral. ISSN 2763-6747.
MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar**: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.
MUNIZ, Luciana Soares; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Aprendizagem criativa da leitura e da escrita e desenvolvimento**: princípios e estratégias do trabalho pedagógico. Curitiba: Appris, 2019.

MUNIZ, Luciana Soares. **Diário de ideias**: linhas de experiências. Uberlândia: EDUFU, 2020.

Trabalho 4: **Contribuições da Análise Fílmica para os Estudos da Subjetividade**

Jonas Carvalho e Silva, Technische Universität Dortmund (Alemanha), carvalho707@gmail.com
Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher-Maluschke, Universidade de Brasília, psibucher@gmail.com

Resumo

Este resumo visa refletir sobre a metodologia da análise fílmica como contribuição para os estudos da subjetividade. A subjetividade é tanto social quanto individual e se organiza como sistema, a partir de diferentes sentidos subjetivos, que são a organização simbólico emocional dos processos da subjetividade (GONZÁLEZ-REY, 2012). Tanto a subjetividade individual como a subjetividade social evidenciam a dimensão ontológica da pessoa nos aspectos culturais e sociais, pois situa historicamente a singularidade dos fenômenos humanos, sendo, portanto, processos distintos de um mesmo sistema. A primeira especifica a produção singular da pessoa diante dos diferentes espaços da subjetividade social, que tomará formas distintas de acordo com os diferentes aspectos simbólico emocionais configurados, por exemplo, nas estruturas de poder e nas formas de organização dos espaços sociais (SILVA e colab., 2021). A segunda é a forma como se organizam os processos sociais em termos subjetivos. Desta forma, o documento fílmico constitui um testemunho social e histórico, apreendendo o visível, o efêmero ou ostensivo de uma cultura e de uma sociedade, dando conta das suas expectativas, dinâmicas e processos conscientes e inconscientes (SILVA; BUCHER-MALUSCHKE, 2020). Os filmes refletem a sociedade retratada, colocando em destaque os aspectos visíveis, mas, igualmente, os escondidos e obscuros, ilustrando de algum modo, o inconsciente e implicando uma dimensão subjetiva (DE FRANCE, 2000). A análise das mesmas imagens (informação) e a comparação dos resultados, facilitam uma maior compreensão da diversidade cultural nos campos de investigação, assim como as pertenças culturais diferentes dos investigadores. Favorece-se a riqueza das interpretações e a variedade da análise e das significações, com a preocupação de salientar as diferenças, mas também, as semelhanças dos comportamentos humanos (RAMOS, 2010). A guisa de conclusão pergunta-se: De que maneira as representações da informação, via os conteúdos fílmicos, possibilitam compreensões alternativas sobre os processos subjetivos?

Palavras-chave: Filme, Subjetividade, Metodologia.

Referências

DE FRANCE, Claudine. Antropologia fílmica. Uma génese difícil, mas promissora. In: DE FRANCE, C. (Org.). *Do filme etnográfico à antropologia fílmica2*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000. p. 17–42.

GONZÁLEZ-REY, Fernando. *A psicologia social e o social na psicologia: a emergência do sujeito*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

RAMOS, Natália. Cinema e pesquisa em ciências sociais e humanas: contribuição do filme etnopsicológico para o estudo da infância e culturas. *Contemporanea : Revista de Comunicação e Cultura*, v. 8, n. 2, p. 1–28, 2010. Disponível em: <https://doaj.org/article/418d020e940d4372a8fd92fb50d1f065>.

SILVA, Jonas Carvalho e; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia Sursis Nobre Ferro; MORI, Valéria Deusdará. A Subjetividade de uma Família atingida por Barragem na situação do Deslocamento Forçado. *Revista Subjetividades*, v. 21, n. 1, 16 Mar 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/e10597>.
SILVA, Jonas Carvalho e; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia Sursis Nobre Ferro. A Análise Fílmica no Contexto do Deslocamento Forçado de uma Comunidade: Articulações entre a Psicologia e a Cultura,. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 36, n. spe, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722020000300207&tlng=pt>.

Trabalho 5: **Subjetividad en el mundo digital: perspectivas desde las experiencias de mujeres secundarias en el área de las tecnologías**

Natalia Silva Pastén, Universitat de Barcelona, nati.silva@gmail.com

Resumen

El término “brecha digital” se ha acuñado para visibilizar las desigualdades sociales que se producen entre las personas o sociedades que tienen mejor y peor acceso y uso de los recursos tecnológicos y digitales. Complementariamente, Barron (2004) ha planteado que la brecha digital no sólo implica el acceso físico a las tecnologías, sino también y –sobre todo– el acceso a oportunidades de aprendizaje que permitan usos más empoderados, generativos e innovadores, para que las personas sean capaces de elegir, desarrollar y criticar las tecnologías, yendo más allá de un uso pasivo de éstas. Los datos actuales apuntan a que niñas y mujeres están sub-representadas en todo el ecosistema que implica a las TIC; es decir, hay una participación más baja de las mujeres en comparación a los hombres tanto a nivel de usuarias como dentro de la industria de las TIC, empresas tecnológicas y empleos relacionados (CONICYT, 2017; UNESCO, 2019). En el presente trabajo presentaremos algunos datos que nos permitirán reflexionar acerca de la participación de las mujeres en el ámbito de las tecnologías a partir de la experiencia vivida por estudiantes secundarias con formación e interés en distintas áreas, tales como la programación o la robótica. La experiencia vivida y, posteriormente relatada, es parte fundante del desarrollo de la subjetividad y también resulta un elemento clave para la comprensión de la participación en el ámbito de las tecnologías. Tal como plantean González-Rey y Mitjans (2017) “La subjetividad se define por procesos que son generados por los seres humanos al vivir una experiencia” dada (p.10). Por lo tanto, abordaremos la re-co-construcción de la experiencia y las trayectorias de aprendizaje y, a partir los elementos identificados en los relatos de estas mujeres, se presentarán puntos comunes que han favorecido un camino en el ámbito de las tecnologías, así como barreras que ellas mismas han identificado. Finalmente, se cerrará con una reflexión en torno a ejes relevantes que invitan a cuestionar el desarrollo de la subjetividad respecto a mujeres que se dedican a un ámbito trascendental para nuestras sociedades actuales como es el de las tecnologías digitales, tanto desde una perspectiva sociocultural como desde una perspectiva de género.

Palabras-clave: Experiencias de aprendizaje. Mujeres. Tecnologías

Pregunta para el debate en el Grupo de Discusión Temática:

Referencias

BARRON, Brigid. Learning ecologies for technological fluency: gender and experience differences. **Journal of Educational Computing Research**, v. 3, n. 1, p. 1-36, jan. 2004.
GONZÁLEZ-REY, Fernando; MITJANS, Albertina. El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. **PTCEDH**, Girona, v. 12, n. 2, p. 3-20, jun. 2017
CONICYT. **Diagnóstico igualdad de género en ciencia, tecnología e innovación en Chile. Levantando evidencias, construyendo avances y poniendo recomendaciones desde la colaboración pública y privada**. Santiago de Chile: CONICYT, 2017.
UNESCO. **Descifrar el código: La educación de las niñas y las mujeres en ciencias, tecnología, ingeniería y matemáticas (STEM)**. Paris: UNESCO, 2019.

Trabalho 6: **Sentidos de enseñar en tiempos de plataformas virtuales de aprendizaje**

Antoinette Alom Alemán, Universidad de Puerto Rico en Cayey, antoinette.alom@upr.edu

Resumen

La literatura sobre aprendizaje e innovación tecnológica, ha señalado la necesidad de estudiar el uso de las tecnologías, es decir, las formas de apropiación de los nuevos artefactos en los procesos educativos (FIGUEROA SARRIERA, 2009). Los hallazgos de la investigación de este fenómeno evidencian hábitos cognitivos más complejos. No obstante, reconocer en profundidad al sujeto en la apropiación de las tecnologías en la educación, ha sido más una declaración, que un norte ontológico y epistemológico. Se ha desatendido el carácter subjetivo de enseñar y aprender que implica la articulación en complejos y dinámicos sistemas cognitivo-emocionales, de los modos de vivir y sentir la experiencia. La Teoría de la Subjetividad y el Método Constructivo Interpretativo, constituyen base de una investigación en fase de análisis, que estudia la enseñanza y el aprendizaje universitarios como producciones subjetivas, acompañadas por artefactos tecnológicos de nuevo tipo, particularmente plataformas virtuales de aprendizaje. El estudio partió de diálogos conversacionales y composiciones escritas para hipotetizar acerca de los sentidos subjetivos de estudiantes y profesores de una universidad pública en Puerto Rico. La presentación describe el caso de una docente que enseña idioma inglés. Advirtiendo que toda investigación de la subjetividad es recorte de una dinámica subjetiva compleja y en permanente construcción (LIMA SCOZ, 2009), hipotetizamos tres de sus sentidos subjetivos en relación a la enseñanza: a) *Pasión por la enseñanza*. Aquí se articulan vivencias emocionales y espirituales de su historia de vida y una fuerte motivación como profesora universitaria. Con fuertes cuestionamientos personales, y malestar ante las escasas destrezas tecnológicas de un sector del estudiantado, vivencias contradictorias la energizan en la dirección de negociar metas diferenciadas para sus estudiantes lo que demuestra su posicionamiento como sujeto implicado y generador de alternativas; b) *Vivencia de la enseñanza como una práctica emocional*, donde la comunicación, la empatía, la comprensión del estado mental del aprendiz, configuran para ella la enseñanza como un encuentro de personas; c) O*rientación hacia el compromiso social y el valor de "lo comunitario"*. Ella fomenta lazos sociales permanentes y promueve que

los estudiantes se sirvan del medio tecnológico más allá de sus usos tradicionales dentro de la estructura de los cursos. Nos interesa un diálogo que visibilice formas diversas de producir sentidos subjetivos de la apropiación de nuevas tecnologías, así como innovaciones metodológicas para su investigación.

Palabras-clave: sentidos subjetivos, sujeto docente, plataformas virtuales de aprendizaje.

Referencias

FIGUEROA SARRIERA, H. Aprendizaje, Innovación y Tecnologías de Información y Comunicación: Implicaciones para la Educación Superior [Versión electrónica]. Revista Aristeo. 1(1), 75-92. 2009.

GONZÁLEZ REY, F. L. Questões Teóricas e Metodológicas nas Pesquisas Sobre a Aprendizagem: a aprendizagem no nível superior. In A. Mitjáns Martínez & M.C. Villela Rosa Tacca (Org.), **A complexidade da Aprendizagem**. Destaque ao Ensino Superior (pp. 119-147). Campinas: Editora Alínea. 2009.

LIMA SCOZ, B. J. Aprendizagem e Ensino de Professores. Sentidos Subjetivos. In A. Mitjáns Martínez & M.C. Villela Rosa Tacca (Org.), **A complexidade da Aprendizagem**. Destaque ao Ensino Superior (pp. 97-118). Campinas: Editora Alínea. 2009.

Sessão 2 – 23 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00 Discussão final

Eixo temático: 13.1 A significação da subjetividade nos trabalhos sobre violência, gênero, raça e exclusão social (14 Trabalhos)

Coordenador: Victor Lino Bernardes – Universidade de Brasília

Temas centrais para o debate:

- Realidade social e subjetividade;
- A diversidade e singularidade das produções subjetivas perante as experiências vividas;
- A significação dos conceitos de subjetividade social e sujeito (individual e social) para o enfrentamento de problemas de violência, gênero, raça e exclusão social.

Sessão 1 – 22 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **Desigualdade social, ensino remoto e as produções subjetivas de um estudante de Ensino Médio de escola pública no contexto da pandemia.**

Kelly Ferreira Alves, Centro Universitário de Brasília, Kelly.alves@sempreceub.com
Luciana de Oliveira Campolina, Centro Universitário de Brasília, Luciana.campolina@ceub.edu.br

Resumo

A pandemia de COVID-19 provocou mudanças significativas em diversa esferas da vida da população mundial, resultando em adaptações para evitar a transmissão do vírus. No que tange à educação, medidas de emergência foram adotadas para substituição das aulas presenciais pela forma remota, tornando obrigatório o uso de ferramentas digitais para os processos de ensino-aprendizagem. Conforme dados demográficos, uma pequena parcela da população brasileira dispõe dessas ferramentas, como o acesso à internet, computador, tablet ou celular, evidenciando o fenômeno da desigualdade social no Brasil. Este processo pode impactar subjetivamente o estudante de escola pública, uma vez que é por meio da educação que o estudante de baixa condição socioeconômica vê uma porta de acesso para transformação de sua realidade social. Tendo em vista que cada indivíduo vivencia os fenômenos sociais de maneira única, produzindo sentidos subjetivos articulados à configurações da subjetividade social, essa pesquisa ainda em andamento busca compreender de que forma a desigualdade social impacta subjetivamente o estudante no atual contexto pandêmico, sob a luz da teoria da subjetividade. Busca averiguar quais são as tensões, dificuldades e estratégias adotadas pelos estudantes em relação aos processos de ensino-aprendizagem durante as aulas remotas, visando avançar na discussão acerca desse fenômeno do ponto de vista de quem os vivencia. Dessa maneira, a desigualdade social é vista como um fenômeno social, que se caracteriza pelas experiências que a pessoa produz em seu próprio contexto, revelando experiências e percepções, caracterizadas como “dimensão subjetiva”. Portanto, na pesquisa emergem indicadores do processo construtivo-interpretativo baseado na Epistemologia Qualitativa a partir dos processos comunicativos e do caráter singular e criativo de interpretações do

pesquisador. Na pesquisa, estão sendo utilizadas dinâmicas conversacionais e o complemento de frases, necessários à livre expressão dos sentidos subjetivos do participante. Para os fins desse trabalho, pretende-se ainda prosseguir nestas construções sobre hipóteses que implicam as expressões da subjetividade em articulação com valores atribuídos acerca da escola e dos processos remotos de ensino-aprendizagem, ressaltando como a desigualdade social se expressa também no contexto social do participante.
Questão: A partir de uma perspectiva cultural-histórica, como avançar na pesquisa sobre a forma como a desigualdade social é configurada na subjetividade social dos espaços educativos e impacta os processos subjetivos do estudante de escola pública no atual contexto pandêmico?
Palavras chave: Subjetividade, ensino remoto, desigualdade social.

Referências:
GATTI, Bernadete Angelina. **Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia**. Estudos Avançados, v.34 (100), pp. 29-42. (1992). Retirado de: https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.003.
GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade:** os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2005.
MELSERT, Ana Luísa de Marsillac; BOCK, Ana Mercês Bahia. **Dimensão da desigualdade social:** um estudo de projeto de futuro de jovens pobres. Educ. Pesquisa (online), v. 41 (3), pp. 773-790 (2015).

Trabalho 2: **A Dimensão Subjetiva da Desigualdade Social no Ensino Superior: um estudo sobre significações constituídas por estudantes bolsistas do Programa Universidade para Todos – ProUni.**
Gabrielle Capinam da Silva Simões,
Ana Mercês Bahia Bock.

Resumo
A desigualdade social é um fenômeno complexo, que além de sua dimensão econômica (desigual distribuição de renda), é também composta por aspectos que dizem respeito ao sujeito e as relações sociais – a dimensão subjetiva (SANTOS, MOTA E SILVA, 2013). É um problema multifacetado, que se apresenta em diversas áreas, como no acesso diferenciado a Educação. A Educação Superior, por sua vez, é tradicionalmente marcada por um caráter excludente, elitista, isto é, frequentado por estudantes de classe socialmente privilegiada (DONIDA & SANTANA, 2019). Porém, este cenário vem se modificando através de políticas públicas e ações institucionais. Houve um processo de abertura àqueles que, historicamente, não acessavam esse espaço, como os jovens negros, egressos da escola pública e oriundos de camadas populares (HERINGER & HONORATO, 2015). O cenário, portanto, tem sido marcado por uma expansão e ampliação do acesso, possibilitando uma mudança no perfil sociodemográfico dos estudantes deste nível de ensino. Mesmo com essa ampliação, ao analisarmos os dados sob o recorte econômico e racial, nos deparamos ainda com uma diferença abissal. Os estudantes ricos e brancos ainda ocupam a maior porcentagem no ensino

superior, quando comparados aos jovens pobres e negros. Assim, o objetivo deste trabalho consiste em: investigar a Dimensão Subjetiva da Desigualdade Social na Educação Superior: um estudo sobre significações constituídas por estudantes bolsistas do Programa Universidade para Todos – ProUni. Esta pesquisa está fundamentada na perspectiva teórica da psicologia sócio-histórica e teceu diálogos com a Epistemologia Qualitativa. Com inspiração nas contribuições de Fernando González Rey, foram realizadas conversações através de Plataformas virtuais de reuniões, com estudantes do último período da graduação, de um curso que recebe um número alto de estudantes oriundos da camada social média alta e alta; curso considerado de elite, de uma instituição de alto prestígio em São Paulo. Como procedimento de análise, recorreremos aos Núcleos de significação que se constituem como uma categoria, um recurso que nos auxilia na apropriação dos sentidos e significados (significação) dos sujeitos, diante da realidade. Dedicar-se a dimensão subjetiva da desigualdade social enfatizando sua expressão na educação superior, justifica-se pois o acesso a esse nível de ensino, especialmente sob o recorte socioeconômico e racial, ainda é marcado por uma profunda desigualdade; conhecer as significações permite ampliar a compreensão da própria desigualdade, que estudada por várias áreas do saber, ainda mantem-se em suas expressões objetivas. O que os aspectos subjetivos presentes na experiência do ensino superior, possibilitado por políticas públicas progressistas, podem nos dizer sobre a desigualdade social?

Palavras-chave: Dimensão Subjetiva. Desigualdade Social. Ensino Superior.

Referências

DONIDA, Lais Oliva; SANTANA, Ana Paula. Apoio Pedagógico como proposta de educação para todos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 45, p.1-19, set. 2019.

HERINGER, Rosana; HONORATO, Gabriela de Souza. Elementos para uma análise dos estudantes cotistas e bolsistas no curso de pedagogia da UFRJ. **Caderno CRH**, Salvador, v. 28, n. 74, p. 341-348, ago. 2015.

SANTOS, Luane Neves; MOTA, Alessivânia Márcia Assunção; SILVA, Marcus Vinícius de Oliveira. A dimensão subjetiva da subcidadania: considerações cobre a desigualdade social Brasileira. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 700-715, out. 2013.

Trabalho 3: **Entre configurações subjetivas e subjetividades sociais: aspectos da relação de universitários indígenas com a educação formal básica e superior**

Francine Rocha Universidade Federal do Paraná francine.rocha@ufpr.br
Norma da Luz Ferrarini Universidade Federal do Paraná normadaluzf@ufpr.br
Victor Hugo Brandão Meireles Universidade Federal do Paraná meireles0001@gmail.com
Odione Brasão Penha Universidade Federal do Paraná tariano27@gmail.com

Resumo

A colonização do Brasil utilizou a educação formal como instrumento de subalternização e de negação da cultura e da identidade dos seus diversos povos indígenas. Com vistas à sua integração “produtiva” à sociedade hegemônica, foi-lhes frequentemente negado o direito de serem eles próprios, até que, na Constituição Brasileira de 1988, devido às suas resistências,

foi-lhes garantido o direito à "educação diferenciada", entre outros. Desde então, a educação deixou de ser "coisa de branco" e passou a ser tomada pelos indígenas como instrumento para qualificação da luta por cidadania e direitos. Via de consequência, representantes de tais povos começaram a bater às portas do ensino superior, pleiteando por terem seus próprios parentes como médicos, advogados, professores, pedagogos e demais profissionais. Até que, na década de 1990, o espaço relacional e epistemologicamente colonizado da universidade brasileira tem sido crescentemente ocupado por tais jovens. Na dissertação de mestrado em Psicologia na UFPR defendida pela primeira autora, sob orientação da segunda (ROCHA, 2013), foram investigadas as implicações da educação escolar (básica e superior) no processo de subjetivação de seis universitários indígenas da UFPR, graduandos ou graduados de diferentes cursos e etnias, no embate entre suas próprias expectativas e as de seus familiares, de seus "parentes"/povos e da própria universidade. Pautada na Epistemologia Qualitativa, Teoria da Subjetividade e na metodologia construtivo-interpretativo de Fernando González Rey (2005, GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017), a pesquisa permitiu, além do elencamento de sentidos subjetivos individuais, a qualificação de configurações subjetivas, as quais foram reportadas pelas subjetividades individuais de tais universitários e atuam como recursos simbólicos para diversos enfrentamentos que se interpõem à trajetória acadêmica. Em sua dialética com a subjetividade social, surgiram: coletividade, mobilidade, restrição, dualidade, educação como espaço de conflito e vínculo com a causa indígena, configurando zonas de sentido comuns que são acionadas como recursos para um contraditório vínculo com a aprendizagem formal. Esse estudo evidenciou a mútua implicação entre subjetividades social e individual (GONZÁLEZ REY, 2003, 2004), notadamente junto a populações indígenas. E isso nos deixa por questões: é metodologicamente pertinente designar, mediante a busca de regularidades e similaridades entre as zonas de sentido subjetivas, a "subjetividade social" de um grupo de sujeitos? Podemos afirmar que os processos de exclusão sociais remetem a especificidades na configuração de camadas de subjetividades sociais que se sobrepõem e que elas precisam ser não apenas descritas, mas interpretadas em conjunto com os dados sobre os sentidos subjetivos produzidos, a fim de propor formas adequadamente situadas de entender as subjetividades inseridas em contextos histórico-cultural-socialmente desfavoráveis?

Palavras-chave: Universitários Indígenas; Políticas e Ações Afirmativas; Subjetividade Social;

Referências

GONZALEZ REY, F. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GONZÁLEZ REY, F. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade. Os processos de construção da informação.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNZ MARTINEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

ROCHA, F. **A educação escolar no processo de subjetivação de universitários indígenas da UFPR**. 2013. 171f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

Trabalho 4: **Formas coletivas de cuidado e produção de subjetividade entre os Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul.**

Leandro Lucato Moretti, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, le_moretti@hotmail.com

Resumo

Este trabalho refere-se à construção de uma pesquisa de doutorado em psicologia social, em diálogo com a perspectiva sócio histórica, construída com os Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul, sobre formas coletivas de cuidado, pensando mais especificamente nas relativas ao que se convencionou como o campo da saúde mental indígena. O objetivo dessa pesquisa em construção é investigar, identificar e dialogar com formas coletivas de cuidado e produção de saúde entre os Kaiowá e Guarani, perpassando por itinerários terapêuticos e práticas de cuidado que recorrem e acionam quando consideram necessário, como casos de enfermidades, comportamentos vistos como ruins, entre outros, lançando mão de práticas próprias e equipamentos da saúde indígena disponíveis. Para a construção desta pesquisa, é utilizado o método etnográfico, se apoiando em diferentes procedimentos, como o registro em caderno de campo, observação participante, entrevistas e análise documental, a fim de produzir dados que contribuam para qualificar a discussão aqui proposta. A hipótese a ser verificada em campo, é a que os Kaiowá e Guarani produzem sua própria psicologia, onde vão explicar os processos de construção de pessoas, corpos e subjetividades a partir de categorias nativas e suas redes de conhecimentos. Além disso, os Kaiowá e Guarani possuem suas próprias práticas de cuidado para construírem respostas as suas questões que consideram problemáticas, e possuem a capacidade de elaborar e reelaborar formas coletivas de cuidado para as novas questões que surgem. Nesse sentido, é importante investigar como esses conhecimentos e práticas dialogam e/ou confrontam com as práticas provenientes do mundo não indígena e implicações para a sua produção subjetiva. Mesmo com a pesquisa ainda em andamento é possível construir algumas considerações. Primeiramente, o cuidado é também produzido coletivamente e inserido no contexto histórico e social, refletindo a organização social kaiowá e guarani, os fogos domésticos (Pereira, 2016), bem como as transformações sociais vivenciadas. Além disso, pode-se considerar que as concepções de saúde, doença e cuidado para os Kaiowá e Guarani tem relação com o processo de produção de pessoa, o que sugere que a pessoa considerada com saúde ou saudável, é construída, coletivamente, entre parentes, por meio de alimentação, rezas, rituais, festividades, respeitando fases do desenvolvimento, contato com bons espíritos, enfim, tudo aquilo que compõe os modos de vida e de ser kaiowá e guarani. Essa consideração, nos leva a entender que o processo de saúde e doença e a produção de cuidado entre os Kaiowá e Guarani são diferentes daqueles processos provenientes do mundo não indígena, no caso os conhecimentos biomédicos que pautam o subsistema de saúde indígena principalmente, e são essas diferenças que devem ser consideradas na tentativa de construir um diálogo entres esses campos. Essas considerações iniciais são necessárias para compreender melhor a relação entre saúde, no caso aqui mais especificamente, a saúde mental, e terra (ou território, *tekoha*), uma vez que esta categoria é de extrema importância para a manutenção e reprodução dos modos de vida kaiowá e guarani, expressando a necessidade da demarcação de terra e sua importância para a produção de saúde e subjetividade. Por fim, este trabalho dialoga com o evento uma vez que considera a subjetividade a partir do conhecimento

kaiowá e guarani em relação a psicologia na perspectiva sócio-histórica, que assim como a teoria da subjetividade, podem contribuir aqui com o entendimento do singular articulado com o contexto social e histórico.
Palavras-chave: Kaiowá e Guarani; Formas coletivas de cuidado; Saúde Indígena;

Referências
PEREIRA, L. M. **Os Kaiowá em Mato Grosso do Sul: módulos organizacionais e humanização do espaço habitado.** Dourados, Editora UFGD, 2016.
GARNELO, L. **Crise de suicídios indígenas no Brasil: o que nós sabemos sobre a psicologia indígena?** Associação Brasileira de Saúde Coletiva. Disponível em: https://www.abrasco.org.br/site/ocultar-home/crise-de-suicidios-indigenas-no-brasil-o-que-nos-sabemos-sobre-psicologia-indigena/32846/ Acessado em: 09/07/2021.
BOCK, A. M. B; GONÇALVES, M. da G. M. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia** São Paulo, Editora Cortez, 2001.

Trabalho 5: **A configuração da subjetividade individual na condição transitória de privação de liberdade de adolescentes femininas.**
Bruna Rodrigues, Universidade de Brasília, brunaropsi@gmail.com
Wilsa Maria Ramos, Universidade de Brasília, wilsa@unb.br

Resumo
A proposta de um sistema socioeducativo aparece pela primeira vez com a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, trazendo à tona a necessidade de um olhar especializado para adolescentes autores de atos infracionais e, ao mesmo tempo, garantindo sua proteção integral (BRASIL, 2006). As delimitações dispostas no ECA, entretanto, não eram suficientes para o desenvolvimento de ações que abrangessem todas as especificidades de programas socioeducativos para o desenvolvimento saudável e a ressocialização desses adolescentes. (VERONSE & LIMA, 2009). Indivíduos que ingressam no sistema penal passam a transitar pela sociedade com este grande marcador negativo que, em geral, reduz suas identidades ao delito que cometeram. A passagem dos adolescentes pelo sistema socioeducativo, se analisada a partir do propósito da ressocialização e da Teoria da Subjetividade (GONZÁLEZ REY, MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017; GONZÁLEZ REY, 2010) deve ser compreendida enquanto uma situação transitória, que se constitui dinamicamente nas teias da subjetividade social e individual, delineada pela história e trama de vida de cada pessoa, sendo constituída pela produção de sentidos subjetivos, fruto da configuração da subjetividade individual. A literatura da área revela que meninas, ao ingressarem no sistema socioeducativo, passam a experienciar estigmas que restringem sua potencialidade para a ressocialização. Neste contexto, o estudo visa compreender como as adolescentes em regime de privação de liberdade do Distrito Federal em unidades do sistema semiaberto de socioeducação configuram subjetivamente a noção de si considerando sua história e trajetória de vida e o momento do seu ingresso no sistema socioeducativo e as perspectivas de futuro. Buscar-se-á analisar, a partir da construção das informações com as adolescentes, quais as produções subjetivas expressas sobre sua própria trajetória de vida, antes do seu ingresso no sistema socioeducativo, durante

e seus planos de futuro. Investigaremos também como a subjetividade social da unidade em questão participa da produção subjetiva de si enquanto adolescente. A pesquisa baseia-se na metodologia construtivo-interpretativa, sendo que as informações serão construídas a partir de dinâmicas conversacionais envolvendo as técnicas de linha do tempo, complemento de frases e a produção de recursos digitais poéticos que possam apoiar a expressão dos sentidos subjetivos fruto da dimensão simbólica-emocional, que constituem a experiência subjetiva das adolescentes em regime de privação de liberdade do sistema socioeducativo.
Pergunta teórica: como a Teoria da Subjetividade pode corroborar para a compreensão da configuração subjetiva de si como adolescentes do sistema socioeducativo, privadas de liberdade, na condição transitória do antes do ato, no momento presente e no devir, futuro?
Palavras-chave: Subjetividade; Adolescência; Socioeducação.

Referências
BRASIL. Lei nº 12.594 de 18 de janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Brasília, DF, 2012.
GONZÁLEZ REY, F. Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação / Fernando González Rey; [tradução Marcel Aristides Ferrada Silva]. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A.. Subjetividade: Teoria, Epistemologia e Método. Campinas: Alínea, 2017.
VERONSE, J. R.; LIMA, F. S. O Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase): breves considerações. Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade, 1, 1, 29-46, 2009.

Trabalho 6: **A dimensão subjetiva do processo de desacolhimento por maioridade civil no Serviço de Acolhimento Institucional de Criança e Adolescente.**
Camila Silveira Almendro, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, camilaalmendro@gmail.com
Maria da Graça Marchina Gonçalves, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, grajota@uol.com.br

Resumo
O desacolhimento por maioridade se expressa como fenômeno complexo e desafiador no contexto do acolhimento institucional. Esse momento de saída dos serviços destinados a adolescentes até completarem 18 anos expressa, em alguma medida, de que maneira o atendimento concretiza, ou não, a proteção integral. Dentre outros aspectos, o tempo de permanência no serviço de acolhimento já revela parte da questão. A medida de acolhimento tem como princípios a excepcionalidade, provisoriedade e brevidade, mas o tempo médio de permanência de crianças e adolescentes no acolhimento institucional é 24,2 meses, ultrapassando o tempo previsto no ECA (18 meses). Esse tempo aumenta progressivamente de maneira relacionada aos recortes de raça, idade ou presença de alguma deficiência. A pesquisa realizada buscou compreender as múltiplas determinações que estão presentes no fenômeno de desacolhimento por maioridade civil, utilizando a dimensão subjetiva como categoria de análise. A dimensão subjetiva busca compreender o fenômeno social em sua

gênese, a partir da relação dialética, histórica e social entre indivíduo e sociedade, subjetividade e objetividade. Utilizou-se como aporte teórico e metodológico a Psicologia Sócio-histórica. Foram analisados três conjuntos de informações concernentes ao processo: a) significações presentes no contexto, dentre elas concepções de adolescência e concepções e características das políticas sociais de atendimento à criança e adolescente e políticas públicas para juventude; b) dados estatísticos sobre adolescentes que completaram a maioridade em SAICA, na cidade de Guarulhos; c) experiência vivida por uma adolescente que completou os 18 anos, nesse contexto. Observou-se que as políticas sociais da infância e adolescência se afirmam em processo contraditório na realidade social, à medida que representam avanços na conquista de direitos sociais, quer seja no âmbito da família, da criança e do adolescente como sujeitos de direitos, ao mesmo tempo permanecem atravessadas por valores ideológicos que produzem e reproduzem formas de opressão. Nesta apresentação teremos como objetivo apontar aspectos da epistemologia qualitativa e do método construtivo-interpretativo que inspiraram a definição de procedimentos, no diálogo com métodos e categorias da psicologia sócio-histórica. Além disso, pretendemos apontar reflexões que permitam, a partir dos resultados obtidos na pesquisa, aprofundar a compreensão sobre a produção de sentidos, como forma de analisar a subjetividade produzida e presente em contextos de políticas públicas. Esse aprofundamento passa pela consideração das contribuições da teoria da subjetividade, especificamente as noções de sentido subjetivo e subjetividade social.
Os 18 anos estão chegando, e agora? Sentimentos, afetos, experiências ... Quais sentidos e significados estão por detrás de quem vive o desacolhimento em razão da maioridade civil?
Palavras-chave: desacolhimento por maioridade civil, dimensão subjetiva, políticas públicas

Referências
GONÇALVES, M. G. M. *Psicologia, subjetividade e políticas públicas*. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
GONZÁLEZ REY, F. L. *Pesquisa qualitativa e subjetividade*: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

Sessão 2 – 23 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1: **A contribuição da Teoria da Subjetividade aos processos de transformação social**
Victor Lino Bernardes, Universidade de Brasília, victorlino.bernardes@gmail.com

Resumo
O presente trabalho faz uma reflexão sobre quais aspectos da Teoria da Subjetividade tributam valor a questões como o enfrentamento do racismo, da luta pela equidade entre gêneros, superação de desigualdades sociais e decolonização do projeto civilizatório da modernidade/colonialidade. É de suma importância compreender que a produção do conhecimento gera e difunde representações do funcionamento humano em nível social e individual, tais representações não podem ser compreendidas como neutras e seus efeitos políticos devem ser investigados a fim de compreender suas possibilidades e limitações. Um

primeiro aspecto é que *parte das ações que se produzem e instituições que existem dentro de um mundo concreto são expressões da subjetividade* de indivíduos ou grupos. Toda prática tal como o racismo ou promotora de desigualdades sociais possuem uma dimensão subjetiva. Sendo a subjetividade constituída nas condições da cultura, nos espaços sociais, por meio dos sistemas relacionais, comunicacionais e momentos de tensão vividos pelo indivíduo/grupo, são esses os espaços de ação a serem reconhecidos como essenciais ao desenvolvimento de subjetividade. O segundo aspecto é a categoria *sentidos subjetivos* por dois fatores: Pensar ações sociais favorecedoras de subjetividades com qualidades socialmente desejáveis na contemporaneidade envolve, além da circulação de um discurso, a produção de sentidos subjetivos na relação com o discurso ou o saber em questão, que não se restringe à relação indivíduo-discurso, mas também na qualidade dos sentidos subjetivos produzidos nas relações sociais existentes nos espaços em que um saber/discurso circula. O segundo fator é relacionado a atitude decolonial, que reside na transposição do abismo que separa norte e sul epistemológico (SANTOS, 2009), pode encontrar solo fértil na perspectiva da subjetividade quando possibilita compreender *o outro* desde seus *sentidos subjetivos* por meio de um constructo-interpretativo que tem como base sua cultura, oportunizando um exercício de alteridade radical (SÁ; BERNARDES, NO PRELO) rompendo com um universalismo que também é etnocêntrico. O último aspecto versa sobre *morte do sujei*to na modernidade, que representou o indivíduo como efeito de tormento moral, forças econômicas e de seu inconsciente (JAPIASSU, 1978). González Rey (2017) realiza *o resgate da categoria sujeito,* para representar a qualidade geradora da subjetividade que produz alternativas frente ao institucionalizado. Reconhecer a capacidade de emergência subversiva torna possível a compreensão dos processos de insurgência e transformação social, necessários ao distópico contexto latino-americano, enfatizam a ideia de que os indivíduos não são efeitos de uma macroestrutura à qual não possuem escapatória, fundando uma representação do humano radicada em potência criativa em contraposição a uma passividade reprodutora Ao que deveriam os movimentos sociais se atentar tendo em vista as contribuições da Teoria da Subjetividade?
Palavras chave: subjetividade, decolonialidade e transformação social.

Referências
GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.
JAPIASSÜ, HILTON. Nascimento e morte das ciências humanas. Livraria F. Alves Editora, 1978.
SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Epistemologias do sul. 2009.
SÁ, Ana Luíza; BERNARDES, Victor. Expelled from Eden: how human beings turned Planet Earth into a hostile place. Journal of the History of the Behavioral Sciences. No Prelo.

Trabalho 2: **La prevención de la violencia simbólica. una mirada desde la Teoría de la Subjetividad**
Lisbet Teresa Pérez Salina, Universidad Oriente, San Luis, perezlisbet353@gmail.com
Yolanda Mercerón Figarola, Universidad Oriente. yolanda.merceron@gmail.com
Reynaldo Vega Chacón, Universidad Oriente, San Luis, reinaldo.vega@uo.edu.cu.

Dalia Portuondo Kindelán, Hospital Alberto Fernández Montes de Oca, dalia.portuondo@infomed.sld.cu

Resumen
La violencia es un problema social, siendo la simbólica una de las que afecta la salud emocional de muchas familias con énfasis en los niños y las niñas; atendiendo a esta situación problémica se crea el presente ensayo teórico con la siguiente pregunta científica: ¿Cómo contribuir desde la perspectiva psicológica a la prevención de la violencia simbólica entre padres e hijos desde el contexto familiar?; se propone utilizar para su desarrollo métodos como el referativo bibliográfico y los teóricos como el análisis-síntesis y la inducción-deducción. El objetivo propuesto fue fundamentar desde la teoría de la subjetividad la prevención de la violencia simbólica entre padres e hijos en el contexto familiar. Se utilizan los estudios referenciales del sociólogo Pierre Bourdieu (2005) quien enfatizó, que esta violencia se desarrolla a través de las relaciones sociales, donde el "dominador" ejerce un modo de violencia indirecta y no físicamente directa en contra de los "dominados", los cuales no la evidencian, por lo cual son "cómplices de la dominación a la que están sometidos. Se asume a su vez la teoría de la subjetividad, propuesta por Fernando González-Rey (1998) a partir de su actualización y relevancia para evaluar las relaciones familiares, reflexionando sobre la subjetividad de la persona violenta, y asumiendo el papel de lo simbólico y lo histórico-cultural en las acciones educativas utilizadas por los progenitores en la crianza. Para su prevención es preciso adentrarse en la individualidad humana, como forma de lo real, pues existe en las estructuras simbólicas y de sentido subjetivo propias del hombre, las que se reorganizan de forma diferente en el curso del desarrollo a través de las formas de relación social. En síntesis, se trata de prevenir desde el papel de lo simbólico en el desarrollo del mundo individual del sujeto, aunque vinculado a la apreciación subjetiva que cada cual tiene del mundo que le rodea. Es decir, el mundo subjetivo del progenitor y su sucesor es diferente, aunque las construcciones simbólicas se configuran en el mismo contexto social. Asimismo es imprescindible profundizar en la relación entre la cultura y la subjetividad, pues esta dualidad es responsable del carácter histórico y sociocultural de todas las producciones humanas; evidenciándose el papel activo del sujeto al establecer relaciones con sus semejantes y con la sociedad. Se tiene en cuenta como aspecto de esta teoría el diálogo comunicativo en la relación papá-descendiente, a la hora de comprender las producciones simbólicas que surgen entre estos. Los criterios de Patiño Torres (2015) confirman todo lo abordado al plantear que la subjetividad es un fenómeno de carácter objetivo y surge cuando la emoción pasa a ser sensible a los registros simbólicos, permitiendo al hombre hacer una elaboración sobre el mundo en que; Finalmente, la siguiente interrogante facilitará la reflexión final acerca dicho trabajo, ¿Cómo prevenir la violencia simbólica en la relación padre-hijo considerando las construcciones subjetivas de ambos, y asumiendo el papel de lo simbólico y lo histórico-cultural en las acciones educativas utilizadas por los progenitores en la crianza?
Palabras-clave: familia; Psicología; violencia

Referencias
1-Bourdieu, P. Capital cultural, escuela y espacio social. **México: Editora Siglo XXI**. 2005.

2-González-Rey, F.; Mitjáns Martínez, A. Una epistemología para el estudio de la subjetividad: Sus implicaciones metodológicas. **Rev. Psicoperspectivas**, **individuo y sociedad**. Vol.15 n.1, p. 5-16. Universidad de Brasilia, Brasil, 2016.
3-González Rey, F. L; Patiño Torres, J. F. La Epistemología Cualitativa y el estudio de la subjetividad en una perspectiva cultural-histórica. **Rev. Estudios sociales**. No. 60, Pp. 120-127. DOI: https://dx.doi.org/10.7440/res60.2017.10. Abril-junio, 2017.

Trabalho 3: **Subjetividad social en un grupo de acción comunitaria de mujeres**
Fernández González, Svieta Valia, Centro de Investigación Psicológica histórico-cultural, svietafernandez@hotmail.com

Resumen
En el Perú en el año 2020 se registraron 14.583 casos de violencia contra la mujer más que en el 2019, según registros de los Equipos Itinerantes de Urgencia (EIU) del Ministerio de la Mujer. A pesar de la implementación de programas preventivos, de intervención hacia esta problemática latente, las cifras se acrecientan. En la ciudad de Tacna en los tres primeros meses del año 2020 se registraron 1133 llamadas que reportan casos de violencia contra mujeres, así mismo se registraron 15 desapariciones entre los meses de agosto a diciembre del mismo año. Las alarmantes han movido la organización de entidades gubernamentales promoviendo desde la institucionalidad la formación de espacios de capacitación y sensibilización sobre la problemática, sin mayor impacto. En este escenario, también se generaron espacios auto organizados como colectivos feministas financiados por entidades extranjeras conocidas como Organizaciones no Gubernamentales, que si bien buscan defender derechos de las mujeres responde a premisas e y perspectivas ajenas a la comunidad donde se desenvuelven. Es así que en el 2019 surge el espacio de la Multisectorial de Mujeres de Tacna, como espacio dialogante de distintas perspectivas de mujeres pertenecientes a organizaciones de base como; sindicatos, colectivos, academia, trabajadores, emprendedoras e independientes; este espacio se reconoce como un espacio defensor de los derechos de las mujeres, pero no desde una perspectiva feminista dominante; por lo que defiende la pluralidad de ideas y opiniones. El espacio multisectorial se constituye un espacio autónomo, que busca construir la lucha de la defensa de derechos de las mujeres en consenso con las mujeres que atraviesan dichas situaciones, lo que implica tener premisas de organización propias, emergentes y espontáneas; esto lleva una implicación importante de las integrantes, generando una dinámica más participativa y de respeto a los sentidos emergentes, convirtiendo a las mujeres en protagonistas de las acciones y fortaleciendo las relaciones vinculares, resaltar la importancia de promover y no imponer formas de acción y participación social en la comunidad. Desde esta perspectiva se analizaron los momentos de inflexión de mayor relevancia tomando en cuenta la producción del conocimiento en el proceso de indagación sobre los principales sentidos subjetivos y configuraciones subjetivas que se integran en este espacio social, así mismo indagar en el carácter constructivo- interpretativo de los espacios de diálogo emergente. (González Rey, 2006) Se pudo ver entre los principales momentos la defensa de la autonomía del espacio en concordancia a la crítica de modelos institucionales, no gubernamentales impuestos, que se alejan de las defensas comunitarias emergentes. Las estrategias impuestas

buscan una defensa de los derechos de la mujer legitimando socialmente el modelo, captando y domesticando la movilización social (Concertación Prudencia Ayala, 2009). Concluimos con la relevancia de acercarse a la comprensión y exploración de las subjetividades sociales en espacios autónomos, dialógicos, horizontales y emergentes para partir desde las comunidades y generar procesos de transformación desde los sujetos. Esto lleva a la pregunta ¿Cuán relevante puede ser la teoría de la subjetividad para construir perspectivas autónomas de acción comunitaria con una mirada descolonizadora y emergente?

Palabras-clave: Violencia de género, acción comunitaria, organización de mujeres.

Referencias

CONCERTACIÓN FEMINSTA PRUDENCIA AYALA. **Reunión de Consulta Regional en América Latina y El Caribe.** [2009]. Disponible en: < http://lasprudencias.blogspot.com/ > Accedido en : 04 de julio. 2021.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Investigación cualitativa y subjetividad** (2006). Guatemala: ODHAG.

MINISTERIO DE LA MUJER Y POBLACIONES VULNERABLES (MIMP). **Informe Estadístico.** [2020]. Disponible en: <https://www.mimp.gob.pe/files/programas_nacionales/pncvfs/publicaciones/informe-estadistico-05-PNCVFS-UGIGC.pdf> Accedido en : 06 de julio. 2021.

Trabalho 4: **Grupos reflexivos e de responsabilização com homens autores de violência doméstica e os sentidos subjetivos delineados por seus coordenadores**

Alexandra Arnold Rodrigues, FAE Centro Universitário, aarnold.rodrigues@gmail.com
Eduarda Souza de Moura, FAE Centro Universitário, eduarda.moura@mail.fae.edu
Caio Francisco Visconde dos Santos, FAE Centro Universitário, caio.santos@mail.fae.edu
Jacqueline Araujo Leal da Silva, FAE Centro Universitário, jacqueline.leal@mail.fae.edu

Resumo

O presente trabalho relata uma pesquisa em andamento a respeito de intervenções com grupos de homens autores de violência (HAV) doméstica. Objetivou-se identificar as estratégias metodológicas, recursos e arcabouço teórico-técnico da Psicologia utilizados nestas iniciativas, bem como decantar, de maneira construtiva-interpretativa, indicadores de sentidos subjetivos produzidos por coordenadores-responsáveis por estes grupos no Brasil. Para tanto, realizou-se uma revisão de literatura narrativa, assentado na psicologia social crítica e em estudos de gênero, e encontros individuais com coordenadores de grupos, guiados por um instrumento conversacional (REY, 2005) construído pelos pesquisadores e ajustado conforme a dinâmica do encontro. Em acordo com Rey e Martínez (2007), com tal recurso, pretendeu-se reabilitar e valer-se da comunicação como canal legítimo de construção do conhecimento, criando um espaço portador de sentido subjetivo aos envolvidos, de maneira a permitir delinear construções hipotéticas sobre os processos simbólicos e as configurações que representam histórica e culturalmente os participantes como sujeitos individuais em suas relações com processos sociais vinculados ao presente objeto de pesquisa. Foram contatados e convidados a participar deste encontro, a partir de agendamento e de maneira remota, coordenadores de grupos de todas as regiões do Brasil. Houve adesão de 15 pessoas a conversa de 1h30,

realizada no primeiro semestre de 2021, com prévia aprovação do comitê de ética. O instrumento conversacional teve como respaldo dialógico os seguintes eixos de sentido: História do grupo, equipe de facilitadores, metodologia de trabalho, participantes dos grupos, critérios de avaliação ou acompanhamento de resultados e desafios. Introduziu-se também dois recursos: a apresentação de 'palavras-geradoras' – Violência doméstica; Masculinidades; Feminismo; Relações de gênero – solicitando a eleição de uma para falar sobre o sentido desta; e a elaboração de uma analogia entre trabalho realizado com os grupos e um estilo musical, explicando o motivo da indicação feita. Pretende-se apresentar presencialmente aspectos do encontro com M., assistente social, analista do judiciário e sociodramatista, que coordena grupos há mais de 6 anos, destacando possíveis indicadores de sentido subjetivo que nos permitiram hipotetizar dimensões do "micromundo existencial" desta e algumas interfaces simbólicas-sociais que a atravessa. No que diz respeito aos objetivos da pesquisa de maneira geral, identificou-se potencialidades deste tipo de prática social, mas também contradições e limites do trabalho com os grupos de HAV e, por consequência, das políticas públicas de enfrentamento à violência no Brasil, constatado tanto na literatura consultada, como também nas narrativas dos coordenadores. Resultou desta pesquisa, ainda que não finalizada, um esteio teórico-metodológico para a condução de um projeto piloto, de cunho extensionista com HAV, possibilitando vislumbrar elementos que potencialmente propiciaram formas específicas de subjetivação da experiência narrada pelos coordenadores com tais grupos. Questões para debate: Limites do contato remoto com participantes e do aprofundamento da pesquisa? Importância de metodologias conversacionais na pesquisa qualitativa e na práxis da psicologia social?

Palavras chave: Violência doméstica, Grupos reflexivos e de responsabilização, Epistemologia qualitativa.

Referências

NOTHAFT, R. J.; BEIRAS, A. O Que Sabemos sobre Intervenções com Autores de Violência Doméstica e Familiar? In **Revista de Estudos Feministas**, 27, n. 3, 2019.

REY, F. G. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**: Os Processos de Construção da Informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

REY, F. G.; MARTÍNEZ, A. M. **Subjetividade: Teoria, Epistemologia e Método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

Trabalho 5: **Violência Obstétrica e Subjetividade: implicações na maternidade e na percepção de si**

Larissa Lopes Rocha, Centro Universitário de Brasília, larissa.lr@sempreceub.com
Valéria Deusdará Mori, Centro Universitário de Brasília, valeria.mori@ceub.edu.br

Resumo

A violência obstétrica, sendo considerada complexa e multifacetada, pode se expressar através da violência de gênero, violência simbólica, violência institucional e violência de raça. Ela se caracteriza por ser física, psicológica, sexual, material, institucional e midiática (BRASIL, 2012). Segundo uma pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo (BRASIL, 2012), uma em cada

quatro mulheres sofreu violência obstétrica durante o pré-natal, gestação ou parto. Apesar das estatísticas evidenciarem um exacerbado número de casos, ainda pouco se sabe sobre sua caracterização, formas de operação, prevenção e influências na vida da mulher à luz da psicologia. Dessa forma, por meio de um estudo de caso, a pesquisa objetivou compreender, discutir e propagar as produções subjetivas de uma mulher vítima de violência obstétrica, mais especificamente àquelas voltadas para a maternidade e autopercepção. A metodologia escolhida foi a construtiva-interpretativa, fundamentada na Epistemologia Qualitativa de González Rey (2005). Utilizou-se como referencial teórico a Teoria da Subjetividade, proposto também por González Rey, que entende a subjetividade como um sistema simbólico-emocional essencial no estudo dos processos humanos (GONZÁLEZ REY & MITJÁNS MARTINEZ, 2017). A pesquisa foi desenvolvida através de quatro encontros semanais realizados de forma virtual devido à pandemia do COVID-19, por meio de uma plataforma online. A participante em questão sofreu violência obstétrica há três anos atrás, em um hospital particular de sua região (Recife – PE), e no momento da pesquisa, encontrava-se grávida de seis meses. Os instrumentos utilizados foram dinâmicas conversacionais, complementação de frases e redação. Na construção da informação foi possível produzir os seguintes eixos temáticos: (1) Os processos subjetivos referentes ao parto; (2) Os processos subjetivos referentes à maternidade; (3) Os processos subjetivos referentes à percepção de si; (4) Os processos subjetivos e a emergência do sujeito. Por meio dos eixos temáticos, pôde-se compreender e explicitar muitos processos subjetivos da participante pautados em impotência, subordinação, frustração e culpa que se desdobraram em sua experiência enquanto mãe e pessoa. Pôde-se também construir hipóteses de desenvolvimento subjetivo e de emergência do sujeito através das reflexões e posicionamentos da participante, expressos em resistência, manifestações, denúncias, projetos, sonhos e visões de mundo. Questiona-se assim a construção e manutenção de uma subjetividade social marcada por micro e macroviolências, na qual a violência obstétrica ainda opera de forma velada. Diante dos resultados, conclui-se que é necessária a elaboração de leis federais, políticas públicas e programas de educação em saúde que abarquem o reconhecimento, a mitigação e prevenção da violência obstétrica através da informação e empoderamento de todos os envolvidos nesse cenário, favorecendo o lugar ativo desses indivíduos, dando-lhes voz, autonomia e reconhecendo seus recursos subjetivos e modos singulares de configurar subjetivamente as diferentes experiências da vida.

Palavras chave: Violência obstétrica; maternidade; autopercepção.

Referências

BRASIL. Parto do Princípio – Mulheres em Rede pela Maternidade Ativa. **Violência Obstétrica "Parirás com dor"**. Brasília, 2012. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/comissoes/documentos/SSCEPI/DOC%20VCM%20367.pdf>

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade:** os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando & MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade teoria, epistemologia e método**. São Paulo: Alínea, 2017.

Trabalho 6: **Configuraciones subjetivas de mujeres venezolanas víctimas de violencia psicosocial de la ciudad de Arequipa-Perú**

Melany Alisson Flores Conde, Centro de Investigación Psicológica, Histórico-Cultural CIPS HC, alissonfc.pucp@gmail.com
Esthephani Torreblanca Zea, Centro de Investigación Psicológica, Histórico-Cultural CIPS HC, stheph8@gmail.com

Resumen
Generalmente al abordar los procesos migratorios internacionales, es inevitable adentrarse en un campo complejo lleno de variadas motivaciones que las generan. Durante la última década, el país de occidente que continúa atravesando un éxodo migratorio que afecta a toda la región, es Venezuela; donde autores como Castillo y Reguant (2017) aseveran que la situación es erróneamente caracterizada como una crisis económica o política, porque lo que está ocurriendo [en Venezuela] es un fenómeno de deshumanización social, siendo la sobrevivencia un imperativo que motiva a la búsqueda de esperanza en diferentes rutas migratorias de países vecinos. En este panorama, Perú es el segundo país de acogida de migrantes después de Colombia, el mismo que ha registrado un gran número de mujeres migrantes con afectaciones psicológicas en su proceso migratorio; desde el país de origen, se va acrecentando la violencia estructural, simbólica y doméstica propias de las necesidades y el empobrecimiento social. Continuando de ese modo, con la posibilidad de vivenciar maltrato, abuso o engaños dentro del trayecto migratorio hacia el país de destino, como consecuencia, Willers (2016), explica que la percepción de violencia psicológica y social es compartida y frecuente en la población de mujeres migrantes de Venezuela, violencia que está adherida a los imaginarios sociales de dominación masculina sobre los cuerpos de las mujeres y mandatos sociales ya institucionalizados. Con tal motivo, el presente estudio tiene como objeto comprender las configuraciones subjetivas de las mujeres venezolanas víctimas de violencia psicosocial para proponer un marco referencial y un acercamiento hermenéutico acerca el fenómeno de las migraciones internacionales de mujeres dando cabida a estrategias que promuevan la inclusión social en instituciones gubernamentales o privadas. Para ello se eligió trabajar con 9 mujeres de nacionalidad venezolana, víctimas de violencia psicosocial, quienes colaboraron de manera voluntaria. Para estos fines se abordó el tema desde una perspectiva cualitativa asociada a la teoría de la subjetividad que ofrece un campo fundamentado en la epistemología cualitativa del psicólogo Fernando González Rey, cuyos elementos sustanciales giran en torno a la construcción del sentido, considerando al sujeto como productor, y constructor de ellos y la inclusión de la dimensión afectiva dentro de la configuración subjetiva (González Rey, 2000) haciendo uso de la metodología constructivo-interpretativa, se utilizó una ficha sociodemográfica, la entrevista a profundidad y composiciones, considerando la dimensión: personal, social, familiar e institucional de la violencia psicosocial. Finalmente, este trabajo se cuestiona acerca de ¿Cómo son las configuraciones subjetivas personales, familiares, institucionales y sociales de las mujeres venezolanas víctimas de violencia psicosocial dentro de su propio proceso migratorio en Arequipa-Perú?
Palabras-clave: Subjetividad, migración, violencia psicosocial.

Referencias

CASTILLO, T.; REGUANT, M. Percepciones sobre la migración venezolana: causas, España como destino, expectativas de retorno**. Migraciones**, Barcelona, v. 1, n. 41, p. 133-163, junio. 2017.
GONZÁLEZ REY, F. **Investigación cualitativa en Psicología**. Rumbos y desafíos. México: Thomson, 2000.
WILLERS, S. Migración y violencia: las experiencias de mujeres migrantes centroamericanas en tránsito por México. **Sociológica**, Ciudad de México, v. 31, n. 89, p. 163-195, set/dicbre. 2016.

Sessão 3 – 29 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00 Apresentação e discussão final

Trabalho 1: **Educação Superior, Subjetividade e Mediação**
Francine Rocha, Universidade Federal do Paraná, francine.rocha@ufpr.br,
Norma da Luz Ferrarini, Universidade Federal do Paraná, normadaluz@ufpr.br,
Rafael Mauricio Castanho, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, rafael.castanho@ifsc.edu.br,
Euller Miller Martins Almeida, Universidade Federal do Paraná, eullermiller15@gmail.com

Resumo
A compreensão da aprendizagem na Teoria da Subjetividade preconiza que o processo de desenvolvimento do educando é intimamente dependente dos processos sociais vivenciados no ambiente educacional formal (GONZÁLEZ REY, 2006), numa "trama inseparável entre a condição subjetiva de quem aprende e a subjetividade social da instituição educativa" (AMARAL e MARTÍNEZ, 2009, p.156), que operam no sentido da reprodução social mais do que no sentido de sua transformação. No confronto entre as subjetividades individuais e sociais, ocorrem "zonas de tensão, que podem gerar tanto evolução individual e social, quanto momentos de repressão e constrangimento" (GONZÁLEZ REY, 2003, p.203). Dentre os elementos de significação que efervescem na subjetividade social dos espaços de educação formal, consta uma "representação descritivo-reprodutiva da aprendizagem" (GONZÁLEZ REY, 2006, p.30) e entre seus efeitos, surgem três grandes problemas: "a representação de objetividade que se associa ao conhecimento, a exclusão como momento da produção de conhecimento e a ideia do conhecimento como algo terminado" (GONZÁLEZ REY, 2006, p.31). Longe estar imune a tais influências, o ensino superior brasileiro as replica. Uma das formas mais reconhecidas da expressão desse *modus operandi* é o epistemicídio das formas de conhecimento desviantes dos "saberes consagrados", etnocentrados. Nos intramuros universitários, as tensões exaladas entre os estabelecidos e os *outsiders* "incluídos" por políticas de acesso diferenciado, tentam convencer cada qual quanto ao mérito-demérito implicado em seu lugar na hierarquia social. Numa tentativa de propiciar um espaço para enfrentamentos, cocriamos com universitários indígenas da UFPR em 2018 o Projeto de pesquisa-intervenção "MediAÇÃO: diferenças em conflito", que recebe incentivo com bolsas de IC pela Fundação Araucária – PIBIS/SIPAD. Nele, as ações vão se desenhando em trocas que se pautam na produção de reflexões e ações conjuntas, numa socioanálise coletiva sobre situações concretas que afetam suas vidas. Trata-

se de um grupo de apoio mútuo em contexto que tenta "excluir por dentro". No transcorrer do tempo foram desenvolvidas intervenções e pesquisas individuais sobre temas relativos à permanência na universidade e à vida pós-universitária. Pergunta-se: Em sendo a categoria vigotskiana "mediação" tão cara para a educação brasileira e, mais recentemente, para os *estudos baseados em práticas* do campo da administração, há lugar para seu uso no campo da Teoria da Subjetividade e da Epistemologia Qualitativa, enquanto categoria conceitual que sustenta processos educativos intencionais?
Palavras chave: Subjetividade; Educação Superior; Mediação.

Referências
AMARAL, Ana Luiza Neiva e MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. Aprendizagem criativa no ensino superior: a significação da dimensão subjetiva. In: MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns e TACCA, Maria Carmen Villela Rosa (org.). **A complexidade da aprendizagem: destaque para o ensino superior.** Campinas, SP: Ed. Alínea, 2009.
GONZÁLEZ-REY, Fernando. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Thomson, 2003.
GONZÁLEZ-REY, Fernando. O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In: TACCA, MCVR. **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Ed. Átomo e Alínea, 2006.

Trabalho 2: **A subjetivação do corpo como possibilidade de desenvolvimento subjetivo**
Victor Lino Bernardes, Universidade de Brasília, victorlino.bernardes@gmail.com
Albertina Mitjáns Martínez, Universidade de Brasília, amitjans49@gmail.com

Resumo
O presente trabalho apresenta uma reflexão teórica sobre a possibilidade da subjetivação do corpo se tornar um processo de desenvolvimento subjetivo. Com o objetivo de demonstrar as diferentes possibilidades de subjetivação de formas distintas de simbolizar o corpo apresentamos uma análise comparativa entre os resultados de uma pesquisa apresentada por Bernardes e Mitjáns Martínez (2019) em um espaço onde o corpo é visto como espaço de vivência com o objetivo de investigação de si e na pesquisa apresentada por Dobranszky e González Rey (2008) compreendido como algo a ser treinado com o objetivo de vitória em contexto de competição. A possibilidade de desenvolvimento subjetivo reside nas produções subjetivas relacionadas ao corpo simbólico e sistemas relacionais existentes neste espaço social de modo que nem a prática desportiva quanto as práticas do campo da corporeidade possuem em si o poder de favorecer o desenvolvimento da subjetividade. O desenvolvimento subjetivo se contrapõe ao sofrimento e à paralização do indivíduo e se expressa quando, diante de novas experiências de vida, o indivíduo é capaz de gerar recursos que o permitam avançar diante de momentos significativos de sua existência (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). Foi possível constatar que no caso em que a jovem está sendo preparada para a competição, se configura uma vivência de sofrimento marcada pela dificuldade de lidar com as expectativas da mãe e do treinador diante da derrota e frustração relacionada a disciplina exigida para a competição exercida pelos mesmos, que parecem não se ater às necessidades

de outra ordem como o desejo da garota se divertir com amigos. No caso da jovem que experimenta sua corporeidade, foram levantados indicadores de desenvolvimento subjetivo que se expressaram em recursos como a reflexividade, encantamento diante da condição corporificada de vivencia do mundo o que a empenha em seguir como profissional da Educação Física emergindo como sujeito ao confrontar seus pais que não viam com bons olhos a carreira de professora. O espaço orientado à experiência da corporeidade estava mais inclinado à pessoa, à experiência de suas emoções e contava com espaços de reflexão entre os professores e alunos, fatores compreendidos como favoráveis ao desenvolvimento subjetivo. Em que direção a cultura midiática e redes sociais tem influenciado os processos de subjetivação do corpo?

Palavras chave: corpo, cultura e desenvolvimento subjetivo.

Referências

BERNARDES, V.; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. Experiências Corporais, Educação e desenvolvimento subjetivo. In: Maria Carmen V Rosa Tacca; Albertina Mitjáns Martínez; Fernando Luis González Rey; Cristina M. Madeira Coelho. (Org.). Subjetividade, Aprendizagem e Desenvolvimento: estudos de caso em foco. Campinas: Alínea, v. 1, p. 59-82. 2019

DOBRANSZKY, István de Abreu; REY, Fernando Luis González. A produção de sentidos subjetivos e as configurações subjetivas na especialização esportiva. Rev. bras. psicol. esporte, São Paulo , v. 2, n. 2, p. 1-18, dez. 2008

GONZÁLEZ REY, Fernando. y MITJANS MARTÍNEZ, Albertina. El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorias del desarrollo psíquico. Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación y Desarrollo Humano, 13(2), 3-20 2017

Eixo temático: 13.2 A significação da subjetividade nos trabalhos sobre violência, gênero, raça e exclusão social (13 Trabalhos)

Coordenadora: Cristina Massot Madeira Coelho - Universidade de Brasília

Temas centrais para o debate:

- Realidade social e subjetividade;
- A diversidade e singularidade das produções subjetivas perante as experiências vividas;
- A significação dos conceitos de subjetividade social e sujeito (individual e social) para o enfrentamento de problemas de violência, gênero, raça e exclusão social.

Sessão 1 – 22 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1 **Sexualidade e gênero na concepção da Teoria da Subjetividade.**

Norma da Luz Ferrarini, Universidade Federal do Paraná, normadaluzf@gmail.com
Victor Hugo Brandão Meireles, Universidade Federal do Paraná, meireles0001@gmail.com
Fernanda R. Cabral Bonato, Universidade Federal do Paraná, fernandacbonato@gmail.com
Amanda Giulia Sartor, Universidade Federal do Paraná, amanda.g.sartor@gmail.com

Resumo

Nos grupos de estudos “Fernando González Rey” e “Sexualidade, Gênero, Classe, Relações Étnico-Raciais, Subjetividade” (SexSu) da UFPR, pesquisa-se subjetividade, sexualidade e gênero na Epistemologia Qualitativa, Teoria da Subjetividade e Metodologia Construtiva-Interpretativa. A subjetividade, os conceitos de sujeito, sentidos subjetivos, configurações subjetivas, subjetividade individual e subjetividade social apresentam-se inovadores para compreender a complexidade da sexualidade e gênero. González Rey e Mitjáns Martínez (2017) referem-se à organização social da sexualidade, à sexualidade como configuração complexa, dinâmica, constituída na dialética individual e social com períodos de transformações qualitativas profundas na subjetividade. Consideram o singular, a subjetividade, a capacidade geradora da psique, o sujeito reflexivo na produção de sentidos subjetivos e configurações subjetivas frente a vivências e significados diversos de sexualidade e gênero. São caminhos alternativos para se compreender a sexualidade não como resultado, sobremaneira, do interno, do instinto, do biológico, do hereditário, tampouco do externo, da cultura, ou de efeitos discursivos. Valoriza-se a capacidade psíquica geradora de produzir alternativas frente à experiência vivida integrando emoção, fantasia, imaginação e operações intelectuais que escapam ao controle racional e intencional com desdobramentos não preditivos constituindo-se “importante recurso de tensão, ruptura e resistência diante dos sistemas sociais normativos” (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p. 33). Moncayo Quevedo (2017) caracteriza a sexualidade como produção subjetiva socialmente construída e culturalmente regulada, configurada na materialidade singular do sujeito em suas vivências, ações, expressões, emoções e inter-relações, nos diversos espaços sociais em que transita e que o

contextualiza. Perspectiva que permite o desenvolvimento de novos modelos teóricos e novas zonas de inteligibilidade sobre sexualidade e gênero de forma diferenciada e própria da psicologia diante da urgência em se discutir e contextualizar questões sobre a diversidade sexual e de gênero quando indivíduos reivindicam a legitimação de suas novas formas de ser, sentir, viver, existir ao serem definidos com categorias universais de modelos tradicionais normativos reguladores da sexualidade, resultando em violências, mortes, sofrimentos, patologizações, discriminações, estigmatizações e exclusões de direitos básicos e à existência (MEIRELES; FERRARINI, 2020). Pesquisas percorrem a construção de novos modelos teóricos sobre essa temática: heteronormatividade e implicações nas subjetividades de universitários cis-gays; não binariedade: configurações subjetivas e identidade; espaços conversacionais online com mulheres acerca da sexualidade e saúde sexual; sentidos subjetivos sobre sexualidade entre estudantes de Psicologia. Questão: *Como investigar configurações subjetivas individuais e sociais sobre sexualidade e gênero em espaços conversacionais, com diferentes pessoas, grupos e instituições?*
Palavras-chave: Teoria da Subjetividade, Sexualidade, Gênero.

Referências
GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade, teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.
MEIRELES, V. H. B; FERRARINI, N. L. Homofobia: o preconceito e a violação de direitos de pessoas LGBTI+ no contexto universitário. In: DESIDÉRI, R.; BASTOS, V. C; MAISTRO, V. I. A. **Sexualidades e educação sexual: práticas, pesquisas e inovações.** Londrina/PR: Editora dos Autores, 2020, pp. 657-673. Disponível em: http://14e91bad-b445-4eb5-b860-a4bdc4b64600.filesusr.com/ugd/03d720_2733c707633d4454add4af103c17bdef.pdf
QUEVEDO, J. E. M. **Educación, Diversid Sexual y Subjetividad: Una Aproximación Cultural-Histórica a la Educación Sexual Escola en Cali - Colombia**. 2017. 173f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

Trabalho 2: **Dissidências sexuais e de gênero, subjetividade e educação: tensionamentos e possibilidades entre estudantes universitários**
Natália Neiva Milhomens, Universidade de Brasília, natalianeivapsi@gmail.com
Daniel Magalhães Goulart, Universidade de Brasília, danielgoulartbr@gmail.com

Resumo
Este trabalho nasce de inquietações sobre os conflitos, tensionamentos, recursos e possibilidades da produção subjetiva de estudantes dissidentes sexuais e de gênero no contexto da universidade. Ele é fruto de um Projeto de Pesquisa a ser desenvolvido como Mestrado Acadêmico em Educação, que tem como objetivo geral compreender configurações subjetivas individuais e sociais da vivência de sexualidades ou gêneros dissidentes em estudantes da Universidade de Brasília. Como objetivos específicos, o projeto se propõe a compreender se, e como, experiências marcadas pela cisheteronormatividade estão implicadas na produção de sofrimento subjetivo de estudantes que vivenciam sexualidades ou gêneros dissidentes, além de avançar na compreensão de eventuais recursos subjetivos produzidos

pelos estudantes no processo de vivenciar sexualidades ou gêneros dissidentes no ambiente universitário. Nesta pesquisa, a Teoria da Subjetividade em uma perspectiva cultural-histórica será o principal referencial teórico utilizado, apoiada em seus conceitos principais: subjetividade individual, subjetividade social, sentido subjetivo, configuração subjetiva, sujeito e agente. Nessa perspectiva, a subjetividade remete-se a um sistema simbólico-emocional nas condições da cultura (González Rey, 2012). A partir de tal enfoque teórico, a subjetividade é situada cultural, social e historicamente, sem desprezar a expressão da diversidade infinita de criação e sentido que o indivíduo produz em sua ação no mundo, e que é capaz de gerar tensão perante os sistemas culturais em que ele se constitui e se desenvolve (González Rey & Mitjáns Martínez, 2017). Dessa forma, a pesquisa será conduzida a partir da Metodologia Construtivo-Interpretativa, que se fundamenta na Epistemologia Qualitativa de González Rey (2019). A pesquisa será desenvolvida a partir de três estudos de caso de estudantes da Universidade de Brasília, maiores de 18 anos, que tenham acionado a Coordenação LGBT da Diretoria da Diversidade da Universidade, com demandas de sofrimentos relacionadas de alguma forma às suas vivências de gênero e/ou sexualidade. A expectativa é de que sejam realizados 10 encontros dialógicos com cada estudante, onde se fará uso de dinâmicas conversacionais, reflexões autobiográficas, recursos audiovisuais e exercícios escritos. Acredita-se que esta pesquisa tenha relevância ao desenvolver um estudo que coloca em foco os processos que se relacionam à permanência no ambiente acadêmico das diferentes populações que habitam a Universidade, com foco naquelas excluídas e estigmatizadas histórico e socialmente – como a população sexo-gênero diversa. Este trabalho pretende mobilizar as seguintes questões: como as normatizações sociais se desdobram em formas de sofrimento subjetivo? Qual é a relação entre sexualidade, gênero e subjetividade? Como favorecer a geração de recursos subjetivos orientados ao desenvolvimento?

Palavras-chave: Dissidências sexuais e de gênero, Subjetividade, Educação.

Referências

GONZÁLEZ REY. **O Social na Psicologia e a Psicologia Social**: a emergência do sujeito. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. A Epistemologia Qualitativa vinte anos depois. Em: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F.; PUENTES, R. V. (Org.). **Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: Discussões sobre Educação e Saúde**. 1ed. Uberlândia: EDUFU, v. 7, p. 21-46, 2019.

GONZÁLEZ REY, F. & MITJÁNS MARTINEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

Trabalho 3: **Não binariedade: Configurações Subjetivas e Identidade**

Amanda Giulia Sartor, Universidade Federal do Paraná, amanda.g.sartor@gmail.com
Norma da Luz Ferrarini, Universidade Federal do Paraná, normadaluzf@gmail.com

Resumo

O movimento LGBTI+ tem debatido sobre diferentes identidades que podem surgir a partir da não identificação com a cisheteronorma, dentre elas a identidade trans não binária. Esta dissertação de mestrado em andamento não se propõe a esgotar definições e explicações

sobre não binariedade, mas sim compreender, a partir das vivências e construções subjetivas de pessoas que passaram a se autoidentificar não binárias, como uma possível forma de demarcar o espaço que ocupam e como se sentem perante a uma sociedade que direciona a apenas duas possibilidades de sexo/gênero (SARTOR, 2021). Tal compreensão ocorre a partir dos pressupostos da Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). Na Teoria da Subjetividade, a sexualidade é entendida como uma produção subjetiva complexa configurada a partir de tensões e contradições que ocorrem na dinâmica das relações humanas e nos diferentes espaços culturais e sociais (MONCAYO QUEVEDO, 2017). Sendo assim, sexualidade não se trata apenas de orientação sexual, como é vista no senso comum, mas sim um aspecto amplo da vida humana que abrange: sexo, orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero. O que está sendo particularmente discutido nesta pesquisa é a respeito da identidade de gênero trans não binária. Foram realizados cinco encontros conversacionais, cada um com uma pessoa diferente que se autoindentificam como não binárie. Serão feitos novos encontros para realizar uma construção conjunta. O aprofundamento nos casos singulares, por meio de um processo dialógico contínuo que trate as pessoas não como objetos de pesquisa, mas como participantes, é essencial para a construção de novas zonas de inteligibilidade sobre a temática pesquisada. É por meio dos três princípios da Epistemologia Qualitativa, proposta por Fernando González Rey (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017), que se realiza a construção da informação. O primeiro princípio refere-se à compreensão da singularidade com *status* epistemológico, o segundo diz respeito ao caráter construtivo-interpretativo da pesquisa e o terceiro encara a pesquisa como processo dialógico. A partir disso, é possível elaborar reflexões que considerem a categoria Identidade e conversem com teorias pós estruturalistas, de modo a questionar e reavaliar pontos de discussão que podem ser úteis para análise. Espera-se, como resultado desta pesquisa, contribuir para os estudos de gênero e sexualidade na Psicologia, avançar nas compreensões acerca da não binariedade e produzir conteúdo acadêmico, mas não somente, sobre uma temática tão atual e urgente.
Questão: como a compreensão de subjetividade pode contribuir para pensar gênero e não binariedade?
Palavras-chave: Teoria da Subjetividade, Não binariedade, Gênero.

Referências
GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade, teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.
QUEVEDO, J. E. M. **Educación, Diversid Sexual y Subjetividad: Una Aproximación Cultural-Histórica a la Educación Sexual Escola en Cali - Colombia**. 2017. 173f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
SARTOR, A. S. **Não binariedade: Configurações Subjetivas e Identidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Em fase de elaboração.

Trabalho 4: **Configurações subjetivas da "vida gay": modelo teórico de uma pesquisa**
Victor Hugo Brandão Meireles, Universidade Federal do Paraná, meireles0001@gmail.com

Norma da Luz Ferrarini, Universidade Federal do Paraná, normadaluzf@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar o modelo teórico de uma pesquisa de mestrado defendida em 2020 no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná. A pesquisa, fundamentada na Epistemologia Qualitativa, Teoria da Subjetividade e na metodologia construtivo-interpretativo, teve como problemática central investigar através das vivências de universitários cis-gays as implicações do fenômeno da heteronormatividade em suas subjetividades. O principal instrumento utilizado foi a dinâmica conversacional que contou com quatro encontros e duas temáticas escolhidas por eles mesmos: *"Identidade: estereótipos e regras sociais* e *"Sair do armário": estigmas e vivências"*. Ao todo participaram cincos estudantes, sendo dois de Psicologia, um de Medicina, um de Medicina Veterinária e um de Jornalismo. No decorrer do processo de Construção da Informação fomos nos questionando sobre uma possível construção de identidade gay através das expressões dos participantes nos encontros. A identidade gay é uma produção histórica e tem sua gênese no próprio desenvolvimento do capitalismo separado da concepção a-histórica do gay sempre ter existido. Durante esse modo exploratório de produção de identidade, grande maioria de homens homossexuais se separaram de suas famílias e começaram a configurarem sua homossexualidade coletivamente, emergindo novas formas de vivenciar e experienciar a masculinidade e possivelmente uma identidade gay (D'EMILIO, 1993). Entendemos que nessa construção histórica diversas configurações subjetivas da vida e experiência gay surgem conforme esse grupo social cria redes de sociabilidade na sociedade. Essas redes tornam-se estratégias sociais de resistência, sobrevivência e existência. Essas estratégias sociais foram convertidas em ações e posicionamentos elencados e expressos por sentidos subjetivos produzidos pelos participantes durante a pesquisa. Isso possibilitou a construção do modelo teórico que qualitativamente se caracterizou como uma via de significação da informação integrada em um sistema de inteligibilidade (GONZÁLEZ REY, 2005; GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). Sua origem ocorreu a partir de discussões entre as relações dos indicadores e das hipóteses geradas principalmente no encontro de "sair do armário" para demonstrar a construção de uma identidade não fixa e não essencialista configurada por sentidos subjetivos. Foram divididos os indicadores em cinco eixos temáticos, sendo eles: sujeito-sociedade; familiar; simbólico-emocional; heteronormativo e construção da identidade política. Duas hipóteses marcaram a construção desse modelo teórico, sendo elas "Para jovens cis-gays mudar de cidade e ingressar na universidade pode ser um movimento na direção de assumir a identidade gay" e "O "sair do armário" como estratégia pessoal e social para expressar legitimamente uma identidade gay e política em outros espaços sociais que não sejam na presença da família". Pensado em uma lógica que pudesse dar conta da historicidade das configurações subjetivas da vida gay, ficou explícito que foi construído um projeto social de vida por cada participante para expressarem suas identidades gays nos espaços sociais, incluindo a universidade. Propõe-se que as configurações subjetivas da vida e experiência gay permitem o desenvolvimento de uma identidade gay e política, pois possui um caráter ativo e transformador da subjetividade individual e da subjetividade social. Com esta pesquisa é possível pensar a subjetividade de jovens cis-gays subjacente às consequências do fenômeno da heteronormatividade?

Palavras chave: Modelo teórico; Subjetividade; Identidade Gay;

Referências

D'EMILIO, J. Capitalism and Gay Identity. In: ABELOVE, Henry; BARALE, M.; HALPERIN, D.; **The lesbian and gay studies reader**. New York: Routledge, 1993, p. 467-476.
GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.
GONZÁLEZ REY, F.; MARTÍNEZ, M. A. **Subjetividade, teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

Trabalho 5: **Dimensão subjetiva da masculinidade: significações de homens gays sobre o papel da escola no processo de constituição da masculinidade**

Marcos Martins Amaral, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, amaral.m.marcos@gmail.com
Ana Mercês Bahia Bock, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, anabbock@gmail.com

Resumo

Neste trabalho apresentaremos resultados de pesquisa de mestrado, realizada no Programa de Estudos de Pós Graduados em Educação: Psicologia da Educação, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). A escola se apresenta como um espaço contraditório: ao mesmo tempo em que disciplina o homem para a heterossexualidade - que é naturalizada -, abre possibilidades para as primeiras experimentações gays. Buscamos compreender a constituição da masculinidade gay a partir da experiência/vivência que acontece na escola, dando centralidade à desigualdade social - característica estrutural da sociedade brasileira e que tem produzido processos de escolarização também desiguais. O trabalho tem como objetivo mais amplo o estudo da dimensão subjetiva da masculinidade gay. Especificamente, se pretendeu pesquisar as significações de estudantes autodeclarados gays, ricos e pobres, sobre o papel da escola na constituição da masculinidade e, desse modo, dar visibilidade a aspectos que compõem a dimensão subjetiva do fenômeno. Realizamos duas conversações com dois grupos de adolescentes homens autodeclarados gays, pobres e ricos, do Ensino Médio da cidade de São Paulo, separadamente. As conversações foram analisadas a partir da constituição de Núcleos de Significação. O movimento dialético de análise nos permitiu afirmar que a escola, com todas as suas contradições, é uma instituição social importante na constituição da masculinidade dos adolescentes gays e precisa superar, institucionalmente, o seu estranhamento às funções sociais que lhe cabe. Este trabalho se apoia no referencial teórico-metodológico da Psicologia Sócio-Histórica, perspectiva materialista histórica e dialética, e dialoga conceitualmente com a epistemologia qualitativa. A epistemologia qualitativa nos inspirou no esforço para superar as teorias subjetivistas e objetivistas do campo psicológico, na forma de produção de dados que historicamente tendem a naturalizar os fenômenos psicossociais, em síntese nos propomos a um debate potente sobre a relação da categoria dimensão subjetiva e subjetividade social.

Palavras chave: Dimensão Subjetiva; Masculinidade gay; Escola

Referências
ALBERTINI, Pierri. Escuela. IN: Diccionario Akal de la homofobia. Louis-Georges Tin (org,), 2012, p. 177-183.
UNESCO, Juventude e sexualidade / ABRAMOVAY, Mirian; GARCIA CASTRO,Mary; SILVA, LorenaBernadete (orgs), Brasília: Brasil, 2004.
BOCK, Ana Mercês Bahia. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. IN: BOCK, ANA, GONÇALVES; Maria da Graça e FURTADO, Odair (orgs)A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia – 6. Ed. – São Paulo: Cortez, 2015. p. 21-46
GONZÁLEZ REY, Fernando. Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação. Editora Cengage Learning. São Paulo, 2005.
GONZÁLEZ REY, Fernando; MITZÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Alínea Editora. São Paulo, 2017.
BORGES, Zulmira Newlands; MEYER, Dagmar Estermann. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofo¬bia. Ensaio: aval.pol.públ.Educ., Rio de Janeiro , v. 16, n. 58, p. 59-76, Mar. 2008 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362008000100005&lng=en&nrm=iso>
AGUIAR, Wanda e OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. Revista brasileira de estudos de pedagogia, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan/abr. 2013
CISNE, Mirla. Relações sociais de sexo, "raça"/etnia e classe: uma análise feminista-materialista. Temporalis. Brasília, v. 14, n. 28, p. 133-149, nov. 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/7886>.
HERNÁNDEZ, Nadia. ¿Ruptura o Continuidad : Reflexiones en torno al Heteropatriarcado a partir de los relatos de un grupo de jóvenes infractores/as de ley. Mestrado. Universidad de Chile , Santiago, 2014. Disponível em :http://repositorio.uchile.cl/handle/2250/135853.
SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, Patriarcado e Violência. Expressão Popular, 2 edição, São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

Trabalho 6: **A perspectiva de homens gordos sobre gordofobia e masculinidades.**
Julia Ribeiro Portella Nunes, Centro Universitário de Brasília, julia.nunes@sempreceub.com
Lucas Alves Amaral, Centro Universitário de Brasília, lucas.amaral@ceub.edu.br

Resumo
O presente estudo teve por objetivo geral analisar a relação entre a gordofobia sofrida por homens gordos e a masculinidade hegemônica. A gordofobia é compreendida, segundo Gurgel (2020), como uma situação em que a pessoa gorda é vista como doente apenas pelo julgamento sobre o seu corpo físico, sem ter o conhecimento sobre seu estado e histórico de saúde. A masculinidade hegemônica é explicada por Zanello (2018), como uma constelação de atitudes, trajetos e comportamentos que são incorporadas como padrão ao longo da história para os homens, o que é ser oposto ao que é ser mulher. Logo, a masculinidade hegemônica não é fluida e nem permissiva com as diferentes formas de ações individuais masculinas. Frente a isso, Forth (2013) explana que o homem gordo apresenta características físicas que

são atreladas ao feminino, como a gordura, que é classificada no imaginário cultural ocidental como "feminina", e isso gera uma ameaça ao homem na perda dos privilégios que ele tem. A sociedade, para Silva e Santos (2019), cria padrões para que os indivíduos se ajustem nesse contexto para poder ter um controle social. Em razão disso, aqueles indivíduos que não aderem a esses padrões sofrem por carregar um estigma social. Nesta posição, o indivíduo não recebe a mesma quantidade de oportunidades, não há uma valorização dele ao meio social, e logo há uma perda da identidade social. No caso de pessoas gordas, há uma discriminação e uma redução dessas pessoas às suas características corporais e comportamentais, levando assim, a um controle coletivo sobre seu corpo e fazendo-os sentir-se culpado e merecedor por sua desvalorização. Diante disso, os objetivos específicos, focaram em compreender a relação entre homofobia, sexismo e gordofobia. Analisamos as discriminações sofridas por homens gordos e identificamos os principais estereótipos aplicados a eles. A pesquisa é do tipo qualitativa. Realizamos entrevistas semiestruturadas de dez indivíduos gordos, divididos em dois subgrupos. O primeiro, formado por cinco homens gordos que falam sobre o tema publicamente nas redes sociais. O segundo subgrupo reuniu cinco gordos anônimos. Classificamos e categorizamos o conteúdo das entrevistas segundo três temáticas: os imperativos da masculinidade hegemônica para homens gordos; as relações entre homofobia, sexismo e gordofobia; e gordofobia, estereótipos e bem-estar subjetivo. Como resultado, observamos o surgimento e a ampliação de novas masculinidades subalternas que demandam maior representatividade nos meios midiáticos e sociais. Entendemos ser importante que a sociedade, em vez de corroborar os estereótipos associados aos gordos, reflita sobre a necessidade de uma mudança de comportamento em relação a eles. O intuito em compreender o processo psicológico do sofrimento que esse grupo passa é importante por fazerem parte da sociedade, sendo significativo a compreensão desse contexto para contribuir com novas formas de atuação e ajuda para com esse público que aparenta ser naturalizado e esquecido pela sociedade. Logo, nos perguntamos: Como o homem gordo se subjetiva em nossa sociedade machista, homofóbica e gordofóbica?

Palavras chave: Gordofobia. Homens gordos. Psicologia.

Referências

FORTH, Christopher E. "Nobody Loves a Fat Man." **Men and Masculinities**, 16(4), 387–406. 2013. doi:10.1177/1097184x13502653

GURGEL, Alexandra. **Pare de se odiar: porque amar o próprio corpo é um ato revolucionário**. 6° Edição. Rio de Janeiro. 2020.

SILVA, Silvia Elaine da; SANTOS, Paloma Rosa dos. Gordofobia médica: Manifestação de um estigma social como violação de direitos humanos. In: ASENSI, Felipe Dutra; OLIVEIRA, Marcio Caldas de. **Direitos sociais e efetividade.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2019, 709 a 728.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018, 177 a 218.

Trabalho 7: **A vivência ativa da paternidade e sua influência nos sentidos empregados pelos pais sobre masculinidades**

Camila de Oliveira Bicalho, Centro Universitário de Brasília, mila.bicalho10@gmail.com

Bárbara Reis Brandão, Centro Universitário de Brasília, barbara.reis@sempreceub.com
Lucas Alves Amaral, Centro Universitário de Brasília, lucas.amaral@ceub.edu.br

Resumo
Segundo Connell e Messerschmidt (2013), a masculinidade hegemônica consiste em um conjunto de práticas e expectativas impostas que permitem a dominação de homens sobre as mulheres. Dentro dessa masculinidade há uma delimitação clara quanto a divisão de tarefas para os cuidados dos filhos. A mulher deve arcar com as demandas domésticas e cuidado com os filhos, enquanto o homem deve prover financeiramente aquele núcleo. A paternidade ausente, típica performance da masculinidade hegemônica, afeta profundamente as crianças. Essas podem vir a se tornar carentes pelo amor do pai, visto que as emoções desse homem tendem a ser pouco expressivas (HOOKS, 2004).
A proposta desta pesquisa, envolve olharmos para a vivência de paternidades participativas ou ativas. O homem que exerce uma paternidade ativa performa uma parentalidade para além do âmbito financeiro da vida de seus filhos, participando, assim, dos cuidados físicos e lidando com as necessidades emocionais daquela criança (GUERRERO NANCUANTE et al, 2020). Esses aspectos questionam o ideal do homem da masculinidade hegemônica, pois o cuidar seria unicamente função da mulher. Percebe-se no exercício de uma paternidade ativa outra percepção do que é ser homem, e, consequentemente, como isso afeta a atuação desse sujeito como pai.
Tendo como objetivo compreender como a vivência ativa da paternidade pode influenciar nos sentidos empregados pelos pais sobre a sua masculinidade. O método utilizado para a pesquisa foi o qualitativo com base na teoria da subjetividade de González Rey. Ela tem como objetivo compreender como as rotinas sociais são afetadas por um determinado fenômeno que está sendo estudado, entender como a subjetividade está em constante transformação diante das intersecções entre a pessoa e a sociedade, permitindo uma melhor compreensão de trajetória dos homens com suas masculinidades (ALONSO, 2016; GONZÁLEZ REY, 2007). O instrumento utilizado para a coleta de dados será a entrevista semi-estruturada. Entende-se que a pesquisa por buscar uma correspondência entre a percepção dos sujeitos sobre a paternidade e suas masculinidades, entrevistar seis pais que utilizam as redes sociais para falar sobre o tema são pessoas que a priori rompem com os estereótipos machistas e estudam sobre o assunto, o que pode facilitar o acesso a casos de paternidades participativas mais facilmente. Perguntam-se então quais as influências das questões de gênero e a percepção dos homens afetam sua interação com a paternidade.
Palavras chave: Masculinidades, paternidades, gênero, subjetividade.

Referências
ALONSO, Angelo. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. In: ABDAL, Alexandre. Métodos de pesquisa em ciência sociais: bloco qualitativo. São Paulo: Sesc São Paulo/CEBRAP, 2016, p. 8-23.
CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, v.21, n.1: 424, 241-282, jan-abr, 2013.
GONZÁLEZ REY, Fernando. Psicoterapia,subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson, 2007.

GUERRERO NANCUANTE, Camilo Iván et al . Paternidad activa y cuidado en la niñez: reflexiones desde las desigualdades de género y la masculinidad. Enfermería Actual de Costa Rica, San José , n. 38, p. 282-291, Jun, 2020
HOOKS, Bell. The Will To Change: men, masculinity, and love. New York, Lodon, Toronto. Sydney: ATRIA books, 2004.

Sessão 2 – 23 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00

Trabalho 1 **Universidade e maternidade: um olhar a partir da Teoria da Subjetividade**
Ana Carolina Brito Menezes, Centro Universitário de Brasília, acarolinbmenezes@gmail.com
Daniel Magalhães Goulart, Universidade de Brasília, danielgoulartbr@gmail.com

Resumo
Este trabalho é fundamentado por uma pesquisa de Iniciação Científica em andamento no âmbito da Universidade de Brasília. Ele aborda a produção subjetiva sobre a maternidade no contexto universitário, a partir da Teoria da Subjetividade de González Rey (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). Essa discussão insere-se no contexto da proposição do Movimento das Universidades Promotoras de Saúde, que busca promover a equidade e o respeito à diversidade nas Instituições de Ensino Superior, a partir do ensino, pesquisa, gestão e extensão, para além de pensar o espaço físico dessas instituições (REBRAUPS, 2018). A pesquisa de campo será realizada no âmbito da Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária da Universidade de Brasília, a qual objetiva a implementação de estratégias que promovam a saúde e o bem-estar da comunidade acadêmica. A importância de se explorar essa temática é ratificada pela pesquisa realizada por Silva e Guedes (2020) com mulheres que vivenciavam a maternidade durante a graduação em uma universidade pública. Foi evidenciado que 78,4% afirmaram ter interrompido o curso em algum momento por motivos relacionados à maternidade e 62,2% afirmaram conhecer alguém que não havia concluído o curso por motivos também relacionados à vivência como mães. Compreende-se que tais experiências se relacionam à forma como a maternidade é configurada subjetivamente na cultura, sendo colocada para mulheres como aspecto identitário (ZANELLO, 2018). Assim, a permanência na graduação pode representar uma experiência de desgaste à saúde mental, haja vista o questionamento de suas habilidades, sendo o bom exercício profissional frequentemente julgado como negligência parental (SOLNIT, 2017). Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo compreender processos subjetivos relacionados à experiência da maternidade, a partir da vivência de duas mulheres mães matriculadas na Universidade de Brasília. O trabalho é orientado pela Teoria da Subjetividade, a qual permite considerar a complexidade e singularidade do indivíduo, cultural, histórica e socialmente posicionado. Ainda, essa pesquisa trabalha com a Metodologia Construtivo-Interpretativa, baseada na Epistemologia Qualitativa (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). Os instrumentos utilizados serão a dinâmica conversacional e o complemento de frases. Entende-se que as possíveis articulações entre educação e saúde, favorecidas pela teoria, contribuem para se pensar caminhos que aproximem as vivências de maternidade na Universidade de Brasília do almejado para uma

Universidade Promotora de Saúde. Assim, é proposta a questão: Como os processos subjetivos relacionados a gênero e maternidade podem impactar a saúde e educação de mulheres mães na universidade?
Palavras chave: Universidade, Maternidade, Educação, Subjetividade.

Referências
REBRAUPS. **Carta de Brasília da Rede Brasileira de Universidades Promotoras de Saúde.** Universidade de Brasília, 2018.
GONZÁLEZ REY, Fernando; MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** Campinas, SP: Alínea, 2017.
SILVA, Maria Clara Ramos da Fonseca; GUEDES, Cristiano. Redes sociais e ativismo materno: desafios entre estudantes de uma universidade pública. **Revista Katálysis,** v.23, n.3, p. 470-479, 2020.
SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos.** Editora Companhia das Letras, 2017.
ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos:** cultura e processos de subjetivação. Editora Appris, 2018.

Trabalho 2: **Reflexões sobre o que é o "ser preto": os desafios e dilemas do reconhecimento de uma identificação racial num país miscigenado**
Valéria Deusdará Mori, Uniceub, valeria.mori@ceub.edu.br
Letícia Isabela Lindolfo Araújo, UniCeub, leticialindolfo@gmail.com
Amanda de Lelis Fernandes Dourado, Uniceub, amandadelelis@gmail.com

Resumo
O objetivo deste estudo é compreender a influência da miscigenação racial nos processos subjetivos sociais e individuais e sua expressão no contexto familiar. A ação colonizadora resultou em um cenário de intensa miscigenação, devido a isso os brasileiros possuem em sua árvore genealógica diversos grupos étnicos (GOMES, 2019). Em meio a esses grupos predomina a descendência preta, fazendo com que o Brasil seja considerado uns dos maiores países com influência cultural africana. O reconhecimento de uma identificação racial em um país miscigenado envolve uma série de questionamentos. Pensando nisso, essa pesquisa propõe-se debater sobre as questões que rodeiam a declaração racial levando em consideração a categoria subjetividade, que se configura na articulação inseparável do simbólico com o emocional, e enfatizando os processos subjetivos sociais e individuais relacionados a essa experiência, seguindo os princípios da Epistemologia Qualitativa, propostos por González Rey (2005, 2017). De forma mais específica, foram realizadas dinâmicas conversacionais com 3 participantes de forma individual. As informações e experiências compartilhadas nessas dinâmicas foram organizadas em dois tópicos: (1) A compreensão do colorismo; (2) Cabelos crespos e corporeidade: identidade e aceitação. Os resultados indicaram que o processo de identificação racial e autodeclaratório ocorre em meio a uma série de questionamentos não apenas por parte do próprio indivíduo que vivencia, mas também das outras pessoas ao seu redor. Além disso, a partir das dinâmicas realizadas foi possível perceber a influência e o papel

do contexto familiar no percurso de significação do que é ser preto no contexto brasileiro. Outro episódio muito significante foi a consciência dos participantes quanto a pigmentocracia e as diferentes formas de expressão do racismo. A fuga da negritude foi, por muito tempo, incentivada por grande parte da sociedade (NASCIMENTO, 1978). Nesse sentido, percebemos que ser negro, ainda que de pele clara, traz conflitos e vivências enraizadas socialmente que desencadeiam na realidade desses indivíduos uma espécie de não pertencimento e inadequação racial.
Questão para o debate no Grupo de Discussão Temática: Quem são as pessoas pretas no Brasil?
Palavras chave: Colorismo, Teoria da Subjetividade, Miscigenação.

Referências
GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
GONZÁLEZ REY, Fernando. Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2005.
GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Subjetividade teoria, epistemologia e método. São Paulo: Alínea, 2017.
NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro processo de um racismo mascarado: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

Trabalho 3 **A Teoria da Subjetividade de González Rey: diálogos sobre racialidade, relações sociais e inclusão**
Cristina Massot Madeira Coelho, Universidade de Brasília, madeiracoelho@yahoo.com.br
Ildete Batista do Carmo, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, ildetebdocarmo@gmail.com
Sandra Regina de Oliveira, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, ssd.sandrinha54@outlook.com

Resumo
O objetivo deste artigo é discutir a articulação de aspectos sociais da questão étnico-racial constituída histórica e culturalmente na organização da sociedade brasileira e que é vivenciada, singularmente, no cotidiano das pessoas. Para chegar ao proposto, a investigação ancora-se na Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey, cuja metodologia é fundamentada na Epistemologia Qualitativa do mesmo autor, em diálogo com outras produções acadêmicas desenvolvidas sobre o tema. Desta forma, busca-se possibilitar novas zonas de inteligibilidade e visibilidade acerca da complexidade que caracteriza o racismo por meio do reconhecimento integrador de dimensões objetivas e subjetivas do fenômeno. O texto discorre sobre processos marcantes na sociedade brasileira levando em consideração sua origem, seu percurso histórico e fatores sociais institucionalizados sobre a escravização dos povos negros configurados em produções culturais que ainda persistem. A construção interpretativa de um estudo de caso sobre uma mãe com filho recém diagnosticado com autismo possibilita reflexões sobre o entrelaçamento complexo de produção subjetiva individual e da subjetividade social, ambas

decorrentes de experiências singulares nos diferentes contextos institucionais, políticos, econômicos e educacionais em que ela vivencia. Como considerações finais, argumenta-se que tais processos não podem ser desconsiderados como parte da urdidura tecida sobre o racismo que implica na brutal desigualdade e exclusão social de grupos menos favorecidos na realidade social brasileira. Assim, uma questão para o debate: Considerando objetividade e subjetividade como constituinte de um mesmo fenômeno, como a Teoria da Subjetividade avança na produção de inteligibilidade sobre o caráter complementar destes dois aspectos para compreensão da complexidade?

Palavras chave: Subjetividade; Racismo; Cultura; Inclusão; TEA.

Referências

BOCK, A. M. B. GONÇALVES, M. G. M., & HASEGAWA, M. (2015). A Dimensão subjetiva da desigualdade social: sua expressão na escola. In A. A. Anache, B. J. L. Scoz, & M. I. S. Castanho (Orgs.). Subjetividade Contemporânea; Subjetividade e Educação. São Paulo: Memon.

CARONE, I. & BENTO, M. A. S. (Org.) (2014). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes.

GONZÁLEZ REY, L. F. (2012). O social na psicologia e a psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes.

GONZÁLEZ REY, L. F., & MITJÁNS MARTINEZ, A. (2017). Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Campinas, SP: Alínea.

Trabalho 4: **Racismo, Sofrimento Psíquico e Abuso de Drogas Diálogos a Partir da Teoria da Subjetividade**

Daniel F. Bernardo de Oliveira, Centro Universitário de Brasília, daniel.foliveira@sempreceub.br
Luciana de Oliveira Campolina, Centro Universitário de Brasília, campolina.luciana@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa foi desenvolvida, a partir da Teoria cultural-histórica da Subjetividade, em diálogo com diferentes pesquisas científicas que discutem o fenômeno do racismo e abuso de psicoativos pela população negra. A pesquisa foi realizada a partir da Epistemologia Qualitativa e do método construtivo-interpretativo. O estudo teve como objetivo compreender a possível articulação entre o uso abusivo de álcool e drogas aos processos configurados subjetivamente pelo racismo como fenômenos geradores de sofrimento psíquico. Teve como objetivo específico produzir inteligibilidade sobre configurações subjetivas de uma pessoa com histórico de dependência química e vivências no âmbito do racismo. Para tanto, foi realizado um estudo de caso de um homem negro usuário de serviço de saúde mental no Centro de Atenção Psicossocial para Tratamento de Usuários de Álcool e outras Drogas - CAPSAd. Como instrumentos foram realizadas dinâmicas conversacionais e foi utilizado o instrumento de complemento de frases. O cenário social da pesquisa foi constituído pelo vínculo entre o primeiro pesquisador e o participante no qual se estabeleceu um espaço dialógico com a implicação do participante sobre o tema, trazendo para o diálogo muitas memórias do passado configuradas por emoções expressas continuamente na sua trama de vida. O resultado produziu visibilidade a configurações subjetivas do participante como processo complexo e inseparável entre vivências de situações de racismo, abusos, violência e situação de rua, que se

desdobraram ciclicamente como sofrimento psíquico e no aumento do uso de álcool e drogas. Também visibilizou o surgimento, após o tratamento, de estratégias de enfretamento compreendidas como resultantes de reflexões ativas do participante e de ações práticas geradas no vínculo afetivo com a profissional terapeuta do CAPS. A construção de indicadores permitiu identificar a emergência de novas configurações subjetivas constituídas pela valoração da identidade étnico-racial, pelo fortalecimento da autoestima e de posicionamentos como sujeito em contextos em que antes era subjetivado como vítima. Também foi possível a elaboração de uma hipótese sobre o desenvolvimento subjetivo do participante que tem se desdobrado como alteridade, autodeterminação e gerência de sua própria vida, em especial, com o fortalecimento de planos para o futuro no trabalho e na formação educacional, a retomada de vínculos familiares e a opção pela da Redução de Danos como meio terapêutico para prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas. **Questão:** Como a Teoria da Subjetividade avança na compreensão da interseccionalidade entre fenômenos sociais a partir da unidade entre subjetividade social e subjetividade individual?
Palavras-chave: Racismo; Drogas; Saúde Mental.

Referências
GONZÁLEZ REY, L.F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Subjetividade teoria, epistemologia e método. São Paulo: Alínea, 2017.
GOULART, D. M. Institucionalização, subjetividade e desenvolvimento humano: abrindo caminhos entre educação e saúde mental. 2013a. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, UnB, Brasília, 2013a.
SOUZA, J. Crack e exclusão social. Ministério da Justiça e Cidadania Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Brasília, 2016. DFISBN: 978-85-5506-045-8.

Trabalho 5: **Identidade étnico-racial: infância, escola, família e subjetividade**
Ildete Batista do Carmo, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, ildetebdocarmo@gmail.com
Cristina Massot Madeira Coelho, Universidade de Brasília, madeiracoelho@yahoo.com.br

Resumo
Este trabalho é referente a produção final da dissertação intitulada: “Identidade Étnico-racial, Infância, Escola , Família e Subjetividade que teve como foco principal a articulação teórica entre estudos da identidade étnico-racial, infância, escola, família e Teoria da Subjetividade desenvolvida por González Rey (2017), que numa perspectiva de uma psicologia cultural-histórica propôs compreender a dimensão subjetiva de fenômenos sociais complexos para a constituição da psique. Avançamos na compreensão do racismo na sua dimensão subjetiva histórica e culturalmente constituída na subjetividade social brasileira, na história singularizada da pessoa e nos diversos contextos de suas vidas. A pesquisa teve como objetivo compreender configurações subjetivas constituintes da identidade étnico-racial de uma criança negra. Considerando sua história de vida e relações estabelecidas no contexto inter-relacional familiar e escolar, realizamos discussões e aproximações teóricas com autores como Hall (2006), Cavalleiro (2006), Bento (2011), em articulação com a Teoria da Subjetividade de González Rey

(2017) e a Epistemologia Qualitativa e Metodologia construtivo-interpretativa. Configurado como um estudo de caso, a pesquisa foi realizada numa escola pública da Região Administrativa do Distrito Federal com uma estudante com 8 anos de idade do segundo ano do ensino fundamental. A produção das informações ocorreu por meio de instrumentos favorecedores da expressão subjetiva da participante: dinâmicas conversacionais, sessões de rodas de conversas, histórias seguidas de desenhos, jogos dramáticos e de faz-de-conta, além de *lives* produzidas pela própria criança. Nesse processo dialógico-afetivo desenvolvido com a estudante foi possível conjecturar que Arabela vive de modo tensional e contraditório a experiência de ser uma criança negra, na contradição entre família e escola. No contexto social familiar com positividade, porém, no contexto social escolar, emergem experiências negativas com relação à sua cor de pele, cabelo, levando a atitudes de silenciamento, choro, isolamento social, o que configura um processo de sofrimento emocional silencioso. A relação dialógica construída com a participante envolveu tensionamentos, descobertas, apreciação e identificação da criança com a pesquisadora, o que favoreceu emergência de novas configurações de sentidos subjetivos de processos de identificação positiva de si. A pesquisa também produziu visibilidade e inteligibilidade sobre crenças, valores imbricados na subjetividade social da escola e na subjetividade individual dos profissionais, que se desdobrou em diálogos tensionadores sobre as situações de racismo produzidos, vivenciados e silenciados no cotidiano da escola. Assim, uma questão para o debate: Como a Teoria da Subjetividade e Epistemologia Qualitativa pode dialogar, enfrentar, contribuir e fomentar outras compreensões epistêmicas à problemáticas tão complexas e latentes na sociedade brasileira como racismo, sexismo, homofobia, violências?

Palavras-chave: Identidade racial. Infância. Escola. Família. Subjetividade

Referências

BENTO, M. A. S. A identidade racial em crianças pequenas. In: _____. (org.). Educação Infantil, igualdade e diversidade: aspectos políticos, jurídicos e conceituais: São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2011. p. 90-117

GONZÁLEZ REY, L. F.; MITJÁNS MARTINEZ, A. Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Campinas, SP: Alínea, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA M. C. V. R.; PUÉNTES, R. V. (org.). Teoria da Subjetividade: discussões teóricas, metodológicas, e implicações na prática profissional. Campinas, SP: Alínea, 2020

Trabalho 6: **A experiência do exercício do trabalho pedagógico com a diversidade e a relação com a subjetividade social**

Liliam Luiza Soares Silva, Secretaria de Educação do Distrito Federal, liliamluizass@yahoo.com.br

Geane de Jesus Silva, Secretaria de Educação do Distrito Federal, Universidade de Brasília, geanepeace@gmail.com

Resumo

O relato em questão visa compartilhar a experiência que tenho tido no exercício do trabalho com o tema da diversidade, especificamente sobre raça e gênero, dentro da escola em termos de observar como o assunto se expressa e é sustentado pela subjetividade social do espaço escolar. Há dez anos atuo como professora da Secretária de Educação do Distrito Federal e atualmente exerço a função de Pedagoga no Serviço Especializado de Apoio à Aprendizagem (SEAA) na Região Administrativa de Ceilândia. A escola, como uma instituição social, convalida e reproduz a sociedade em que está inserida, o que a torna um ambiente repleto de antagonismos, conflitos e 'reproduções'. O olhar e a escuta atentos às relações, às relações de trabalho, ao trabalho realizado e à promoção de um ambiente escolar reflexivo a favor das aprendizagens para 'todos' é o mote do SEAA. Por essa preocupação, tenho junto com a psicóloga escolar, buscado trabalhar com o grupo de professores sobre a importância de abertura de espaço pedagógico para o trabalho com o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. Assim, temos realizado Rodas de conversa com o corpo docente sobre tal tema, buscando acolher os desafios e problematizar questões expressadas pela subjetividade social da escola que têm colaborado com a naturalização da discriminação, do preconceito e da exclusão em relação às questões relacionadas à diversidade, especificamente a questões de gênero e raça. No entanto, falar e trabalhar sobre esses assuntos dentro do 'chão da escola', ainda soa desconfortável para muitos professores, por falta de maior aprofundamento dos seus conhecimentos, ou até mesmo por tais crenças limitantes. Mas, temos tentado manter o ânimo em continuar e em mobilizar o nosso contexto escolar a superar esses desafios em favor de práticas mais inclusivas. Frente a essa experiência e em contato, ainda inicial, com alguns pressupostos da Teoria da subjetividade, me questiono: como pensar o trabalho pedagógico de modo a promover produções subjetivas do professores sobre a diversidade, em especial raça e gênero, que possibilite práticas inclusivas em relação a esses temas?

Palavras-chave: Diversidade, SEAA, subjetividade social.

Referências

DISTRITO FEDERAL. **Orientação Pedagógica das Equipes Especializadas de Apoio á Aprendizagem**. SEDF: Rtila, 2010.

ROSSATO, M. e PERES, Valéria. (orgs). **Formação de educadores e psicólogos: contribuições e desafios da subjetividade na perspectiva cultural-histórica**. Curitiba: Appris, 2019.

SILVA, T. T. (Org.). **Alienígena na sala de aula:** uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995

Sessão 3 – 29 de outubro de 2021. 14:00 – 17:00 Discussão final